

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

***A CIDADE DOS CLUBES***  
***Modernidade e "Glamour" na Fortaleza de***  
***1950-1970***

Albertina Mirtes de Freitas Pontes

Fortaleza  
Dezembro, 2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**A CIDADE DOS CLUBES**  
**Modernidade e “Glamour” na Fortaleza de**  
**1950-1970**

Albertina Mirtes de Freitas Pontes

Esta Dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final,  
pelo orientador e membros da banca examinadora, composta pelos  
professores:

---

Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá- UFC  
**Orientador**

---

Prof. Dr. José Borzachiello da Silva - UFC

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Adelaide Maria Gonçalves Pereira - UFC

Fortaleza  
Dezembro, 2003

## FICHA CATALOGRÁFICA

P858c

Pontes, Albertina Mirtes de Freitas.

A Cidade dos Cubes: Modernidade e *Glamour* na Fortaleza de 1950-1970 / Albertina Mirtes de Freitas Pontes. – Fortaleza, 2003. xxxp.

Orientador: Gisafran Mota Jucá

Dissertação(mestrado) – Universidade Federal do Ceará

1. Fortaleza (CE) – História; 2. Lazer – Clubes Sociais; 3. Comportamentos 1950-1970; I. Jucá, Gisafran Nazareno Mota; II. Universidade Federal do Ceará; III. Título.

As av  
elo podiam  
de amigos,  
espera, e  
acordando  
anquitos  
numeros  
...  
deca, dia  
passando  
meu de  
encoda,  
mas do  
...  
qual /  
Para /  
borac-  
meu /

Dedico esse trabalho aos meus filhos Amanda e David, de quem subtraí horas preciosas de convívio, dedicadas ao mestrado. Para eles, objeto do meu incondicional amor, ofereço esse momento de vitória.

## AGRADECIMENTOS

*Mas que na forma se disfarce o emprego  
Do esforço; e a trama viva se construa  
De tal modo, que a imagem fique nua,  
Rica mas sóbria, como um templo grego*

**Olavo Bilac**

As aventuras e os desafios, aos quais nos lançamos ao longo da vida, não poderiam resultar em êxito, se por trás de nós, não houvesse uma legião de amigos, colaboradores e familiares, que nos acompanham em nossa trajetória, apoiando-nos com seu carinho, incentivando nossa empreitada, apontando saídas, ou simplesmente, compartilhando conosco as nossas angústias e sendo nosso esteio, nos momentos de vacilações e incertezas, que inúmeras vezes ameaçam transformar em desânimo, nossa vontade de vencer.

Não são poucas as pessoas a quem devo agradecimentos, até porque para que esse momento acontecesse, muitos personagens, hoje distantes, passaram por minha vida, certamente, contribuindo de alguma forma para o meu crescimento. Provavelmente serei injusta ao não citar nomes, que me escaparão nessas linhas. Se assim acontecer, não terá sido por ingratidão, mas por simples deslize da memória.

À Professora Adelaide Gonçalves, hoje uma grande amiga, na mão de quem me apoiei ao dar os primeiros passos em direção do fazer historiográfico. Para ela, que me abriu generosamente as portas de sua biblioteca e do seu coração, me orientando, apoiando e acreditando em mim, o meu carinho e o meu muito obrigada.

Ao caro professor Gisafran, pela disponibilidade e boa vontade com que conduziu a minha orientação e por acreditar, desde o início, que uma arquiteta pudesse fazer um trabalho de História.

Ao professor Borzachiello, pela gentileza de estar presente em dois momentos desse trabalho – na qualificação e na defesa – enriquecendo-o com o valor de sábias observações.

À minha querida Solange, amiga e companheira de profissão, pelos conselhos, intervenções e incentivo de todas as horas. À sua lucidez, competência profissional e grandeza como pessoa humana, devo grande parte do mérito dessa jornada.

Aos queridos mestres da Escola de Arquitetura, José Lemenhe e José Liberal de Castro, a quem dedico além de respeito, um grande sentimento de bem-querer. Lemenhe, pelo incentivo e pelas contribuições valiosas na feitura do projeto. Liberal, pelas deliciosas conversas informais, sábias, esclarecedoras e bem humoradas. Sem dúvida, elas enriqueceram a minha percepção do tema e me aguçaram no sentido de abordar questões que talvez passassem despercebidas sem as suas preciosas considerações .

Ao Dr. Eduardo Campos, pela gentileza com que me recebeu nas ocasiões em que o procurei, cedendo-me inclusive, livros do seu vasto acervo e à professora Zenilde Amora, que mesmo sem me conhecer previamente, não se escusou em me prestar importantes informações e indicações bibliográficas.

A todos os meus colegas do mestrado: Ana Carla, Antônio, Benedito, Deocleciana, Gustavo, Gleison, Ivaneide, Luís, Rose, pelo alegre bate-papo dos finais de tarde no “anexo” ou no *shopping* Benfica e pelo companheirismo e camaradagem que sempre caracterizaram a nossa convivência. Não poderia deixar de registrar de um modo especial Glória, Henrique e Iza, que por estarem mais próximos de mim, seguraram as minhas “barras”, sendo inestimáveis amigos e colaboradores. Um obrigada especial a Fabiano, generoso e disponível para as minhas freqüentes solicitações.

A todos os professores do Programa de Mestrado em História da UFC, a quem devo uma grande parcela do meu crescimento intelectual.

À Regina, da Secretaria, sempre boa e mansa, pelos lembretes pessoais e pela boa vontade com que sempre respondeu às minhas demandas.

A todas as pessoas que se dispuseram a dividir e a compartilhar comigo as suas lembranças e experiências de vida, através de seus valiosos depoimentos. Com eles divido os méritos que acaso sejam atribuídos a esse trabalho.

Às Diretorias e aos funcionários dos clubes que procurei, pela presteza em me fornecer informações, em particular a “Seu” Avelino do Náutico, que, sem restrições, me cedeu todo o acervo fotográfico da instituição.

Ao Marciano Lopes, pelas conversas e pela boa vontade em comentar aspectos de uma outra Fortaleza.

Ao Paulo Eduardo, amigo-irmão, à Eliane, ao Lúcio Flávio, ao Napoleão, à Beatriz Diógenes e à Lucimar, pelas preciosas dicas e pela intermediação de entrevistas.

Ao Alan e à Kelma Leite, meus companheiros e colaboradores no escritório, por segurar "as pontas" nas minhas ausências e pelo auxílio na formatação gráfica do texto.

À Gertrudes, pesquisadora incansável, Madalena e Zuíla da Biblioteca Pública Menezes Pimentel. À Mireica e Angélique do MIS, funcionárias exemplarmente dedicadas, que enobrecem e orgulham o nome daqueles que trabalham nos órgãos públicos.

À minha família, cujo carinho e apoio são parte da minha fortaleza, e em particular à minha muito amada tia Salete, meu porto seguro e minha "retaguarda".

Aos meus pais, com quem eu gostaria de compartilhar as alegrias dessa conquista, e a quem eu devo a força e a obstinação forjadas em meu caráter.

Aos meus filhos, Amanda e David, não só pelas horas em que não estive presente, pelos momentos em que os deixei em segundo plano, mas também pelo companheirismo nas pesquisas de biblioteca, pelas digitações das entrevistas, pelas ocasiões em que ouviram minhas lamúrias e enfrentaram o meu mau humor. Por eles e para eles ofereço esse trabalho.

A Deus, pela saúde e pela força, e ao meu anjo da guarda, pela eficiência no desempenho do seu ofício!

## RESUMO

No período compreendido entre os anos 1950 e 1970, o Brasil experimentou um clima de grande euforia e "desenvolvimento". O caráter urbano se afirmou no panorama brasileiro, acarretando o crescimento das cidades e induzindo ao surgimento e à afirmação de formas de comportamento e convívio em sociedade. Nesse contexto, proliferaram em Fortaleza, os "clubes sociais", como opção preponderante do lazer dos vários segmentos da população, principalmente aqueles compostos pelas elites econômicas. Dessas instituições, o Náutico Atlético Cearense, cristalizou-se, de maneira emblemática, como símbolo de poder das camadas superiores, incorporando a ideologia de uma pretensa modernidade. Nesse trabalho, busca-se a compreensão dos mecanismos que influíram para a sedimentação desse tipo de sociabilidade, entendendo-a como uma estratégia de afirmação do estatuto de "urbano", de diferenciação social, e de busca por um padrão de civilidade, que inserisse a capital cearense nas "modernas" tendências que se disseminaram em todo o país.

## ABSTRACT

Between the years of 1950 and 1970, Brazil experienced an atmosphere of great excitement and "development". The urban configuration grew stronger in the country, leading to the expansion of its cities, and triggering the introduction and establishment of new forms of behavior and relationship in the society. In this context, the "social clubs" abounded in Fortaleza as a major option of entertainment for different social segments, especially for those holding the economic elite of the city. Among these institutions, Náutico Atlético Cearense became a prime power symbol of high society, bringing forth the idea of aspiring modernity. This work seeks the comprehension of the mechanisms that contributed for setting up this social structure, defining it as a way of affirmation of the urban statute, social distinguish, and searching for a standard of civility, that would put Fortaleza into the "modern" trends, which spread all around the country.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	01
<b>CAPÍTULO 1: SOB O SIGNO DO PROGRESSO</b>	
<b>Otimismo e “Desenvolvimento” nos anos 1950-1970</b> .....	10
• Progresso e Desenvolvimento. A ideologia do pós-guerra e a modernidade brasileira.....	12
• A Consolidação do Brasil Urbano .....	16
• Expressões da Cultura Urbana no “Brasil Moderno” .....	20
• Cinema e Consumo – O Paradigma de Felicidade .....	29
• Comportamento: Recato e Contestação. Anos Dourados, Anos Rebeldes .....	37
<b>Fortaleza e os conflitos da expansão urbana</b> .....	49
• As Classe Médias na composição social de Fortaleza .....	52
• As Carências Urbanas .....	56
• Aldeota, o “lado bom” da cidade .....	61
• O mar na cena urbana fortalezense .....	68
<b>CAPÍTULO 2: O LAZER PRIVADO NA CULTURA URBANA DE FORTALEZA</b>	
<b>Reflexões sobre o Lazer</b>	
• O conceito de lazer em perspectiva histórica .....	80
• O Lazer na sociedade capitalista .....	82
• Sociabilidade e Lazer na evolução urbana de Fortaleza .....	83
• Lazer Privado e distinção social .....	97
<b>Os clubes sociais na história de Fortaleza</b>	
• As primeiras agremiações .....	102
• Os chamados “clubes elegantes” .....	109
• Os clubes classistas e os suburbanos .....	115
<b>Glamour e fantasia nos “clubes elegantes”</b>	
• Controle e Preconceito .....	128
• Paetês e Serpentinhas .....	132
• Beleza em passarela .....	142
• A Sociedade sob <i>Flashes</i> .....	148
• Em Sociedade tudo se sabe... ..	152
• “Divino, Maravilhoso!” .....	159

### **CAPÍTULO 3: ESPLENDOR E MODERNIDADE NO MEIRELES: o clube Náutico Atlético Cearense**

<b>Da Guarita ao Palácio</b> .....	162
• Um Sonho que deu certo .....	163
• Rumo ao Meireles.....	168
• O imigrante e o empreendimento .....	173
• A arquitetura da sede do Náutico .....	179
• Pompa e Circunstância .....	186
<b>O lugar do Náutico na vivência das elites urbanas</b> .....	192
• Lagosta à thermidor .....	198
• Vivendo de Festas .....	201
• Mente sã em corpo sã .....	204
<b>O Maior do Brasil!</b> .....	209
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	214
<b>BIBLIOGRAFIA E FONTES</b> .....	221
<b>LISTA DE FOTOS</b> .....	233

# ***Introdução***



## **INTRODUÇÃO**

A cidade, território de assentamento de coletividades humanas, oferece inúmeras possibilidades de investigação. Vista sob a perspectiva material, constitui-se de elementos concretos, palpáveis, expressos nas formas que a compõem: arquitetura, vias, praças, monumentos e toda uma vasta gama de elementos visuais. Por outro lado, habitam esses espaços, sujeitos sociais que desenvolvem relações de troca, produzem riqueza, criam mecanismos de sobrevivência, se organizam segundo conveniências e necessidades, têm sonhos, e elaboram códigos de conduta e convívio coletivo.

A heterogeneidade é portanto, uma qualidade intrínseca à urbe, que deve ser considerada quando da eleição dessa temática como objeto de análise. Nesse sentido, tendo em vista o seu caráter multifacetado, várias ciências podem-se ocupar do estudo da cidade, elegendo uma das inúmeras variáveis possíveis, como objeto de pesquisa, imprimindo-lhe a abordagem que mais se adequa aos seus propósitos.

No caso desse trabalho, em particular, dentre as várias funções desenvolvidas no universo urbano, escolhi o Lazer como campo de investigação. Através da análise dessa categoria, me propus a desvendar peculiaridades específicas da história de um determinado período de Fortaleza.

O Lazer no entanto, é um conceito amplo, que se apresenta sob diversas formas, possibilitando enfoques variados, segundo as características de grupos sociais específicos. A elaboração de um trabalho abrangente, em nível aprofundado, exigiria esforços incompatíveis com o tempo do mestrado.

Assim, decidi direcionar minha análise para o lazer que se desenvolveu em ambientes privados, na Fortaleza dos anos 1950-1970, traduzido nas práticas desenvolvidas nos clubes sociais.

### ***Elegendo um tema***

A escolha de um tema que venha constituir objeto de pesquisa para a produção de um trabalho acadêmico, precedida de muitos questionamentos e análises preliminares, é em última instância, uma decisão pessoal do

pesquisador. Ao adotar uma opção, ele deixa transparecer muito de suas preferências, de suas experiências pessoais, de sua visão de mundo. Nesse sentido, como destaca Paul Veyne, com muita propriedade, *“a história é subjetiva, pois não se pode negar que a escolha do assunto para um livro de história seja livre”*<sup>1</sup>.

No meu caso, a predileção em trabalhar com a cidade, foi grandemente influenciada pela formação profissional. A preocupação com o universo urbano está presente no meu trabalho diário de arquiteta, na medida em que é este, o cenário no qual interfiro. Existe também, em igual medida, a curiosidade natural de habitante sobre aspectos peculiares da história de Fortaleza, muitas vezes pouco explorados ou dissimulados à primeira vista.

Além dos motivos, acima expostos, um outro, de caráter pessoal, direcionou-me fortemente no sentido da escolha do assunto.

Em meados da década de sessenta eu era ainda muito criança. Minha memória, no entanto, guarda fatos, imagens e sons muito vivos dessa época, como se coisas há tempos passadas, tivessem acontecido recentemente.

Morando no interior, filha de família de classe média, lembro-me que ficava muitas vezes encantada contemplando minha mãe se “produzir”, como se diz hoje em dia, para ir a bailes que aconteciam no clube da cidade.

Era um verdadeiro ritual, precedido de muitos preparativos e expectativas: a compra do tecido do vestido e do sapato em Fortaleza, a ida à cabeleireira, os toques finais da maquiagem, a colocação dos brincos, tudo me remetia a um conto de fadas onde existe o infalível componente da transformação de mortais comuns em príncipes e princesas. Meu pai, elegantemente vestido de paletó e gravata fazia com ela o casal exemplar que alimentava minhas fantasias infantis. Imaginava-os dançando ao som de músicas das orquestras – Ray Connif, Gleen Miller - que ouvia na irradiadora da cidade todos os dias, invariavelmente às dezenove horas, anunciando a próxima sessão de cinema.

Naquele tempo imaginava o mundo adulto de forma fantasiosa como um grande baile com pessoas bonitas, felizes, dançando músicas maravilhosas. A minha construção ancorada na inocência, na subjetividade e

---

<sup>1</sup> VEYNE. *Como se escreve a História*, p. 25

na imaginação fértil de criança, tem ainda hoje para mim um significado muito especial. Talvez essas lembranças associadas à imagem dos meus pais, já falecidos, tenham sido decisivas na minha escolha.

O que acontecia na cidade do interior em que eu morava<sup>2</sup> e nas outras de igual porte, era, uma variante em muito menor escala, é claro, do que acontecia na capital.

Com efeito, durante os vinte anos compreendidos entre 1950 e 1970, o lazer desenvolvido pela sociedade fortalezense associou-se, de maneira enfática, aos clubes sociais.

### **Configurando o objeto**

Os clubes constituíam-se, de forma geral, por espaços fechados dotados de infra-estrutura de lazer e convivência social, com salões de baile, restaurantes e instalações esportivas, destinados à congregação e freqüência de sujeitos que compartilhassem certas similitudes e confluência de interesses. Sob o ponto de vista jurídico, se organizavam segundo estatutos e regras implicitamente aceitas pelos sócios, quando da sua vinculação.

Seu surgimento na capital, verifica-se ainda em finais do século XIX, com o Clube Cearense em 1867, no qual se realizavam reuniões, saraus e danças de salão. Com o passar do tempo, evoluíram, incorporando outros tipos de atividades, para sedimentarem-se como forma preferida de lazer de vários segmentos sociais nos anos 1950 e 1960.

Os discursos proferidos sobre essa época, tanto por parte das pessoas que a vivenciaram como vindos da imprensa – matérias em jornais, crônicas – geralmente remetem ao aspecto mítico, de um tempo bem melhor e mais feliz.

As referências que se fazem sobre esse lazer são eivadas de saudosismo e encantamento, valorizando o aspecto de uma convivência social civilizada, com pessoas bem vestidas, comportando-se de forma digna e

---

<sup>2</sup> Na época a que me refiro, morávamos em Russas, uma cidade média, para os padrões cearenses, localizada no Vale do Jaguaribe. A ocorrência desse tipo de festas em clubes do interior era comum. Segundo a importância do evento, pessoas de cidades próximas articulavam-se em caravanas, para ir às festas que se realizavam nos municípios vizinhos.

educada. Da mesma forma, superestimam o tão decantado caráter sadio e familiar de tais instituições.

Com efeito, associam-se os clubes sociais, a um certo clima de romantismo e *glamour*, que, de forma geral, foi experimentado nos anos 1950, por determinados segmentos das populações urbanas, que a denominaria de "Anos Dourados".

Em finais da década de 1960, em virtude das intensas transformações que se operaram nos comportamentos, modificando paradigmas e regras sociais, os clubes começariam, ainda que lentamente, a diminuir o seu grau de importância, como *locus* preferido do lazer dos atores citadinos.

### **Formulando questões**

Mergulhar no universo dos clubes, significa procurar desvendar conteúdos e significados não explícitos, à primeira vista, nas fontes que remetem ao assunto.

Não se trata aqui, de desconstruir um conceito que se fixou no imaginário de certa parcela da população, mas de identificar através da reflexão sobre esse tipo de sociabilidade, aspectos peculiares, não revelados de forma clara, nos depoimentos orais e no material produzido sobre o período.

Sob essa ótica, pode-se inferir que os clubes sociais, representaram, de forma marcante, a busca de um padrão de civilidade, associado à noção de moderno.

Nesse sentido, o conceito de modernidade remete à idéia de pompa, de luxo, e não à ruptura com padrões comportamentais relacionados ao passado. Pelo contrário, mais que nunca esses valores se fizeram presentes na evidente postura provinciana, impregnada de controle e preconceito.

O equívoco da modernidade revelar-se-ia também no anseio pelo "tradicional". Ou seja, a pretensão por uma sociedade moderna, ocorreria numa realidade em que prevaleciam as estruturas controladoras, onde se valorizavam os aspectos históricos das agremiações, sempre associados a atos de arrojo e espírito empreendedor.

Não é descabido afirmar que, modernidade e tradição seriam os princípios norteadores do clubismo, nos quais residiria seu o caráter

contraditório. Os clubes constituíam também um mecanismo através do qual alguns grupos sociais segregar-se-iam da realidade de carência, pobreza e atraso, sempre associados à realidade nordestina.

### **Metodologia e Fontes**

Para levar a cabo o estudo que me propus a fazer, compartimentei-o em três capítulos.

No primeiro, busquei recompor a moldura, o contexto sociocultural das décadas de 1950 e 1960, abrangidas pelo trabalho, afinal no dizer de em Thompson “a disciplina da história é, acima de tudo, a disciplina do contexto”<sup>3</sup> ou seja é fundamental, na abordagem de quaisquer temáticas, a análise do contexto social e cultural que as produziu ou que possibilitou a sua existência.

Nesse sentido, enfoco o caráter urbanizador que se afirmou no panorama brasileiro, aliado ao espírito de otimismo e busca pelo “moderno”, que inspiraria nas populações citadinas, o sentimento de que o Brasil se encaminhava no sentido de se inserir no grupo das nações progressistas. Traço de maneira geral, um quadro das tendências e manifestações culturais do período, que influíram para a adoção de padrões de comportamentos urbanos estandardizados.

Na busca da compreensão, do tema abordado, procuro analisar a sociedade fortalezense, à luz da realidade nacional, identificando aspectos peculiares que concorreram para a valorização de determinadas formas de lazer, traduzidas nos clubes sociais. Ressalto a emergência de novos segmentos sociais e o aspecto da expansão urbana da cidade, que em grande parte, justifica a localização dessas estruturas de sociabilidade, na parte leste, próximas ao mar.

O segundo capítulo concentra-se na análise das agremiações sociais, especificamente. Início abordando alguns conceitos relativos ao Lazer como categoria de investigação, evoluindo no sentido de focalizar as diversões desenvolvidas nos clubes. Reconstituo aspectos históricos ligados a essa

<sup>3</sup> THOMPSON, E. P. apud BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. *Passados Recompuestos: campos e canteiros da história*, p. 39.

forma de sociabilidade, ainda no século XIX, acompanhando a sua evolução no contexto da cidade e formulando algumas questões sobre as possíveis causas que concorreram para a sua prevalência no recorte de tempo delimitado.

Grande parte do texto é dedicado à descrição e análise das práticas que se desenvolviam nos ditos “clubes elegantes”. Falo dos bailes, dos carnavais, e dos concursos de miss, procurando desenvolver reflexões acerca dos valores e intenções que impregnavam esses acontecimentos. Objeto de atenção foram também, o colonismo social e o discurso da imprensa sobre o clubismo, que deixam entrever o grau de importância que o fenômeno adquiriu na elaboração do ideal de uma de “convivência social civilizada”.

Ainda com relação aos clubes, resgato alguns aspectos pertinentes às agremiações classistas e suburbanas, da mesma forma preferidas pelos atores situados em outros segmentos e territórios da cidade, para suas práticas de lazer.

No terceiro capítulo, trago para o foco do estudo, o Náutico Atlético Cearense (NAC), por se constituir no exemplo que melhor sintetiza a época da “Fortaleza dos Clubes”.

Recupero aspectos históricos da agremiação, numa tentativa de associar a sua trajetória à própria evolução da cidade, tanto no campo das práticas sociais, como no aspecto da configuração espacial.

Instituição que desfrutou de alto conceito e distinção, o clube foi na verdade, uma síntese do mundanismo social fortalezense. Despontando na cidade, num contexto provinciano, a instituição sedimentou-se como local onde ocorreriam os eventos mais representativos, sob o ponto de vista das elites.

Sobre ele, a imprensa elaborou um discurso enaltecedor, que concorreria para a sedimentação da sua qualidade de ícone.

Dando um fecho ao trabalho, elaboro algumas considerações, que refletem sobre as mudanças comportamentais dos sujeitos urbanos, que, vivenciando outras realidades sócioeconômicas, modificam suas formas de se relacionar.

Tais transformações induzem à adoção de outros usos e costumes, gerando novas necessidades quanto aos equipamentos urbanos. Em função disso, as agremiações clubísticas tornaram-se desinteressantes, pelo menos se comparadas à realidade anterior.

Com relação à paisagem material da cidade, essas estruturas tendem a perder o seu lugar a outros espaços, que segundo a lógica capitalista, vão sendo recriados, num constante processo de destruição e construção.

Para embasar esse trabalho, busquei informações em fontes variadas – bibliografia, depoimentos orais, jornais da época. Na verdade não houve hierarquia nem priorização de umas em relação a outras. Tentei trabalhar com elas de maneira que se complementassem. Conforme poderá ser observado, algumas prevalecem, com maior força, em determinados trechos do estudo.

Com o intuito de delinear a conjuntura dos anos 1950-1970, assim como para fornecer suporte teórico a alguns conceitos abordados – Modernidade, Urbanização, Cultura de Massa, Lazer – recorri à literatura especializada sobre o assunto, nas áreas de história, sociologia, economia e geografia. Mais que uma tendência acadêmica, a interdisciplinaridade, é uma exigência das investigações que elegem a cidade, como campo de análise, como comentado.

Na reconstituição do aspecto do lazer em Fortaleza, foi de grande valia a produção acadêmica que prioriza o estudo da cidade, assim como o trabalho de memorialistas, cronistas e poetas. Como esclarece Thompson<sup>4</sup>, o acervo recolhido por colecionadores e memorialistas torna-se valioso à medida que lhes fazemos perguntas novas, valorizando aspectos não evidenciados a uma primeira vista.

No segundo capítulo, principalmente, verifica-se uma maior concentração de depoimentos orais. As experiências de pessoas, que vivenciaram o cotidiano dos clubes, constituíram a matéria-prima sobre a qual debruçei minhas análises.

A História Oral, que a partir da década 1970, tem o seu emprego difundido no Brasil, nos anos 1990 passou a ser largamente utilizada na produção de inúmeras dissertações de mestrado e teses de doutorado. Essa difusão se deu em virtude de uma nova maneira de encarar a História: resgatou-se a importância das experiências individuais, ou seja, deslocou-se o interesse das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as situações singulares.

Jornal, também

---

<sup>4</sup> THOMPSON, E. P. , *Folclore, Antropologia e História Social*, p. 231- 243

Apesar de aplicada em obras de vários campos históricos – história econômica, história da ciência, história intelectual, história política - é na história social que se acentua a importância da evidência oral, pois ela propicia que, através de análise interpretativa de depoimentos sobre variadas temáticas, possam-se levantar questões e obter respostas às perguntas que as fontes convencionais não são capazes de responder.

Mesmo sendo o indivíduo, sujeito singular, detentor de lembranças individuais, que dizem respeito ao seu tempo de vida, os fatos e recordações registrados em sua memória guardam traços e elementos comuns a outros sujeitos que vivenciaram a mesma realidade, dentro de determinado grupo social, com suas peculiaridades e características.

O processo da coleta de depoimentos ocorreu de forma dinâmica, com cada entrevistado fornecendo pistas no sentido de apontar para outros possíveis sujeitos, que poderiam tornar mais rica a investigação.

O universo de pessoas que entrevistei, tanto formal quanto informalmente, é composto por indivíduos que, de uma maneira ou outra, têm alguma relação com o tema do clubismo. Memorialistas, freqüentadores, socialites, dirigentes de agremiações, colecionadores, arquitetos que projetaram sedes, pessoas ligadas às atividades que gravitavam em torno dos clubes, forneceram uma contribuição valiosa à pesquisa, tanto no que tange ao fornecimento de informações, às quais não teria acesso de outra forma, como na emissão de impressões pessoais sobre o assunto. Todos foram receptivos e generosos, transformando o ato da entrevista num prazer.

A importância dos dados conseguidos através da oralidade torna-se ainda maior, quando se leva em conta o fato de que, os arquivos dos clubes em muito pouco podem acrescentar ao que já se sabe, como senso comum, ou ao que já foi produzido, de maneira escassa, sobre o assunto. Muitas agremiações foram, inclusive, extintas. Os clubes que ainda permanecem em funcionamento guardam muito poucos registros de sua trajetória.

Com relação às consultas realizadas nos jornais, essas pretenderam abarcar os vinte anos da periodização. Concentraram-se prioritariamente no jornal *O Povo*, embora o *Unitário*, o *Correio do Ceará*, *Tribuna do Ceará* e *O Jornal*, também tenham sido consultados.

As notícias e matérias desses veículos aparecem, com maior freqüência,

no terceiro capítulo, que trata do Náutico Atlético Cearense. Essa concentração, que pode parecer redundante, em algum momento, é intencional.

Ao dar ênfase ao discurso da imprensa, quis demonstrar o aspecto da construção da imagem do clube, ancorada na maciça divulgação de notas, que se faziam presentes, de forma sistemática, nos periódicos locais.

As matérias, caracterizadas pela profusão de adjetivos, concorreram para sedimentar o Náutico como elemento supervalorizado no contexto urbano, possivelmente contribuindo, em larga medida, para a elaboração do valor de ícone a ele associado.

Quanto às ilustrações, recorri ao acervo de memorialistas como Nirez e Marciano Lopes, aos álbuns de família e às coleções particulares. Muitas fotografias também foram conseguidas nos arquivos dos clubes ou com arquitetos que elaboraram alguns projetos no setor. Algumas reproduções foram feitas a partir de jornais, revistas e livros.

Não uso essas imagens como fonte de leitura histórica. Os elementos visuais aqui foram empregados, com o sentido de enriquecer a percepção do leitor, reforçando as idéias expressas no texto.

Não tive, em nenhum momento, a pretensão de produzir uma obra historiográfica de referência, mas confesso que me sentirei imensamente gratificada se conseguir, ainda que de forma modesta, contribuir para a melhor compreensão de mais alguns aspectos da história da cidade.



# **Capítulo 1**

## **Sob o Signo do Progresso**

## **SOB O SIGNO DO PROGRESSO**

*Nas cidades todas as pessoas se parecem  
Todo mundo é igual  
Todo mundo é toda gente*

Manuel Bandeira

### **OTIMISMO E DESENVOLVIMENTO NOS ANOS 1950-1970**

A maneira pela qual as pessoas interagem e se relacionam em sociedade vincula-se a um leque de variáveis - econômicas, sociais, políticas, culturais, geográficas - que se entrelaçam para configurar as formas de convívio cotidiano, tanto na esfera pública como no âmbito do privado. Assim, as formas de sociabilidade que emergem em um meio rural, por exemplo, são distintas das que ocorrem em um meio urbanizado. O habitat no qual se inserem os grupos sociais influencia sobremaneira e, até certo ponto, induz à adoção de determinados comportamentos. Do mesmo modo, os vários segmentos de uma mesma sociedade imprimem suas características próprias e conferem aspectos específicos a práticas estandardizadas, nas quais deixam transparecer elementos fundamentais ancorados em sua origem e formação cultural.

A ocorrência de um elevado índice de urbanização aliado ao sentimento de euforia e otimismo, difundido no Brasil, nos anos compreendidos entre 1950 e 1970, concorreu de forma marcante para a adoção, ênfase ou incremento de determinadas práticas e usos sociais por parte das camadas privilegiadas dos grandes centros urbanos, cristalizando certas formas de convívio coletivo. Tais práticas compatibilizam-se com o anseio de um padrão de urbanidade, melhor alinhado com as novas tendências desenvolvimentistas.

O estágio do processo capitalista no Brasil, nessa conjuntura, faz emergir, além do consumo e sua conseqüente avidez por introjetar hábitos ditos civilizados e por incorporar características associadas aos centros considerados mais avançados, o espírito individualista e ao mesmo tempo associativo que, no campo do lazer, estimula as práticas de caráter privado, autosegregando os iguais e criando, no caso dos setores abastados, o simulacro de pequenos universos particulares.

Inserida na realidade histórica do país, a cidade de Fortaleza também incorpora influências do clima de efervescência e euforia, que aparentemente caracteriza o período. No entanto, esses influxos se desenvolvem numa realidade de carência e pobreza, e são compartilhados de maneira mais efetiva, apenas pelas camadas social e economicamente privilegiadas. Se por um lado, a urbanização da capital cearense se faz mais por força das migrações internas do que propriamente pela industrialização, como é o caso do centro-sul, por outro, essa população citadina de raízes interioranas almeja a sua legitimação e integração no universo urbano, adotando práticas que as caracterizem como tal.

Sobre a questão da adaptação dos migrantes de origem rural ao seu novo habitat urbano, Ruben Oliven se reporta à controvérsia que existe entre vários autores que estudam o assunto. Para alguns, os migrantes seriam alvo de um significativo processo de ressocialização, que exigiria a aprendizagem de novos padrões de comportamento e aquisição de novos estoques simbólicos. Para outros, esse processo não seria assim tão radical, em função do alcance dos meios de comunicação e da própria escola rural, que tende a disseminar, cada vez mais, comportamentos compatíveis com a vida das cidades.

Oliven, contudo, defende que a questão não pode ter um caráter reducionista. Considera que inúmeras variáveis atuam no sentido de adaptar o migrante à vida urbana:

“(...) Em verdade, há uma série de variáveis que precisam ser levadas em consideração ao se analisar o ajustamento de migrantes à vida urbana. Entre estas variáveis se encontram: a área de origem, a motivação para migrar, as expectativas em relação ao meio urbano, as oportunidades de trabalho oferecidas pela cidade de destino, o tempo de exposição à vida urbana, os mecanismos e instituições que ajudam no processo de ajustamento, o aspecto ou a área de envolvimento social que está sendo aprofundado pelo pesquisador, etc.”.<sup>1</sup>

Concordando com o pensamento exposto, uma conclusão, no entanto, parece inequívoca: em função do aumento e da diversidade cultural do

---

<sup>1</sup> OLIVEN. *A Antropologia de Grupos Urbanos*, p. 21-24.

contingente da população urbana, e com o alargamento das fronteiras geográficas da cidade, novas formas de sociabilização se apresentam, adaptando-se à conjuntura que se vai delineando.

Os contatos de natureza coletiva nas praças, nas igrejas e calçadas, passam a não ser suficientes e o aprofundamento das diferenças sociais que se estabelecem, leva os indivíduos a se dividirem em subgrupos, segundo suas características e aspirações, com o fim de manterem algum nível de reconhecimento e individualização, dentro de um espaço em que já não se tem mais controle.

Nesse contexto, os clubes sociais afirmam-se como opção de lazer, constituindo-se um referencial distintivo de vários segmentos urbanos. Assumem, assim, papel importante na exposição e na reprodução de valores, como discutiremos ao longo deste trabalho.

Relacionados aos eventos das migrações, surgiram clubes de colônias interioranas, compostas por segmentos de padrão econômico confortável, assim como os clubes suburbanos na periferia, áreas onde habitualmente se fixam os contingentes oriundos do meio rural.

#### • PROGRESSO E DESENVOLVIMENTO. A IDEOLOGIA DO PÓS-GUERRA E A MODERNIDADE BRASILEIRA

Apesar de se constituírem noções de amplo domínio do senso comum, "modernidade" e "progresso" são conceitos que induzem a comentários e reflexões, principalmente quando ancoram o esforço de compreensão de determinados contextos históricos. Mesmo não sendo sinônimas, essas duas terminologias encontram-se freqüentemente associadas, e se apoiam de maneira a não se conceber nas sociedades humanas atuais, sob o ponto de vista capitalista, a existência de uma sem a outra.

Segundo Giddens, "*a modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência*"<sup>2</sup>. Essa noção relaciona-se com industrialização, urbanização e progresso material,

<sup>2</sup> GIDDENS. *As Conseqüências da Modernidade*, p.11.

apoiado em valores econômicos e na adoção de novas tecnologias. Como consequência, induz a rupturas com antigos conceitos, à racionalização, ao desapego às tradições, à supervalorização da técnica, à abertura de espaços, à circulação e a ligação de distâncias. De forma simplista, pode-se dizer da modernidade, que se caracteriza por um constante “apetite pelo novo”.

Para Marshall Berman, a noção de modernidade traz, em seu bojo, realidades e sentimentos paradoxais, pois à construção e a transformação que a caracterizam, juntar-se-iam os de perda e destruição:

“Ser moderno é encontrar-se em ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia”.<sup>3</sup>

A gênese desse fenômeno está combinada à formação do Estado-nação. Conforme expõe Hobsbawm, o conceito de nação é um dado novo e recente na história da humanidade. É uma decorrência política da Revolução Industrial e encerra o sentido de uma unidade integrada por um todo econômico, territorial, político, lingüístico e cultural. Segundo Renato Ortiz,

“A construção da nação se faz na Europa e nos Estados Unidos, através da modernidade. Dito de outra forma, a modernidade se realiza através da nação. Historicamente há uma conjunção dos dois termos. No século XIX, a emergência das nações francesa, britânica, alemã, se faz *pari passu* com a modernidade. No caso dos países latino-americanos há um descompasso entre a necessidade da construção nacional e a realização material da modernidade. O moderno é um projeto, uma utopia, algo deslocado para o futuro”.<sup>4</sup>

Em conformidade com o descompasso latino-americano, a emergência da “nação brasileira” se constrói de forma desigual somente a partir da década de 1930, para finalmente se consolidar na década de 1950, com a criação de um mercado e de uma integração nacionais. Antes disso, não havia propriamente uma política de nação integrada, no que se refere a elementos constituintes da unidade nacional, como a educação, por exemplo, que só a

<sup>3</sup> BERMAN. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. a aventura da modernidade, p.15.

<sup>4</sup> ORTIZ. *Ordem e Progresso*, p. 02.

partir do governo Vargas vai adotar diretrizes, como a exigência de que o português fosse a língua exclusiva de ensino nas escolas de imigrantes, o qual era efetivado nos idiomas dos países de origem. Esse é, sem dúvida, um dado relevante, principalmente em se tratando de ser a escola um elemento de suma importância no processo de construção nacional e de integração cultural, nos moldes do projeto de “modernidade tardia” das elites brasileiras.

A modernidade estaria assim, no caso brasileiro, associada a um projeto de identidade nacional que se baseia na noção de ausência, ou seja, na busca por ser o que não é. Segundo Santos,

“O Brasil é um exemplo de país para o qual a modernidade, em todas as fases de sua história nos últimos cinco séculos, impõe-se, sobretudo, como abertura aos ventos de fora. Como essa abertura foi quase sempre imitativa e sem freios, a modernidade brasileira é igualmente sinônimo de abandono. É como se aqui não fosse possível adotar inovações criadas no mundo senão como cópia do pólo criador e difusor de novidades (Europa, depois EUA...)”.<sup>5</sup>

Sob essa perspectiva, seria a modernidade no Brasil, tardia, além de imitativa e preconceituosa, pois os modelos mimetizados são aqueles considerados “superiores”, ou seja, aceitam-se de forma subordinada, os princípios e as conseqüências daquilo que vem dos pólos que se consideram mais “adiantados”. No campo dos comportamentos, essa “absorção” do alheio vai ser determinante na adoção de valores e condutas da vida cotidiana, traduzidas nas trocas e nos relacionamentos sociais, como será visto em tópicos posteriores.

Se o “projeto de modernidade” já se consolidara na Europa desde o séc. XVII, a noção de progresso difundiu-se no ocidente entre finais do séc. XIX e princípios do séc. XX. Tal noção incorpora a crença de que a ciência e a técnica podem resolver os problemas da humanidade, possibilitando aos homens atingirem a felicidade. A emergência de tal conceito ocorre no contexto da proliferação de idéias, teorias e estudos relacionados à sociedade, à natureza, ao direito e até mesmo à religião.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> SANTOS. *Por um modelo brasileiro de modernidade*, p. 02.

<sup>6</sup> As evoluções no campo do pensamento, da circulação de idéias e do cientificismo que emergem na segunda metade do século XIX, podem ser exemplificadas, através dos trabalhos de Charles Darwin (Teoria da evolução das espécies), Comte (Teoria positivista), Herbert Spencer (Darwinismo social), Cesare Lombroso e Enrico Ferri (Antropologia criminal), Allan Kardec (Racionalismo religioso), entre outros. A esse respeito ver por exemplo: LINS, IVAN. *História do Positivismo no Brasil*. 2ª Edição São Paulo-SP, Cia.

Essas idéias encontraram larga receptividade no Brasil, coadunando-se ao "espírito de mudanças" associado à abolição da escravatura e à proclamação da República. O anseio de progresso era compartilhado pelas elites econômica e política nacionais, que pretendiam alinhar-se com as novas tendências que emanavam da Europa.

Com relação ao fenômeno urbano, a busca pelo "moderno" se fez sentir, de forma marcante, nos primeiros anos do século XX, em grandes centros brasileiros, quando se perseguiu o ideal de uma aparência "progressista", através da implementação de medidas higienizadoras e disciplinadoras do espaço das cidades, visando a conferir-lhes um aspecto de saúde e beleza, na tentativa de suplantar a imagem de atraso e subdesenvolvimento associada aos países pobres. Tal projeto, encetado pelos poderes públicos, de forma autoritária e repressora, desconsiderava os problemas sociais decorrentes dessa operação.<sup>7</sup>

No campo dos comportamentos, a influência européia, principalmente a francesa, prevalecia, associando-se a Paris, a noção de tudo o que é moderno e civilizado.

A partir de meados dos anos 1940, a noção de "progresso" e "desenvolvimento" enfatizou-se, norteados os esforços das nações capitalistas do ocidente. O fim da segunda guerra mundial, em 1945, fez emergir no cenário internacional duas grandes potências polarizadoras: Os Estados Unidos, que passaram a tutelar o mundo capitalista influenciando marcadamente a Europa Ocidental e as Américas, e a União Soviética, do chamado socialismo real, com preponderância nos países da Europa oriental e nos Balcãs.

---

Editora Nacional, 1967. COSTA, João Cruz. *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. Rio de Janeiro-RJ, Editora José Olímpio, 1956. MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*, 3ª Edição. São Paulo-SP, Cultrix / Edusp, 1978.

<sup>7</sup> O processo modernizador e civilizatório foi um projeto inspirado nas reformas urbanas implementadas em Paris, em finais do século XIX. Copiado de maneira superficial e incompleta nos grandes centros brasileiros no começo do século XX, seu objetivo era eliminar a imagem de atraso associada ao país, como uma forma de inseri-lo no mundo das nações desenvolvidas, em sintonia com os novos "ares" da República. Tais mudanças se evidenciavam na implementação de medidas cosméticas, disciplinadoras e de caráter higiênico na feição das cidades, aformoseando principalmente edificações e espaços públicos das áreas urbanas centrais. Dessa tendência, o Rio de Janeiro constitui o exemplo mais patente, no qual também se inspiraria o modelo fortalezense.

A “América do Norte” – termo usado para designar os EUA - passa a ser a referência de civilização ideal, no padrão capitalista, na qual as demais nações deveriam se espelhar, e cujo estilo de vida constituiria um modelo a ser perseguido. Nesse contexto, ancorado na idéia de progresso material, a industrialização se consolida como o mecanismo capaz de gerar riqueza econômica e criar uma classe de consumidores, os quais habitariam as grandes cidades, associando aos termos “desenvolvimento” e “progresso”, a qualidade de urbano.

#### • A CONSOLIDAÇÃO DO BRASIL URBANO

No Brasil, a sedimentação de uma “mentalidade urbana”, cristalizada nas práticas sociais típicas das comunidades citadinas, está intimamente relacionada ao processo de passagem do país agrário, de colônia e império, para o país urbano da fase industrializada e republicana. A transição de um modelo para outro se realiza no interior da dinâmica de afirmação do capitalismo, que se inicia, de forma incipiente, a partir de meados do séc. XIX e se consolida nos primeiros anos de 1900.

Segundo Singer<sup>8</sup>, a evolução urbana dos grandes centros do país iniciou-se, timidamente, quando expressivas transformações econômicas, sociais e políticas propiciaram a emergência de uma atividade industrial de produção de bens de consumo não duráveis (tecidos, roupas, alimentos), em substituição às antigas importações. Essa tendência urbanizadora se acentuaria entre os anos 1930 e 1945 (Era Vargas), quando o governo, acentuadamente centralizador, implementou, de maneira mais enfática, uma política de industrialização, ao mesmo tempo em que restringiu o poderio de grandes proprietários rurais<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> SINGER. *Economia Política da Urbanização*, p. 120-133. Sobre o assunto, ver também PRADO JÚNIOR, Caio Prado. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 20ª Edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

<sup>9</sup> O fim da denominada República Velha, com a Revolução de 1930, extinguiu a política do café com leite (alternância da presidência da República entre os Estados de São Paulo e Minas Gerais). Tal fato, aliado à abolição da autonomia dos Estados em favor do fortalecimento da autoridade central, diminuiu, sensivelmente, o poder dos grandes latifundiários locais, principais sustentáculos e beneficiários dessa política. Com o enfraquecimento do controle exercido sobre a população rural, essa irá constituir, paulatinamente, o reservatório de mão-de-obra que irá se instalar nas periferias das cidades.

Esses fatores, aliados a uma legislação trabalhista<sup>10</sup> que contemplava unicamente áreas urbanas, criaram um panorama atrativo para uma grande massa de trabalhadores do campo. Por outro lado, a sistemática queda da mortalidade e a criação de rodovias, que facilitaram o intercâmbio e as comunicações, estimulando as migrações internas, contribuíram para o contínuo crescimento das cidades. No caso cearense, a seca, historicamente<sup>11</sup> constituiu o fator preponderante das migrações campo-cidade.

A partir de 1950, o processo de industrialização se amplia abrangendo também a fabricação de bens de consumo durável (automóveis, eletrodomésticos), bens de capital (máquinas e equipamentos) e bens intermediários (siderúrgica, produtos químicos, de borracha, papel). Nos vinte anos seguintes, entre 1950 e 1970, o ritmo se acelera sobremaneira, e a inversão da prevalência urbana sobre a rural se consolida. *“Até a década de 1940, 75% da população brasileira era classificada como rural. No final da década de 1960, 52% da população era urbana. Entre 1940 e 1970 essa população quadruplicou como consequência dos deslocamentos do campo para as cidades, das migrações periféricas para o Centro-Sul”*.<sup>12</sup>

A tabela abaixo demonstra, claramente, o aumento percentual das populações urbanas de alguns estados brasileiros, no período compreendido

<sup>10</sup> De modo geral, associa-se a era Vargas (1930-1945) a um período de grandes conquistas no campo da legislação trabalhista. A Constituição Brasileira de 1934 estabeleceu salários mínimos regionais, instituiu a jornada de trabalho de oito horas, o descanso semanal, as férias anuais remuneradas e a indenização em caso de demissão sem justa causa. Também proibiu o trabalho de menores de 14 anos, o trabalho noturno para menores de 16, e trabalho, reconhecidamente nocivo à saúde, para mulheres, e menores de 18 anos. Da mesma forma vetava a discriminação salarial com bases em diferenças de sexo, idade, nacionalidade e estado civil., além de regulamentar as profissões e os sindicatos, atrelando-os ao recém-criado (26/11/1930) Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Tais medidas, apesar do caráter “benevolente”, visavam também a conter a formação de um operariado organizado e combativo, com ideologia própria, visto que, desde os primeiros anos do século XX, já se propagavam idéias libertárias e revolucionárias associadas ao anarquismo e ao comunismo. A vinculação dos sindicatos ao Ministério do governo, constituiu-se em uma estratégia para mantê-los sob controle. Sobre o assunto, ver GOMES, Angela de. *Cidadania e Direitos do Trabalho*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002 e VERGARA, Luiz. *Getúlio Vargas, passo a passo. 1928-1945*. Porto Alegre, Editora Age, 2002.

<sup>11</sup> Sobre o assunto consultar BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: SECULT, 2000. NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: SECULT, 2000.

<sup>12</sup> CASALECCHI. *O Brasil de 1945 ao Golpe Militar: da república liberal ao golpe de 64* Getúlio, Juscelino, Jânio e Jango em busca de uma cultura popular, p.45.

entre 1950 e 1970. Verifica-se que o incremento do número de habitantes nas cidades, excede, sensivelmente, o aumento populacional nas unidades estaduais, como um todo.

TAXAS DE CRESCIMENTO POPULACIONAL (PERCENTUAL)			
Estados Metropolitanos	Crescimento população total 1950-1970	Crescimento população urbana 1950-1970	Crescimento população rural 1950-1970
Pará	89,8	262,7	55,9
Ceará	61,8	161,9	28,3
Pernambuco	52,0	140,7	5,4
Bahia	57,0	146,7	23,0
Minas Gerais	48,7	159,5	0,5
Rio de Janeiro	---	---	---
São Paulo	93,1	197,1	19,2
Paraná	227,6	347,0	178,8
Rio G. do Sul	60,0	150,2	13,7
Fonte: FIBGE, Censos demográficos, 1950 e 1970			

A afluência do grande contingente populacional às principais cidades brasileiras<sup>13</sup>, (que ocorre em volume muito superior aos postos industriais criados) sem a correspondente absorção pelo sistema econômico formal, influenciará, de forma marcante, na configuração espacial das respectivas malhas urbanas, com a intensificação do surgimento de favelas e núcleos proletários, assim como de complexas relações socioculturais em função da coabitação dos diferenciados segmentos sociais dentro do mesmo espaço geográfico.

<sup>13</sup> As migrações campo-cidade constituem matéria sobre a qual já foi produzida ampla bibliografia, no campo das Ciências Sociais. Sobre o assunto consultar: SINGER, op. cit. PETRONE, Maria Teresa Schorer. Imigração Assalariada. In *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II: O Brasil republicano vol. 2: sociedade e instituições (1889-1930). São Paulo: DIFEL, 1978. p. 95-133. ALENCASTRO, Luís Felipe de; RENAUX, Maria Luíza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In ALENCASTRO, Luís Felipe de. (org) *História da Vida Privada no Brasil* vol. 2. Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. p. 291-335. CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS – CEM (org). Travessia. Revista do Migrante. São Paulo: CEM, N° 36, 2000. Migrações no Brasil: um olhar retrospectivo.

Evocando as características do processo da industrialização brasileira, que se acentua no pós-guerra, Heloísa Buarque de Holanda faz o seguinte comentário:

“(…) a intensificação do processo de industrialização começa a se fazer através da crescente penetração em nossa economia de capitais externos pela via da associação com empresas nacionais. A nível internacional esse movimento corresponde a uma nova fase do capitalismo monopolista, marcada pela transferência para certos países periféricos, como o Brasil, de unidades industriais. As transformações provocadas na estrutura do sistema produtivo, com a formação de setores modernos do ponto de vista da tecnologia e do significado econômico, trazem uma maior diversificação no campo da sociedade, obrigando a uma reorientação dos mecanismos de ajustamento entre os diversos grupos e classes. A dinâmica desse novo modelo de desenvolvimento resulta num aprofundamento da exclusão social, exigindo a contenção das reivindicações das massas e subordinando os grupos empresariais “tradicionais” à crescente monopolização da indústria”.<sup>14</sup>

As grandes diferenças sociais se sedimentam e acentuam as disparidades, tanto no interior das cidades quanto ao nível regional. A criação da SUDENE (1959) constituiu-se em uma estratégia de traçar para o Nordeste um plano de desenvolvimento integrado, de forma a diminuir o descompasso econômico e social existente com relação ao centro-sul, ao mesmo tempo criando e diversificando o número de centros polarizadores no país. Se a iniciativa não foi de todo vitoriosa, foi somente a partir da criação desse órgão, que se pôde observar o implemento de algumas ações que visaram a atenuar as diferenças existentes entre essa região e os centros mais dinâmicos da economia brasileira.

Como foi dito, apesar de desencadeado, o processo de industrialização, não foi, de forma alguma, suficiente para atender as demandas sociais. A concentração de grande número de pessoas nas cidades ocorreu em contexto deficitário (principalmente no Nordeste), conforme a tendência urbanizadora das cidades latino-americanas em geral, (exemplo no qual se insere a capital cearense) como ressalta Oliven:

“ Esta tendência se desenvolve menos em função de uma industrialização, que é apenas incipiente, e mais devido a condições desfavoráveis do meio rural. A cidade é visualizada como uma possibilidade de ascensão social e econômica, que nem sempre ocorre, o que pode ser atestado pelos grupos marginalizados que vivem na maioria das grandes cidades latino-americanas. Nestas,

<sup>14</sup> HOLANDA. H. B.; GONÇALVES M. A. *Cultura e Participação nos Anos 60*. p. 19.

freqüentemente, a taxa de crescimento industrial é inferior á taxa de crescimento urbano, ocasionando desemprego e outros problemas”<sup>15</sup>.

Fortaleza, que já era hegemônica em relação às cidades do interior, alarga o seu raio de ação. Por ser núcleo de influência regional, tem o seu quadro sóciurbano agravado por concentrar em suas fronteiras um volume de desempregados que se encontrava disperso em um maior número de localidades.

De forma geral, grande parcela da população dos núcleos urbanos se forma a partir de populações oriundas do campo que, em função da mudança de seu habitat, assimilam, transformam e contribuem para a formação dos hábitos urbanos. Do ponto de vista cultural, a inserção em uma outra realidade, diferente da original, propicia a adoção do que Oliven chama de mecanismo de sobrevivência, ou seja,

“...as classes baixas simultaneamente compartilham traços da cultura dominante e mostram elementos que não pertencem a esta cultura... Por um lado, a aceitação por parte das classes subalternas de certos traços da cultura dominante é necessária para que eles possam arranjar-se e chegar a um convívio com a sociedade: por outro lado, desenvolver características culturais próprias é um modo de manter sua identidade através da criação de traços que não aceitam inteiramente as regras das classes dominantes”<sup>16</sup>.

A realidade urbana impõe determinadas formas de convívio social, que se firmam como normas estandardizadas. Contudo, não apaga traços de cultura originais que se adaptam e permeiam os comportamentos e os relacionamentos dos indivíduos em geral.

#### • EXPRESSÕES DA CULTURA URBANA NO “BRASIL MODERNO”

As tendências que se manifestam no campo da cultura e da arte, em diversos recortes históricos, influenciam diretamente nas formas de sociabilidade e lazer das populações urbanas. Comportamentos, maneiras de falar e vestir, linguagens e códigos de valores morais, éticos e até religiosos, transformam e são transformados pelas diversas modalidades com que as

<sup>15</sup> OLIVEN. *Metabolismo Social da Cidade e outros ensaios*, p.73

<sup>16</sup> OLIVEN. *Urbanização e Mudança Social no Brasil*, p. 56

expressões culturais se apresentam, num contínuo processo de construção do novo ou destruição e releitura do antigo.

Antes de mais nada, é pertinente esclarecer que, para fins deste trabalho, a designação “expressões culturais” refere-se à “cultura de massa”, difundida com ênfase a partir do período posterior à segunda guerra, evidenciando-se de maneira hegemônica por todo o país, como uma decorrência do aprofundamento dos circuitos de mundialização do capital. Engloba manifestações variadas no campo artístico e comportamental cujas características vinculam-se à homogeneidade, à baixa qualidade ou falta de preocupação com os níveis estético e criativo, à padronização de gostos, idéias, preferências, motivações interesses e valores.

Sob tal perspectiva, as expressões artísticas são produtos moldados pelo mercado e objetos do consumo conspícuo, como outros quaisquer. Em realidades onde as culturas locais são enfraquecidas, tendem a ser desnacionalizantes, imitativas e alienadoras. Tendência recente, característica das nações ocidentais capitalistas, a “mundialização da cultura” no dizer de Lela Pinto,

“refere-se à cultura produzida para ser comercializada, e à transformação das formas culturais do valor de uso ao valor de troca. As culturas locais passam a ser adaptadas aos valores globais de troca e aos padrões de consumo que requerem que o público seja sensibilizado a comprar os mesmos produtos”.<sup>17</sup>

Nesse sentido, a mídia – cujos mecanismos tecnológicos e/ou ideológicos vertiginosamente se desenvolvem a partir de 1950 - age como elemento disseminador e influenciador de maneiras e condutas, induzindo a mudanças de estilos de vida, de lazer e de comportamentos sociais, os quais tendem a reproduzir, como já foi dito, modelos oriundos de matrizes tidas como “superiores”, tanto no plano nacional – centros mais “atrasados” copiando centros mais “adiantados” – como no plano internacional – centros mais “adiantados” do país, copiando matrizes estrangeiras. Dessa forma, roupas, artefatos, músicas, linguagens, comportamentos e tendências são assimilados,

<sup>17</sup> PINTO. *Lazer e Estilo de Vida: reflexão e debate na perspectiva de virada da contemporaneidade*, p.12.

interpretados e adotados nas diversas formas de relações sociais, configurando uma certa padronização.

O ritmo em que isso acontece depende, basicamente, da velocidade com que as mensagens atingem os variados pontos dos diversos territórios. No recorte em questão - (1950-1970) - a comunicação não se dava de forma tão instantânea, como hoje ocorre, o que não raro poderia gerar algum descompasso entre as múltiplas temporalidades em que certas tendências prevaleciam. Sempre houve, no entanto, tempos de interseção e, de maneira geral, algumas características prevaleceram associadas a esses vinte anos, como um todo.

No caso de Fortaleza, são claros os influxos das metrópoles do sul - Rio e São Paulo - que se antes se inspiravam em tendências européias, nesse momento passam a assimilar as mensagens emanadas dos Estados Unidos

As décadas compreendidas entre 1950 e 1970 no Brasil são associadas, de forma geral, a um período de intenso desenvolvimento econômico e de efervescência cultural, com proliferação de tendências e manifestações no campo da artes e em outros setores de produção de bens simbólicos. É importante, no entanto, que se frise que as características das sociedades de um dado tempo e lugar, que predominam no senso comum, são, em sua grande maioria, as que dizem respeito às classes dominantes. Como salienta Oliven:

"Ao passo que pouco é conhecido a respeito das estratégias e representações culturais das classes baixas, a expressão cultural das classes altas é relativamente bem documentada em alguns países latino-americanos, como, por exemplo, o Brasil".<sup>18</sup>

As tendências e os movimentos culturais, que surgem nesses vinte anos, conectam-se com os vários momentos políticos, vivenciados pelo país, guardando íntima ligação com o nível de liberdade e de aspirações ideológicas, que permeiam as relações, nas esferas do poder e da sociedade, nesses momentos. Da mesma forma incorporam influências oriundas de correntes e movimentos artísticos, que se desenrolam ao nível internacional.

Assim é que, ao populismo do governo Vargas (1951-1954) associa-se ainda a "época de ouro" do rádio. O ufanismo da era Juscelino (1956-1954) viu

<sup>18</sup> OLIVEN. *Urbanização e Mudança Social no Brasil*, p. 103

surgir a Bossa Nova e o *gérmen* do Cinema Novo. Projetos artísticos engajados e comprometidos com a construção de uma cultura nacional, tendo como atores estudantes e intelectuais, floresceram nos governos Jânio e Jango (1961-1964), sob a tutela da UNE, através dos CPCs.<sup>19</sup>

Após o golpe civil-militar de 1964, conviveram as formas de resistência ao regime, como as canções de protesto, e os movimentos que propuseram formas alternativas de expressão artística, antenadas com as conjunturas nacional e exterior, a exemplo da Tropicália ou propostas voltadas para o consumo de massa como *iê-iê-iê*, da Jovem Guarda.

Apesar de serem associadas a determinados períodos, isso não quer dizer que as diversas formas de expressões culturais não tenham coexistido, ou que os embriões de algumas delas não se encontrem existentes em épocas anteriores, ou subsistam tempos depois, de seu período de maior ênfase.

As influências e os desdobramentos das tendências e movimentos culturais, nos universos urbanos, apresentam-se na forma da adoção de comportamentos e modismos ligados às características dos seus protagonistas, conforme já comentado.

Com relação aos clubes sociais, essas influências se manifestam nas músicas tocadas em bailes e festas, na moda do vestuário, que predomina em tempos diferenciados, nas decorações temáticas das épocas de carnaval, na valorização de determinados tipos de artistas convidados para realizarem espetáculos e nos ditames que norteiam os procedimentos em sociedade.

Algumas tendências foram mais marcantes no mundo clubístico fortalezense, notadamente aquelas ligadas à cultura de massa. Outros movimentos, com propostas artísticas mais consistentes, permeadas por reflexões filosóficas e ideológicas “progressistas”, não encontrariam, nos clubes, um ambiente propício à sedimentação, visto que os lazeres que aí se

---

<sup>19</sup> CPC, ou Centro Popular de Cultura, surgiu no Rio de Janeiro em 1961, ligado à União Nacional dos Estudantes, UNE. Sua proposta era implementar ações que visavam à construção de uma cultura nacional, popular e democrática. Para isso trabalhavam em contato direto com as massas, encenando peças nas portas das fábricas, sindicatos e lanchonetes, publicando livros de poesias vendidos a preços populares, promovendo cursos no campo das artes cênicas e visuais, e produzindo filmes autofinanciados. Em pouco tempo, vários CPCs organizaram-se por todo o país, com atuação marcante, suspensa quando a UNE foi posta na ilegalidade em 1965.

processavam, não incorporavam questionamentos relativos ao aprofundamento de análises das questões da cultura nacional.

No início dos anos 1950, capitalistas de São Paulo financiaram a criação de companhias teatrais, exposições bienais e empresas cinematográficas<sup>20</sup>. Ao lado de uma dramaturgia cujas preocupações estéticas se inspiravam em autores e montagens internacionais, imperava o teatro de revista ou teatro rebolado, com suas vedetes exuberantes, mais ao gosto popular. Alguns desses espetáculos faziam *tourneés* pelo país. Nos jornais da Fortaleza da época, não raro podem-se encontrar os anúncios de temporadas de companhias provenientes do sul.

A companhia de Cinema Vera Cruz<sup>21</sup>, de existência efêmera (1949-1957) pretensa “Hollywood Brasileira”, esmerava-se em produções bem cuidadas, em oposição aos filmes da Atlântida, geralmente comédias ingênuas, que misturavam humor e músicas camavalescas com tramas simples e de final feliz, conhecidas como “chanchadas”, sempre presentes no cardápio cinematográfico de Fortaleza, a exemplo das várias outras salas de exibição do país, de forma geral.



Figura 1. Propaganda do Espetáculo É Xique-Xique no Pixoxó. Teatro de Revista de Walter Pinto (*Correio do Ceará*, 04 jan. 1963).

<sup>20</sup> Francisco Matarazzo Sobrinho (Cicillo) implantou o Museu de Arte Moderna de São Paulo, incrementando as famosas Bienais. Franco Zampari criou o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) e, juntamente com Cicillo, a Companhia cinematográfica Vera Cruz. Assis Chateaubriand criou o MASP e implantou a Televisão no Brasil.

<sup>21</sup> A Companhia Vera Cruz constituiu-se numa tentativa de implementar no Brasil, uma produção cinematográfica, em bases industriais, a exemplo da produção norte-americana. Apesar dos altos investimentos em equipamentos técnicos e da contratação de profissionais do setor, inclusive de fora do país, o empreendimento enfrentou dificuldades, que não conseguiu superar, no que diz respeito à comercialização e distribuição de seus filmes. A empresa extinguiu-se em 1957, deixando um acervo de 18 produções.

No campo editorial a revista "O Cruzeiro" cobria praticamente todo o território nacional e se constituía no principal veículo escrito, disseminando informações e tendências utilizando, principalmente, o apelo visual.

"Criado em 1928 e reformulado em 1945, esse periódico revolucionou a técnica e o espírito do jornalismo ao romper com a influência das escolas européias na imprensa brasileira. Dominou esse mercado por algumas décadas, uma vez que possuía uma excelente rede de distribuição. Por ser uma revista semanal de entretenimento, com muitas fotografias e títulos, representava a possibilidade de mais pessoas de uma mesma família lerem ou folhearem suas páginas de diversas maneiras. Sua linha editorial era precisa: queria ser popular a fim de fazer-se compreender por todos e para vulgarizar as artes e as ciências. Por isso, a pauta entremeava fatos verossímeis entre trivialidades de aceitação garantida".<sup>22</sup>

Em Fortaleza, eram comuns as "chamadas" nos jornais anunciando a chegada da revista. "Leia O Cruzeiro. À venda nas casas autorizadas". Outra revista que aos poucos alcançou também projeção nacional sendo a concorrente direta de "O Cruzeiro" foi a "Manchete", que começou a circular em abril de 1952. O Cruzeiro, no entanto, permaneceu ainda por muito tempo como a revista preferida da família média brasileira.

O rádio reinava absoluto como o meio de comunicação e lazer até finais da década de 1960, quando a televisão introduzida de maneira amadora em 1950 por Assis Chateaubriand<sup>23</sup>, passa a fazer parte da vida cotidiana. Por essa época, constituíam divertimento das classes populares os programas de auditório das emissoras de rádio, principalmente os da Rádio Nacional que consagraram artistas como Marlene, Emilinha Borba, Dircinha e Linda Batista, Cloris Monteiro, Ângela Maria, Caubi Peixoto, Francisco Carlos, Nelson Gonçalves, Orlando Silva e tantos outros que viraram ídolos nacionais. Também faziam enorme sucesso as radionovelas precursoras das atuais novelas da TV.

A importância e o alcance desse veículo era realmente inestimável. Sobre a Rádio Nacional comenta Santos:

<sup>22</sup> ANDRADE, A. M.; CARDOSO, J. L. *Aconteceu, virou Manchete*, p. 247.

<sup>23</sup> Assis Chateaubriand, "Chatô", foi fundador de um império jornalístico, os "Diários e Emissoras Associadas". Com livre trânsito nas esferas do poder, chegou inclusive a ser embaixador na Corte Britânica. Sobre o assunto, ver MORAIS, Fernando. *Chatô, O Rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

“A Rádio Nacional era a Rede Globo. Com uma diferença: tudo era feito aqui e, como dizia a propaganda antitelevisão, você não precisava parar os afazeres de casa para ficar olhando..... Com seus canais de ondas médias e curtas, e suas retransmissoras, estabeleceu uma verdadeira aldeia global cobrindo todo o país. Fundou princípios básicos da cultura nacional”<sup>24</sup>.

Ao nível local eram os programas da PRE-9, Ceará Rádio Clube, que faziam sucesso. Além das atrações da terra, freqüentemente por aqui passavam artistas do sul, cujos *shows* eram anunciados com grande ênfase pelos jornais. Segundo a maior ou menor projeção do convidado no cenário nacional, o espaço utilizado para a divulgação podia utilizar às vezes página inteira, como foi o caso de Dick Farney. Artistas internacionais também pisaram o palco da PRE-9, sempre anunciados como eventos extraordinários.<sup>25</sup>

Em princípios dos anos cinqüenta as músicas veiculadas pelo rádio e que caíam no gosto popular eram sambas canção, ritmos latinos como mambos, boleros, rumbas e música de origem americana como *jazz*, *fox-trot* e a música das grandes orquestras. Tocava-se, também, em menor escala, música francesa e italiana.

Nos bailes dos clubes de Fortaleza, as músicas eram em sua grande maioria tocadas por conjuntos musicais, como o de Ivanildo e o de Paulo de Tarso, preferindo-se as canções ditas “orquestradas” e os ritmos latinos. Esses, melhor se adequariam às danças “a dois” conferindo o tom de romantismo que impregnava tais acontecimentos.

Ainda em meados da década de 50, um ritmo diferente daqueles “bem comportados”, oriundo dos Estados Unidos, invade o cenário da música e se



Figura 2 – Unitário 02 ago. 1950.

<sup>24</sup> SANTOS. *Feliz 1958. O Ano que não devia terminar*, p. 149.

<sup>25</sup> Juan Daniel, “o cantor das Américas”, Mister Broni e Maja Kassel e Elza Marval, são alguns exemplos de artistas, geralmente de procedência latina, que se apresentaram no palco da PRE-9, na década de 1950.

álbum internacionalmente. É o *rock*, que tem suas primeiras estrelas nas figuras de Bill Haley, Chubby Checker e Elvis Presley. Para além de ritmo musical, o *rock* representou uma “atitude”, como reporta Carmo:

“O *rock*, mais do que apenas um gênero, transformou-se num símbolo que ultrapassou a esfera musical. Gerou uma nova forma de comportamento para a juventude, como blusões de couro, as motos e lambretas, a dança, os topetes, as camisas coloridas, a calça rancheira ou o autêntico brim coringa. O surgimento de Elvis Presley, nos anos 50, com a sua cativante entonação de voz e imagem provocativa, sela definitivamente a ruptura com os padrões tradicionais. Ao cantar e requebrar sensualmente os quadris à maneira dos negros, enlouquecia a juventude. Pela primeira vez milhões de jovens no mundo são seduzidos por um gênero musical que consegue se tornar o agente de uma radical transformação no modo de se vestir, pensar e agir”.<sup>26</sup>

Em 1958, a Bossa-Nova<sup>27</sup>, um movimento musical vinculado à classe média carioca, inovou no sentido de criar uma música que se pretendia autenticamente brasileira, elaborando uma releitura dos antigos sambas-canção, sem sofrimentos e lágrimas, tocada e cantada em tom intimista, sem os arroubos de voz dos cantores do rádio. Transformada em nossa música tipo exportação<sup>28</sup>, não teve, no entanto, repercussão popular. Essa, seria alcançada pela Jovem-Guarda<sup>29</sup> um movimento surgido em meados da década de 1960, inspirada no *rock* americano, e nos Beatles, conjunto musical de rapazes ingleses, cuja importância para o movimento *pop* internacional é inquestionável. Influenciadores de toda uma geração, os Beatles ditaram moda, e provocaram histeria entre os jovens dos anos 60, com a chamada “Beatlemania”. Suas canções, vertidas para o português popularizaram-se na voz de vários cantores da jovem guarda.

<sup>26</sup> CARMO. Culturas da Rebeldia: a juventude em questão, p.32.

<sup>27</sup> Ronaldo Bôscoli, João Gilberto, Nara Leão, Carlos Lira, Vinícius de Moraes e Tom Jobim seriam os principais nomes associados ao movimento.

<sup>28</sup> A canção “Garota de Ipanema” de Tom Jobim e Vinícius de Moraes é a música brasileira mais veiculada internacionalmente, sendo uma espécie de “embaixadora” do país, no cenário da música internacional.

<sup>29</sup> A jovem-guarda é definida pelos estudiosos da música brasileira, como um movimento alegre e desprezioso, surgido em finais da década de 1960. Seus integrantes não estariam preocupados em conferir-lhe quaisquer conteúdos filosóficos ou políticos e seriam fortemente influenciados pelo *rock* internacional. Jerry Adriani, Wanderley Cardoso, Eduardo Araujo, Martinha, Silvinha, Wanderléa, Os Golden Boys e Leno e Lillian seriam os nomes associados a esse movimento, que teria nas figuras de Erasmo e Roberto Carlos, as suas maiores expressões.

Ainda no campo da música, ocorreriam outras manifestações de repercussão nacional. A Tropicália<sup>30</sup> e os Festivais da Canção, veiculadas pelas TVs Excelsior e Record, e, posteriormente pela TV Globo, de onde emergiu, em 1968, a música de Geraldo Vandré *Pra não dizer que não falei das Flores*, no auge da ditadura militar, e que se transformaria numa espécie de hino contra a repressão, amplamente utilizado em manifestações de protesto até hoje. Os Festivais envolveram principalmente a juventude universitária, e setores da intelectualidade, que neles identificava uma via de expressão da resistência ao regime, como avalia Heloísa Buarque de Holanda:

"Promovidos por estações de TV, os Festivais tornavam-se aos poucos um novo espaço de aglutinação e manifestação coletiva. As canções, colocadas em competição, atraíam um grande público que se manifestava sob a forma de verdadeiras "torcidas", procurando interferir com vaias e aplausos na escolha das composições vencedoras. A presença em massa da juventude estudantil, que assumia um papel de crescente importância na contestação ao regime de 64, envolvia as apresentações num ambiente de acalorada participação, onde se tornar adepto desta ou daquela música assumia muitas vezes ares de opinião pública".<sup>31</sup>

A televisão, que aos poucos assumiria, em alcance, a posição antes ocupada pelo rádio, em 1960, já ampliara o seu público no sul e chega a Fortaleza através da TV Ceará Canal 2, afiliada do Sistema de Emissoras Associadas. Paulatinamente, o novo veículo de entretenimento vai-se consolidando no dia a dia das famílias. Como toda nova forma de tecnologia antes da sua disseminação e posterior barateamento, era privilégio de uma minoria, o que ensejou o aparecimento de figuras que se tornaram muito comuns, principalmente nos setores mais populares: os "televizinhos", que chegavam por vezes a constituir verdadeiras platéias, uma vez que

<sup>30</sup> A Tropicália foi um movimento musical capitaneado por Gilberto Gil e Caetano Veloso, cuja fonte de inspiração teriam sido a montagem teatral "O Rei da Vela" de José Celso Martinez Correia e o filme "Terra em Transe" de Glauber Rocha. Essas duas produções artísticas, de caráter inovador e nada convencional, constituiriam a base estética da música dos baianos que, segundo Nelson Mota, juntava guitarras elétricas e letras "fragmentadas, cinematográficas, cheias de referências provocadoras ao universo pop brasileiro, as melodias que rompiam com os estilos estabelecidos e, embora trabalhadas dentro dos novos padrões do pop internacional, traziam mais para perto a tradição da música nordestina, revista e aumentada". A Tropicália seria uma oposição à Bossa Nova, sintetizando tendências internacionais e nacionalistas, a um mesmo tempo. Sobre o assunto, consultar MOTA, Nelson. *Noites Tropicais*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 2000. RIDENTI, Marcelo. *Em Busca do Povo Brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

<sup>31</sup> HOLANDA, H. B.; GONÇALVES, M. A. op. cit., p. 57.

aglutinavam pessoas da vizinhança em torno da TV de algum morador mais privilegiado. Seria essa uma nova forma de sociabilidade, resgatando em parte, o velho hábito do convívio nas calçadas, característico das populações dos pequenos centros, de raízes interioranas.

A televisão teria um papel de extrema importância como agente transformador, no que diz respeito às práticas de lazer. Inaugura uma forma de entretenimento caseiro, e contribui para diminuir as relações de convívio em sociedade. Da mesma forma, acelera o ritmo das influências culturais com a utilização da imagem como elemento de comunicação e sedução.

#### • CINEMA E CONSUMO – O PARADIGMA DE FELICIDADE

Das invenções tecnológicas que emergiram na Europa, no final do século XIX, no contexto histórico de afirmação da burguesia capitalista, o cinema foi uma das que mais rapidamente evoluiu, afirmando-se como indústria do entretenimento.

Isso foi possível, em função das características da produção cinematográfica que, ao permitir a multiplicação do número de cópias, propicia que um mesmo filme possa ser visto por um contingente ilimitado de espectadores. Como consequência desse aspecto, o investimento financeiro, empregado na atividade produtiva, retorna rapidamente às mãos do capitalista, em escala bem maior.

Como a origem e o aprimoramento do veículo se deram em países, cuja realidade econômica já contemplava a existência de um público consumidor interno, o pagamento dos custos de produção já era garantido. Visando ao aumento dos lucros, a atividade expandiu-se no sentido de incorporar platéias externas, particularmente as de áreas periféricas, abastecidas.

Nos países com fortes culturas nacionais, como Índia e Japão, por exemplo, a produção cinematográfica estrangeira enfrentou obstáculos para se estabelecer. Em outros, que não oferecem resistência cultural ou cuja cultura possui, em parte, elementos dos dominadores, como o Brasil, a colonização via cinema se efetuou plenamente. Isso explica o porquê da prevalência da produção de filmes europeus no Brasil, até o final da primeira guerra, quando é

substituída pela norte-americana, que se estabelece como grande fornecedora da produção cinematográfica.

Muito além de representar uma forma de diversão pura e simples, o cinema é, sobretudo, um veículo de excelência para disseminação de ideologias e mensagens ligadas aos mais diversos propósitos. É um tipo de lazer sedutor, que logo se universalizou na preferência do público.

Em Fortaleza, ainda em princípios do século XX, essa atividade já desfrutava de posição de privilégio, tanto em termos de importância do edifício dentro do contexto imagético urbano - localizado na Praça do Ferreira, centro polarizador, como é o caso do Cine-Theatro Majestic, inaugurado em 1917, pelo empresário Plácido de Carvalho - como no aspecto de opção preferencial enquanto prática de divertimento, por parte da população.

No início dos anos 1950, a cidade contava com dezoito salas de exibição<sup>32</sup> localizadas não só no centro da cidade, mas também em bairros e zonas periféricas, numa clara demonstração do nível de importância que essa forma de lazer assumia no cotidiano fortalezense nos vários segmentos da população.

Os filmes sempre foram influenciadores de comportamentos, mas a partir do período pós-segunda guerra, a "sétima arte" acentuou sobremaneira essa influência. A produção cinematográfica estrangeira, predominantemente a oriunda dos Estados Unidos impôs-se, ao lado dos clubes, como uma forma de lazer preferida das elites<sup>33</sup>. Inspirando atitudes, disseminando modismos, provocando sonhos e gerando expectativas, o cinema hollywoodiano compôs uma sinfonia orquestrada, cujo principal objetivo era disseminar, de forma mais acentuada nos países "colonizados", o *american way of life*.

O predomínio dos filmes norte-americanos deveu-se, principalmente, ao forte esquema de produção e distribuição implementado pelos Estados Unidos, aliado à existência, nos países periféricos, de mecanismos

<sup>32</sup> Em 1950, as salas de exibição de Fortaleza constantes das programações de cinema dos domingos eram as seguintes: Cine Diogo, Cine Moderno, Cine Majestic, Cine Rex, Cine Luz, Cine Nazaré, Cine Ventura, Cine Centro, Cine Messejana, Cine Familiar, Cine Santos Dumont, Cine Camará, Cine Jangada, Cine Atapu, Cine J. M. Távora, Cine América, Cine Samburá, Cine Araçanga.

<sup>33</sup> É importante que se diga que o Cinema é uma diversão consagrada também pelas demais categorias sociais. Há segmentação também nessa forma de lazer. Conforme a natureza das produções, essas atraem mais ou menos determinados setores. A história de Fortaleza, registra a existência de cinemas destinados aos mais ricos e às camadas mais populares.

institucionais, que garantiam a remessa de 70% dos lucros para os países de origem, termos bastante atraentes para a indústria cinematográfica estrangeira. Além disso, a produção brasileira, longe de atingir os padrões de qualidade técnica e mercadológica daquele país, não possuía um nível de competitividade capaz de fazer frente ao produto internacional.

A frequência com que os filmes de Hollywood eram assistidos, conferiu-lhes um ar de cotidianidade, dentro do lazer da população urbana, a ponto de criar uma certa "relação familiar" entre os espectadores, e os atores e linguagens utilizadas nesse veículo, conforme ressalta Paulo Emílio Sales:

"O cinema norte-americano em nossa sociedade havia adquirido uma qualidade de coisa nossa, na linha de que nada nos é estrangeiro, pois tudo o é".<sup>34</sup>

Tal familiaridade é intencionalmente construída, ancorada nos elementos que conferem à obra cinematográfica o seu valor de troca, como ressalta Jean-Claude Bernadet:

"A vedete é o principal elemento que dá ao filme seu 'valor de troca', ou seja, aquilo que, quase independentemente de as pessoas gostarem ou não do filme o torna vendável. O que chama o espectador é Rodolfo Valentino, Marilyn Monroe, Brigitte Bardot. O espectador torna-se um fã. Amplo esquema apoiou e continua apoiando o sistema: clubes de fãs, imprensa especializada, imprensa não especializada. É um novo Olimpo que se formou: os deuses e deusas do cinema. Não nos perguntamos se tal filme é bom ou não, o que queremos ver é o filme do Marlon Brando ou da Lisa Minelli".<sup>35</sup>

Em Fortaleza, os jornais dedicavam páginas inteiras às estrelas, divulgando curiosidades e aspectos relacionados não só à sua atuação profissional, mas acima de tudo à sua vida particular. Falava-se das viagens, dos amores, das alegrias e tristezas do ator ou atriz.

O fascínio exercido pelos astros e estrelas de Hollywood ficou patente, sobretudo, na famosa "Sessão das Quatro" do Cine Diogo. Era o cinema mais visto da cidade até 1958, quando foi inaugurado o prédio do Cine São Luís<sup>36</sup>,

<sup>34</sup> SALES, Paulo Emílio Salles. apud. HOLANDA, H. B.; GONÇALVES, M. A. op. cit., p. 34.

<sup>35</sup> BERNADET, *O que é Cinema*, p.74.

<sup>36</sup> A inauguração do cinema aconteceu em 26 de março de 1958, com a exibição do filme "Anastácia", direção de Anatole Litvak, com Ingird Bergman e Yull Brynner. A renda do evento foi revertida para as obras assistenciais do Abrigo Bom Pastor. A respeito do tema, ver NOBRE, F. Silva. *O Ceará e o Cinema*. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1989. GIRÃO, Blanchard. *Sessão das Quatro: cenas e atores de um tempo mais feliz*. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1998.

ambos mais luxuosos da cadeia do Sr. Luís Severiano Ribeiro<sup>37</sup>, cearense que entregou o seu "presente" à cidade após anos de espera e obras infundáveis. Não demorado o tempo empregado na construção<sup>38</sup> do São Luís (1939 / 1958), que a população a ela se referia como uma "sinfonia inacabada" ao lado da reedificação da Catedral (1939 / 1982) e das obras do Porto do Mucuripe (1938 / 1961).

Aos filmes domingueiros do Diogo ocorria toda a mocidade das classes mais abastadas ostentando elegância e sofisticação com modelos caprichados e complementos como luvas e estolas. Aos homens era indispensável o uso do paletó. Consta a esse respeito, o episódio de que o cineasta Orson Welles, em sua passagem por Fortaleza, indo visitar o Cine Diogo, teve o seu acesso barrado, obviamente por um porteiro que não o conhecia, por não estar convenientemente vestido de paletó<sup>39</sup>. A platéia, tal como na tela, tentava reproduzir o clima de fantasia e sonhos embalados por "divas" e galãs.

"A Sessão das Quatro era o ponto de encontro nas tardes domingueiras, da juventude dourada daquela época. Nas manhãs, estávamos na piscina e na praia do Ideal Clube e à tarde... seria até um sacrilégio não comparecer à sessão das quatro. As garotas mais lindas, influenciadas pelo *new look* de Christian Dior e Jacques Fath, surgiam em saias imensas, grandes decotes resguardados com fartas estolas e luvas (quem diria?!) depois dessa performance, era hora dos planos para logo mais à noite, participar das tertúlias do Maguari".<sup>40</sup>

Com efeito, a influência da indumentária das estrelas americanas não se dava por acaso. Ainda na década de 1910, a indústria cinematográfica já começara a se organizar em bases industriais, com o objetivo de fazer de seus filmes, produtos a serem consumidos por platéias diversas. A difusão, que ocorre nos anos seguintes, em ritmo constante, é calcada no *star system*, que

<sup>37</sup> Luís Severiano Ribeiro era natural de Baturité-Ce, nascido em 3 de julho de 1885. foi um grande empreendedor no setor cinematográfico, ficando conhecido como "Rei do Cinema no Brasil".

<sup>38</sup> O grande espaço de tempo consumido na construção do Cine São Luís provavelmente tinha como um dos motivos o fato de que a cidade não "tinha pressa" pelo novo equipamento, uma vez que as suas dimensões não reclamavam a existência de dois cinemas de alto padrão.

<sup>39</sup> O paletó era o traje masculino exigido em quase todas as situações de convívio social. Sobre o episódio envolvendo o cineasta Orson Wells consultar HOLANDA, Firmino. *Orson Wells no Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

<sup>40</sup> SILVEIRA. *Recordando a Sessão das Quatro*, p. 80.

vendia o filme associado à imagem dos atores protagonistas, como esclarece Maria Cristina Nacif:

"A estratégia de difusão do cinema era baseada no "star system", que vendia o produto-filme, calcado na imagem do ator/atriz. A publicidade cinematográfica desse sistema utilizava vários mecanismos. (...) Como resultado desse sistema, a noção de fotogenia divulgava padrões de beleza, higiene e saúde, além de luxo e riqueza, que deveria ser aplicada tanto às pessoas como às paisagens e interiores".<sup>41</sup>

Até 1930, as peças utilizadas nas películas pertenciam ao guarda-roupa particular das atrizes, muitas delas compradas aos estilistas da alta-costura parisiense. A partir daí, os estúdios passaram a confeccionar os figurinos de seus próprios filmes. Vários dos profissionais encarregados dessa tarefa provinham de famosos *ateliês* de Nova Iorque. Não raro, contrataram-se estilistas franceses para criar modelos a serem usados em produções cinematográficas.<sup>42</sup>

As roupas, vestidas pelas artistas, eram utilizadas como elemento de propaganda dos filmes. Não somente roupas, como também produtos de beleza<sup>43</sup> e toda uma variedade de objetos, compondo uma estratégica parceria com os magazines nova-iorquinos, no que se convencionou chamar de *merchandising*.<sup>44</sup>



Figura 3  
Elizabeth Taylor



Figura 4  
Marilyn Monroe



Figura 5  
Audrey Hepburn



Figura 6  
Ingrid Bergman



Figura 7  
Ava Gardner

Quatro atrizes do "Olimpo hollywoodiano" que incorporaram um padrão de beleza perseguido pelas mulheres de diferentes segmentos sociais, nas décadas de 1950-1970. (Fonte: Internet - site: [www.reelclassics.com](http://www.reelclassics.com))

<sup>41</sup>WACF. *A moda no Brasil e os modelos estrangeiros: a influência do cinema de Hollywood na moda do vestuário feminino nos anos 30-40*, p.37-38.

<sup>42</sup>Womens como Chanel, Schiaparelli, Dior, Givenchy, deixaram sua marca no cinema.

<sup>43</sup>No âmbito nacional, ficou famosa a propaganda dos sabonetes da *Gessy-lever*, "preferidos por nove entre dez estrelas do cinema".

<sup>44</sup>O *merchandising* tornou-se uma estratégia eficiente, exaustivamente utilizada nas produções cinematográficas e televisivas, porque incorpora ao produto, as características de quem o usa, ou seja ao adquirir o produto, o consumidor se assemelharia, nesse aspecto, ao artista que o promove.

Em Fortaleza, a moda das estrelas, chegaria, além da via do cinema, através de revistas como “O Cruzeiro”, “Manchete” e outras de circulação nacional, lançadas em finais da década de 1960. As publicações veiculavam as tendências internacionais no campo da moda, assim como forneciam modelos de sapatos, com o fim de serem copiados. As revistas voltadas para o campo específico da costura, traziam moldes e instruções que facilitariam a confecção dos modelos por parte das costureiras.

A supremacia dos Estados Unidos, consolidada ao final da segunda guerra, se faria sentir não só ao nível da “colonização cinematográfica”, mas também pela introdução de um grande volume de bens de consumo, que começam a fazer parte do cotidiano das populações citadinas. Modismos e mudanças, de inspiração americana, ocorreriam também ao nível dos comportamentos, em substituição aos influxos franceses tão presentes até o começo do século XX. Palavras em inglês, bebidas, roupas e acessórios exercem fascínio e são copiados.

Essa “submissão” aos modelos importados constitui uma das características da modernidade dos países de economia dependente, conforme já comentado. A tentativa de criação de realidades paralelas, diferentes das existentes, de simulacros, da antecipação de um vir a ser, permeiam as relações e os comportamentos das sociedades ditas atrasadas, numa busca constante por suprir o descompasso com os centros avançados, ainda que só no campo do ideal. Comparando a modernidade desses dois mundos, comenta Berman,

“Em países relativamente avançados, onde a modernização econômica, social e tecnológica é dinâmica e próspera, a relação entre arte e pensamento modernistas e realidade circundante é clara, mesmo quando (...) essa relação é complexa e contraditória. Contudo, em países relativamente atrasados, onde o processo de modernização ainda não deslanchou, o modernismo, onde se



Figura 8 – Propaganda veiculada na revista O Cruzeiro em março de 1951 (Fonte: 100 Anos de Propaganda. São Paulo: Abril Cultural, 1980).

desenvolve, assume um caráter fantástico, porque é forçado a se nutrir não da realidade social, mas de fantasias, miragens e sonhos”.<sup>45</sup>

O incremento da indústria do consumo se deu em virtude do redirecionamento da infra-estrutura produtiva, que no período 1939-1945 voltava-se para a fabricação de bens suporte do conflito bélico. Aliado a um forte esquema de estratégias de mercado, o esforço fabril dirigido a outros fins despejou no comércio internacional, um grande volume de produtos que passaram a seduzir e induzir ao hábito de comprar, sendo expostos nas lojas, com fortes e convincentes apelos.

Esses novos objetos e invenções, de maneira paulatina, começaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, mudando hábitos e costumes. João Melo e Fernando Novais<sup>46</sup> fazem um inventário extenso e detalhado das novidades que se incorporaram definitivamente ao dia a dia do brasileiro das camadas médias e em certa medida, até mesmo, dos setores urbanos menos



Figura 9 – O Cruzeiro.  
28 dec. 1953.



Figura 10 – O Cruzeiro.  
16 jan. 1954.



Figura 11 – O Cruzeiro.  
17 dez. 1955.



Figura 12 – Manchete.  
21 set. 1957.



Figura 13 – Manchete.  
15 jun. 1957.



Figura 14 – O Cruzeiro.  
04 mar. 1961.

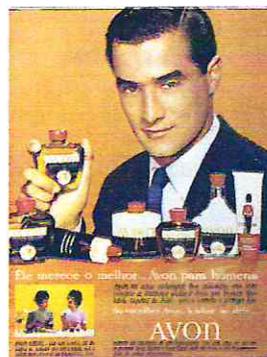


Figura 15 – Cláudia.  
mar. 1962.



Figura 16 – Manchete.  
11 mai. 1968.

Propagandas veiculadas em revistas de circulação nacional entre 1950-1970. (Fonte: 100 Anos de Propaganda. São Paulo: Abril Cultural, 1980).

<sup>45</sup>BERMAN. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*, p. 224.

<sup>46</sup>MELLO, J. M.; NOVAIS, F. A. *Capitalismo tardio e Sociabilidade Moderna*, p. 562-574.

alimentos enlatados, tecidos sintéticos, artigos de higiene, mensagem, produtos de limpeza, utensílios de plástico, refrigerantes, chocolates, balas, equipamentos de cozinha e eletrodomésticos que facilitaram sensivelmente as tarefas domésticas.

Em Fortaleza, o passeio para “ver vitrines” passou a fazer parte do lazer de uma população consumidora, ávida por novidades, que via na aquisição de novos bens, principalmente os que incorporavam avanços de natureza tecnológica, uma maneira de inserção no mundo civilizado.

Aparelhos de rádio, geladeiras, fogões, equipamentos de cozinha, hoje banais, eram associados como grandes invenções que auxiliariam as donas de casa nos trabalhos caseiros diários, necessitando inclusive de esclarecimentos quanto ao funcionamento, como evidencia o anúncio do “Unitário” sobre liquidificadores:

“Chegou nova remessa destes famosos liquidificadores. Peça demonstração em sua casa. Distribuição exclusiva de Raimundo Mattos Júnior”.<sup>48</sup>

De forma ampla, a lógica do consumo passou a refletir, inquestionavelmente, as relações e os modos de vida do mundo ocidental. Essa característica vem se exacerbando cada vez mais, com o passar dos anos, ancorada nas estratégias de marketing e na sofisticação dos mecanismos adotados pelos mercados internacionais. Sobre esse aspecto, manifesta-se Oliven:

“Os padrões de comportamento que as culturas modernas impõem a seus membros envolvem as idéias de sucesso, de consumir e de dinheiro como fontes de felicidade. A



Figura 17 – Correio do Ceará. 03 set. 1960.



Figura 18 – Correio do Ceará. 03 set. 1960.



Figura 17 – Correio do Ceará. 04 set. 1960.

<sup>48</sup> O consumo dos setores menos abonados teria sido possível em função do crediário, e da proliferação de marcas alternativas para um mesmo produto, que se vão introduzindo no mercado.

<sup>49</sup> Jornal Unitário, Fortaleza, 06 jul. 1950.

ditadura de consumo que se instaurou nos países altamente desenvolvidos, dada a necessidade de as indústrias venderem seus novos produtos, faz com que estes necessitem tornar-se rapidamente obsoletos, a ponto da obsolescência ser inclusive planejada”.<sup>49</sup>

Na segunda metade da década de cinquenta, no período desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek, o discurso ufanista anti-atraso contribuiu para acentuar o caráter urbano da sociedade, em função do modelo econômico e da conjuntura sociopolítica. A introdução da indústria automobilística vai gerar novas demandas urbanas, além das demais já existentes, como a exigência de criação e alargamento de vias em função do aumento do volume do tráfego. Registra-se também nessa época um grande fluxo de emigração no sentido do planalto central para a construção da nova capital, Brasília.

Em meio a esse clima de euforia e novidades, a família média brasileira mantinha-se coesa, cultivando valores comportamentais de matriz conservadora, evidenciados nas trocas e convivências em sociedade.

#### • COMPORTAMENTO: RECATO E CONTESTAÇÃO. ANOS DOURADOS, ANOS REBELDES

“Você Marina, afirma categoricamente que, muito embora possuindo um marido “atencioso”, uma casa com todo conforto e dois filhos lindos, mesmo assim ainda se sente infeliz. É oportuno perguntar-lhe: no que reside a felicidade?... você acredita que viajando seria realmente feliz? Não, não, Marina. Felicidade não é bem isso, não é o que você está pensando; a felicidade consiste unicamente em uma coisa muito superior e mais fácil para se conseguir do que viagens pelo mundo a conhecer montanhas de neve. Muita gente viaja para onde quer e nem por isso se considera realmente feliz. Sabe por que Marina? Não tem toda essa gente o que eu, você e outras temos: um lar, um espôso e dois filhos lindos....”<sup>50</sup>

O texto acima foi extraído da seção feminina de “O Cruzeiro”, principal revista de informação e variedades, de circulação nacional, durante os anos 1950 e 1960. *Da Mulher para a Mulher* respondia a perguntas de leitoras ao

<sup>49</sup> OLIVEN. *Metabolismo Social da Cidade e outros ensaios*, p.32.

<sup>50</sup> O comentário é de Maria Teresa, jornalista responsável pela coluna “da Mulher para a Mulher”, na Revista *O Cruzeiro* de 20 de julho de 1963.

mesmo tempo em que as aconselhava em suas dúvidas e angústias. Pelo tom do comentário, depreende-se que um forte viés de natureza moral norteava as opiniões emitidas pela revista, que nada mais fazia do que reproduzir as expectativas de um modelo de comportamento de mulher, característico da classe média brasileira durante a década de 1950.

Nos "anos dourados", a diferenciação dos papéis masculino e feminino também evidenciada na sociedade, cabendo à mulher o destino de ser esposa, mãe e dona de casa e ao homem a responsabilidade de chefe de família e provedor. Os limites e as expectativas atribuídas a ambos os sexos estavam embudidos nas idéias veiculadas pela mídia, principalmente revistas, jornais e rádio – a TV era ainda incipiente – e disseminavam os valores de classe, gênero e raça dominantes na época. Dessa forma, esses veículos influenciavam comportamentos da mesma forma que sofriam influências dos mecanismos sociais vivenciados. Como avalia Carla Bassanezi,

"Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história e sem possibilidades de contestação. A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas de feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade. A mulher que não seguisse seus caminhos, estaria indo contra a natureza, não poderia ser realmente feliz ou fazer com que outras pessoas fossem felizes".<sup>51</sup>

Inspirada em conteúdos prescritivos, a educação feminina, desde a infância, era direcionada no sentido de formar a mulher e prepará-la para assumir futuramente o papel que a sociedade dela esperava. A maternidade era estimulada desde cedo, com a prevalência das bonecas nas brincadeiras das meninas. Uma forma de estimular, desde a mais tenra idade, a naturalização do instinto maternal.

Para conseguir o tão almejado casamento, "a moça de família" tinha que adotar um padrão de comportamento irrepreensível aos olhos da sociedade: vestir-se com sobriedade, ter gestos contidos, não manifestar sensualidade, não se relacionar com grande número de rapazes e, acima de

<sup>51</sup> BASSANEZI. *Mulheres dos Anos Dourados*, p. 609. Ver também da autora: *Reverendo as Mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

... não ter relações sexuais antes do casamento. Segundo a moral dominante, era a virgindade o fator que garantia o respeito social e a possibilidade de um "casamento-modelo".

As moças que assim não procediam eram taxadas de levianas, rótulo com o qual se designavam aquelas que ousavam desafiar os padrões vigentes, com comportamentos mais livres e espontâneos e que, por isso mesmo, ficavam "mal faladas". Estariam, por assim dizer, situadas entre as "moças de família" e as prostitutas. Com essas, os rapazes namorariam e se divertiriam, mas, para casar, somente as moças de família eram procuradas. Esse era o discurso utilizado pelos pais que, sempre atentos e zelosos estariam, ao preservar a honra da filha, preservando a respeitabilidade do seu próprio nome na sociedade.

Quanto ao aspecto profissional, o trabalho feminino fora de casa, na década de 1950, ainda era visto com reservas. O senso comum julgava-o incompatível com as obrigações da mulher para com o lar, o marido e os filhos.

O assunto suscitava polêmica, sendo inclusive, objeto de matérias em jornais que analisavam as possíveis implicações que traria o trabalho feminino, para o equilíbrio do lar, como ilustram os seguintes exemplos:

"AS MÃES DEVEM TRABALHAR? As pessoas que comentam se as mães devem ou não trabalhar colocam-se sempre em dois grupos; os que acham que sim e os que acham que não. O assunto não foi até agora decisivamente resolvido porque é muito complexo. (...) Muitos pontos devem ser levados em consideração. Por exemplo, os filhos e a idade. Quanto mais jovem a criança, tanto mais próxima dos cuidados maternos deve estar. (...) Os pontos de vista do marido são também importantes. Alguns foram criados de tal maneira, possuem idéias tão arraigadas a respeito das coisas que, se não querem que a mulher trabalhe, melhor será para elas que não o façam, para evitar conflitos domésticos".<sup>52</sup>

"(...) deve a mulher casada trabalhar fora de casa? Divergem muito uns que não há inconvenientes na aceitação dos dois estados de vida. Outros dizem que a carreira repele a vida de família e esta, aquela. (...) Ninguém melhor do que uma mãe pode conhecer seus filhos para educá-los convenientemente. Não há dinheiro que compre a assistência igual à sua. (...) O que se aponta como prejudicial é a carreira que rouba à esposa o melhor de sua atividade: o ser dona de casa (...)"<sup>53</sup>

<sup>52</sup> *Jornal Unitário*, Fortaleza, 27 ago. 1950.

<sup>53</sup> *Jornal O Jornal*, Fortaleza, 13 ago. 1958

Apesar das controvérsias, em função da conjuntura econômica, ampliaram-se as oportunidades para as mulheres nos setores de comércio e serviços públicos e em profissões julgadas adequadas à natureza do sexo (negl. nos setores de enfermagem, vendas, assistência social. A possibilidade de ocupação em atividades, que exigiam preparo, induziu a uma maior ascensão feminina. Segundo Carla Bassanezi,

“O desenvolvimento econômico da década de cinquenta também aumentou os níveis de escolaridade feminina. No ensino elementar e no médio, o número de mulheres já estava próximo ao dos homens. A proporção de homens para mulheres com curso superior, que em 1950 era de 8,6 para 1, baixou em 1960, para 5,6. Considerado o mais próximo da função de “mãe”, o magistério era o curso mais procurado pelas moças, o que não significava sequer que todas as estudantes fossem exercer a profissão ao se formarem, pois muitas contentavam-se apenas com o prestígio do diploma e a chamada ‘cultura geral’ adquirida na escola normal.”<sup>54</sup>

Em Fortaleza, apesar de já existir a Escola de Enfermagem São Vicente de Paula<sup>55</sup>, a formação intelectual das moças da “boa sociedade” se dava principalmente através dos cursos da Escola Normal e dos Colégios de Fieiras.<sup>56</sup> Não era incomum que as famílias de maiores posses enviassem suas filhas para estudar em Colégios do Rio de Janeiro. As profissões liberais de nível superior praticamente não eram exercidas pelas mulheres cearenses. Na seção *Indicador Profissional*, do jornal “Unitário” de 1950, entre trinta e dois anúncios de profissionais liberais, apenas três referiam-se a serviços femininos, ainda assim em especialidades ligadas ao atendimento de outras mulheres ou crianças.<sup>57</sup> As notas referem-se aos serviços da Dra. Lucy Holanda, médica de senhoras, Dra. Maria Pinto Quesado, médica de crianças e Dra. Ivone Xavier Malta, cirurgiã-dentista, clínica geral e de crianças.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 625.

<sup>55</sup> A Escola de Enfermagem foi criada em 1943, estimulada pela necessidade de enfermeiras gerada pela segunda guerra – 1939 / 1945 – na qual tomou parte o Brasil. As demais escolas superiores existentes em Fortaleza vinculavam-se a atividades tidas como “masculinas”, na época. Eram: Faculdade de Direito, Faculdade de Farmácia e Odontologia, Escola de Agronomia e faculdade de Ciências Econômicas. A Universidade só seria instalada em 1955.

<sup>56</sup> Em Fortaleza, os Colégios religiosos mais freqüentados pelas classes mais abonadas eram: o Colégio das Dorotéias (1915), a Escola Doméstica São Rafael (1938), e o Colégio da Imaculada (1865); este último, o mais “tradicional”, preferido pelas famílias da elite econômica local.

<sup>57</sup> *Jornal Unitário*, Fortaleza, 13 jan.1950.

De certa maneira, o fato de ser unicamente dona-de-casa, constituía um indicador de *status*, pois a mulher que dedicava-se unicamente às atividades do lar e às obrigações sociais, assim procedia, porque podia ser sustentada pelo marido, como esclarece um colunista: “As mulheres naquela época eram simplesmente “senhoras de sociedade” ou “dondocas” como dizem alguns”.<sup>58</sup>

Ainda no que diz respeito à realização profissional, apesar da participação feminina nos esforços de guerra e o próprio desenvolvimento econômico terem atuado como estimuladores de um certo grau de emancipação, com o fim do conflito, passou-se a pregar a volta da mulher ao lar e ao seu tradicional papel. Em matéria veiculada no jornal “Unitário”, comenta-se que, a falta de cortesia, que se estava verificando nas relações entre homens e mulheres, devia-se ao fato de as mesmas já não possuírem a feminilidade que lhes é peculiar, em função dos comportamentos assumidos quando de sua participação nos esforços de guerra:

“(...) de 1939 a 1945 as mulheres tomaram parte ativa nos trabalhos que anteriormente eram de exclusiva atenção masculina. Portanto, a “mulher amazona” é apenas consequência da mobilização geral. O homem vai para a linha de frente; e a amazona fica na retaguarda, guiando automóveis, preparando os obuzes, tratando os feridos, ouvindo gemidos como se fosse coisa natural. Há quem diga porém, que a guerra, depois de terminada, faz voltar à atividade normal o exército de militantes femininas. Ora, não se deve esquecer que a guerra deixa feridas que não se apagam tão facilmente, e cria outros casos de adaptação bem difíceis de resolver. Parece que os instintos primitivos de defesa e ataque afloram e tudo isso provoca retirada desordenada da cortezia (...)”<sup>59</sup>

Tamanha rigidez e controle social encontravam nos clubes o ambiente adequado para que a “moça de família”, sob os olhos vigilantes dos pais e dos demais freqüentadores, aí travasse contatos com rapazes de seu nível, entabulasse conversas e iniciasse namoros que se transformariam em noivados e posteriores casamentos. Com efeito, essas instituições constituíam uma maneira de inserção da mulher na vida social. Muito restrita à esfera doméstica e à execução de tarefas ligadas à família, representavam para o segmento feminino da época, uma oportunidade para exercitar a vaidade, dançar e cultivar amizades. O “ambiente familiar” dos clubes é sempre

<sup>58</sup> LOPES, J. A. *Colunistas e Colunáveis: entrevistas sobre o comportamento social*, p.44.

<sup>59</sup> *Jornal Unitário*, Fortaleza, 30 jul. 1950. J. Guerra, “Desejam restaurar os hábitos de polidez”.

lembrado e valorizado na memória de quem vivenciou o período, conforme demonstram os depoimentos abaixo:

“Aquilo era lazer de família. Os pais deixavam os filhos lá porque os diretores eram como pais. Zelavam pelos filhos”.<sup>60</sup>

“O Ideal era como se fosse o quintal lá de casa. Era uma família só. Todo mundo se conhecia”.<sup>61</sup>

Reportando-se aos padrões de comportamento feminino em sociedade, no período abordado (décadas de 1950 e 1960), a colunista social Geraldina Amaral comenta:

“Marido cearense ainda proibia a mulher até de dar entrevista em jornal (...) Mulher morria de medo de escrever e ser entrevistada, o marido tinha que revisar tudo depois (...) Mulher dirigir carro sozinha era impensável”.<sup>62</sup>

Na mesma linha de opinião de Geraldina, Judith Sendy esclarece que a mulher, em público, só tomava refrigerante, pois bebida alcoólica era inadequada a uma moça de família. “Mas, na intimidade das mansões, serviam-se deliciosos pilequinhos”.

O depoimento da colunista deixa entrever o aspecto de que extravagâncias só seriam toleradas, em círculo privado, restrito, sob a proteção da família e dos amigos.

### **Dois pesos e duas medidas**

No relacionamento entre os sexos, a superioridade do homem era ponto pacífico, sobre o qual não cabiam quaisquer discussões ou questionamentos. Era ele o provedor e o protetor do lar. Sua vontade prevalecia sobre a dos demais componentes da família, que não deviam poupar esforços no sentido de satisfazê-lo e vê-lo feliz.

Essa ideologia impregnava inclusive, as revistas direcionadas ao público feminino, as quais não se cansavam de emitir conselhos e ensinar truques para as leitoras, visando à satisfação do marido, e à preservação do

<sup>60</sup> Depoimento do Dr. Zezito, out. 2002.

<sup>61</sup> Depoimento da Sra. Ayla Vieira, jun. 2003.

<sup>62</sup> AMARAL, Geraldina, apud LOPES, J. A. op. cit., p. 39

casamento. Em estudo que realizou sobre a produção da revista *Cláudia*<sup>63</sup>, Ana Rita Fonteles comenta a esse respeito:

"Ressalte-se que a responsabilidade de manter a relação era delegada estritamente à esposa, que deveria fazer tudo para agradar o marido, centro de seu pequeno mundo. (...) A companheira ideal, de acordo com o que era aconselhado pela Revista, deveria evitar assuntos que provocassem discussões ou favorecessem o mau humor ou a decepção do marido, fazendo de tudo para não contrariá-lo, mesmo quando ela tivesse razão sobre determinada questão"<sup>64</sup>.

Os jornais também seguiam a mesma linha nas seções destinadas às mulheres, como exemplifica a matéria "Regras para a felicidade conjugal":

"(...) Conserva a tua feminilidade se desejas conservar o amor do teu marido.

Mantém viva em teu marido a confiança em si mesmo.

Faze com que ele possa sempre acreditar em ti.

Ama o que ele ama, e evita entrar em aberto contraste com as preferências dele.

Sê a amiga, a conselheira, a consoladora, mas também a inimiga se ele estiver trilhando um mau caminho.

Não o oprimas com a ternura e conserva o equilíbrio nas tuas expansões.

Os homens apreciam os elogios: serve-te desta arma com amorosa inteligência.

Interessa-te pelos seus negócios, mas não queiras saber tudo, saber demais. (...).<sup>65</sup>

No que se refere ao sexo, se para a mulher o código moral era rígido e repressor, aos homens permitiam-se certos comportamentos, tidos como compatíveis com seus instintos naturais. Encarava-se com normalidade que os rapazes tivessem relações sexuais antes do casamento e até via-se o fato como uma maneira de preservar a virgindade das "moças de família". Da mesma forma, as "escapulidas" dos homens casados, no senso comum, deveriam ser toleradas, não constituindo motivo suficiente para a "destruição de um lar". A indulgência e a aceitação para com a conduta masculina baseava-se no fato de que as tendências à infidelidade e à poligamia eram características intrínsecas à sua natureza,

<sup>63</sup> A Revista *Cláudia* foi lançada em outubro de 1961, pela Editora Abril. Destinava-se ao público feminino, enfocando assuntos que constituiriam objeto de seu interesse como moda, culinária, decoração, comportamento, etc.

<sup>64</sup> FONTELES. *Carmen da Silva: entre história e memória, uma feminista na imprensa brasileira*, p. 49-51.

<sup>65</sup> *Jornal O Jornal*, Fortaleza, 30 jul. 1958.

Dentro desse raciocínio, as “pensões alegres” e os cabarés seriam, por assim dizer, um “mal necessário”, já que se destinavam a satisfazer as demandas masculinas, “perfeitamente compreensíveis”, por divertimentos mais livres de controle. Além do viés sexual, representariam tais locais, ambientes onde se praticava a dança. Aprendia-se a dançar no cabaré para depois voltar, de forma comportada, no clube.

Ainda no campo do comportamento masculino, na segunda metade da década de 1950, uma “certa rebeldia” viria a surgir em alguns segmentos jovens, inspirada em ídolos do cinema hollywoodiano como Marlon Brando e James Dean. Veiculavam esses astros, uma imagem de virilidade, coragem e gosto pela aventura e pelo risco: “viver perigosamente”. A motocicleta e a lambreta funcionaram como símbolos dessa juventude.

A arrogância, associava-se também a truculência desses grupos, prontos a demonstrações de valentia. Eram tidos como desordeiros, sempre prontos a enfrentamentos com a polícia ou com quem a eles se opusesse. No Rio de Janeiro ficou famoso o “clube de cafajestes” cujos integrantes procederiam de boas famílias da classe média.

Em sua crônica *No tempo das lambretas*, Juarez Leitão fala da repercussão dessa “onda” em Fortaleza:

“A lambreta chegou ao Ceará em 1958, através da Importadora Nordeste, de Audísio Pinheiro, e da Companhia Quixadá de Roberto Fiúza. Rapidamente virou objeto de consumo predileto dos jovens de alta classe média, que, formando blocos, se reuniam na Praça do Ferreira e dali partiam em caravana para os sítios ou cidades do interior, anteriormente combinadas para o conagraçamento. Os lambretistas passaram a desfrutar de um elemento superior de conquista sobre os demais, junto às garotas (ou brotos, como eram chamadas), que também se orgulhavam da condição de garupeiras. Mas a lambreta era um divisor moral para a sociedade conservadora. Menina direita, isto é, certinha, comportada, não deveria andar em garupa de lambreta. (...) A maioria dos lambretistas de Fortaleza se manteve distante da rebeldia violenta que o veículo chegou a representar em outras partes do mundo. Na verdade não havia uma ideologia, um movimento claro de contestação. O que passavam era a condição de moderno e o exercício da vaidade adolescente”.<sup>66</sup>

A observação do cronista ratifica a noção de que, os modismos em Fortaleza, encontram de pronto, terreno fértil para se desenvolver, não importando o que sejam, ou os valores que envolvam. No caso da lambreta,

<sup>66</sup> LEITÃO. *Sábado. Estação de Viver*. histórias da boêmia cearense. p. 278-279.

com patentes o exibicionismo, a demonstração de “macheza” e poder tão associados ao veículo. Seria esse mais um símbolo, dos utilizados à época, por uma parcela da juventude das classes dominantes, na busca do respeito, pela força, e a diferenciação, pelo objeto de consumo.

### **Sigam outros ventos...**

O modelo familiar calcado na repressão feminina e no machismo prevaleceu ainda durante muito tempo e ainda pode ser observado hoje, em diferentes realidades, em graus e intensidades diferenciados, segundo os contextos sociais específicos. Nos meios urbanizados, ditos “mais adiantados” contudo, onde a assimilação de novas tendências e comportamentos se dá de maneira mais rápida, o afrouxamento dos laços familiares e a adoção de novos padrões de conduta vão começar a ocorrer na década de 1960.

Época de grandes transformações sociais em todo o mundo, os anos sessenta representaram, no campo do comportamento, o início da ruptura com antigos padrões estabelecidos e a busca por posturas individuais e coletivas mais autênticas e igualitárias.

Sob a perspectiva política, no âmbito internacional, o recrudescimento da guerra fria, a revolução cubana (1959), a guerra do Vietnã (1964-1975), a revolução cultural chinesa (1966-1969) e os acontecimentos de maio de 68, na França, entre outros episódios, influenciaram toda uma geração de intelectuais<sup>67</sup> e jovens estudantes brasileiros. No panorama nacional, a Ditadura Militar que se instalou a partir de 1964, desencadeou nesses segmentos, movimentos de resistência e inconformismo<sup>68</sup>.

Sobre o período comenta Ridenti:

<sup>67</sup> Conforme ressalta Ridenti, o termo “intelectuais” contempla dois sentidos: o sentido estrito: “categoria social definida por seu papel ideológico: eles são produtores diretos da esfera ideológica, os criadores de produtos ideológico-culturais”, o que engloba escritores, artistas, poetas, filósofos, sábios, pesquisadores, publicistas, teólogos, certos tipos de jornalistas, certos tipos de professores e estudantes etc., e o sentido amplo de trabalhadores intelectuais (por oposição a trabalhadores manuais), o que inclui as profissões liberais, os empregados, os técnicos, enfim o conjunto mais largo no interior do qual se destaca o setor de intelectuais em sentido estrito. RIDENTI. *Em Busca do Povo Brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*, p. 53.

<sup>68</sup> Sobre o assunto consultar também MARTINS FILHO, João Roberto. *Movimento Estudantil e Ditadura Militar. 1964-1968*. Campinas: Papirus, 1987.

“Na década de 1960, a utopia que ganhava corações e mentes era a revolução (não a democracia ou a cidadania, como seria anos depois), tanto que o próprio movimento de 1964 designou-se como *revolução*. As propostas de revolução política e também econômica, cultural, pessoal, enfim em todos os sentidos e com os significados mais variados, marcaram profundamente o debate político e estético, especialmente entre 1964 e 1968. Enquanto alguns inspiravam-se na revolução cubana ou chinesa, outros mantinham-se fiéis ao modelo soviético, enquanto terceiros faziam a *antropofagia* do maio francês, do movimento *hippie*, da contracultura, propondo uma transformação que passaria pela revolução nos costumes. Rebeldia contra a ordem e revolução social por uma nova ordem mantinham diálogo tenso e criativo, interpenetrando-se em diferentes medidas na prática dos movimentos sociais, expressa nas manifestações artísticas e nos debates estéticos”.<sup>69</sup>

A oposição ao regime se cristalizou fortemente através dos movimentos estudantis, nos quais se empunharam bandeiras de conteúdo revolucionário, nas famosas passeatas. Das fileiras desses movimentos saíam militantes políticos e grupos que enveredariam pela guerrilha urbana. Figuras como Fidel Castro, Che Guevara e Mao-Tsé-Tung tornaram-se ícones desse “espírito de contestação”, que impregnava uma parcela da juventude insatisfeita e desejosa de mudanças. Sobre esses episódios, manifesta-se Carmo:

“As passeatas eram verdadeiros espetáculos. Com estudantes empunhando bandeiras do Brasil e cartazes com rostos de Fidel Castro e Che Guevara, elas davam uma dimensão superestimada da oposição ao regime. No Exército, as chamadas “forças de ordem” se desentendiam e as manifestações de rua, mesmo proibidas, se realizavam”.<sup>70</sup>

Em Fortaleza, setores da juventude universitária também se antonizaram com a resistência que ocorria nas demais Instituições de Ensino Superior do país. No livro *Foi Assim. O Movimento Estudantil no Ceará de 1928 a 1968*, Bráulio Ramalho<sup>71</sup> resgata a origem e a trajetória do movimento estudantil no Estado, enriquecendo a narrativa com depoimentos e descrições de eventos e episódios nos quais se evidenciam o autoritarismo e a repressão

<sup>69</sup> RIDENTI. op. cit. p.44.

<sup>70</sup> CARMO. *Culturas da Rebeldia: a juventude em questão*, p. 87.

<sup>71</sup> RAMALHO. *Foi Assim! o movimento estudantil no Ceará (1928-1968)*. Rio - São Paulo - Fortaleza: ABC Editora, 2002. Sobre o tema ver também MAIA JÚNIOR, Edmilson Alves. *Memórias de Luta. Ritos Políticos do Movimento Estudantil Universitário (Fortaleza, 1962-1969)*. 2002, 254 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará – UFC, 2002.

que imperavam na época. Figuras de destaque na comunidade acadêmica, e no panorama político e social de hoje, foram alvo de arbitrariedades e atos de repressão.

Possivelmente fosse essa juventude “politizada”, um contraponto a uma certa parcela dos jovens freqüentadores dos clubes elegantes, que beneficiários de um estilo de vida elitizado, talvez nem tivessem a exata percepção da gravidade política vivenciada no país, ou se a tinham, provavelmente a percebessem de maneira eufemística, uma vez que isso em nada afetava suas atividades cotidianas.

A esse respeito, observa Augusto Lopes: “Fortaleza, 1967. Já pintava-se aí um clima de AI-5, mas a cidade fervia de recepções e promoções no ‘social-set’, como se tudo estivesse no melhor dos mundos”.<sup>72</sup>

No cenário internacional, os movimentos de contracultura, oriundos dos Estados Unidos, disseminam-se mundo afora, pregando o pacifismo, o amor livre, o desapego aos confortos materiais e a experiência com as drogas, como uma maneira de ampliar as possibilidades de percepção e experiência de novas sensações.

Novos sujeitos também reivindicaram o espaço e o respeito que lhes eram devidos. O eco da voz de líderes do movimento negro nos Estados Unidos como Malcom X e Martin Luther King se fez ouvir nos mais diversos locais do planeta, ultrapassando os limites de uma luta localizada, no âmbito dos direitos civis. Uma consciência ecológica tomava contornos e a teoria da “aldeia global” era expressa pela primeira vez pelo teórico da comunicação Marshall McLuhan.

Nesse contexto de efervescência política e comportamental, novas questões se apresentam sobre os papéis e as relações entre os sexos. O mercado editorial é invadido por uma série de publicações que propunham a revisão dos valores tradicionais, até então norteadores das condutas de homens e mulheres. Nos círculos mais intelectualizados, a sexualidade feminina é tema de debate, como expõe Ana Rita Fonteles:

“O interesse pela sexualidade no Brasil, nesse momento, podia ser aferido pelo lançamento pelos lançamentos de mais sucesso nas livrarias. (...) Lia-se Simone de Beauvoir, (*O Segundo Sexo*), Margaret Mead (*Sexo e Temperamento de Macho e fêmea*), além de Jean-

<sup>72</sup> LOPES, J. A. op. cit., p. 43.

Paul Sarte (principalmente *O ser e o nada*). Romances como os da trilogia, "A Crucificação Encarnada", formada por *Plexus*, *Nexus* e *Sexus*, de Henry Miller, que há pouco, haviam sido traduzidos para o português, provocaram corrida ao mercado. Obras como as de Virgínia Woolf (*Mr. Dalloway* e *Orlando*) e Lawrence Durrel (*O quarteto de Alexandria*, formada pelos livros *Justine*, *Balthazar*, *Mountolive* e *Cléa*) foram descobertas, ou mesmo relidas sob novos enfoques".<sup>73</sup>

Para a mulher, o advento da pílula representa a possibilidade de relacionamentos sexuais sem concepção. Contudo, uma educação rígida e um castigo moral fortemente introjetado, só aos poucos vai abrir espaço para práticas mais liberais, como expressa Carmo,

"As mulheres timidamente passaram a usar pílula anticoncepcional. Mas a ruidosa revolução sexual não se iniciou na cama, e sim nas prateleiras das livrarias. Vista a distância, ela sugere mais uma explosão de vontade e intenções do que de realizações. Talvez o sexo fosse mais falado do que realmente praticado. Mesmo assim, ansiava-se pelo prazer sem o risco da procriação".<sup>74</sup>

No panorama nacional, personagens femininas, ligadas principalmente ao meio artístico, surgiram identificadas com um comportamento transgressor, como é o caso da atriz Leila Diniz. No entanto, se essas posturas, num primeiro momento escandalizaram os segmentos conservadores da sociedade, mais tarde passaram a servir de inspiração e modelo para outras mulheres.

Todo esse caldeirão de acontecimentos políticos, econômicos e sociais, se processou de maneira irreversível, em ritmos e intensidades diferentes, atingindo realidades diversamente localizadas. Não se contesta no entanto, que, a partir dessa década, valores estandardizados passaram a ser questionados e novos padrões de conduta, antes inadmissíveis, foram aos poucos se afirmando nos relacionamentos sociais.

As repercussões dos anos sessenta se fazem sentir hoje nas relações e nos modelos da família, da escola, da participação política, da consciência ecológica e da responsabilidade social.

Tamanhas transformações, de desdobramentos de curto, médio e longo prazos, influenciam fortemente nas práticas de sociabilidade coletiva. Os clubes sociais, ambientes propícios a uma convivência até certo ponto

<sup>73</sup> FONTELES. op. cit., p. 20-21

<sup>74</sup> CARMO. op. cit., p. 84.

controlada, começam a ser preteridos pela juventude, que agora também se diverte de forma independente da família. Os ambientes de controle passam a ser recusados, em nome de formas mais descontraídas de divertimento.

## FORTALEZA E OS CONFLITOS DA EXPANSÃO URBANA

### • TEMPO DE MUDANÇAS

O início da década de 1950 vai encontrar Fortaleza imersa em um período de intensas e profundas transformações tanto no que diz respeito à configuração da sua malha urbana, quanto no aspecto relacionado ao comportamento e às práticas de sociabilidade.

Desde os últimos séculos, a cidade havia se consolidado como um polo de atração sobre as outras localidades do Estado, recebendo grandes levas populacionais. Nos dez anos compreendidos entre 1940 e 1950 o número de habitantes aumentou na ordem de



Figura 18 – Praça do Ferreira em 1955. Foto Aba-Film, Arquivo Nirez.

50% passando de 180.185 para 270.169. Essa realidade se acentuaria, constatando-se um acréscimo de 66% em 1960, quando se registra no município uma população de 514.818 pessoas<sup>75</sup>. Grande parte desse contingente é devida principalmente à afluência de imigrantes que provém dos mais diversos pontos do interior, tangidos pela seca<sup>76</sup> e pela ausência de

<sup>75</sup> Síntese Preliminar do 8º Recenseamento Geral-FIBGE. Ver SILVA, J. B. *Os Incomodados não se Retiram: Fortaleza em questão*, p. 36.

<sup>76</sup> Migrações e secas são dois fenômenos historicamente associados, na realidade cearense, ao longo do tempo. Os movimentos populacionais que se processaram no sentido interior-capital, tiveram grande influência na configuração socioespacial de Fortaleza. O primeiro desses fluxos, aconteceu ainda no século XIX, quando a seca de 1877-1879 trouxe consequências nefastas para todo o Estado, especialmente para a capital, que no espaço

políticas públicas de fixação no campo, à procura de melhores condições de vida.

A acomodação dessas pessoas na capital ocorre de forma precária e em extrema carência de equipamentos urbanos, em zonas periféricas onde se criam os embriões das favelas<sup>77</sup>. Daí a expansão da malha urbana, que se desenvolve de forma acentuadamente desordenada, segmentando os seus espaços conforme a natureza socioeconômica dos seus ocupantes.

O Centro da cidade polariza a maioria das atividades, sendo a Praça do Ferreira o coração pulsante, por onde transitam as pessoas e para onde converge a sociabilidade da população. Aí se concentram o comércio, os cinemas, os cafés e o burburinho da cidade que cresce, ampliando seus limites e seu número de habitantes, fazendo com que os setores privilegiados reclamem lugares de convívio mais restritos, tranquilos, com mais estrutura, que levem para longe os “indesejados”, que segreguem, em relação aos “diferentes” e congreguem, em relação aos pares, ao mesmo tempo.



Figura 19 – Praça do Ferreira em princípios da década de 1960. *Reprodução de Filme, Arquivo Nirez.*

Nesse cenário, ganham força os clubes sociais, que durante as décadas de 1950 e 1960 predominaram fortemente como opção de lazer dos vários segmentos da sociedade, marcadamente, das camadas privilegiadas da população fortalezense.

O processo do aumento populacional, já referido, vem ocorrendo, de modo crescente, desde os primeiros anos da primeira metade do século XX,

---

de um ano, recebeu 100 mil pessoas, mais de três vezes e meia a sua população na época. Em períodos posteriores, as migrações continuaram a acontecer por ocasião das estiagens: 1889-1900, 1909, 1915, 1919, 1932, 1942, 1950, 1952-1953, 1958... Sobre o assunto consultar NEVES, Frederico de Castro. A seca na história do Ceará. In SOUZA, Simone de (org). *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 76-102.

<sup>77</sup> Favelas surgidas em Fortaleza entre 1930 e 1952: cercado do Zé Padre (1930), Pirambu (1933), Morro do Ouro e Graviola (1940), Varjota (1945), Meireles e Papequinho (1950), Campo do América (1952).

quando o poder público, ancorado num discurso de modernidade, também utilizado em outras partes do país, inserido num projeto de cunho civilizatório<sup>78</sup>, realiza e implementa obras de impacto cosmético e de caráter inovador, como aconteceu Antônio Luiz Filho:

“Num arco de tempo relativamente curto (três décadas), um sem número de outras marcas foi gravado nos espaços da cidade: início da iluminação elétrica em casas comerciais e residências e introdução do bonde elétrico (1913); construção de uma rede de água e esgoto (finalizada em 1926); Edificação do Excelsior Hotel – primeiro arranha-céu da cidade (1931); instalação da iluminação pública elétrica, em substituição ao antigo sistema à base de gás hidrogênio carbonado (1934-35); inauguração da rede de telefonia automática (1938); construção dos três grandes cinemas da capital – Majestic Palace (1917), Cine Moderno (1921), Cine Diogo (1940). A todos esses melhoramentos na estrutura funcional de Fortaleza, vieram somar-se outros fatores que modificariam sobremaneira o ritmo e as dimensões da cidade. Entre 1920 e 1940, a população local mais que duplicaria, saltando de cerca de 78 mil para mais de 160 mil habitantes”.<sup>79</sup>

Tais intervenções, no entanto, restringem-se quase que exclusivamente à área central da cidade, não implicando em reais alterações com vistas a melhorar efetivamente a vida da população. A segregação social se cristaliza através da malha urbana, determinando claramente as zonas dos ricos e dos pobres, como bem comenta o cronista José Stênio Lopes, em 1967:

“Há um afastamento bastante sensível entre os ricos e os pobres, até mesmo na discriminação dos bairros de moradia da classe média (Benfica, Otávio Bonfim, Soares Moreno, Outeiro, etc.) e os da classe rica (Aldeota, parte de Jacarecanga, 13 de Maio, certas zonas de praia etc.), sendo nitidamente destacados os bairros proletários (Monte Castelo, Pirambu, Carlito Pamplona, etc.)”.<sup>80</sup>

A recomposição desse fragmento da história de Fortaleza impõe que se volte o olhar para o passado, num esforço de recuperação das imagens de uma cidade cuja “elite” se impregna do anseio de “modernização”, “progresso” e numa pretensa inserção em um mundo civilizado, mas que, paradoxalmente,

<sup>78</sup> Sobre o “processo civilizador” e reformas urbanas em Fortaleza, consultar CASTRO, José Liberal de. *Arquitetura Eclética no Ceará*. In FABRIS, Annateresa (org.). *Eclétismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel / Editora da Universidade de São Paulo, 1987; e PONTE, Sebastião Rogério da. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

<sup>79</sup> SILVA FILHO, A. L. M. *Paisagens do Consumo. Fortaleza no tempo da Segunda Grande Guerra*, p.116.

<sup>80</sup> LOPES, J. S. *Aspectos Sociais da Vida de Fortaleza*, p. 89.

esta é provinciana e carente de infra-estrutura urbana e vai encontrar nos espaços sociais uma maneira de afirmação de poder, diferenciação e distinção social. A essa altura, uma indagação se impõe: Quem são essas "classes dominantes" na Fortaleza de 1950/1970?

Na busca de maiores esclarecimentos, um parêntesis se faz necessário, a fim de levantar algumas questões relativas à conformação social da cidade na temporalidade abordada.

#### • AS CLASSES MÉDIAS NA COMPOSIÇÃO SOCIAL DE FORTALEZA

Reportando ao conceito de classe social, sob a ótica marxista, pode-se dizer que ela é definida pelo lugar que determinado grupo ou indivíduo ocupa dentro do sistema produtivo. Tal lugar seria determinado pelo grau diferenciado de oportunidades, vantagens e recursos dos quais desfrutam. Weber identificou três elementos indicadores dessas diferenças: riqueza, poder e prestígio.

No entanto, essa é uma visão por demais simplificada do assunto, que privilegia sobretudo o aspecto da divisão social do trabalho dentro do complexo da produção. Sob essa perspectiva, as classes sociais tradicionalmente consideradas seriam, em extremos opostos, a burguesia e o proletariado estando a classe média localizada no amplo espaço compreendido entre as duas.

Atento às dificuldades de se trabalhar com essa matéria, alerta Ribeiro que:

"(...) as classes dentro da estrutura de classes só podem ser definidas historicamente, enquanto pensadas nas relações com as outras classes (relações de antagonismo e de complementaridade) e definidas segundo critérios situados em diversos níveis da estrutura social (econômico, político, ideológico). É impossível concebê-las no vácuo: somente o exame das relações dessas com outras classes pode levar ao conhecimento da homogeneidade de sua orientação política e da forma de suas manifestações".<sup>81</sup>

Em vista disso, a fixação de limites dentro dos quais as classes se localizam é demasiado problemática, pois as zonas de transição de umas para

<sup>81</sup> RIBEIRO, P. S. *Classes Médias Urbanas: Formação, Natureza, Intervenção na Vida Política*, p.10.

...são fluidas, atenuando as diferenças dentro da estratificação. Essa dificuldade se acentua mais ainda, em se tratando de “classe média”, uma vez que a mesma engloba elementos que têm diversas localizações quanto ao nível econômico, ideológico e intelectual.

Diante das controvérsias que o tema suscita, alguns estudiosos optam por terminologias mais abrangentes, como Décio Saes<sup>82</sup> que se refere a “camadas médias urbanas”. Muito comum também é o emprego do termo “classes médias” no plural, por se admitir que dentro dessa categoria se enquadram vários grupos socialmente identificados. Em seu estudo sobre a composição social do Brasil na República Velha, Carone identifica três classes médias: a alta classe média, a classe média intermediária e a baixa classe média<sup>83</sup>.

Para Francisco de Oliveira, constituem as “classes médias”

“um heterogêneo conjunto de ocupações, qualificações e níveis de remuneração, cuja única homogeneidade é dada pelo fato de que não estão diretamente empregados na linha de produção”.<sup>84</sup>

Nessa mesma perspectiva, considerando o grande leque de diferenciações dos comportamentos e aspirações dos seus componentes, Costa enumera como integrantes das classes médias urbanas:

“os elementos que compõem a camada burocrática – gerentes, administradores de empresas, técnicos e profissionais liberais de alto nível e servidores públicos graduados – juntamente com os comerciantes e industriais médios”.<sup>85</sup>

Atualmente, quaisquer definições adotadas, não podem se apresentar estanques, dada a velocidade das transformações que envolvem as relações sociais. A diferenciação entre as classes apresenta-se cada vez mais imprecisa sendo inadequada a fixação de critérios ou limites pré-estabelecidos. Considerando-se o vetor financeiro por exemplo, a perda progressiva do poder

<sup>82</sup> SAES, apud PINHEIRO, op. cit. p. 10 - 37.

<sup>83</sup> A alta classe média englobaria os profissionais liberais oriundos das ricas classes agrárias, membros da alta administração, técnicos industriais setores do médio comércio e da média indústria. A classe intermediária seria composta de imigrantes, segmentos de classes decadentes indivíduos liberais, do exército, de profissões artesanais e do pequeno comércio. A baixa classe média seria composta de funcionários públicos e artesãos. Ver. CARONE, Edgard. *A República Velha: instituições e classes sociais*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

<sup>84</sup> OLIVEIRA, F. *O Elo Perdido: classe e identidade de classe*, p.95.

<sup>85</sup> COSTA, B. *O Drama da Classe Média*, p.41.

adquisitivo dos setores médios da população os tem aproximado cada vez mais da camada proletária. Da mesma forma, o avanço tecnológico, e sua decorrente liberação de postos de trabalho, faz emergir um tipo de proletariado que se distingue do operariado clássico por possuir formação intelectual superior.

Não constitui objetivo do presente trabalho, no entanto, o aprofundamento de discussões ou definições nesse campo da sociologia. A alusão ao tema ocorreu com o intuito de ancorar a identificação dos agentes urbanos freqüentadores dos clubes sociais na Fortaleza dos anos 1950-1970, assim como as suas características comuns.

É relevante assinalar a histórica associação econômica da cidade com a atividade comercial. Aqui, a acumulação não se deu em função de um excedente da atividade industrial, que só ocorreu tardiamente, ainda assim de maneira incipiente. Dessa forma, a elite econômica estaria vinculada mais ao comércio, às atividades liberais e ao desempenho de funções na máquina pública.

O Estado desempenhou papel fundamental como suporte de emergência social, gerando oportunidades que se apresentavam através de concursos ou da criação de órgãos públicos nos quais se acomodariam funcionários graduados, não raro utilizando também a via do apadrinhamento político e outras práticas congêneres à maneira do clientelismo e mandonismo, marcos do patrimonialismo à brasileira. Analisando a expansão urbana de Fortaleza, e relacionando-a com a emergência dessa "classe média", é pertinente a observação de Linda Gondim:

"A expansão recente de Fortaleza pode ser associada à emergência de uma classe média constituída de profissionais liberais, em grande parte empregada no setor público: além de órgãos mais antigos, como o Banco do Brasil (criado no século passado [leia-se séc. XIX]), o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (criado em 1906 como Inspeção Federal de Obras contra as Secas) e o Banco do Nordeste (criado em 1952, com sede em Fortaleza), vale citar aqueles instituídos a partir dos anos 60, pelos governos estadual e municipal. Companhia Estadual de Habitação Popular, Secretarias de Planejamento do Estado e do Município, Superintendência de Desenvolvimento do Estado, Autarquia da Região Metropolitana de Fortaleza, Instituto de Planejamento do Ceará e as companhias estaduais responsáveis pelos serviços de telefonia, eletricidade, água e esgotos. Note-se também a importância das universidades públicas (Universidade Federal do Ceará, criada no início da década de 50, e a

Universidade Estadual, instituída nos anos 60) [sic], tanto no que diz respeito à formação de mão-de-obra qualificada, como para absorção dessa mão-de-obra no seu corpo docente”.<sup>86</sup>

Apesar de, isoladamente, identificarem-se algumas grandes fortunas, a absorção dos verdadeiramente ricos era infinitamente pequena se relacionada à população como um todo. De uma forma geral, pode-se dizer que a grande maioria dos habitantes era pobre. Vale assinalar, no entanto, que essas poucas fortunas eram realmente consideráveis e que a concentração de renda nas mãos de poucos sempre caracterizou a composição econômica do Estado.

Ainda sobre a elite, é válido salientar o aspecto, convenientemente não enfatizado, na formação econômica de Fortaleza, de que alguns patrimônios se liberam “da noite para o dia” gerando especulações quanto à natureza de sua procedência.

Referindo-se ao surgimento e formação desse segmento, o escritor e jornalista Jáder de Carvalho escreveu o romance *Aldeota*<sup>87</sup>. No livro são feitos comentários ferinos e implacáveis sobre a origem pouco “nobre” de muitas fortunas que se formaram rapidamente a partir de atividades ilegais como o contrabando. Com efeito, são muitas as referências, ainda que veladas, às negociações que envolviam a exportação ilegal de café e a importação de whisky, carros e material elétrico que saíam e entravam no país, sem maiores dificuldades, pelo Porto de Chaval próximo de Camocim, entre finais da década de quarenta até meados da década de sessenta.

Segundo o escritor, grande parte do que se chama “a melhor sociedade cearense” está associada ao contrabando, à especulação, à convivência com a contravenção, assim como a tradicional classe política às fraudes eleitorais e à corrupção. Fala também da rápida acumulação do dinheiro que se verificou nessa época, dinheiro esse empregado na “*agiotagem desenfreada e na construção de palácios e arranha-céus.*”

<sup>86</sup> GONDIM. *Desenho Urbano e Imaginário Sócio-Espacial da Cidade: a produção de imagens da moderna Fortaleza no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura*, p.15-16.

<sup>87</sup> O romance *Aldeota*, do escritor Jáder Carvalho, foi publicado originalmente em agosto de 1963, pela editora paulista Livraria Exposição do Livro. Polêmica, a obra mescla ficção com aspectos reais da sociedade fortalezense. Jáder trouxe à luz, através de suas páginas, revelações acerca da origem duvidosa de várias fortunas da capital, mal disfarçando alguns nomes verdadeiros, nos quais se inspirou. Ao livro, logo esgotado, associou-se a aura de proibido. Relançado pelas Edições Demócrito Rocha, em 29 de agosto de 2003, por ocasião do aniversário de quarenta anos de seu lançamento, *Aldeota* foi motivo de ampla reportagem da edição de “O Povo” de 24 de agosto de 2003, no caderno Vida e Arte.

\* O contrabando anula terrenos baldios e alarga para o Nascente o bairro aristocrático de Fortaleza. Já muda a geografia. Já mudam os horizontes. Aqui e ali, brota do chão aquilo que as estatísticas da fortuna privada jamais poderão explicar e justificar: os palácios, as moradas luxuosas, as vivendas nascidas à feição do clima, também brancas, linda e criminosamente brancas. Numa topografia diferente, micro-geográfica, Aldeota se personaliza, assume limites certos, cria a sua própria alma, amadurece enfim. O câmbio negro de pneumáticos, o sub-faturamento da cêra de carnaúba, o contrabando de peles silvestres, os incêndios propositais, lucrativos e sem mistério, transformam-se, pela varinha mágica da fraude, num dos bairros mais ricamente formosos de que há notícias em cidades do Brasil. É o bairro dos “terrenos de luxo”, segundo anúncios dos jornais<sup>88</sup>.

É importante ainda observar que, se a “elite econômica cearense” não possuía um patamar financeiro que a situasse como tal em centros de economia mais avançada, era ela a classe dominante, com estilo de vida burguesa, no sentido de reclamar confortos e de buscar signos exteriores de ostentação e diferenciação.

#### • AS CARÊNCIAS URBANAS

Em 1950, a cidade de Fortaleza contava com vinte e três bairros.<sup>89</sup> Apesar da dicotomia – Fortaleza rica e Fortaleza pobre – existente na cidade durante todo o processo de evolução urbana, a carência de infra-estrutura existia até na Aldeota, o bairro escolhido pelos abonados para assentamento de suas moradias, a partir de finais da década de 1930. A ineficiência do sistema de transportes era sensível. Os carros particulares eram poucos, privilégio de uma parcela diminuta da população cuja grande maioria dependia de coletivos que atendiam precariamente às suas necessidades, quer fosse

<sup>88</sup> CARVALHO, J. *Aldeota*, p. 286.

<sup>89</sup> Os 23 bairros eram distribuídos por quatro regiões consideradas: REGIÃO CENTRAL: Jacarecanga, Farias Brito, Benfica, Joaquim Távora. LITORAL: Barra do Ceará, Moura Brasil, Praia Formosa, Praia de Iracema, Prainha, Praia Meireles, Volta da Jurema, Itacuripe. REGIÃO LESTE: Aldeota, Cocó, São João do Tauape, Aerolândia, Vila Militar. REGIÃO OESTE: Floresta, Monte Castelo, Damas, Barreiros, Porangabuçu, Alagadiço. A cidade tinha como limites: Caucaia a oeste, Aquiraz a leste, Pacatuba e Maranguape ao sul e o oceano Atlântico ao norte. Eram seus distritos: Parangaba, Mondubim, Messejana e Antônio Bezerra. (Conforme Decreto-lei Municipal N° 180 de 1946).

pequeno número e mal estado de conservação dos veículos<sup>90</sup>, quer pela qualidade do atendimento ou ainda pelo preço abusivo das passagens que sofriam reajustes constantes, gerando a indignação e o descontentamento de todos. Alguns pontos mais distantes sequer contavam com esse serviço urbano e as reclamações eram freqüentes mesmo por parte das populações mais privilegiadas. Segundo Jucá:

“O déficit de transporte coletivo em Fortaleza decorria da exígua renovação dos ônibus, do crescimento populacional e, conseqüentemente, de um maior número de locais distantes a serem atendidos. As inovações processavam-se em índices muito reduzidos, sendo alta a percentagem de ônibus com três ou mais anos de uso. Por isso, diariamente muitos permaneciam nas oficinas. Empresas sem capital receberam concessões de linhas, que não podiam ser atendidas de maneira satisfatória”.<sup>91</sup>

Outros serviços básicos imprescindíveis à vida da população também eram comprometidos. No início da década de cinqüenta, o fornecimento de energia elétrica definia-se como extremamente precário no atendimento das necessidades urbanas. A Ceará Light, empresa fornecedora, não tinha capacidade de suprir as demandas da cidade, dadas as dimensões do seu crescimento. A iluminação pública era deficiente e com freqüência ocorriam cortes e interrupções paralisando inclusive atividades fabris<sup>92</sup>.

Em janeiro de 1954, a Prefeitura inaugurou uma usina auxiliar no Meireles. Não fora essa solução, a iluminação da cidade estaria seriamente comprometida principalmente no bairro da Aldeota. Em maio de 1954 foi criado o Serviço de Luz e Força em Fortaleza – Serviluz passando o fornecimento de energia definitivamente para a esfera do poder municipal que, desde 1948 já tinha sido autorizado por decreto presidencial a encampar a Ceará Light. Os problemas relativos ao fornecimento de energia persistiram ao longo das

<sup>90</sup> Contribuía para a degradação física dos coletivos o péssimo estado da pavimentação das ruas, o qual fazia com que veículos com pouco mais de três anos de uso, portanto novos para os padrões atuais, fossem considerados já velhos e imprestáveis.

<sup>91</sup> JUCÁ. *Verso e Reverso do Perfil Urbano de Fortaleza*, p. 101.

<sup>92</sup> Ilustrando esse aspecto, tem-se as notas veiculadas pelo Náutico Atlético Cearense na imprensa local, adiando seus eventos em função da carência de energia elétrica, como demonstra a seguinte nota: “O Náutico Atlético cearense avisa aos senhores associados que a sessão cinematográfica marcada para o próximo sábado, dia 12 do corrente, não mais se realizará nesse dia, em função das interrupções no fornecimento de energia elétrica na cidade. Fica assim, a mesma sessão adiada para outra oportunidade, que será em tempo anunciada”. *Jornal Unitário*, Fortaleza, 12 ago. 1950.

atividades de cinquenta e sessenta. Os reparos e manutenções deixavam a cidade sem abastecimento durante algumas horas e o racionamento da iluminação pública era freqüente.

Somente no final de 1960 foram iniciados os trabalhos de reforma na rede elétrica após a assinatura de convênio firmado entre a CHESF e a Prefeitura, devida à intervenção do Governo Federal. Corroborando os aspectos da irreverência e criatividade associados ao cearense, Moreira Filho e Rogério Lima compuseram uma marchinha carnavalesca que muito sucesso teve nas festas mominas de 1959:

“Falta de luz é bom pra namorar  
 Mas depois disso nem é bom pensar  
 A usina lá do Mucuripe  
 Todo mês tem gripe  
 Não quer mais funcionar  
 Que jeito se pode dar  
 Se a bichinha come tudo  
 Come até peixe do mar  
 Se toda noite esse escuro vem  
 Muita gente bem  
 Vai ter que casar”.<sup>93</sup>

O fornecimento d’água também constituía um grande problema de infraestrutura. A água provinda do açude do Acarape chegava à cidade em volume insuficiente através de canalizações gastas e enferrujadas. Em 1954 foram iniciadas as obras de melhoria do abastecimento através da ampliação dos filtros existentes no açude e a construção de duas caixas d’água. Mesmo assim, essa medida esteve longe de atender de maneira mais ampla às necessidades da população. Alguns bairros mais pobres não dispunham nem mesmo de chafarizes. Em muitas residências o abastecimento era feito por meio de cacimbas existentes nos quintais a pouca distância de fossas negras<sup>94</sup>, comprometendo a qualidade e aumentando o risco de exposição a doenças. Também a qualidade da água proveniente do açude era motivo de preocupação. Até mesmo na Aldeota havia carência e insatisfação por parte dos habitantes.

<sup>93</sup> Segundo afirmou o musicólogo Cristiano Câmara, em depoimento informal, eram comuns as composições de autores populares ironizando ou tecendo críticas sobre os mais variados aspectos da vida social da cidade. A marchinha citada acima foi gravada pelo radialista José Lisboa em disco vinil.

<sup>94</sup> Fossa negra. Nome popularmente utilizado para definir a solução sanitária improvisada, que consiste na simples abertura de buraco em terra, sem nenhum tratamento adequado de abstração, para recepção dos dejetos humanos e domésticos.

Quanto ao aspecto da limpeza urbana, da segurança e dos serviços de saúde e educação, Marta Nascimento traça um painel desolador, da realidade fortalezense na década de 1950:

"A Prefeitura possuía 27 veículos destinados à limpeza pública sendo que destes, 12 funcionavam a força animal (carroças) e 25 a força manual (carrinhos de mão, um para cada extenso bairro!); serviam as zonas urbana, suburbana e rural. Este material era, com certeza, insuficiente a toda cidade e por causa disso também, muito lixo ficava acumulado em terrenos baldios. Existiam apenas cerca de 20 hospitais na cidade. (...) O reduzido número de hospitais e a estrutura sanitária da cidade sopravam contra o tratamento eficaz de doenças epidêmicas graves. Este não era o único mal infantil do período, havia outro tão sério quanto o primeiro: a falta de oportunidade e educação.

Existiam quase 500 escolas municipais em Fortaleza em 1950 mas apenas 52,6% das crianças estavam matriculadas e 43% encontravam-se fora das salas de aula. O sistema educacional era independente e os grupos escolares reuniam as crianças, porém muitos funcionavam em desorganização.

A Guarda Municipal, a Companhia Cosme e Damião, o Serviço de Rádio Patrulha, o Corpo Civil de Vigilância Noturna, a central de polícia e 30 Sub-delegacias que faziam a guarda dos bairros, constituíam os órgãos de segurança da cidade. Muitas das delegacias funcionavam em prédios minúsculos e os policiais eram vistos com raridade".<sup>95</sup>

Diante de tal quadro, não é de admirar que, em pesquisa<sup>96</sup> realizada pelo jornal *O Nordeste*, entre 06 de outubro de 1951 e 10 de maio de 1952, com 140 pessoas residentes nos vários bairros da capital, tenham sido constantes e recorrentes as reclamações e as exposições de problemas relativos a todas áreas de serviços e infra-estrutura urbana.

No entanto, é interessante que se faça uma observação, no sentido de esclarecer que, os problemas relativos à infra-estrutura não eram vivenciados exclusivamente ao nível local. De uma forma mais ampla, as grandes cidades do país também os enfrentavam, como o Rio de Janeiro, onde tal como aqui, se compôs uma marchinha

"Cidade Maravilhosa  
Oh! Rio que me seduz  
De dia, falta água  
De noite, falta luz!"<sup>97</sup>

<sup>95</sup> NASCIMENTO. Fortaleza: *No verão é assim. E no inverno também. Não falta sacrifício*. p. 6-6.

<sup>96</sup> Sobre a reprodução e a sistematização dos dados da pesquisa, ver NASCIMENTO op. cit.

<sup>97</sup> Apesar de a conhecerem, os pesquisadores da música popular brasileira Cristiano Câmara e Nêz não souberam identificar o autor da marchinha..

Do que foi dito, pode-se constatar que, apesar dos anseios de modernização, acalentados no seio das classes mais favorecidas, e da realização de obras pontuais e de caráter paliativo, problemas básicos e sem solução imediata povoavam o dia a dia da população como um todo, atingindo mesmo as zonas ditas mais elegantes.

No que diz respeito ao espaço urbano, até 1950 a cidade ainda se mantinha com uma estrutura monocêntrica, embora já se verificassem os primeiros sinais de uma possível pulverização, por conta da ocupação acelerada da Aldeota e da fixação das sedes dos clubes sociais na orla marítima. A partir dos primeiros anos da década de 1960, a Praça do Ferreira, antigo lugar hegemônico de sociabilidade da população, vai começar a perder, gradativamente, sua importância como elemento polarizador do lazer dos vários segmentos sociais, os quais, apesar de suas diferenças, podiam usufruir ainda que de maneira segregada, o mesmo espaço urbano. A esse respeito, comenta o arquiteto professor Liberal de Castro:

“Não havia pois, à Praça, como resistir. Quanto à posição de pólo de lazer, tinha de entrar em concorrência com os clubes praianos, com a recém aberta Avenida Beira-Mar, com as próprias praias, a partir de então freqüentadas em massa pelas novas gerações: a condição de tribuna política se esvaziara com a mudança das sedes do poder; quanto aos transportes urbanos, ia perdendo gradativamente a situação de centro distribuidor, com a remoção dos terminais para as praças periféricas, mais distantes, de maiores dimensões e contíguas às vias de saída do centro; o horário noturno sofria também a interferência da televisão, cada vez mais presente no cotidiano brasileiro”.<sup>98</sup>

A inauguração do “Center Um”, no final de 1974 (06 de novembro) representou um golpe decisivo na hegemonia do centro. O primeiro *shopping center* da cidade, localizado na avenida Santos Dumont, induziu à instalação de um grande número de estabelecimentos comerciais e de serviços na zona da Aldeota. Surgiram lojas, lanchonetes, consultórios das mais diversas especialidades, gabinetes de beleza e muitas outras atividades, em função do fluxo gerado pelo shopping, que possuía também um cinema, freqüentado pelas platéias mais seletas.

<sup>98</sup> CASTRO, J. L. *Cartografia Urbana Fortalezaense na Colônia e no Império e Outros Comentários*, p. 30.

A migração<sup>99</sup> das sedes do poder político e financeiro para aquela área privilegiada, durante a década de 1970, também contribuiu para que os segmentos abastados abandonassem o núcleo central, enquanto local de trabalho e de consumo.

O centro, antes local de todos, transformou-se na área de comércio para os consumidores pobres. Sem possuir a função habitacional e sem atrair os outros mais abonados, foi-se aos poucos, esvaziando, transformado-se à medida em território de marginalizados.

A Aldeota, *locus* das elites, que já associara o seu nome à riqueza e elegância, passa a ser também o “novo centro” para essas populações privilegiadas. No dizer de Paulo Linhares,

“O Centro antigo torna-se cidade antiga, centro dos pobres da zona oeste. A cidade nasce para os ricos, dispersos nas longas avenidas abertas na Aldeota, depois Nova Aldeota, depois Praia do futuro e Beira-Mar”.<sup>100</sup>

#### • ALDEOTA, O “LADO BOM” DA CIDADE

Para avaliar a importância das instituições clubísticas dentro do contexto socioespacial de Fortaleza das décadas de 1950-1970, necessário se faz um rápido discurso sobre a evolução urbana da capital, cuja dinâmica vai refletir na localização dessas edificações, que por vezes agiram como elementos indutores de ocupação de determinadas áreas.

Desde o princípio de sua evolução, Fortaleza apresentou em seu espaço uma configuração assentada sobre a base de uma forte segmentação social. Ainda no alvorecer do século XIX, os elementos que compunham os circuitos sociais mais elevados, ligados às atividades comerciais da cidade, começaram a se agregar isoladamente, ocupando bairros onde pudessem relacionar-se como conjuntos homogêneos, alheios às confusões urbanas.<sup>101</sup>

<sup>99</sup> O Palácio da Abolição, sede do Governo Estadual foi inaugurado em 1970, na Av. Barão de Studart. A Assembléia Legislativa instalou-se em 1977, na Av. Desembargador Moreira. Uma grande agência do Bradesco ergueu-se na confluência das avenidas Santos Dumont e Desembargador Moreira em 1974.

<sup>100</sup> LINHARES, P. *Cidade de Água e Sal: por uma antropologia do litoral do Nordeste sem cana*. In: *idem*, apúcar, p. 345.

<sup>101</sup> CASTRO, J. L. *Arquitetura Eclética no Ceará*, p. 234.

As áreas escolhidas por essa elite eram preferencialmente as que hoje correspondem os bairros de Jacarecanga e Benfica. No Jacarecanga, poderiam encontrar, mesmo que de forma não muito adensada, residências edificadas à feição de palacetes, segundo os ditames do ecletismo<sup>102</sup>, tão em voga no começo dos anos 1900. Tais edificações se concentravam principalmente nos arredores da Praça Fernandes Vieira, hoje Praça do Liceu. Na Benfica, detectava-se a existência de chácaras esparsadas, ao longo da atual Avenida da Universidade e Avenida João Pessoa, assim como na área do atual bairro Joaquim Távora. Algumas casas apalecetadas também surgiram na região do Alagadiço, hoje correspondente à Avenida Bezerra de Menezes.

Conforme se pode observar, os bairros que se afirmaram como preferidos pelas elites, em começos do século XX, eram os que se desenvolveram ao longo dos caminhos originais que ligavam Fortaleza a outros pontos: Jacarecanga – estrada para Vila Velha, Benfica - estrada de Pirangiaba, Alagadiço – estrada de Soure e Joaquim Távora – estrada de Messejana.



Figura 20 – Forma de ocupação da cidade de Fortaleza no início do século XX

Um estilo arquitetônico muito comum nas primeiras décadas do século XX, de caráter predominantemente decorativo. Consistia no emprego de elementos oriundos dos mais diversos estilos conciliando-os com inovadoras técnicas construtivas. Sobre o assunto consultar FABRIS, A.(org.). *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel / Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

As tendências que determinaram tal feição espacial vão-se modificar a partir dos primeiros anos da década de 1930. Contrariando um processo que vem se desenrolando segundo um direcionamento no sentido oeste, as elites vão migrar para outra área, a leste. No caso do Jacarecanga, numa fuga da concentração indesejada – o proletariado – que começa a se fixar ao longo da linha férrea, nas imediações da via de acesso à Barra do Ceará. No caso dos outros bairros, pela atração que a nova área passa a exercer em função do status que lhe conferem os ricos, assim como pelo seu famoso clima ameno.

Surge dessa forma, do anseio de segregação e diferenciação social, a Aldeota, agora a zona *chic* da cidade.

Para efeito da cartografia da Prefeitura, o bairro é delimitado ao norte pelas ruas Pereira Filgueiras e Av. Dom Luís, ao sul pela Av. Antônio Sales, a leste pela rua Frei Mansueto e pela Via Férrea Parangaba-Mucuripe e o oeste pela rua João Cordeiro. No entanto, a designação “Aldeota” extrapola o sentido de nomeação de área geográfica delimitada dentro da urbe, para trazer implícita, acima de tudo, a idéia de um *modus vivendi* e de *status* social. A ocupação do bairro, que já se delineava desde o começo da década de trinta, como já foi dito, vai realmente ocorrer de forma contínua e acelerada nos anos 1940.

Quem hoje observa, no entanto, a conformação caótica da parte “valorizada” de Fortaleza com seus edifícios altos de fino acabamento, suas torres empresariais, suas lojas, condomínios fechados, *shopping centers* e avenidas movimentadas, não imagina a sua feição há quarenta, cinquenta, anos atrás.

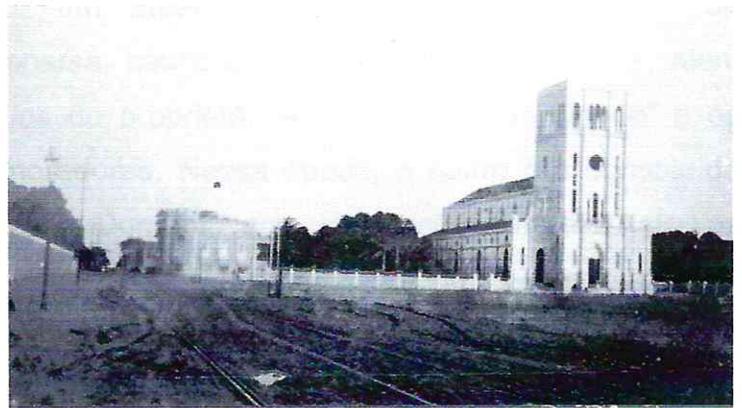


Figura 21 – Fotografia do começo da década de 1930. Vista da Av. Santos Dumont, área correspondente à frente do Colégio Militar, tendo ao fundo a igreja do Cristo Rei. Arquivo Nirez.

Em finais do século XIX, o lugar, primitivamente chamado de Aldeota, era uma zona distante do centro, ao qual se ligava através de uma única rua, “*embora existisse ali um bom número de casas, a ligação se fazia através de atalhos e veredas*”.<sup>103</sup>

Nos primeiros anos do século XX, aí já se encontravam edificadas algumas poucas residências, conforme expõe

Swartz Riedel:

“As primeiras casas construídas na Aldeota (na Av. Santos Dumont) datam das primeiras décadas do século (algumas mesmo do final do século passado). Eram quase todas tipo chalé, chamadas na época de chácaras, embora a denominação não fosse apropriada, pelo tamanho do terreno. Ocupavam quase sempre a quadra toda, situadas no centro do lote, com grandes afastamentos laterais”.<sup>104</sup>

No entanto, em começos dos anos 1930, ainda era considerado um ambiente, um lugar ermo, um areal inóspito e desabitado, onde se encontravam de maneira esparsa, casebres ou construções precárias, além das citadas chácaras, e sítios de proprietários que “viviavam na cidade” e os abandonavam na mão de moradores. Nessa época, o bairro era constituído basicamente pela Av. Santos Dumont, com ocupação rarefeita até as imediações da rua Carlos Vasconcelos. Naquela avenida já existia o atual Colégio Militar, antigo Asilo de Mendicidade construído em 1878, e um pouco mais adiante, a Igreja do Cristo Rei, abençoada em maio de 1930.

A ocupação do solo urbano dessa parte da cidade se efetivou com a construção das residências de uma parcela rica da população, oriunda dos outros bairros, e da “*burguesia emergente, de que participavam sertanejos*”.

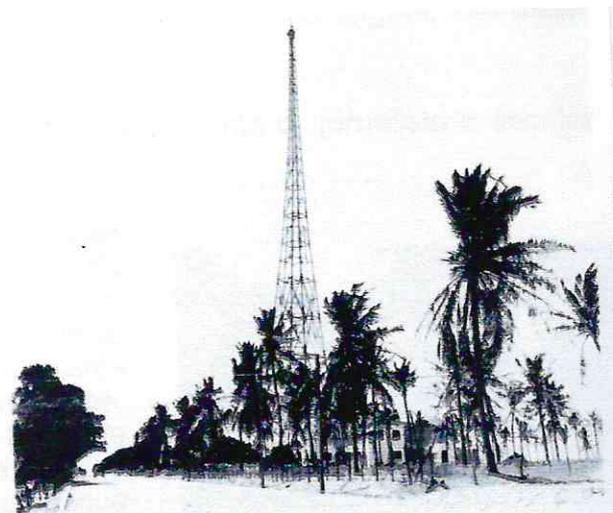


Figura 22 – Fotografia de 1960. Av. Antônio Sales vendo-se ao fundo a torre da TV Ceará Canal 2. Arquivo Nirez.

<sup>103</sup> ZORDEIRO. *O Ceará na Segunda metade do século XIX*. p. 137

<sup>104</sup> RIEDEL. *Aldeota, um bairro em mutação*. p. 23

recém-imigrados e gente de cujos bens pouco se sabia a origem, em maior parte beneficiários da seca de 1932".<sup>105</sup>

Sobre o rápido crescimento do bairro comenta o jornalista e escritor Jader de Carvalho:

"A Nova Aldeota é um bairro onde se misturam residências de milionários e bangalôs de médicos, advogados e engenheiros, construídos mediante financiamento ora dos Institutos, ora da Caixa Econômica. Ninguém previra o avanço da cidade rumo ao nascente – avanço que segue paralelo à orla marinha, mas indeciso ainda quanto à sua descida em direção à praia. Nessa área, agora preferida pelos ricos e pela camada superior da classe média, ainda se vêem casebres de taipa, tosquíssimas construções de tijolo e telha".<sup>106</sup>

As residências<sup>107</sup> que proliferaram nesta área da cidade não possuíam um estilo concretamente definido, empregando por vezes elementos de diversas origens, talvez copiados de revistas estrangeiras. Notam-se influências da arquitetura normanda ou do tipo *bungalows*, originalmente construções de inspiração indiana, mas que aqui nada têm a ver com a sua concepção original. Às vezes simples, às vezes assobradadas, na maioria



Figura 23 – Uma das primeiras residências construídas na Av. Santos Dumont, de propriedade da família Quixadá, característica de uma primeira fase de construção no bairro, a dos chalés. Arquivo Beatriz Riedel.



Figura 24 – Exemplar eclético da segunda fase (demolida). Arquivo Beatriz Riedel.

<sup>105</sup> CASTRO, J. L. *Arquitetura Eclética no Ceará*, p. 244.

<sup>106</sup> CARVALHO, J. *Sua Majestade o Juiz*, p. 337.

<sup>107</sup> Beatriz Riedel identifica quatro tendências que se estabeleceram quanto ao aspecto formal das casas da Aldeota, conforme o tempo em que foram construídas:

1ª fase: casas edificadas ainda em finais do século XIX e começos do século XX: chalés, com telhado aparente, três janelas na frente, varandas laterais, lambrequins e o arremate em frontão.

2ª fase: (anos 1915-1930) predomínio de formas ecléticas, com incorporação de modismos da época.

3ª fase: (anos 30-40): influência dos modelos veiculados pelas revistas estrangeiras.

4ª fase: (anos 40 em diante) Buscam uma linguagem moderna através do uso de platibandas e inspiração no estilo *art déco*, às vezes resultando numa aparência *kitsch*, que irá ser muito comum nas casas do Bairro de Fátima.

de cor branca, são geralmente implantadas no centro dos lotes, de maneira a deixar livres áreas de jardim, quintal e recuos laterais. Notam-se, em algumas, influências da tendência neocolonial,<sup>108</sup> também presentes em alguns exemplares arquitetônicos da primeira metade do século XX.

Com relação ao aspecto interno, essas casas apresentavam soluções pouco práticas e funcionais, pois a ênfase e o cuidado recaíam sobre as fachadas, elementos visíveis. Sua feição interior nada tem a ver com as antigas casas de longo corredor, estreitas, coladas umas às outras, implantadas em lotes compridos e estreitos, no limite da calçada, tão típicas da área central da cidade nos anos iniciais da primeira metade do século XX. Todas têm, no entanto, implícito o desejo de ostentação, denunciador da condição social dos seus proprietários. O cronista Stênio Lopes credits ao novo tipo de moradia que se constrói, mais um fator de estímulo ao sentimento individualista das classes dominantes:



Figura 25 – Casas projetadas e construídas por Emílio Hinko em 1936, formando um conjunto com o sobrado do Plácido, localizado no centro da quadra. Arquivo Beatriz Riedel.

“ O tipo de residência atual parece favorecer as visitas de amigos e parentes, sendo que as antigas casas, acanhadas como são ainda na classe média, não parecem estimular a frequência de pessoas estranhas. Essas visitas e contatos de famílias, domicílio a domicílio, tem fortificado o individualismo dos ricos e diminuído as oportunidades de maior conagração social.”<sup>109</sup>

Refletindo sobre o

comentário do cronista, há que levar em consideração o fato de que, se por um lado as novas moradias estimulavam os contatos amigáveis entre pessoas e parentes do mesmo nível, por outro contribuía para o desaparecimento de uma prática de sociabilidade, de cunho mais democrático, representada pelas “rodinhas de calçada” tão comuns entre as vizinhanças que habitavam no centro.

<sup>108</sup> Neocolonial. Tendência surgida na segunda década do século XX, como uma reação ao ecletismo, objetivando a busca de uma identidade arquitetônica que se pudesse chamar de autóctone, através de elementos e formas construtivas tradicionais. No Brasil seus principais representantes foram os arquitetos Ricardo Severo e José Mariano Filho.

<sup>109</sup> LOPES, J. S. op. cit., p. 94.



Figura 25 – Arquivo Marciano Lopes



Figura 27 – Arquivo Marciano Lopes

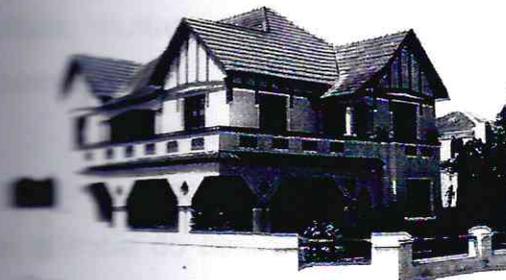


Figura 28 – Arquivo Marciano Lopes



Figura 29 – Arquivo Marciano Lopes



Figura 30 – Arquivo Marciano Lopes



Figura 31 – Arquivo Marciano Lopes

Figuras 25-31. Exemplos de residências construídas nas décadas de 1930 e princípios de 1940 inspiradas em modelos estrangeiros.



Figura 32 – Residência que incorpora uma linguagem mais "moderna" com adoção de platibanda. Construída na década de 1940. Arquivo Beatriz Riedel.



Figura 33 – Exemplo *kitsch* na Av. Santos Dumont. Arquivo Beatriz Riedel.

A ostentação cristalizada nas habitações da Aldeota, descortina um aspecto secular das elites da cidade, em todos os tempos sempre tão afeitas à exposição de signos que remetam a uma estratificação superior. Essa exteriorização acontecia não somente através das moradias, mas também da aquisição de carros luxuosos, de bens de consumo e da indumentária, item de competição velada, nos eventos que aconteciam nos clubes sociais, principalmente da parte do segmento feminino. Vestidos caros, de tecidos adquiridos fora da capital, confeccionados por costureiras de prestígio na cidade, muitas vezes copiados ou inspirados nos modelos das estrelas de cinema.

A consolidação da zona leste como a preferida dos ricos vai explicar o porquê da concentração das sedes clubísticas nessa área, aliada ao fator da decadência do centro como núcleo polarizador da sociabilidade, e à atração que a zona de praia passa a exercer na cidade, com a posterior abertura da Avenida Beira-Mar em 1962.

É conveniente esclarecer, que apesar de o rigor cartográfico indicar a localização da maioria das sedes dos clubes no Meireles, a terminologia "Aldeota", mais que a designação de uma área geográfica delimitada, extrapola as contensões do bairro, incorporando as regiões adjacentes, de maneira que os marcos divisores diluem-se e confundem-se. Dessa forma, popularmente, muitas vezes diz-se "Aldeota", para tudo que fica para os lados da praia e da Santos Dumont.

#### • O MAR NA CENA URBANA FORTALEZENSE

Ao se visualizar a implantação das sedes dos clubes sociais de maior projeção, no início da década de 1960, dentro da malha urbana (fig. 34 e 35), constata-se uma grande concentração na faixa fronteira ao mar, na área compreendida entre a Praia de Iracema e o Meireles, ou em zonas relativamente próximas à orla marítima, no bairro da Aldeota

A instalação dessas edificações aí se verificou em função da dinâmica urbana, que no processo de expansão da cidade para o lado leste, confere um maior valor de uso a essas áreas, que passam a constituir território de usufruto das classes abastadas, como já demonstrado.

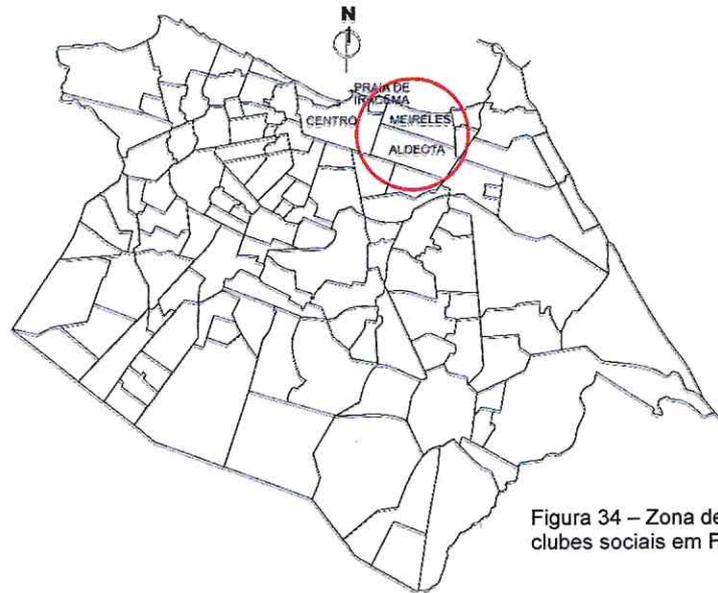
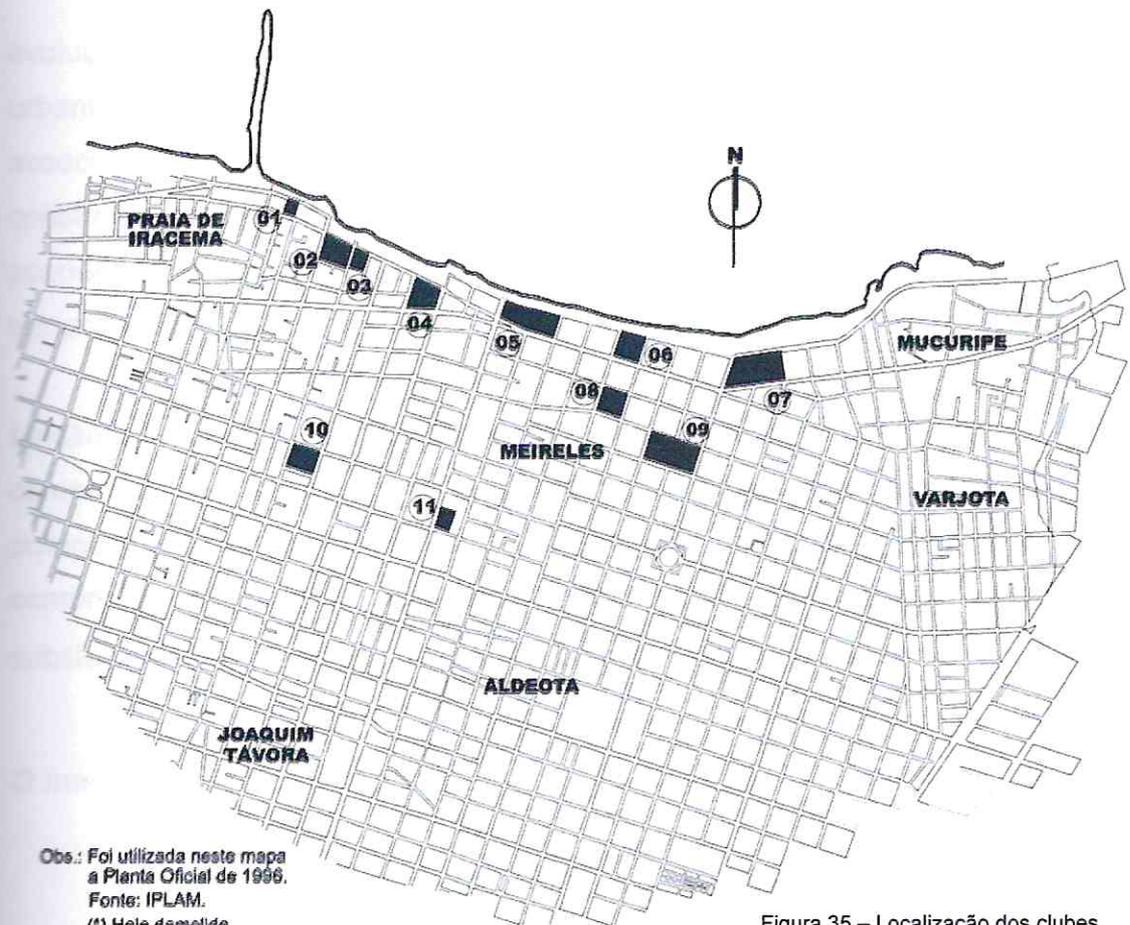


Figura 34 – Zona de concentração dos clubes sociais em Fortaleza - 1960



Obs.: Foi utilizada neste mapa a Planta Oficial de 1966.  
Fonte: IPLAM.  
(\*) Hoje demolido

Figura 35 – Localização dos clubes sociais em Fortaleza - 1960

#### LEGENDA

01 - CLUBE JANGADA (*)	05 - CLUBE DOS DIÁRIOS (*)	09 - CÍRCULO MILITAR
02 - COMERCIAL CLUBE (*)	06 - AABB	10 - CLUBE IRACEMA (*)
03 - CENTRO MASSAPEENSE (*)	07 - NÁUTICO ATLÉTICO CEARENSE	11 - CEARÁ COUNTRY CLUB
04 - IDEAL CLUBE	08 - CLUBE LÍBANO BRASILEIRO (*)	

Apesar do centro ainda polarizar o comércio e de certa forma o lazer, surgem outras possibilidades de ocupação do solo urbano, tendência que se verifica desde a década de 1940. Agremiações pioneiras que se originaram ainda no perímetro central (Diários e Iracema) para aí migraram, compondo um conjunto com outras instituições mais recentes (Ideal, Líbano, AABB, Comercial, Massapeense, Náutico).

A introdução do automóvel, como meio de transporte, é fator decisivo, que possibilita a localização dos clubes em paragens mais distantes do perímetro central. A aquisição de veículos importados pela classe abastada e o serviço de "carros de aluguel" viabilizam o deslocamento dos usuários para os novos locais de lazer.

A escolha da faixa de praia, para a fixação dos clubes, se conecta à redução do papel que o mar desempenha ao longo do processo histórico e urbanístico da cidade. A despeito de ser o elemento que, por excelência é associado ao nome de Fortaleza, a relação com o espaço litorâneo foi sendo construída ao longo do tempo, ao sabor de transformações de ordem social e econômica, assumindo papel e importância diferenciada nas diversas temporalidades.

Do total desinteresse dos primeiros tempos, quando tinha apenas a função de suprir as comunidades de pescadores e de possibilitar as trocas comerciais com os pontos externos, até os dias de hoje, quando tem suas potencialidades naturais exploradas a exaustão pela indústria turística, o mar sempre manteve com a cidade um convívio estreito, que passa pelo aspecto da subsistência, do comércio, do deleite, do lazer e da identidade.

### **O mar encoberto**

A pequena povoação que surgiu no séc. XVII ao redor da fortificação erguida pelos holandeses à margem do riacho Pajeú, como ponto estratégico de "baldeação"<sup>110</sup> na costa nordestina, inspirou sobre suas praias o seguinte comentário do viajante inglês Henry Koster, que por aqui passou em 1810:

<sup>110</sup> O termo é utilizado por Liberal de Castro em seu livro *Fatores de Expansão e de Localização da cidade da Fortaleza* para explicar a função de ponto de apoio logístico na costa nordestina em que se constituía Fortaleza, à época colonial. Tal ponto serviria de

“As vagas são violentas e o recife oferece proteção bem diminuta aos navios, viajando ou ancorados no porto. (...) A costa é encarpada, determinando uma ressaca perigosa para os barcos que procuram ancoragem perto do litoral (...), o porto é exposto e mau. Os ventos são sempre do sul e do leste. Fossem mais variados e seria raro chegar à costa”.<sup>111</sup>

De fato, os “verdes mares bravios” da costa alencarina não se mostravam receptivos, nem possuíam, durante muito tempo condições portuárias adequadas às atividades de embarque e desembarque, a não ser a partir da construção do porto do Mucuripe, iniciada em 1938 e concluída em 1951. Até esta data, os fluxos de pessoas e mercadorias se davam, de forma bastante precária, através de trapiches que se construíram na faixa litorânea correspondente ao centro histórico.<sup>112</sup>

Restrito à função de transporte até os primeiros anos do século XX, o mar não despertava maior interesse, a não ser para a população de pescadores que através dele, garantia seu sustento.

Das edificações de relevância urbana construídas ainda nos primórdios da evolução da cidade como o Passeio Público, a Santa Casa de Misericórdia, a Cadeia Pública e a Estação da Estrada de Ferro, que se instalaram a oeste do Pajeú e à esquerda do Forte, seguindo a tendência de expansão natural imposta pelo curso d’água, somente o Passeio Público e naturalmente o Forte, exploram as visuais para o mar. As demais constituem uma barreira entre a cidade e a praia. Como comenta Rocha Júnior,

“O desinteresse pela faixa em frente ao núcleo central era tão marcante que os serviços mais insalubres eram ali instalados: o velho “paiol de pólvora” por muito tempo esteve localizado na Largo da Misericórdia – depois Passeio público – até seu remanejamento

---

parada estratégica das naus, à espera de mudança no rumo dos ventos ou para seguir a pé com destinos a outros pontos do litoral.

<sup>111</sup> KOSTER. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. p. 165

<sup>112</sup> A precariedade das condições de acesso (feito através de jangadas, barcos e alvarengas) aos navios que permaneciam ancorados ao largo, inclusive colocava em perigo as pessoas envolvidas na operação. O jornal “Diário de Pernambuco” veiculou em 21 de fevereiro de 1860 uma notícia, enviada pelo correspondente local, sobre um trágico acidente, ocorrido no dia 19 desse mesmo mês, em que três pessoas teriam caído ao mar, durante o processo de desembarque do navio “Princesa de Joinville”. Duas delas teriam se salvado, mas a cantora Luíza Polandini, de 21 anos de idade, foi tragada pelas ondas. A certa altura, o jornal emite o seguinte comentário sobre o caso: “*Em verdade o nosso porto não merece tal nome, e nem temos esperanças de que os poderes do estado nos dotem com os melhoramentos de que possa ser elle susceptível, mas não obstante, pedimos pelo amor da humanidade que o governo nos dê ao menos barcas de salvação ou salva-vidas para que não venhamos a deplorar outras desgraças iguaes e de que nos ocupamos*”.

para local próximo ao “Cacimão da Lagoinha”: o Gasômetro, dos tempos da iluminação a gás (1867), ampla câmara situada entre as ruas Amélia (Sem. Pompeu) e Formosa (Barão do Rio Branco), na encosta que separa a Santa Casa do mar; a descida destas ruas era conhecida como “rampa” por ali se depositar o lixo da cidade; posteriormente a Light com sua chaminé fumejante, esteve localizada na área em questão”<sup>113</sup>.

Com efeito, essa não é uma característica unicamente local. Apesar da variedade de formas de implantação das cidades litorâneas brasileiras, até finais do séc. XIX “as áreas junto à costa permaneciam como locais de depósito de lixo e de lançamento de barris de esgoto, coletados pelos escravos nas habitações urbanas”.<sup>114</sup> A cidade do Rio de Janeiro é um exemplo típico dessa realidade.

Em finais do séc. XVIII, Fortaleza assumiu posição de destaque em relação às demais povoações do interior, dando início ao seu processo de hegemonia. Isso ocorreu em virtude da exportação de algodão para mercados internacionais, propiciada pela demanda gerada pela revolução industrial inglesa e pela guerra de independência das colônias americanas, tradicionais fornecedoras da pluma. Para esse quadro contribuiu também o desligamento do Ceará da capitania de Pernambuco (1799), o que possibilitou o comércio direto com outras praças. Os galpões e armazéns que foram construídos nas proximidades do porto como suporte à atividade comercial constituíam verdadeira barreira visual entre a cidade e o mar.

### **O mar descortinado**

Em princípios do séc. XX, a partir da implementação de políticas higienizadoras e de remodelação urbana, porque passam algumas cidades brasileiras influenciadas pelo modelo francês, a praia passa a ser utilizada para prática de esportes náuticos e banhos que passaram a ser encarados como um hábito saudável, de efeitos benéficos para o corpo.

Na verdade, essa tendência acompanha tardiamente o que já acontecia na Europa, de forma gradativa, desde a metade do séc. XVII,

<sup>113</sup> ROCHA JÚNIOR. O Mar e a Expansão Urbana de Fortaleza, p.33.

<sup>114</sup> REIS, Nestor Goulart. Apud SCHRAMM. *Terrotório Livre de Iracema: só o nome ficou?*, p. 27.

quando toma vulto o discurso médico que enaltece os efeitos terapêuticos dos banhos marítimos. Um outro aspecto, reforçado pelo clima do romantismo, também passa a ser associado ao mar em meados do séc. XVIII; o de deleite e a contemplação desse elemento da natureza, que inspira viagens e excursões de recreio das classes dominantes, introduzindo o turismo pelo litoral. Segundo salienta Schramm fundamentada em Alain Corbin,

“Entre o final do séc. XVII e início do séc. XX, começam a surgir estações balneares para atender às práticas higienistas vigentes, que proclamavam as virtudes das águas do mar e das fontes termais, entre outras. A partir de 1820, em países como Alemanha, Inglaterra e França são construídos grandes estabelecimentos de banho, onde tem curso o mundanismo elegante da elite européia”.<sup>115</sup>

Nesse panorama, o mar vai-se afirmando cada vez mais como espaço de sociabilidade. A princípio, das classes abastadas, para posteriormente constituir-se opção de lazer também das camadas populares, acarretando a segregação do espaço físico-temporal, que delimita zonas de freqüência e usos diferenciados dos diversos estratos sociais.

O já citado aumento da movimentação do porto, em função das relações comerciais, intensifica o fluxo de pessoas naquela área. O trânsito, no entanto era predominantemente de trabalhadores, que desempenhavam funções afins, ficando a classe dominante restrita a contatos esporádicos, em atividades de gestão dos negócios ou em ocasiões de desembarque e embarque para outras localidades, conforme cita Dantas:

“Este subespaço foi planejado como espaço de troca, reduzindo e justificando os contatos efêmeros que as classes abastadas mantinham com as zonas de praia: deslocando-se para esses espaços com o objetivo de partir para a Europa ou para outros pontos do território brasileiro, e em sentido inverso. Fora desses momentos, o porto era desaconselhado às “pessoas de bem”, principalmente nas horas de transporte de mercadorias, quando se notava o fluxo intenso de trabalhadores vestindo simples tanga. As relações derivadas das práticas terapêuticas de recreação e lazer, resultam diretamente de comunicação tornada possível por meio do porto. Por encontrar-se por trás da simples importação de mercadorias, a incorporação de um modelo de sociedade, os laços estabelecidos com a Europa findam na assimilação relativa da cultura ocidental pelas classes abastadas de Fortaleza”.<sup>116</sup>

<sup>115</sup> Ibidem, p. 25.

<sup>116</sup> DANTAS. Mar à Vista. Estudo da maritimidade em Fortaleza, p. 34.

Somente a partir dos anos 1920, é que a praia vai começar a ser efetivamente utilizada para fins de lazer. Antes, território exclusivo de pescadores e de incursões tímidas e esporádicas de seresteiros, a área da Praia Formosa, defronte ao núcleo central, passa a atrair a atenção dos mais ricos, como local de veraneio. Fator que contribui para a “descoberta” da atual praia de Iracema – antes denominada Porto das jangadas ou Praia do Peixe por ser unicamente local de moradia de pescadores –, foi o prolongamento da linha de bondes pela hoje rua dos Tabajaras em 1925, em função das obras de reforma que se operavam na ponte de desembarque.

Em 1926, José Magalhães Porto, comerciante oriundo do Recife, inaugura o seu palacete eclético, que mais tarde se transformaria no clube dos oficiais americanos durante a segunda guerra mundial e posteriormente no restaurante Estoril. Na sua esteira seguiram-se outras construções de feição semelhante, alpendradas, de frente para o mar, recuadas em relação aos limites dos lotes e às vezes assobradadas, compondo um conjunto onde se destacam as coberturas de telha francesa.

Por essa época, passam a ser comuns os passeios das classes abastadas pela beira mar, em geral em trajes de passeio. Diante dos novos usuários, a população de pescadores vai sendo “expulsa” do local, indo fixar moradia no “morro” ou encosta sul da Avenida Aquidabã, atual Historiador Raimundo Girão.

Os clubes sociais, que no começo do século XX instalaram-se na região central da cidade, passaram a procurar localização mais aprazível. Em 1929, ano em que foi criado, o Náutico Atlético Cearense instala sua primeira sede na Praia Formosa. É uma pequena guarita de madeira destinada à troca de roupa dos banhistas fundadores. O Ideal Clube que congregava o que havia de mais “tradicional” na classe abastada da cidade, também instala aí sua sede praiana em finais de 1932.

Até este ano, a área urbana de Fortaleza ainda se encontrava praticamente circunscrita ao quadrilátero compreendido entre o mar e as atuais avenidas do Imperador, Duque de Caxias e Dom Manuel, sugeridas por Adolfo Herbster em 1875, que também previra a ocupação de uma faixa para lá da margem esquerda do Pajeú, incluindo o *boulevard* da Conceição cujo limite seria a atual rua Nogueira Acioli.

A consolidação da Praia de Iracema como local de lazer e sociabilidade, prevalece até meados dos anos quarenta, quando as obras de construção do Porto do Mucuripe, alteram o curso das águas do mar, ocasionando o avanço das marés e um violento processo erosivo, que praticamente destróem aquela faixa de praia. Sobre essa época ficaram as histórias da boêmia e da "elite intelectual" que se reunia preferencialmente no Estoril, criando no senso comum a associação do bairro ao romantismo e à nostalgia, como ilustra a música de Luís Assunção:

"Adeus, adeus  
só o nome ficou  
adeus Praia de Iracema  
praia dos amores  
que o mar carregou"<sup>117</sup>

A transferência do porto gera, além da expansão da área física da cidade e a degradação da praia de Iracema, uma mudança sensível na configuração das funções urbanas: transfere os armazéns antes instalados defronte ao núcleo central acarretando o abandono e a estagnação daquela área; propicia o surgimento de uma outra área industrial (moinhos de trigo, fábrica de asfalto e frigoríficos) antes concentrada no lado oeste ao longo da via férrea (atual avenida Francisco Sá) e induz a fixação de um contingente populacional de baixa renda nos morros do Teixeira e Castelo Encantado, em função das possibilidades de ocupação oferecidas pelo porto.

### ***O mar incorporado***

Até a construção do Porto, na faixa litorânea compreendida entre a ponta do Mucuripe e o centro urbano, poder-se iam encontrar apenas casas de palha e choupanas. Essa paisagem vai-se alterar gradativamente no decorrer dos próximos anos. Em 1950 o Náutico Atlético Cearense implanta sua sede na praia do Meireles. Pode-se verificar, pelas fotografias da época (fig. 36 e 37), a ocupação rarefeita da área, e a coexistência da imponente edificação com os casebres na beira da praia.

<sup>117</sup> Luís Assunção, compositor maranhense radicado no Ceará (1902-1987), compôs "Praia de Iracema" em 1954.



Figura 36: Náutico Atlético Cearense, década de 1950 (vista Sudoeste-Nordeste). Arquivo NAC.



Figura 37: Náutico Atlético Cearense, década de 1950 (vista Leste-Oeste). Arquivo NAC.

A construção da avenida Beira-Mar em 1963 sugerida pelo Plano Diretor de Fortaleza, elaborado por Hélio Modesto, acentua a ocupação dessa área e inicia um processo de urbanização que culminaria no final da década posterior com a construção do calçadão. Conforme se reporta Dantas,

“De uma praia ocupada por veranistas (crônicas mencionam a existência de pequenas chácaras nesta praia. Conforme Cordeiro Neto (1964) elas eram praticamente interditadas à população, sendo quase privadas dos moradores) e pescadores (entre eles os expulsos da praia de Iracema e os proprietários de pequenos bares e restaurantes que, segundo Mello (1953), encontravam-se misturados à praia, com suas jangadas e coqueirais), a Beira-Mar afirma-se após os anos 1960, como lugar de encontro da sociedade e de habitação da população abastada. Em substituição à praia de Iracema, estabelecem-se, na Beira-Mar, clubes, residências para a elite, prédios comerciais, bem como serviços diversos”.<sup>118</sup>

Não deixa de ser curioso observar que, apesar da orla marítima já se integrar à dinâmica urbana, o mar ainda não possui o nível de valorização que passa a desfrutar a partir da década de 1970.

Dada a ausência de via de circulação na faixa linceira ao mar, as sedes praianas de clubes importantes com o Ideal, Diários e Náutico voltam suas fachadas para a então avenida Aquidabã, priorizando e valorizando a ligação com a cidade em detrimento da orla.

O mar funcionaria assim, quase como um “quintal”, constituindo mais uma opção a ser oferecida aos freqüentadores, porventura desejosos de tomar banho, do que propriamente um atrativo importante. Na verdade, a vida dos clubes se voltava “para dentro” das suas instalações. Tal como os *shopping centers* atuais que voltam suas vitrines para o interior das edificações com a intenção de “aconchegar”, “prender” e criar um simulacro, a vida social dos clubes, preponderantemente, acontecia intra-muros.

---

<sup>118</sup> DANTAS. op. cit., p. 61.



Figura 38 – Cartão postal da Beira-Mar, década de 1960. Vista da Volta da Jurema, sentido Leste-Oeste. Arquivo Armando Farias.



Figura 39 – Cartão postal da praia do Náutico. Década de 1970. Vista sentido Oeste-Leste. Arquivo Armando Farias

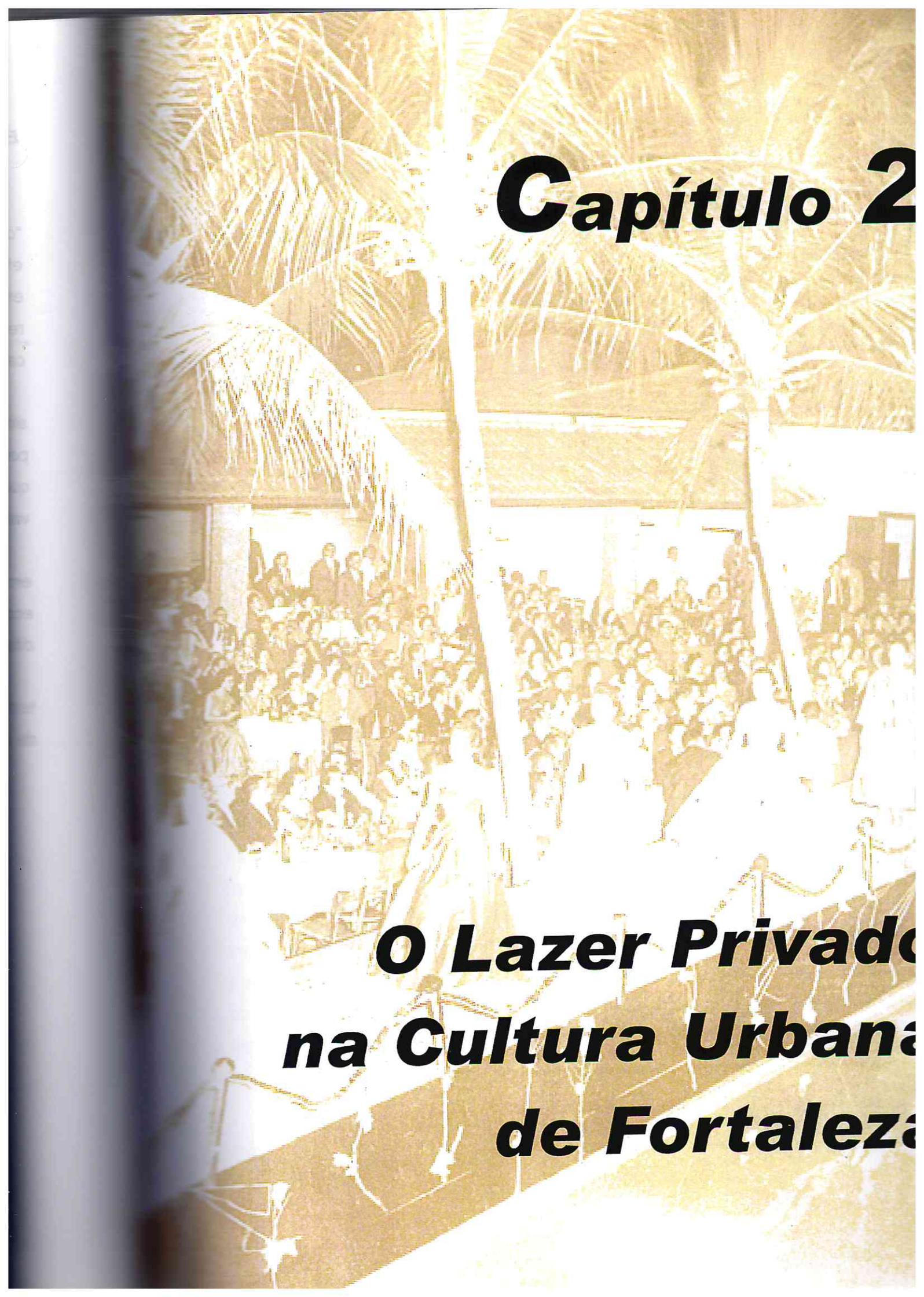
***Em poucas palavras...***

Num esforço de síntese, poder-se-ia dizer que a existência de um “clima de modernidade”, a acentuação do caráter urbano das populações, a efervescência de manifestações culturais diversas, a adoção de padrões estandardizados de consumo e de comportamento e, sobretudo, a busca de reconhecimento através da inserção em um mundo “mais civilizado” caracterizaram a sociedade urbana fortalezense no período 1950-1970.

Essas características, se compatibilizavam com o clima geral do país, ainda que assumissem nuances muito próprias da capital alencarina. Tais peculiaridades seriam fruto de uma leitura e de uma decodificação específicas, que se ancoravam em aspectos culturais, em expectativas psicológicas, em valores cultivados como grupo social.

Com relação ao fenômeno urbano, Fortaleza cresceu aceleradamente, em função, principalmente, dos fluxos migratórios. Sem uma estrutura econômica e social que absorvesse tal contingente, agravaram-se as diferenças sociais.

No que tange a hierarquização dos espaços, a Aldeota firmou-se como território das elites e o mar passou lentamente a ser incorporado ao cotidiano da cidade, atraindo para sua vizinhança, as sedes dos clubes sociais.



# **Capítulo 2**

## **O Lazer Privado na Cultura Urbana de Fortaleza**

# O LAZER PRIVADO NA CULTURA URBANA DE FORTALEZA

E se gosta da "batota"  
De festas, de "champanhota"  
visite a nova Aldeota  
onde mora "gente bem"

Péricles Távora

## REFLEXÕES SOBRE O LAZER

### • O CONCEITO DE LAZER EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

Mesmo constituindo o Lazer, um conceito já incorporado à linguagem corrente, é importante que se façam algumas considerações breves que, para efeito deste trabalho, tornam-se esclarecedoras do seu significado no plano das práticas que se desenvolvem no âmbito do individual e coletivo, ao longo da configuração histórica das sociedades.

O tempo fora do trabalho é tão antigo quanto o próprio trabalho, mas para Dumazedier, o lazer tal como hoje o entendemos "*tem traços específicos, característicos da civilização nascida com a Revolução Industrial*".<sup>1</sup> Nesse sentido, o emprego do termo seria inadequado à aplicação no contexto de sociedades arcaicas ou pré-industriais.

A palavra encontra sua origem etimológica em *licere*, termo latino que remete a práticas culturais alegres e festivas consideradas lícitas, cujo sentido, na antigüidade greco-romana, estava associado ao ócio: desprendimento das tarefas servis, condição propícia à contemplação, à reflexão e à sabedoria. Além também, ainda ressalta Dumazedier, a utilização do termo lazer seria imprópria, uma vez que "*o lazer não é a ociosidade, não suprime o trabalho, o pressupõe. Corresponde a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana, do ano ou da vida de trabalho*".<sup>2</sup> Como tal sociedade estruturava-se sobre um modelo escravista, o lazer resultava em privilégio de uma pequena parcela de homens livres, que não tinham quaisquer preocupações quanto ao

<sup>1</sup> DUMAZEDIER. *Sociologia Empírica do Lazer*, p. 26.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 28.

provimento de ordem material ou com o comércio e a guerra consideradas atividades das classes inferiores.

Durante a Idade Média, dada a importância do papel desempenhado pela Igreja, novos significados foram atribuídos ao trabalho e ao lazer, correspondentes às perspectivas cristãs. Para o homem, de “natureza inclinada ao pecado”, o trabalho (oriundo de *tripalium*) significaria o padecimento, o cativo e o sacrifício relacionado à expiação dos pecados. O tempo do não trabalho deveria ser destinado à busca da paz e da purificação, devendo ser evitadas as tentações e os prazeres da carne. O lazer era então condenado, pois festas, jogos e espetáculos representariam um perigo à “purificação da alma”. Nesse contexto histórico, conforme ressalta Cristiane Werneck “o lazer só poderia ser vivenciado se contribuísse para elevar a alma a Deus, impregnando valores morais salientados como essenciais para o mundo do trabalho”.<sup>3</sup>

A moral protestante, advinda com a Reforma, atribuiu ao trabalho o *status* de virtude, um dever, um modo de servir a Deus e alcançar a salvação. O lazer, gozado como ócio, remetia à noção de preguiça, condição própria ao desenvolvimento do vício e da vadiagem em função da desocupação. Ao consumo do supérfluo e às tentações deveria ser oferecida resistência.

As mudanças no pensamento político e intelectual, associadas à transição para a Idade Moderna, levaram a uma redescoberta do saber greco-romano, mais liberto da tradição cristã. A “modernidade”, do ponto de vista do desenvolvimento do capitalismo, introduziu novos conceitos e significados para trabalho e lazer. O tempo passa a ser a categoria pela qual se norteiam as relações sociais e de produção: tempo de trabalho produtivo, tempo de não trabalho.

Dadas as condições em que se desenvolvia a atividade produtiva, principalmente nos primórdios da Revolução Industrial, o ato de trabalhar passou a ser associado a algo penoso, rotineiro, obrigatório e alienante onde não se podiam exercer a criatividade e a iniciativa. Os únicos momentos de real prazer seriam, portanto, aqueles do tempo não trabalhado. Nesse contexto, o

---

<sup>3</sup> WERNECK. *Lazer, Trabalho e Educação: relações históricas, questões contemporâneas*, p. 37.

lazer seria a quebra de rotina, associado à realização, à iniciativa, à fuga dos problemas, à compensação das frustrações, à recuperação das energias e à criatividade.

As conquistas sociais, que foram acontecendo ao longo do processo histórico, principalmente aquelas da agenda de reivindicação operária, conferiram ao lazer o estatuto de cidadania. Uma interrupção no tempo de trabalho ao qual todos deveriam ter direito. Na verdade trabalho e lazer seriam atividades complementares, solução cômoda e adequada para o sistema vigente.

### • O LAZER NA SOCIEDADE CAPITALISTA

O aumento do tempo livre na sociedade industrial é o resultado do emprego dos métodos de incremento da produtividade, o qual se deve às descobertas técnicas e científicas, aliadas a dois fatores complementares: a ação reivindicatória dos Sindicatos pelo aumento de salário e diminuição de horas de labuta, e a ação das empresas, que liberaram tempo de trabalho, visando ao escoamento de seus produtos, gerando o aumento do tempo de consumo.

Quando se fala de “tempo livre”, deve-se ter em mente que ele é limitado pelas seguintes variáveis: duração do trabalho profissional, tempo despendido na locomoção entre casa e trabalho, tempo dedicado às obrigações domésticas ou familiares e arranjo das atividades de manutenção vital: sono, refeições, higiene pessoal. Incluem-se no “tempo livre”, por um lado, as atividades espirituais, atividades sociopolíticas e por outro, os lazeres.

Na sociedade “pós-moderna”, como amplamente se designa o período histórico sociocultural que teria se iniciado após a segunda guerra mundial, o lazer assume um viés cultural associado principalmente ao consumo, ancorado na busca do prazer estimulado pelo desejo e pela fantasia. Tais anseios seriam possíveis em função do suposto clima de liberdade e da possibilidade de extravasamento de repressões contidas.

O lazer pode configurar-se de várias formas: repouso na medida em que descarrega as tensões advindas da vida cotidiana, divertimento quando combate a monotonia e o enfado do dia a dia, desenvolvimento pessoal

quando cultiva ocupações de forma livre, sem caráter de dever ou sem motivos utilitários. No entanto, sob a lógica do sistema, e de forma mais acentuada nos países pobres, é preponderantemente associado às distrações alienantes, sem preocupações mais profundas quanto ao significado sociocultural e político da vida das pessoas. São enfatizados sobremaneira os aspectos ligados à diversão pura e simples e a busca do prazer mais ligado às sensações de euforia imediata. É essa dimensão do conceito de lazer, ligado ao entretenimento, que será utilizado nesse trabalho.

Numa realidade capitalista o lazer, tal como as demais funções urbanas, ocorre de maneira diferenciada, atendendo aos anseios dos diversos grupos sociais que criam ou se apropriam de espaços públicos ou privados da maneira como lhes convém, ou no caso dos menos favorecidos, da maneira que lhes é possível.

As escolhas por quaisquer tipos de lazer não se dão somente ao nível pessoal. Como o homem vive em sociedade, elas também se processam em função do que é valorizado pelo grupo sociocultural, pois além de ser um fator de maior produtividade porque restaura as forças do indivíduo libertando-o do stress, o lazer é também elemento de integração do ser humano individual em uma coletividade, por facilitar contatos em clima de espontaneidade e alegria. No caso do lazer praticado nos clubes de Fortaleza o fator de identificação e pertencimento a um grupo social provavelmente muito contribuiu para a sua consolidação.

#### • SOCIABILIDADE E LAZER NA EVOLUÇÃO URBANA DE FORTALEZA

O desenvolvimento das relações sociais, no que diz respeito às práticas de sociabilidade e lazer em Fortaleza, vinculam-se, fortemente, aos variados contextos históricos da cidade, guardando íntima relação com as mudanças, que se processam ao longo do tempo, no cenário urbano, tanto quanto ao aspecto socioeconômico, quanto do espaço geográfico.

Os vários trabalhos já produzidos, a respeito da evolução da capital, concordam em afirmar que, somente a partir de meados do séc. XIX, a cidade tomou impulso, afirmando-se no cenário estadual como centro hegemônico. Se

antes, a ela se associava o acanhamento em termos de infra-estrutura e serviços, o lazer não poderia se caracterizar por um nível de sofisticação e diversidade.

Isso não quer dizer, todavia, que atividades ligadas à sociabilidade e à diversão, não tenham sido praticadas pelas primeiras comunidades, e até mesmo pelos pioneiros habitantes, da pequena povoação, ainda em suas origens. Essas, contudo, não teriam qualquer expressividade no que diz respeito ao fenômeno urbano.

### ***Lazer como evento social***

Entre finais do séc. XIX e princípios do séc. XX, obras e espaços públicos destinados ao lazer seriam implementados em Fortaleza, na esteira do processo de “modernização” e reformas urbanas pelo qual passou a cidade.

O Passeio Público (1880), O Teatro José de Alencar (1910), o Cine-Teatro Polythema (1911), o Cine-Teatro Majestic (1917) o Cine Moderno (1922) constituíam os principais espaços de divertimento e deleite coletivo. Contudo, mesmo sendo públicos, esses espaços já eram impregnados pelo viés da segregação.

O Passeio Público, por exemplo, foi concebido em três níveis, os quais eram usufruídos por atores sociais de grupos diferenciados. Sobre esse equipamento escreve Sebastião Rogério:

“Localizado no perímetro central e com ampla vista para o mar, o Passeio tornou-se de pronto a principal área de lazer e sociabilidade, até que despontassem outras tentadoras opções a partir do século XX (...)Zelosamente cuidado e bastante arejado, o logradouro transformou-se em vitrine ideal para o desfile de elegâncias e enquanto cartão de visita da Cidade, haja vista o álbum de fotografias intitulado “Álbum de Vistas do Ceará, 1908”, confeccionado pela casa francesa importadora – exportadora Boris Frères e Cia, impresso em Nice e destinado a dar uma amostra imagética do desenvolvimento da Capital. Entre as dezenas de fotos selecionadas para o encarte, onde despontam praças, ruas, edifícios, escolas e construções em geral, o Passeio Público é o que mais aparece, merecendo fotografias dos seus mais diversos ângulos”.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> PONTE. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social*, p .31.

A importância desse espaço, no contexto citadino dos primeiros anos do século XX, é evidenciada no depoimento de José Barros Maia, Mainha, registrado no livro *Roteiro Sentimental de Fortaleza*:

“O Passeio Público era um centro das primeiras diversões de Fortaleza: você ia para lá, tinha participação, tinha movimento, tinha representações, etc. (...) Usavam-no para recreação porque não existia espaço para recreação, já que as casas daquele tempo eram mistas – comércio e residência. Assim os donos dessas casas lançavam mão do Passeio público, para substituir uma falha na construção da arquitetura”.<sup>5</sup>

O Teatro José de Alencar, pela própria natureza da edificação, era território das elites. Apesar de desempenhar um papel de destaque, no cenário urbano, ocupando a lacuna resultante da inexistência de casas de espetáculos teatrais<sup>6</sup> mais representativas e apropriadas, não se pode dizer que o teatro, em Fortaleza, fosse uma atividade diversional intensa, que fizesse parte do lazer habitual da população. Embora, historicamente, tenha-se verificado na cidade a criação e a atuação de vários grupos teatrais, esses seriam de característica predominantemente amadora. O calendário do “José de Alencar” era constituído basicamente por espetáculos de companhias oriundas do sul do país, ou até mesmo internacionais, que aqui aportavam eventualmente.

Prerrogativa dessas classes abastadas seriam também, os clubes sociais já existentes, Iracema (1884) e Diários (1913) assim como os saraus e reuniões fechadas, que se realizavam nas residências, para poucos

<sup>5</sup> SOUSA, S.; PONTE, S. R. (org). *Roteiro Sentimental de Fortaleza*, p.192-193.

<sup>6</sup> As referências históricas às atividades teatrais em Fortaleza dão conta de que, o primeiro espaço denominado de “Teatro” na cidade, teria sido o Teatro da Concórdia, surgido em 1830, que ficava na confluência da então Travessa Municipal (Guilherme Rocha) com a Rua do Quartel (General Bezerril), de frente para a capela do Rosário. Daí ter-se-ia transferido em 1842, para a Rua Formosa, (Barão do Rio Branco), mudando o seu nome para “Teatro Taliense”. Este desapareceria em 1872. Em 1876, registra-se a fundação de um Teatro São José, na Rua Amélia (Senador Pompeu) entre Guilherme Rocha e Liberato Barroso. Outra área para espetáculos teria surgido em 1877: o Teatro de Variedades, funcionando ao ar livre, na Rua Formosa com a Misericórdia (Dr. João Moreira). Em seu lugar, funcionaria de 1880 a 1896 o Teatro São Luís, que eventualmente exibia espetáculos de companhias internacionais que visitavam o norte do país. Como se pode observar até a inauguração do Teatro José de Alencar, Fortaleza não possuía uma casa de espetáculos de porte. Quanto ao aspecto da atividade teatral propriamente dita, vários grupos se formaram ao nível local, na primeira metade do séc. XX, como: Teatro de São Gerardo, no Alagadiço (1939), Teatro Escola Renato Viana (1941), Teatro do Estudante do Ceará (1943), Teatro Escola do Ceará (1951), Teatro Experimental de Arte (1952), e a Comédia Cearense (1957). Desses grupos, o que alcançou maior expressão, persistindo ainda em atividade é a Comédia Cearense, fundada por Haroldo Serra. A companhia alcançou reconhecimento inclusive no panorama nacional.

convidados das “boas famílias”. Para ilustrar o assunto, recorro novamente às lembranças de Mainha:

“Os maiores divertimentos, os grandes eram nos clubes: o Iracema e o Clube dos Diários. Isso em 1920, 1923, 1924... Quando um clube dava festas, o outro não dava, porque não tinha gente, público para os dois funcionarem no mesmo dia”.<sup>7</sup>

Quanto aos cinemas<sup>8</sup>, afirma Alencar que a freqüência não era das maiores:

“Os cinemas se mantinham heróica e milagrosamente com duas sessões de Segunda a Sábado e três aos domingos, contada a vespéral infantil. Geralmente a última sessão era a mais concorrida, mais por reunião de elegância do que pelo filme. Assistir a tal sessão considerada *chic* era obrigação social. Isso aconteceria até mesmo depois do aparecimento dos outros cinemas. (...) Quando me refiro ao heroísmo e teimosia dos cinemas, é que o cinema em Fortaleza não foi, pelo menos até 1930, um hábito arraigado na população. Contavam-se aos milhares as pessoas que, mesmo residindo no centro, jamais entraram num cinema! Nunca foi possível até então os cinemas funcionarem às tardes. E mesmo as sessões noturnas só eram concorridas aos sábados, domingos e feriados, ou nas exhibições de seriados, ou de filmes sacros como “Nascimento, Vida, Paixão e Morte de N. S. Jesus Cristo”.<sup>9</sup>

A observação do cronista talvez tenha deixado de ponderar alguns aspectos que provavelmente teriam concorrido para a pouca afluência aos cinemas, na sua fase inicial, em Fortaleza. É possível que a escala da cidade não reclamasse sessões cinematográficas em horários diversificados e o público, com condições de disponibilizar o período da tarde para assistir às sessões de cinema, deveria ser bastante reduzido, já que a maioria da população além de ter que trabalhar, não dispunha de poder aquisitivo para tal.

No entanto, a força do divertimento cinematográfico se consolidaria, com a instalação de novas salas de projeção: Cine Pio X (1923), Cine Centro (1926), Cine União (1927), Cine Merceeiros (1930), Cine Phoenix (1930), Cine Luz (1931), Cine Rex (1940), Cine Diogo (1940), Cine Jangada (1950), Cine Araçanga (1951), Cine Samburá (1952), Cine São Luís (1958).

<sup>7</sup> SOUSA, S.; PONTE, S. R. (org). op. cit., p.184.

<sup>8</sup> São também dessa época pioneira, além do Polytheama, Majestic e Moderno: o Cinema Riche (1915, Praça do Ferreira); o Cinema São José (1917, atual Teatro São José na Praça Cristo Redentor), o Cinema Tiro Cearense (1917, Passeio Público) e o Cinema da Estação (1917, Av. Visconde do Rio Branco, próximo à estação de bondes).

<sup>9</sup> ALENCAR. *Fortaleza de Ontem e Anteontem*, p.45.

O surgimento de novos cinemas se deu, inclusive, fora do perímetro central<sup>10</sup>. O período de funcionamento dessas salas, assim como sua importância dentro do contexto urbano, varia sensivelmente. Algumas tiveram vida efêmera. Dos cinemas do centro, só o São Luís está, até hoje, em atividade. Poder-se-iam citar ainda vários nomes de salas de projeção que emergiram na capital. Sua origem, contudo, aconteceu mais recentemente, fora do recorte temporal que abordamos.

Em finais da década de 1930, uma outra alternativa de divertimento era constituída pelos programas de auditório, conforme já comentado. A Ceará Rádio Clube, PRE-9, (1934) e a Rádio Iracema de Fortaleza (1948) celebrizaram-se pelos seus programas, aos quais comparecia grande massa de espectadores, constituída principalmente pelos setores populares.

As atrações eram variadas, apresentando-se tanto artistas locais, como os que provinham do sul e de outros países da América Latina. O auge desse programas se deu principalmente durante as décadas de 1940 e 1950.

### ***Lazer com sentido coletivo***

Ao falar de uma Fortaleza de outros tempos, Raimundo de Menezes evoca as inocentes brincadeiras que se faziam nas ruas da cidade, impregnando o seu discurso com um tom nostálgico e saudosista:

“(...) os bons velhinhos que estão quietamente me escutando, nesta hora gostosa de saudades, devem lembrar-se de quantos folguedos que os alegraram na sua juventude que o tempo levou! Recordam-se vocês, ó meus bons amigos, da brincadeira de serrar velha, atroz e perverso, que maltratava e tanto fazia rir? E da dança de São Gonçalo, cantada entre pilhérias, nos dias de casamento? E dos papangús, aqueles cordões enormes de mascarados, a correrem pelas ruas, em corridas doidas, a zombarem de toda gente, em travessuras pândegas? E das pastorinhas, cheias de garbo, melindrosas, em toletes características, com as canções doces e emotivas? E dos congos, vistosos, em suas fardas gritantes de mil

<sup>10</sup> Dentre os cinemas que surgiram em bairros ou em áreas mais afastadas no núcleo central, podem-se citar: Cine Beira-Mar (1924, Praia de Iracema); Cine Grêmio Dramático familiar (1927, Av. Visconde do Rio Branco); Cine Recreio Iracema (1928, Av. Visconde Cauípe, atual Av. da Universidade); Cine Benfica (1931, Av. João Pessoa); Cine São Gerardo (1931); Cine Popular (1931, Praça da Bandeira, atual Clóvis Beviláqua); Cine Familiar (1937, Otávio Bonfim); Cine-Teatro Cristo Rei (1940, atual rua Franklin Távora, na Praça da Bandeira); Cine Messejana (1948, Rua Padre Alencar em Messejana); Cine Atapu (1950, cruzamento das avenidas Visconde do Rio Branco com Treze de Maio).

cões, disciplinados, em dansas exóticas, em bailados bizarros, com suas cantorias nostálgicas? E dos fandangos e dos bois, com suas alegorias caricatas, nas músicas dolentes e saudosas, cujas letras, cheias de uma melodia suave, inebriavam de maior alegria as festas do natal de Jesus?”.<sup>11</sup>

As manifestações descritas pelo autor, de caráter coletivo e popular, dispensavam quaisquer estruturas ou equipamentos urbanos e aconteciam em função da simples vontade de brincar e conviver. Em verdade, associam-se a Fortaleza do século XIX. Nessa época, a pequena cidade propiciava as relações estreitas entre os habitantes.

Com efeito, o caráter comunitário permaneceria como característica da sociabilidade também nos primeiros anos do século XX. Conforme deixa entrever o depoimento de Mainha sobre o Passeio Público, o “sair para os ambientes públicos” seria estimulado, também, pela própria estrutura das moradias, da maior parte da população, que não oferecia condições para o convívio e as trocas sociais. Residências assobradadas existiriam, com condições de receber, em amplas salas, convidados para prazerosas reuniões, mas sem dúvida, apresentavam-se em número reduzido, sendo seus proprietários integrantes das elites locais.

Ao lado das opções de lazer já comentadas, a forma de sociabilidade mais “democrática” e “popular” dar-se-ia no centro, nos bancos da Praça do Ferreira, nos bares e cafés adjacentes, onde se conversava sobre tudo: política, negócios ou “amenidades”. Isso não significa que esses espaços fossem compartilhados de maneira igualitária. Até mesmo na praça havia o local dos pobres e dos ricos, como o jardim Sete de Setembro, por exemplo, *locus* das populações ditas elegantes.

Muito se tem escrito<sup>12</sup> a respeito desse espaço da cidade. A Praça é cantada e decantada como o local que mais identidade guarda com Fortaleza. Escritores, poetas e memorialistas a descrevem em todos os seus aspectos, evocando a imensa variedade de fatos que lá ocorreram, envolvendo desde

<sup>11</sup> MENEZES. *Coisas que o tempo levou...* crônicas históricas da Fortaleza antiga. p. 4-5.

<sup>12</sup> Sobre a Praça do Ferreira, consultar: GALENO, Alberto S. *A Praça e O Povo: homens e acontecimentos que fizeram a história da Praça do Ferreira*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991. LEITÃO, Juarez. *A Praça do Ferreira: república do Ceará moleque*. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2002. JOB, Daniel Carneiro. *Praça do Ferreira: o inédito, o sério e o pitoresco*. Fortaleza: Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1992.

assuntos de relevância política, como passeatas e manifestações, a episódios engraçados e pitorescos, que passaram a integrar o “folclore fortalezense”, relacionados a pessoas conhecidas ou tipos populares que se notabilizaram no anedotário da capital.

Ao longo de sua existência, como ponto de referência urbana, a Praça do Ferreira passou por inúmeras reformas<sup>13</sup>, sempre a perseguir um ideal de mudança e modernidade. Seu papel como centro polarizador da sociabilidade, no entanto, foi sendo aos poucos golpeado em função da dinâmica do crescimento da cidade e a introdução de outras práticas sociais vinculadas a outro tipo de equipamentos e expectativas.

Ainda resgatando práticas de convívio relacionadas a uma Fortaleza mais antiga, é relevante citar um costume muito comum na primeira metade do século XX, que eram as “rodinhas de calçada”, constituídas pelo ajuntamento de pessoas vizinhas, parentes e/ou amigas que se reuniam ao ar livre em agradáveis e animadas conversas. O hábito, bem compatível com o tamanho da cidade, que ainda permitia contatos mais estreitos e personalizados, era facilitado também pela inexistência de um grande fluxo de veículos na rua, que colocassem em risco a segurança das pessoas, como recorda Moreira Campos:

“Havia, como eu já disse no soneto sobre Fortaleza, cadeiras na calçada. As conversas eram tão curiosas! Ocupavam as calçadas, as cadeiras, ninguém tinha medo de trânsito, não havia essa violência. (...) Era uma coisa muito natural, porque, naquele tempo, as casas eram conjugadas, como no interior, uma perto da outra, uma escorando a outra, as casas relativamente pequenas. Havia os

<sup>13</sup> As reformas mais significativas pelas quais passou a Praça do Ferreira podem assim ser sistematizadas: o intendente Guilherme Rocha cercou com gradil a sua parte central e a arborizou intensamente em 1902. Em 1920, o então prefeito Godofredo Maciel, pavimentou com mosaico os passeios e mandou demolir os quatro quiosques existentes nos quatro cantos. Em 1925, o mesmo prefeito mandou construir o coreto central, que seria demolido posteriormente, na gestão de Raimundo Girão, entre 1933 e 1934, para que aí fosse construída a coluna da hora. Em 1941, o prefeito Alencar Araripe mandou abrir duas alamedas para facilitar o fluxo de veículos e instalou novos postes de iluminação. Na administração de Acrísio Moreira da Rocha, em 1946 foi demolida a Travessa Pará para que aí se instalasse o Abrigo Central. A gestão de José Walter Cavalcante foi, na quase unanimidade das opiniões, a que mais prejuízos causou à Praça. O Abrigo Central foi demolido em 1967, e na reforma que aconteceu entre 1968 e 1969, foram propostas elevações e níveis que atuaram no sentido de fragmentar o espaço, perdendo total referência com o todo construído historicamente. Essa época coincidiu com o início do incremento das atividades comerciais, na zona da Aldeota, fato que muito contribuiu para a perda do lugar de primazia daquele logradouro. Em 20 de dezembro de 1991, a Praça seria reinaugurada pelo prefeito Juraci Magalhães, após o processo de radical reforma que visou a resgatar, utilizando metáforas e linguagens atuais, algumas características originais do espaço.

sobrados, as casas grandes, mas, na maioria das casas, não havia espaço interno para conversas. Eram tristes, quentes. Então, na calçada, havia a viração, o vento, sobretudo se era na Barão do Rio Branco, na Major Facundo. O vento vinha do Passeio Público, vinha do mar. Então, as rodas se formavam a ponto de às vezes não respeitarem sequer a rua propriamente dita, o "trottoir"! Às vezes, você vinha pela calçada e tinha de descer e contornar para pegar novamente a calçada. Agora, aquilo era um encantamento! Conversava-se de tudo, não se tinha televisão, não se tinha rádio. Conversavam homens e mulheres. Era a fofoca! Há coisa mais deliciosa que fofoca? Todos nós gostamos de uma fofocazinha, coisa e tal, de uma conversinha. Quem disser o contrário, é mentiroso. Então eram aquelas conversas deliciosas, que se formavam nas cadeiras das calçadas".<sup>14</sup>

As obrigações religiosas, como as missas domingueiras, também seriam um pretexto para encontros e conversas informais no pátio das Igrejas. Do mesmo modo, as quermesses, novenas e procissões criavam oportunidades para a convivência e o conagração das comunidades. Tanto as "rodinhas" como as festas religiosas possuíam um caráter de natureza mais popular, associada possivelmente às raízes interioranas de parte desses atores. Indício desse fato, é que, ainda hoje, em alguns bairros da capital e nas cidades do interior ainda persistem tais práticas.

Remetendo à importância das atividades religiosas, no contexto das práticas sociais da "Fortaleza de ontem", Blanchard Girão exemplifica:

"A Avenida do Imperador nos idos de 50 abrigava, em centenas de casas quase todas geminadas, famílias da classe média de Fortaleza que, pela vizinhança muito próxima, viviam de maneira quase fraternal daquele tipo de relacionamento íntimo, de visitas constantes, troca de favores costumeiros. (...) E no meio dessas famílias, mais fortalecendo os seus laços, estava a Igreja de São Benedito, localizada entre as transversais Clarindo de Queiroz e Meton de Alencar. Na religiosidade típica dos tempos de antanho, a Igreja de São Benedito, por seus responsáveis, os Padres Sacramentinos, além da Adoração ao Santíssimo e outras promoções, fazia realizar constantes festas e quermesses. No Natal, na Páscoa, no Santo Antônio, São João ou São Pedro, os padres não deixavam por menos: organizavam quermesses, aproveitando os generosos espaços defronte e ao lado da Igreja, decorando-os com bandeirolas coloridas, mesinhas para jogos de prendas e outros atrativos, dentre os quais um barulhento e animado leilão. As novenas e quermesses de São Benedito integravam o calendário festivo não somente do povo da área da Imperador e adjacências (Tristão Gonçalves, 24 de Maio, Princesa Isabel, Meton de Alencar, São Sebastião), mas de gente de outros bairros, todos atraídos pela animação característica dos eventos".<sup>15</sup>

<sup>14</sup> SOUSA, S.; PONTE, S. R. (org). op. cit., p. 40-41.

<sup>15</sup> GIRÃO, B. *Sessão das Quatro*. Cenas e Atores de um tempo mais feliz, p.123.

### **Só para homens**

Para o segmento masculino, ainda no começo do século XX, o futebol representava mais uma possibilidade de lazer. A introdução desse esporte no Ceará, tal como ocorreu em todo o país, vincula-se às camadas abonadas. O jogo de origem inglesa, era pouco conhecido e divulgado. Suas regras, tampouco, eram de domínio geral.

Em Fortaleza, o esporte teria chegado através de um grupo de rapazes<sup>16</sup>, filhos de grandes comerciantes locais, que, estudando na Europa e na cidade do Rio de Janeiro, teriam travado contado com a novidade. Alencar refere-se às partidas de futebol que aconteciam no segundo plano do Passeio Público, em condições precárias e inadequadas:

“Era o esporte pelo esporte, pois não havia o mínimo conforto e o campo deixava a desejar. O gramado não prestava. Havia mais areia do que grama. E de quando em vez a bola caía na rua ou no terceiro plano e até na cacimba que ao lado estorvava o jogo quebrando a simetria do quadrilátero”.<sup>17</sup>

Nos anos 1900, alguns times futebolísticos seriam criados<sup>18</sup> e a prática do futebol se disseminaria, em ritmo acelerado, passando a ocupar um lugar de destaque no conjunto das diversões masculinas. Tais equipes competiam no Campo do Prado<sup>19</sup>, uma espécie de campo oficial, dada a inexistência de locais adequados à prática dos jogos.

Tão rápida a difusão que o esporte alcançou, ainda na primeira metade do século XX, que, em setembro de 1941, seria inaugurado o Estádio Municipal, o qual passaria a se chamar posteriormente, “Presidente Vargas”.

Quanto a outros esportes, os jornais do começo do século XX são econômicos em notícias. Contudo, referências eventuais são feitas a “brigas de galos”, “lutas livres” e “corridas de cavalos” que aconteciam também no Campo do Prado.

<sup>16</sup> Dentre os rapazes que estudaram no exterior, citam-se os nomes de João Gentil, José Bruno Barroso e Jaime Loureiro. Dentre os que moravam no Rio de Janeiro, destacam-se Meton Pinto, Humberto Ribeiro e Walter Olsen.

<sup>17</sup> ALENCAR. op. cit., p. 60.

<sup>18</sup> O Ceará Sporting Club surgiu em 1915, com o nome de “Rio Branco”. O Fortaleza Esporte Clube foi fundado em 1919 com o nome de “Stela” e o Ferroviário Atlético Clube seria criado em 1933.

<sup>19</sup> O Campo do Prado é o local onde hoje se regue a Escola Técnica Federal do Ceará, na Avenida Treze de Maio.

Com o passar dos anos, competições envolvendo outras modalidades esportivas, se associariam principalmente aos clubes sociais ou, eventualmente, às instituições educacionais. De maneira geral, o esporte em Fortaleza caracteriza-se como amador, e competições no campo do basquete, vôlei e tênis sempre foram prerrogativa de uma pequena parcela de jovens dos setores socialmente privilegiados. O futebol seria, por excelência, o esporte do povo, praticado de qualquer forma, em qualquer lugar, bastando para isso, a existência de uma área livre para a colocação de traves de pau, e vinte e dois “atletas” dispostos a jogar.

Outra possibilidade de diversão exclusiva do público masculino seria representada pelas “casas de recursos” *boites* e bordéis. O amor “ilícito” e descompromissado sempre existiu nas sociedades, até como um mecanismo de preservação da estrutura familiar. Apesar de se constituir em uma prática “discreta”, entre os homens, sempre foi tida como normal a freqüência a esses ambientes, onde os casados praticavam a dança e o sexo de uma maneira mais livre dos preconceitos e recatos das esposas e os solteiros extravasavam os impulsos que não poderiam ser satisfeitos com noivas e namoradas.

Não seria descabido deduzir que, os cabarés atuavam também como escola de dança para os rapazes da elite. Aprenderiam a dançar nesses ambientes, mais livres e informais, para depois se exibirem nos clubes, de maneira adequada e comportada, com as namoradas.

Na década de 1930, era famosa a Pensão da Amélia, situada na Praça do Ferreira, nas esquinas das ruas Floriano Peixoto com Pedro Borges, largamente freqüentada pelo público masculino dos estratos superiores da sociedade, como descreve Job:

“Aquele Pensão era ponto de encontro de altas autoridades, deputados, intelectuais, comerciantes, industriais, além dos vultos mais destacados da maçonaria de Fortaleza. Sua proprietária Amélia Campos, inteligente, atraente, comunicativa, era exímia importadora de mulheres do mais alto quilate, de todos os estados do Brasil. Cuidava com rigor do seu rebanho. As mulheres do seu prostíbulo, antes de lançar-se no meretrício, recebiam aulas de conversação, vestiam-se com elegância a ponto de comparecerem às manhãs de domingo na Rotisserie, ponto mais grã-fino da cidade, devidamente enchapeladas. Amélia, por isso mesmo, era respeitada e gozava de grande prestígio diante das autoridades”.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> JOB. op. cit., p. 45.

Nos anos compreendidos entre 1940 e 1970, os cabarés mais conhecidos na cidade, funcionavam em sobrados, localizados em algumas ruas do centro, como Senador Pompeu, Barão do Rio Branco e rua da Misericórdia. Essas residências, antigas moradias das classes abastadas nos finais do século XIX e princípios do século XX, haviam sido desocupadas pelos seus proprietários, que passaram a morar nos bairros de Jacarecanga e Benfica.

Com a mudança, os antigos solares passaram a ser utilizados, no pavimento térreo, por estabelecimentos comerciais. Nos altos, se instalaram os cabarés<sup>21</sup>, que abrigavam as mulheres de melhor nível e aparência. As feias, pobres e decadentes se instalariam na área correspondente ao Arraial Moura Brasil, em lugar conhecido como “Curral das éguas”. Tal segregação se efetuiu em virtude de medida saneadora e moralizadora do poder público, que através do Chefe de polícia Cordeiro Neto, proibiu que as prostitutas desempenhassem suas funções no centro da cidade. A “zona”, como era denominado o baixo meretrício, era freqüentada pelas classes baixas:

“Nas ruas Franco Rabelo e João Moreira funcionavam bares onde “mulheres faziam ponto”, sem esquecer a afluência de prostitutas nas proximidades da Catedral. Os soldados do Quartel da 10ª Região Militar eram assíduos freqüentadores dos “pontos” ali existentes. (...) O baixo meretrício concentrava-se no Arraial Moura Brasil, próximo ao centro, onde hoje se encontra o Hotel Marina Park. (...) Com o passar dos anos a prostituição seria empurrada para outros espaços e a avenida Leste-Oeste apagaria a mancha dos prostíbulos baratos”.<sup>22</sup>

Para os homens das classes médias, os cabarés mais freqüentados da área central da cidade eram: o “América”, o “Império”, o “Monte Carlo”, o “Nena”, o “City” na rua Barão do Rio Branco. O “Amélia Campos”, na rua Pedro Borges o “Olímpia”, na rua Senador Alencar, o “Cristalina”, na rua Floriano Peixoto e a “Casa de madame Nininha” na rua Castro e Silva.

Referindo-se à naturalidade e a convivência da sociedade com a prática da prostituição, Juarez Leitão comenta:

<sup>21</sup> Cabaré é normalmente uma casa noturna onde se bebe, dança e se assiste a shows de variedades, geralmente estrelados por cantoras, dançarinas e vedetes. O nome associa-se principalmente a Paris, onde ficaram famosos cabarés como o *Moulin Rouge* e brilharam artistas como a cantora Josephine Baker. No Ceará o sentido da palavra foi deturpado, associando-se mais a bordel. O objetivo maior desses espaços seria proporcionar a seus freqüentadores a prática do sexo.

<sup>22</sup> JUCÁ. *Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana*, p.99-100.

“Naquele tempo, a rapaziada de Fortaleza costumava ter uma namorada e uma rapariga, simultaneamente. As moças da sociedade sabiam que seus namorados freqüentavam os bordéis, mas se faziam de desentendidas, já que não poderiam atender às necessidades sexuais dos respectivos. Quem transasse tinha de casar, pois, se o namoro acabasse, o ex-namorado terminava dando com a língua nos dentes” e a menina ficava falada”.<sup>23</sup>

O comentário acima deixa entrever dois aspectos, em grande medida, característicos de alguns setores da sociedade fortalezense da época: a hipocrisia e o machismo. A moça, ao aceitar pelo silêncio, o fato do namorado ter uma amante, estaria aceitando e reproduzindo o modelo discriminador e repressivo, ao mesmo tempo que incorporando a posição de superioridade e domínio da situação, através da idéia “convenientemente” acalentada de que “transa com elas, mas casa comigo”.

O homem, sempre dado a demonstrações de poder e vanglória, “daria com a língua nos dentes” para exhibir-se perante os amigos, por mais uma resistência vencida, no jogo da sedução.

Entre 1959 e 1963, ocupando a prefeitura de Fortaleza, o General Cordeiro Neto, nova medida repressora foi tomada visando à moralização do centro, proibindo-se a venda de bebidas naquela área depois das sete horas da noite, assim como o barulho de orquestras depois das dez.

Tal fator teria induzido a instalação de algumas boates em zonas periféricas, como a “Margô” na “mata da Aldeota”, o cabaré da “Santa” no Benfica, a casa da “Natália”, na avenida João Pessoa, a “Gaguinha” nas Damas e no final dos anos 1960, a “Casa da Leila” na Maraponga. Esta última, famosa pelo conforto das instalações e pela beleza das “meninas”, era uma “casa de alto nível”, freqüentada pelos mais poderosos da cidade e ponto turístico obrigatório de jogadores, cantores e outros famosos que acaso aportassem nas plagas alencarinas.

### ***Tristeza e Monotonia***

Todavia, apesar das formas de divertimento até aqui enumeradas, na década de 1950, Fortaleza era vista pelos habitantes, como uma cidade que pouco oferecia em termos de opções de lazer. Na pesquisa realizada pelo

<sup>23</sup> LEITÃO. *Sábado. Estação de Viver: histórias da boemia cearense*, p.254.

jornal *O Nordeste*, já citada anteriormente (ver Cap. 1, nota 97), aparece com frequência o descontentamento dos moradores dos diversos locais. Muitos entrevistados, geralmente mulheres, falam da falta de cinemas nos bairros, da falta de praças para o convívio, da inexistência de local para o lazer das crianças e das dificuldades de se ir ao centro para quebrar a monotonia que imperava na vida urbana:

“Falta um parque infantil para a recreação das crianças do Benfica. Para este problema chamou-nos, hoje a atenção a senhorita Eneida Sabóia campos, professora graduada pela faculdade católica de Filosofia (...)”.<sup>24</sup>

“Finalizando o seu interessante depoimento, o jornalista Amarílio Furtado de Aquino declarou que o Benfica também precisa de um cinema. (...)”.<sup>25</sup>

“É bastante monótona a vida aqui na Praia de Iracema. Respondendo à enquete, diz hoje ao repórter, pelo telefone a senhorinha Simone Meneses Gondim, residente à avenida Pessoa Anta, 688, e que reivindica, entre outras coisas, um cinema para o seu bairro. (...) as famílias de noite não têm para onde sair. O jeito é ficar em casa. Não há um lugar para reunião (...)”.<sup>26</sup>

“Queixa-se a garota contra a tristeza de Joaquim Távora, aliás, a capital inteira se banha em melancolia; na saída da aula, falou-nos a senhorita Míriam Peixoto, aluna do 3º Ano Normal do colégio Loutenço Filho e residente à rua Visconde do Rio Branco, 2336. (...)”.<sup>27</sup>

“(...) A senhorita Maria Luíza de Almeida Braga, aluna do Ginásio Nossa senhora de Lourdes, reside à rua Senador Alencar, 1066. Conta ao repórter o que é para um broto de sua idade, a vida em Soares Moreno. Bairro sem graça, não por causa do cemitério. (...) falou em cinema. Mesmo um cinezinho popular, sem luxo, resolvía. (...)”.<sup>28</sup>

Esses são apenas alguns exemplos, dos muitos depoimentos, que mostravam a insatisfação dos habitantes, quanto ao aspecto do lazer em Fortaleza.

O descontentamento com a falta de diversões aparecia ao lado das reclamações que diziam respeito a outras deficiências da cidade, como

<sup>24</sup> Jornal *O Nordeste*. Fortaleza, 09 out. 1951.

<sup>25</sup> Jornal *O Nordeste*. Fortaleza, 11 out. 1951.

<sup>26</sup> Jornal *O Nordeste*. Fortaleza, 03 nov. 1951.

<sup>27</sup> Jornal *O Nordeste*. Fortaleza, 09 nov. 1951.

<sup>28</sup> Jornal *O Nordeste*. Fortaleza, 20 nov. 1951.

serviços de água, luz, esgotos, coleta de lixo e transportes, numa clara evidência do valor que assume para a população urbana, a prática do lazer.

Esclareça-se que as reivindicações estão presentes na maioria dos bairros, mesmo aqueles tidos como melhores, devido à natureza socioeconômica das pessoas que aí vivem.

Ratificando esse aspecto, *O Jornal* também veiculou a matéria “Fortaleza, cidade sem atrativos”, na qual se enfatiza o descaso da administração municipal para com as praças e os logradouros públicos da capital:

“Fortaleza é uma cidade sem grandes atrativos. Não porque lhe falta lugares pitorescos (como o Hôrto Florestal) logradouros públicos aprazíveis, como é o caso do Passeio Público (mas porque nem a polícia nem a própria Municipalidade dispensam a esses a atenção que seria de desejar. (...) Capital de um Estado pobre, todos se admiram do crescimento vertiginoso da capital cearense. No entanto, - pode-se mesmo arriscar – crescemos num amorfo, num mar de confusão. (...) O Passeio – o famoso Passeio Público – já foi, em outras eras, ponto obrigatório de reunião da melhor sociedade fortalezense, da fina flôr, mesmo. (...) Hoje - é esta a verdade – o Passeio está transformado em local de reunião de marginais (...)”<sup>29</sup>

A matéria prossegue, enumerando outras praças que se encontram descuidadas, sem policiamento e, por isso mesmo, abandonadas pela população.

### ***A emergência dos clubes como forma de lazer***

As práticas de lazer e sociabilidade representadas pelos cinemas, pelas conversas de calçada, pelos passeios nas praças, persistiriam, em maior ou menor grau, ao longo da história de Fortaleza. Conforme a natureza e o ritmo do seu crescimento, algumas foram se intensificando e outras perdendo força ou sofrendo adaptações, se apresentando de outras maneiras. O nível de permanência das mesmas, no entanto, atrela-se ao caráter dos diversos espaços da cidade, sendo uma decorrência das características culturais e das preferências dos grupos que os ocupam.

De maneira geral, os cinemas se afirmaram como diversão, ampliando o público freqüentador. A partir da década de 1940, principalmente no período

<sup>29</sup> *Jornal O Jornal*. Fortaleza, 15 set. 1958.

pós-guerra, seria essa, uma forma de entretenimento preponderante na sociedade local.

Em oposição, as diversões vinculadas ao relacionamento pessoal ou à convivência pública foram perdendo expressão ou até mesmo se extinguindo. O Passeio Público, já na década de 1930, deixaria de ser o local de freqüência coletiva, caindo em desuso nos anos posteriores. As rodinhas de calçada, pelo menos as das zonas centrais, paulatinamente, tenderiam a desaparecer, juntamente com a função da habitação nesse setor, incompatíveis que eram com as novas características da cidade que crescia.

À expansão da malha urbana e o anseio de modernidade, não encontravam no entanto, correspondência no aumento de serviços de infraestrutura e opções de lazer. Esse quadro de carências na área do divertimento possivelmente constituiu o fator que mais influenciou para emergência e fortalecimento dos clubes sociais como forma prevalente de sociabilidade. Além disso, o aumento da escala urbana e o alongamento das distâncias, talvez tenham concorrido para que os variados grupos sociais procurassem se organizar e refugiar em universos menores e paralelos nos quais pudessem preservar ao mesmo tempo o seu diferencial e a sua urbanidade.

Ao longo dos anos 1940, criaram-se agremiações que, nos dois decênios seguintes, significaram a principal diversão de diversos segmentos sociais.

#### • LAZER PRIVADO E DISTINÇÃO SOCIAL

Um certo sentimento de individualismo, aliado a um desejo de reconhecimento e personalização, característicos das sociedades capitalistas, estimula a segregação dos grupos urbanos, baseada principalmente em fatores de ordem socioeconômica. As práticas de lazer são diretamente influenciadas por essa ideologia, fazendo com que setores privilegiados da sociedade criem e elejam para si territórios "delimitados" que os ponham "a salvo" dos contatos indesejados com as classes subalternas. Por sua vez, essas classes, muitas vezes influenciadas pelo modelo dominante, ou na busca de alternativas de solução para as suas necessidades cotidianas, também criam seus espaços, conforme uma tendência imitativa do que acontece na "esfera superior".

Ao longo da evolução histórica de Fortaleza, observa-se a criação de uma grande quantidade de associações ligadas às mais diversas atividades: religiosa, cultural, esportiva, política ou profissional, não só no segmento mais abastado, mas também nos setores populares. As entidades direcionadas à diversão, no entanto, ganharam força nesse universo, não só pelo grande número em que ocorreram, mas sobretudo pela importância que lhes foi atribuída no interior da dinâmica urbana.

Dada a maneira como aqui se organizaram, com a aglutinação de indivíduos se efetivando principalmente em torno de características econômicas e sociais, essas associações passaram a ser encaradas também (e principalmente), como elementos indicadores de *status* e posicionamento dos seus participantes, dentro dos variados estratos que compõem a pirâmide social.

Os clubes diversionais destinavam-se ao congoçamento e ao deleite de grupos sociais mais ou menos homogêneos. Alguns deles tiveram sua gênese ainda no começo do século XX (Diários e Iracema), na área central da cidade e surgiram em consequência de encontros cotidianos e corriqueiros que aconteciam nos bancos da Praça do Ferreira.

Em Fortaleza, ao longo dos tempos, conviveram inúmeras dessas agremiações. Com efeito, pode ser arrolada uma grande quantidade de nomes que compunham o vasto conjunto de clubes sociais que desfrutaram (alguns ainda desfrutam), no passado, de poder e prestígio, em maior ou menor escala, consoante os grupos que congregavam.

Havia os clubes de natureza classista, esportiva, ou de colônias de cidades interioranas, assim como existiam os ditos "suburbanos". Mas são, sobretudo, os clubes chamados "elegantes" que estão presentes nos jornais, com maior frequência, ocupando espaço com convites, convocações de reuniões, e matérias referentes a toda espécie de eventos que lá aconteciam: bailes, desfiles, jantares, recepções, aniversários, acontecimentos comemorativos, homenagens, etc.

Eram esses "clubes dos ricos" extremamente "fechados", tendo o seu ingresso vedado aos não sócios. Os critérios para a associação também eram rigorosos, sendo a aprovação de nomes candidatos motivo de deliberação de

diretoria<sup>30</sup>. Em geral, os possíveis integrantes eram indicados por sócios antigos, uma das razões pelas quais nesses espaços se desfrutava de um clima de intimidade, reforçado pelos laços de família e amizade.

Especulando-se sobre a o porquê da prevalência dos clubes sociais, como opção de lazer em Fortaleza, nos vinte anos que constituem o recorte de tempo desse trabalho, algumas questões se colocam, que provavelmente, tenham concorrido para que isso acontecesse.

Apesar de não se embasarem em pesquisas mais específicas sobre o assunto, tais considerações ancoram-se nas observações referentes à dinâmica urbana, evidenciadas nos depoimentos orais e nos registros dos jornais da época:

- *A cidade não dispunha de muitas opções de diversão.* As praias próximas da capital, muito procuradas para os fins de semana atualmente, ainda não haviam sido incorporadas à geografia do entretenimento e tinham o seu acesso dificultado. Também o refúgio proporcionado pelas casas de campo ou regiões elevadas como serras, comuns a outras regiões do país, aqui não era prática corrente. Seria assim a freqüência aos clubes uma forma de lazer induzida pela falta de alternativas de entretenimento.
- *Em virtude de uma dimensão menor<sup>31</sup> e um outro ritmo, mais lento e tranqüilo, haveria maior disponibilidade de tempo e melhores disposições para os encontros e o conagraçamento social,* quer fosse na praça ou em locais privados. Com efeito, nesse tempo, Fortaleza possuía uma feição interiorana que se refletia nos hábitos de convívio dos grupos sociais. Os contatos eram mais estreitos e duradouros e os laços eram fortificados na estrutura familiar. Cultivavam-se as camaradagens da escola ou do trabalho e as amizades de infância, que eram características principalmente dos habitantes mais antigos.
- *Os clubes possuíam determinado tipo de equipamentos que só poderiam ser usufruídos nesses espaços.* Quadras e piscinas ainda não faziam parte do programa da moradia, mesmo das mais ricas. As estruturas para

<sup>30</sup> A votação proposta de novos sócios era feita pelo sistema de esferas brancas e pretas, em escrutínio secreto, bastando duas esferas pretas para desaprová-la., como se encontra expresso, por exemplo, no artigo 11 do Estatuto do Country Club.

<sup>31</sup> A "dimensão menor" citada acima, refere-se menos à espacialidade geográfica e mais à rede de relações sociais entre os próximos. Naquele contexto, cultivavam-se laços de convívio muito mais facilmente.

prática de esportes, tão popularizadas hoje em dia através das Academias de Ginástica e até mesmo dos condomínios de luxo não faziam parte daquela realidade.

- *O controle familiar, ainda muito rígido nessa época, conferia ao chefe da família um certo poder de decisão sobre o lazer dos seus membros. Daí porque, os clubes eram um ambiente sobretudo de diversão familiar. A família divertia-se “unida”. A vigilância dos pais ocorria mesmo sem sua presença, uma vez que no clube sempre se encontraria alguém da diretoria ou do seu círculo de relações.*

- *O clube conferia ao seu freqüentador um certo estatuto de pertencimento, um referencial como cidadão urbano. Seria o seu lugar social, o local onde se teria a certeza de ser tratado com deferência e distinção. Numa cidade que começava a se expandir, com um aumento populacional vertiginoso, com tendências ao anonimato, o clube era a identificação, a referência, o porto seguro. Havia clubes para todos os níveis e bolsos. Pertencer a um deles acarretaria a inserção dentro da realidade urbana, demarcando o seu lugar de sociabilidade.*

- *Ainda que alguns observem não ser um tipo de lazer que se possa classificar estritamente “de consumo”, é certo que no clube consumia-se um “estilo de vida”. Deter uma ação de sócio dessa ou daquela instituição era motivo de orgulho e status, tanto mais caro ou chic fosse o clube. Seria um fator de exteriorização de poder, tal como, guardadas as proporções, uma casa ou carro. À ação de um clube, conferia-se uma dimensão patrimonial.<sup>32</sup>*

- *O clube era o lugar estratégico utilizado pelos diversos grupos sociais para a reprodução dos seus valores. A convivência com “iguais”, reforçaria a segurança, no sentido de que, novas possíveis relações aconteceriam entre pessoas de mesmo nível e padrão. Amizades e até casamentos ocorreriam minimizando os riscos das ligações com “pessoas desconhecidas” e sem referência.*

- *Observa-se na sociedade fortalezense, uma “inclinação” por incorporar, preferencialmente, atividades ligadas ao entretenimento puro e*

---

<sup>32</sup> O arquiteto José Armando Farias, quando da elaboração do projeto arquitetônico do Clube dos Diários, na década de 1960, recebeu como parte do pagamento pelos seus serviços, ações do referido clube.

*simples, em detrimento de outras formas de lazer associadas ao encantamento do espírito e do intelecto.* Essa tendência, por assim dizer, “cultural”, tem sido enfatizada, ao longo da história da cidade, dentre inúmeras outras variáveis, pela falta de priorização do poder constituído, na implementação de políticas públicas de educação e lazer, que visem a oferecer a população como um todo, opções variadas de desenvolvimento intelectual e autopromoção. Vincula-se também à emergência da sociedade de consumo, na qual predominam as formas mais superficiais de divertimento, ligadas às experiências imediatas e sensíveis, como: comer, beber, dançar, nadar, jogar,... coisas que se poderiam fazer nos clubes.

Todas essas razões se conjugariam para fortificar esse tipo de sociabilidade na Fortaleza de 1950/1970, numa evidência de que a forma como se operam as relações sociais não se desvincula do contexto histórico.

O fenômeno dos clubes não aconteceu só na capital cearense. Como outras práticas e modismos que aqui chegam de forma tardia e às vezes mimetizada, tendo como principal matriz inspiradora o Rio de Janeiro ou outros grandes centros urbanos, também em outras cidades brasileiras aconteceram as práticas dos clubes sociais. Entretanto, parece lícito afirmar que aqui houve uma exacerbação e uma supervalorização dessa forma de lazer.

Nos clubes as pessoas conviviam, viam e eram vistas, divertiam-se e se sentiam fazendo parte de uma comunidade diferenciada (ou do seu simulacro). No caso dos clubes elegantes, seria essa, privilegiada, onde se primava pelo cultivo de uma aparência saudável, bonita, distinta, características bem diversas das que eram associadas à “outra Fortaleza”. Uma simulação de cidade dentro da outra, antagônicas e distantes em suas realidades.

Os bailes e eventos que aí se realizavam eram acontecimentos cercados de pompa e luxo, amplamente festejados pela imprensa, aos quais se referiam de forma enaltecida, posto que, ainda como hoje, deles se alimentam. As fotos expostas na vitrine da Aba Film, no centro, – então o *stúdio* fotográfico mais “chic” da cidade – nos dias imediatamente seguintes, mostravam homens e mulheres sorridentes, bem vestidos, sugerindo uma imagem de prazer e felicidade. Comparando aos dias atuais, talvez causassem à época o mesmo efeito de encantamento que as revistas modernas, que veiculam fotos de personalidades do “soçaito” e figuras do meio artístico.

Para as gentes da “outra cidade”, a exposição demonstrava uma “realidade distante” a qual não tinham acesso. Um “mundo de fantasia”. Aos mais abastados, interessava alimentar essa idéia de “superioridade” uma vez que isso os separava dos problemas cotidianos tão característicos do *apartheid* social. A ilusão de “mundo encantado” se cristalizou na cidade, onde grupos sociais elegem e fazem prevalecer, com mecanismos intrincados de domínio e exclusão, as memórias que mais lhes convém.

Até princípios dos anos 1980, ainda resistiram os clubes enquanto estruturas diversionais, já de forma “decadente”, se comparada aos “áureos” tempos de 1950 a 1970. A partir daí, foi sendo construído um discurso de viés saudosista e caráter enaltecendor de uma realidade passada, supostamente “bem mais feliz”. Uma memória de *glamour* se cristalizou de maneira tão veemente, que os aspectos da pobreza e dos conflitos urbanos foram convenientemente obscurecidos.

## **OS CLUBES SOCIAIS NA HISTÓRIA DE FORTALEZA**

### **• AS PRIMEIRAS AGREMIÇÕES**

Os acontecimentos sociais, envolvendo o lazer de grupos privilegiados, em ambientes seletos e elegantes, é uma prática recorrente no Brasil. Ainda nos primeiros anos do século XIX, como decorrência da chegada da família real em 1808, novos hábitos sociais foram incrementados e as camadas superiores puderam travar contato com a sofisticação e as “práticas civilizadas” trazidas pela corte, as quais iam se modificando com o passar do tempo, fazendo parte do cotidiano dessas gentes poderosas.

Nessa época, começo do século XIX, constroem-se palacetes, importam-se peças de mobiliário e aparelhos de louça, dispensam-se maiores cuidados com os carros, trajes e adornos, valorizam-se profissões como a mestre em danças e cabeleireiro. Tais progressos teriam sido possíveis, em virtude do incremento da navegação a vapor, e da abertura dos portos brasileiros, permitindo maior intercâmbio com a Europa.

No segundo reinado, o Rio de Janeiro foi palco de grandes e agitadas noites, que se realizavam em luxuosos salões, nos quais nobres, políticos ou

endinheirados recebiam a “fina flor” da corte em meio a luxos e finuras. Esses “salões” ficaram famosos.

Wanderley Pinho faz descrições minuciosas das festas que se realizavam nesses ambientes, nos quais brilhavam as damas ricamente vestidas, ostentando as últimas novidades da Europa.

Chás, saraus, concertos, reuniões, jantares e bailes, eram acontecimentos inesquecíveis, que tinham lugar nas grandes casas dessas figuras da sociedade, que, a eles associaram, indelevelmente os seus nomes, como; “Salão da Marquesa de Abrantes”, “Salão de Nabuco”, “Salão de Cotegipe”.

Como uma adaptação dos salões residenciais, surgiram os círculos e os clubes, por volta de 1860, como assinala Pinho:

“Houve época em que ferveu a mania da fundação de círculos ou clubes. Em 1860, por exemplo, havia “côcega de criar sociedades dançantes”. Batizando-os de nomes ridículos algumas vezes, cada arrabalde ou bairro queria ter seu congresso, grupo ou clube recreativo”.<sup>33</sup>

Desses primeiros “clubes sociais” destacaram-se sobremaneira o “Club Fluminense” ou simplesmente “Club” e o “Cassino Fluminense”<sup>34</sup>, que sobrepujando o primeiro, passou a dominar, absoluto, o cenário social do Segundo Império.

Em Fortaleza, guardadas as proporções, festas e reuniões elegantes também aconteciam em meados do século XIX. Apesar da incipiência da infraestrutura urbana, e da precária condição de cidade “provinciana”, a “melhor sociedade” já se reunia, no palácio do Presidente da Província, ou eventualmente, em bailes e acontecimentos promovidos por pessoas de da elite, que os realizavam em seus palacetes e sobrados.<sup>35</sup>

<sup>33</sup> PINHO. *Salões e Damas do Segundo Reinado*, p. 277.

<sup>34</sup> O romancista José de Alencar evoca o nome do clube em *Diva*:

“Por esse tempo *Emília* fez sua entrada no Cassino.

– Já viu a rainha do baile? Disseram-me logo que cheguei

– Ainda não. Quem é?

– A *Duartezinha*.”

<sup>35</sup> Rodolfo Theóphilo, no livro *O Caixeiro*, relata um baile oferecido ao presidente da Província, Conselheiro Diogo Velho, em que ele, ainda adolescente, humilde empregado de um “patrão político” fora ordenado “para fazer guarda à lauta meza de doces, bolos e vinhos, *livrá-la do ataque da meninada que os mal educados pais levariam em sua companhia*”. Constrangido, não pôde recusar a tarefa. O autor narra o episódio, recordando o quanto lhe custou meter-se em uma roupa desproporcional para o seu corpo, adaptada de última hora

O escritor Eduardo Campos<sup>36</sup> categorizou esses primeiros eventos sociais em três tipos: Havia os *concertos*, ligados à música e a beneficência. Nesses, damas da sociedade tocavam ao piano, cantavam ou recitavam poemas, após o que, seguiam-se as danças. Os convites eram vendidos às personalidades de projeção social, e a renda revertida para causas assistenciais.

Existiam também os *bailes comemorativos e cívicos*, realizados por ocasião de datas especiais - aniversários, homenagens políticas – ou patrióticas, relacionadas às efemérides. Nesses acontecimentos, após a meia-noite, servia-se o esperado chá, cuidadosamente preparado, em que as bandejas repletas de deliciosas guloseimas, eram decoradas com bandeirinhas alusivas ao episódio que se festejava.

Uma outra modalidade era constituída pelos *bailes de natureza mais popular*. Esses teriam lugar, geralmente, nos teatros ou em sociedades diversionais, mediante a venda de ingressos por antecipação. Enquadram-se nessa categoria os bailes de máscaras, rigidamente controlados pela Polícia, que fazia circular nos jornais, uma série de exigências e regulamentos, visando a disciplinar o comportamento dos freqüentadores.

Nos bailes da sociedade dominante, a indumentária das damas, a exemplo do que ocorria no sul, sofria os influxos parisienses, chegados à província através das casas importadoras, ou dos jornais. Segundo Campos,

“É freqüente os jornais na Capital transcreverem comentários das gazetas do sul, notadamente do *Jornal do Comércio* que informam ao leitor sobre o estágio evolutivo da moda européia, a francesa, de principal interesse (...)”.<sup>37</sup>

O historiador Raimundo Girão refere-se a esses encontros em “A Princesa Vestida de Baile” como sendo recepções onde prevalecia a elegância, a alegria e a “*finesse*”:

---

e a humilhação pela qual passou quando adentraram a festa, conhecidos seus. O baile terminaria para ele, de forma inesperada. Foi mandado embora pelo patrão, após ter borrifado a roupa de vários convidados ao abrir uma garrafa de champanhe. Sentiu-se dessa forma, vingado pela provação a que fora submetido. (THEÓPHILO, Rodolfo. O Cabeiro: reminiscências (edição fac-similar). Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura, 2002).

<sup>36</sup> CAMPOS. *Capítulos de História da Fortaleza do Século XIX*, p. 30-40.

<sup>37</sup> CAMPOS. op. cit., p.24

“A partir do meado do último século, Fortaleza respirou a mais largos pulmões. Deixava de ser a vila-menina vista pelo inglês Henri Koster, pois desde 1823 fora galardoada com a categoria de cidade e um título cheirante a realeza..... Não se sentia oprimida porque não pudesse ir aos bailes e, dado que não havia clubes, deslumbrava-se nos salões do palacete dos Mendes Guimarães (hoje Palácio Arquiepiscopal), dos sobrados ricos do Capitão-mor Joaquim Barbosa, do negociante Manuel Caetano de Gouveia, do capitalista José Eustáquio Vieira, dos Vitoriano Borges, dos Smith Vasconcelos, salões em que se reunia a fina flor da mocidade de um e outro sexo, a mão premida em luvas de jouvin, o elegante calçado de importação francesa resvalando subtil em custosos tapetes ou ao compasso das belas valsas que, de Viena, já nos mandava Strauss, mocidade que constituía a elite e trazia no lenço o perfume então preferido – Sândalo do Oriente.”<sup>38</sup>

Data de janeiro de 1851, a fundação do que se poderia chamar de primeiro “embrião” de clube social. A “Recreação Familiar Cearense”. Uma associação fundada pelo engenheiro Manuel Caetano Gouveia – filho do negociante de mesmo nome - que, recém-chegado ao Ceará juntamente com sua esposa Francisca Elisiária Pereira, associou-se ao Dr. José Lourenço de Castro e Silva na criação dessa entidade:

“associação destinada a reunir, uma vez por mês as famílias de Fortaleza, aproximando-as para a cultura social, no apuro e na elegância de gente bem educada”.<sup>39</sup>

A morte do Dr. Gouveia em 1852, deixou o Dr. José Lourenço prosseguindo à frente da agremiação, que mais tarde, em 1867, transformou-se no Clube Cearense. A elite da cidade, freqüentadora do clube era, a essa época, constituída principalmente por pessoas de atuação no meio político e comerciantes nacionais e estrangeiros – ingleses, franceses e portugueses - que aqui se estabeleceram em atividades de importação e exportação.

A instituição, que a princípio se instalou no sobrado pertencente a D. Manuela Vieira na Rua Senador Pompeu, em 1872 transferiu-se para um prédio no Passeio Público<sup>40</sup>.

Com acesso estritamente fechado a quem não fizesse parte do seu quadro social, a agremiação firmou-se de forma extremamente elitista e distante da realidade do resto da população. A esta restava a opção de postar-se do lado de fora para observar, curiosamente, o rebuliço da chegada dos

<sup>38</sup> GIRÃO R. *A Princesa vestida de Baile*, p.30.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>40</sup> O prédio é atualmente propriedade da COELCE.

convidados. Sobre esse aspecto é interessante observar o comentário de Eduardo Campos,

“jamais as manifestações tituladas por elegantes, ou pelo menos socialmente importantes, deixaram de atrair a atenção das classes inferiores... Colhe-se então ao que dito fica: apesar da hostilidade em que é tida nas camadas mais baixas da comunidade a vida dos abonados, integrantes de sociedade pretensamente burguesa, jamais escapam os atos desta à atenção do público”.<sup>41</sup>

Com efeito, o hábito da formação de uma platéia “não convidada” e voluntária nas proximidades dos eventos sociais principalmente a partir de meados do século XIX e começo do século XX, institucionalizou-se de certa forma com o nome de “Serenó”. Esse costume poderia muito bem representar uma tática de inserção das classes pobres em um mundo fora do seu alcance.

Na impossibilidade de compartilhar das vivências sociais de grupos privilegiados, que se desenrolam em determinados espaços privados, adota-se a postura de espectador próximo. Dessa forma, vive-se também e compartilha-se “aquele momento” ainda que somente através da observação, da crítica, da admiração ou até mesmo do desprezo.

Foi um episódio ocorrido no Clube Cearense, que estimulou a criação uma outra agremiação - o Clube Iracema - fundado como uma resposta à discriminação e arrogância dos freqüentadores daquele clube. O guarda-livros Antônio Costa Sousa, que ali estava a convite de um sócio, foi interpelado por um outro associado estrangeiro que o fez ver o “inconveniente” de sua presença. Constrangido o moço retirou-se. O fato causou a antipatia e indignação de alguns setores da sociedade, que como revide uniram-se criando um novo clube.

O nome, alusivo à personagem alencarina, evidenciava o sentimento nacionalista de se impregnava a agremiação, que nascera com o espírito de rivalidade em relação aos forasteiros.

O Iracema foi inspiração de José e Joaquim Marçal, Francisco Carneiro Monteiro, Papi Júnior, Antônio Martins e Francisco Teófilo Oliveira. Eram guarda-livros, despachantes e em maioria caixeiros<sup>42</sup>. A constituição deu-se em 28 de junho de 1884 e a festa inaugural em 19 de julho. O prédio escolhido

<sup>41</sup> CAMPOS. op. cit., p.15.

<sup>42</sup> Atividades ligadas aos setores médios da população.

como sede ficava em um sobrado na esquina da Rua Senador Pompeu com a rua Guilherme Rocha (depois edifício Santa Elisa). Raimundo Girão refere-se à festa de inauguração do clube em tom enaltecedor e deslumbrante:

“E aquela noite de 19, de tão iluminada e ornamentada, de fato substanciou-se numa ante-manhã radiosa, de esperanças e bons vaticínios, promissor desabrochar de uma vida longa e triunfal, que o Clube Iracema viria viver em cheio, conduzindo, até não faz muito, ainda aromais e palpitantes, aquelas mesmas salas todas repletas de nossos avós, dignamente trajados a rigor, trescalando Marechale ou Fleurs d'Amour de Lubin, venturosos nos rodopios das valsas impecavelmente dançadas”.<sup>43</sup>

O Iracema, “menos nobre” que o Cearense, impõe-se como opção para o segmento privilegiado da sociedade. A rivalidade dos dois clubes cristaliza-se durante as festividades do carnaval. Os blocos das duas agremiações – “Os Dragões do Averno” do Clube Cearense e “Os Conspiradores Infernais” do Iracema travam verdadeira batalha em seus desfiles mominos para ver quem era o melhor. Ficou célebre o carnaval de 1896 em que as duas agremiações se esmeraram em luxo e ostentação.

É curioso observar que, apesar de ter sido criado como um revide a uma postura de discriminação, isso não significa que o Iracema tenha sido um clube de cunho popular. O episódio que causou tanta indignação talvez tenha tido essa repercussão por vir da parte de um clube onde imperavam prioritariamente estrangeiros, que excluía os setores médios locais ávidos por projeção e reconhecimento social.



Figura 40 – Palacete Ceará onde funcionou o clube Iracema até finais da década de 1930. Arquivo Nirez.

<sup>43</sup> GIRÃO R. *Geografia Estética de Fortaleza*, p. 152.

O Clube Cearense desapareceu em finais do século XIX. Ficou o Iracema como única opção clubística até o surgimento dos Diários nos primeiros anos de 1900.

Do prédio da rua Senador Pompeu, onde se deu a sua fundação, o clube se mudou, um ano depois, para o edifício construído pelo antigo "Reform Club" (ver nota 47), na Rua Formosa (atual Barão do Rio Branco), passando a representar o espaço, por excelência, das manifestações sociais das elites.

"Os salões do prédio – de logo denominados Salão Francisco Perdigão, Salão Iracema e Salão Conspiradores, este mais tarde mudado para Salão Guilherme Rocha, transformaram-se realmente, num cenáculo de arte e de letras, abrindo-se constantemente às mais diversas solicitações da inteligência e do sentimento. (...) Concertos, recitais, sessões literárias, festas de benefícios constantemente atraíam para os salões do "Iracema" a gente culta de Fortaleza, já habituada aos bailes e partidas íntimas ali efectuados e aos números sempre interessantes de seu mimoso palco".<sup>44</sup>

Tal valorização se dava, em função da falta de outros locais para a realização de eventos e da inexistência de ambientes apropriados para espetáculos de porte. Liberal de Castro<sup>45</sup> conta que, em sua visita ao



Figura 41 – Palácio Iracema na Praça dos Voluntários, sede do clube Iracema até finais da década de 1940. Arquivo Nirez.

Ceará em 1888, o já consagrado maestro Alberto Nepomuceno, participou de três saraus musicais, na sede daquele clube. O Iracema passaria a funcionar nos altos do Palacete Ceará, na Praça do Ferreira, em começos do século XX.

Edigar de Alencar<sup>46</sup> refere-se também a outras agremiações, que já existiam em princípios dos anos 1900. Seriam o "Clube da Lapidação", formado em grande parte pelos alunos da Escola Militar, o "Clube dos Jogadores" composto por estudantes e funcionários públicos e o "Clube Caixeiral"<sup>47</sup>, da classe comerciária. Esses no entanto, não tinham sedes

<sup>44</sup> PERDIGÃO, R. *A Princesa Vestida de Baile*. p.45 – 46.

<sup>45</sup> CASTRO. *Alberto Nepomuceno no Ceará*. p.325.

<sup>46</sup> ALENCAR. op. cit., p.33.

<sup>47</sup> Os Caixeiros tentariam se organizar em agremiação pela primeira vez, em 1868, com a fundação da "Sociedade Beneficente Caixeiral". Esta não chegou a sequer a criar-se,

próprias, se constituindo mais como associações de classe, sendo seus eventos realizados nas instalações dos clubes existentes (Iracema e Diários), mediante aluguel.

O Clube Iracema se transferiria do Palacete Ceará, na Praça do Ferreira, para prédio próprio – o Palácio Iracema – próximo à Secretaria de Polícia na Praça dos Voluntários, em finais dos anos 1930. Daí se mudaria para a Aldeota, com a construção de uma nova e grande sede<sup>48</sup> na quadra correspondente às ruas Carlos Vasconcelos, Barão de Aracati, Pereira Filgueiras em 1947. Essa, no entanto, nunca chegou a ser totalmente concluída, embora as atividades sociais do clube aí se desenvolvessem normalmente.

#### • OS CHAMADOS “CLUBES ELEGANTES”

De uma dissidência do Iracema composta por João Garcia Arêas, Francisco da Costa Freire, Martiniano Silva, José de Mendonça Nogueira, João MacDowell, César Calls de Oliveira, Henrique Jorge entre outros, fundou-se o Clube dos Diários, em 19 de março de 1913. Sua sede era o Palacete Guarani, antigo sobrado do Coronel Eustáquio<sup>49</sup>, reformado após um incêndio em 1902.

Por algum tempo reinaram absolutos o Iracema e os Diários como clubes sociais atuantes, sendo que suas atividades se limitavam às festas e aos jogos de salão.

---

devido à pressão dos patrões, que julgaram a pretensão, um ato de rebeldia. Anos depois, em 1876, se organizariam em torno do “Reform Club”, que edificou sede própria, inaugurada em 1882, na rua Formosa Nº 187 (antigo). Segundo Liberal de Castro, a denominação *Reform Club* era uma imitação do homônimo do Rio de Janeiro, que por sua vez, inspirara-se no “Reform Club” londrino. A agremiação teve porém, vida curta, em função de desentendimentos entre membros da diretoria. Em 1891 nasceria a “Sociedade Phenix Caixeiral”. Não tinha como foco atividades diversionais. Atuava principalmente nos setores assistencial e educativo, assumindo grande importância para os trabalhadores do comércio. Em 1920 é fundado o Clube Caixeiral, sediado no Palacete da Fhenix Caixeiral, na Praça Marquês de Herval (atual José de Alencar).

<sup>48</sup> O projeto da sede do Iracema na Aldeota era de autoria de Emílio Hinko, projetista de grande destaque na cidade, nas décadas de 1930 a 1950, como será visto adiante. O jornal *Unitário, Fortaleza*, 20 jul. 1950, veicula uma grande matéria divulgando a “Festa do Ressurgimento, evento que inauguraria, parcialmente, as novas instalações do clube, marcando o início da “nova fase elegante do grêmio”. Hoje, em seu lugar ergue-se o edifício da Receita Federal.

<sup>49</sup> José Maria Eustáquio Vieira. Comerciante português, foi chefe de polícia em Fortaleza nos anos de 1851 e 1852.

Em 1924, nasceu o Maguari esporte Clube, uma agremiação originalmente ligada à prática do futebol, esporte já consolidado na preferência do público masculino. Essa instituição sobressaia-se de forma marcante no campeonato cearense, acumulando títulos e vitórias. Em meados do século XX (1945), viria a extinguir o seu departamento futebolístico passando a concentrar os seus investimentos na parte social.

A nova sede da instituição é inaugurada festivamente em 21 de abril de 1946, na Rua Barão do Rio Branco 2955, onde fica hoje uma estação da COELCE. Três anos depois, seria aberto um novo salão de danças, palco de célebres tertúlias domingueiras.

O Maguari foi um clube não propriamente caracterizado como elitista mas ligava-se sobretudo a setores médios mais elevados. Era tido, no entanto, em alta conta e desfrutava de prestígio nos círculos "elegantes", particularmente depois de ter eleito em 1955, como Miss Brasil, a cearense Emília Correia Lima, Miss Maguari.

Também é de 1924 a fundação do Country Club, (08 de maio), associação que congregava principalmente membros da colônia inglesa que aqui residiam. A sede, encravada em terreno originalmente constituído pela quadra compreendida entre as ruas Costa Barros, Silva Paulet, Pereira Figueiras e Avenida Barão de Studart, foi durante muito tempo o cenário preferido das elites para os bailes de carnaval da segunda-feira gorda.

Atualmente o terreno se encontra fracionado, alugado a estabelecimentos do ramo de alimentação. O salão nobre está arrendado a um restaurante, restringindo-se o funcionamento do clube a pequena área dentro do complexo das instalações.



Figura 42 - Palácio Guarani onde funcionou o Clube dos Diários. Foto da década de 1940. Arquivo Nirez.



Figura 43 - Clube Maguari – Rua Barão do Rio Branco – Foto da década de 1940. Arquivo Nirez.

Um grupo de jovens ligados a setores emergentes do comércio, afeitos às práticas esportivas, fundou em 1929 o Náutico Atlético Cearense. Com instalações primitivas modestas – uma pequena guarita de madeira – na antiga Praia do Peixe, esse clube viria a ser o exemplo emblemático desse tipo de instituição, razão pela qual será objeto de análise mais detalhada em capítulo posterior.

Outra agremiação irá surgir em 1931, que passará a representar o que há de mais “aristocrático”, e exclusivo na cidade: O Ideal Clube. Fundado por um grupo de treze amigos<sup>50</sup>, integrantes da elite local, empresários ligados principalmente às atividades comerciais e industriais ou aos negócios de importação e exportação, o objetivo de tal instituição era, prioritariamente, criar um espaço de convívio e lazer para suas famílias.

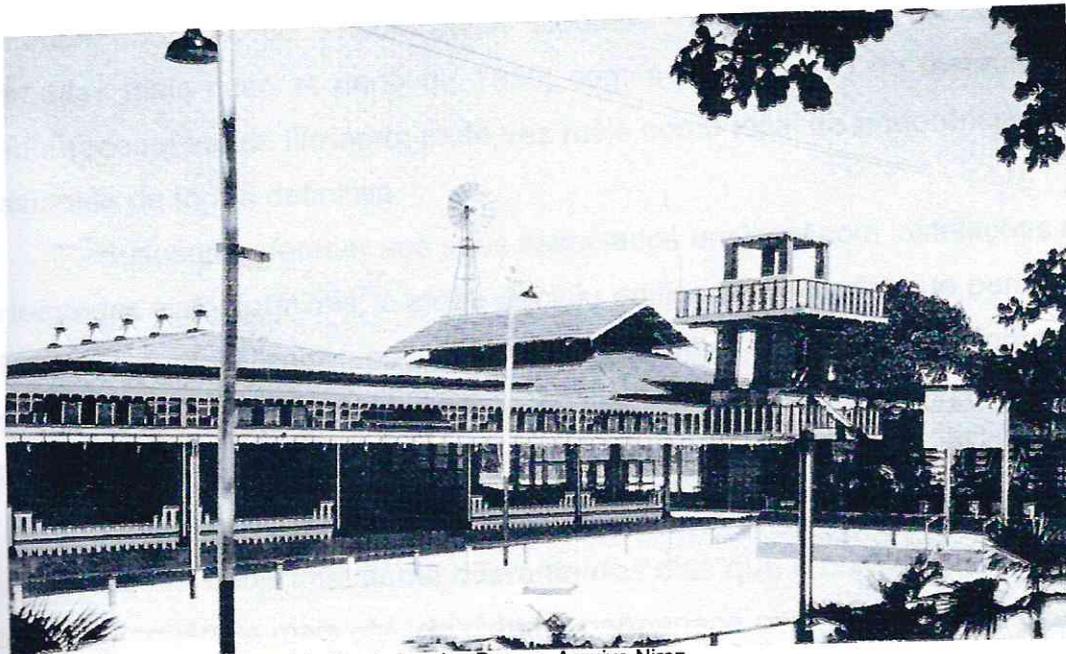


Figura 44 – Primeira sede do Ideal no bairro das Damas. Arquivo Nirez.

*Surgiu à margem da antiga estrada de Parangaba (atual João Pessoa), no bairro das Damas, local afastado do centro onde se localizavam alguns sítios e chácaras. Foi o primeiro clube a se localizar distante do perímetro central, núcleo polarizador de todas as atividades urbanas à época. Segundo Heloísa Facó, neta do Sr, Mirtil Meyer, um fator que influenciou a sua criação*

<sup>50</sup> São fundadores do Ideal: Antônio da Frota Gentil, Fernando de Alencar Pinto, Clóvis de Alencar Matos, João da Frota Gentil, Joaquim Markan Ferreira Gomes, José Meneleu de Pontes Filho, Luiz Gonzaga Flávio da Silva, Maximiliano Leite Barbosa Filho, Meton Alencar Gadelha, Mirtil Meyer, Otávio Menescau da Frota, Pedro Augusto Sampaio e Raul Conrado Cabral.

foi a pressão exercida pelos familiares dos fundadores, que se reuniam aos domingos em infindáveis sessões de jogo de *poker*, deixando à mulher e aos filhos poucas alternativas de lazer.

Espaço de convivência quase que restrito dessas famílias, o Ideal firmou-se como um clube "fechado" com característica acentuadamente privada. Seus fundadores têm seus nomes associados à "nobreza" da terra e são até hoje cultuados como homens ilustres, cujos descendentes ainda detêm prestígio e distinção.

No final de 1932, o clube instalou uma "filial" na Praia de Iracema à Rua dos Tabajaras, continuando a sede das Damas destinada aos grandes eventos, principalmente os bailes. Nessa época, essa zona de praia era muito utilizada para banhos e passeios à beira-mar, como já comentado anteriormente. Aí se encontravam algumas residências de veraneio das camadas mais ricas. A partir de 1935, com a inauguração do restaurante, a sede Iracema vai-se firmando cada vez mais como local de preferência, sendo assumida de forma definitiva.

Buscando oferecer aos seus associados um local com instalações mais adequadas e confortáveis, o clube decidiu edificar nova sede, que permanece ainda hoje, localizada na avenida Monsenhor Tabosa. As obras se desenvolveram no período compreendido entre 1940 e 1946, conduzidas por Sílvio Jaguaribe Eckman, também autor do projeto<sup>51</sup>.

O Ideal mantém, mesmo atualmente, a aura de *glamour* e distinção. Apesar da realidade totalmente diferente dos dias que o consagraram como o local de freqüência mais *chic* da cidade, permanece como opção para eventos culturais, lançamento de livros, realização de exposições e jantares mais sofisticados.

---

<sup>51</sup> Sílvio Jaguaribe Eckman foi um nome de destacada atuação no campo da arquitetura e da construção civil nas décadas de 1930 e 1940, em Fortaleza. A arquitetura da sede do clube possui características do "Estilo Missões", uma vertente da Arquitetura Neocolonial, disseminada pelos continentes americanos, nos primeiros decênios do século XX. Sobre a obra e o autor, o arquiteto Liberal de Castro produziu um trabalho publicado na íntegra, com ilustrações, em separata da Revista do Instituto do Ceará 112/1998 e reproduzido, parcialmente, em livro de Marciano Lopes - LOPES, Marciano. *É o Ideal! resenha histórica do Ideal Clube, 1931-1996*. Fortaleza: Tipoprogresso, 1998. Sílvio Jaguaribe também projetou e construiu as sedes do Country Club, e do Jangada Clube, dentre outras obras de destaque no cenário da capital.

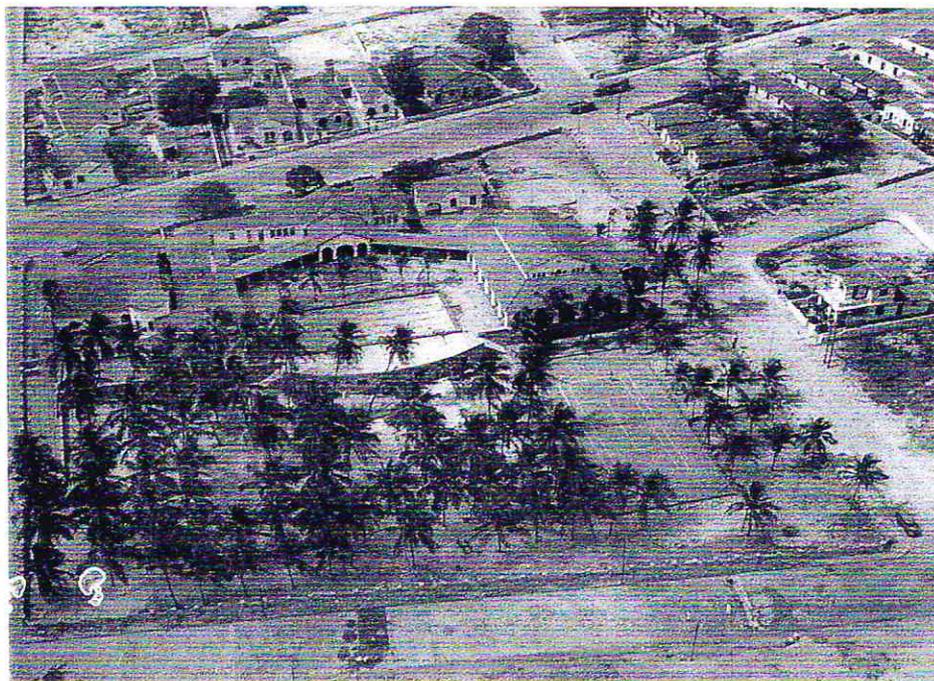


Figura 45 – Sede do Ideal na Av. Monsenhor Tabosa. Foto de 1950. Vêm-se ao longo da avenida, algumas residências de classe média e a presença de casinhas simples ao longo da atual rua Monsenhor Bruno. Nota-se também que a área ainda não é densamente ocupada. Arquivo João Otávio Hyppólito.

Continuando na identificação dos clubes da elite, relevante é assinalar a existência do Jangada Clube, embora, dada a sua natureza privada, não possa ser enquadrado como “clube elegante”, no sentido do porte e da freqüência sistemática da sociedade. Na verdade, era uma espécie de “clube particular”, de propriedade de Fernando de Alencar Pinto, um dos fundadores do Ideal, que o concebeu no sentido de proporcionar uma melhor estrutura aos amigos, que participavam de corridas amadoras de jangadas, oferecer recepções a personalidades e pessoas de seu convívio, e também hospedar convidados e turistas “ilustres”, que visitavam Fortaleza. As paredes internas do “Jangada” constituíam verdadeiros murais, em que constavam as assinaturas de vários “famosos”, entre eles o cineasta Orson Wells, que lá se hospedou por ocasião de sua passagem pelo Ceará. O clube permaneceu funcionando até finais da década de 1960.

A década de 1940 foi marcada pelo surgimento de várias agremiações. Em 15 de julho de 1947 foi fundado o Clube Líbano Brasileiro, que congregava membros da colônia sírio-libanesa. Oriundo da primitiva União Sírio Libanesa criada ainda no começo do século XX (1923), esse clube instalou-se primeiramente na Avenida Santos Dumont 1028, esquina com a Avenida Barão

de Studart, de onde se transferiria para sede própria na Rua Tibúrcio Cavalcante em meados da década de 1950.

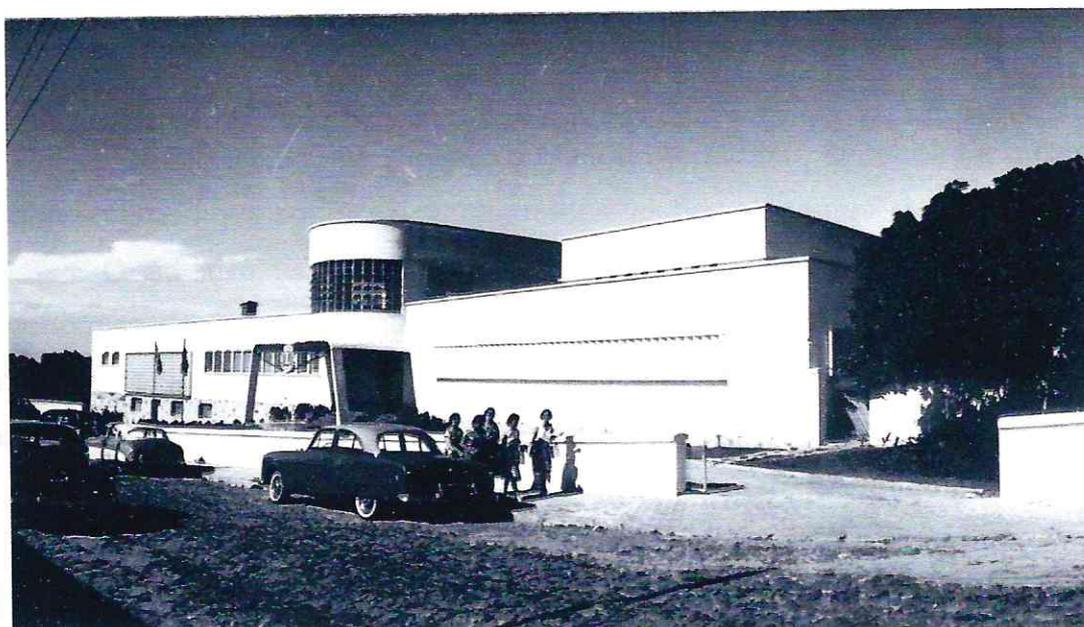


Figura 46 - Clube Líbano Brasileiro, Rua Tibúrcio Cavalcante, 1959. Foto Aba Film de 1959. Arquivo Nirez.

Também é desses anos (14 de junho de 1948), a criação do Círculo Militar de Fortaleza, por um grupo de oficiais do exército<sup>52</sup>. Além de congregar os oficiais, a entidade era aberta aos civis. Implantado sem sede própria, instalou-se nos primeiros meses, no 3º andar do Edifício Palácio do Comércio, no centro da cidade. Em função da rápida adesão e crescimento do quadro de associados e seguindo a tendência de ocupação da zona de praia transferiu-se ainda no mesmo ano (dezembro de 1948) para um prédio alugado<sup>53</sup> a Brasil Oitica, na Praia de Iracema. Em 12 de agosto de 1957 o clube passaria a ocupar o imóvel da União jurisdicionado ao exército, localizado na rua Canuto de Aguiar 425. Ali, após o trabalho desenvolvido por diversas diretorias, construiu a sua sede.

Vale citar ainda o late Clube, como reduto das elites. O clube, criado na década de 1950, não tinha uma sede perfeitamente estruturada, o que só aconteceu mais recentemente. Dava suporte aos proprietários de lanchas e

<sup>52</sup> Foram fundadores do Círculo Militar: Cel. Antônio Goes Ferreira Filho, General Francisco Batista Torres de Melo, Cel. Manoel Theófilo Gaspar de Oliveira, Cel. Kepler Pompeu, Cel. José Maria Botelho, Cel. César Cals de Oliveira, Cel. Ézio Lima Verde e Cel. Frederico Borges.

<sup>53</sup> O prédio era a sede praia da Brasil Oitica. Ficava na atual Av. Historiador Raimundo Girão, esquina com a Rua Ildefonso Albano.

barcos. Na época, suas instalações eram um galpão, onde ficaram famosas as Noites no Havaí, nos tempos de carnaval. Lá não aconteceriam normalmente eventos mais pomposos e formais.

Seriam pois, segundo uma classificação que eles mesmos se impunham, ratificada pela imprensa, o Clube Iracema, o Clube dos Diários, o Náutico Atlético Cearense, o Ideal, o Maguari, o Líbano, o Country e o Círculo Militar, o grupo que comporia os chamados “clubes elegantes” de Fortaleza.

O adjetivo nesse caso, baseia-se unicamente na condição social e econômica dos sócios freqüentadores das agremiações, assim como na sua localização dentro do espaço geográfico da cidade, ou seja, na valorizada zona leste.

#### • OS CLUBES CLASSISTAS E OS SUBURBANOS

Nem só dos “elegantes” se compunha o universo dos clubes sociais de Fortaleza. Existiam inúmeras agremiações ligadas aos vários setores da classe média, com maior ou menor poder aquisitivo, e mesmo aos setores populares, numa clara evidência da importância e do espaço que ocupava esse tipo de sociabilidade. Em entrevista recente Lúcio Brasileiro, conhecido colunista social, emite o seguinte comentário:

”Os clubes, a febre dos clubes. Quem não conseguia ser diretor de um clube fundava outro. De modo que aqui faltou gente para tanto clube e eles fecharam quase todos – aqueles que não tinham raízes fecharam. E até aqueles que tinham raízes, como por exemplo o Maguari”.<sup>54</sup>

Surgidos nos anos 1940, outros clubes não propriamente enquadrados no rol dos “elegantes”, desfrutaram também de grande prestígio e respeito na sociedade local. Dentre eles destacam-se o Comercial Clube, o Clube Massapeense e a Associação Atlética Banco do Brasil - AABB. Frequentemente, essas agremiações se compunham com os clubes “de elite”, quer fosse nos eventos sociais ou nos concursos de beleza, participando também do Conselho Interclubes<sup>55</sup>.

<sup>54</sup> Lúcio Brasileiro em entrevista concedida a Luís Sérgio Santos, veiculada na revista *Arre Égua*, Ano 1, n. 3, Mai. 2003, p.17.

<sup>55</sup> O Conselho Interclubes (ainda hoje existente) foi uma entidade criada na década de 1950 com o objetivo de promover a coexistência pacífica e solidária dos clubes sociais, principalmente os elegantes. Compatibilizava calendários de eventos, com o fim de evitar que dois importantes acontecimentos se dessem na mesma data, em dois clubes diferentes.

O Comercial Clube, fundado em 03 de abril de 1948, era a entidade associativa de comerciantes, cuja sede se situava na Avenida Aquidabã 714 (atual historiador Raimundo Girão).



Figura 47 - Centro Massapeense - Avenida Historiador Raimundo Girão - Foto Sales, de 1950. Arquivo Nirez.

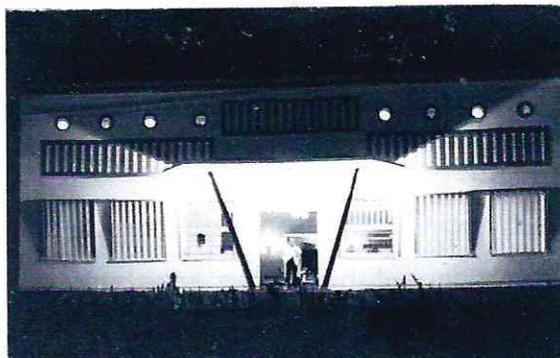


Figura 48 - Sede da AABB. Arquivo AABB.

O Clube Massapeense congregava a colônia da cidade de Massapê e também se localizava na mesma avenida. A AABB, fundada em 5 de abril de 1941, teria várias sedes, peregrinando por vários pontos da cidade<sup>56</sup>, até instalar-se definitivamente no número 2311 da Av. Antônio Justa, local onde se encontra até hoje. O terreno do Meireles foi adquirido em três etapas diferentes, contando com o empenho pessoal dos administradores e mediante a realização de campanhas como os consórcios de automóveis.

Outros grêmios, que congregavam colônias do interior, teriam um menor destaque, segundo o senso comum, e as notícias veiculadas nos jornais da época, como o Centro Moradanovense, o Centro Quixadaense, Centro Crateuense e o Centro Iguatuense. Apesar de atuantes, tudo leva a crer que essas agremiações se constituíam mais como um mecanismo de encontro da colônia interiorana do que mesmo como uma estrutura diversional perfeitamente estruturada.

Havia ainda, na década de 1950, uma constelação de nomes de clubes menores que mais freqüentemente são citados, quer pelas pessoas que

---

Realizava também reuniões periódicas nas quais eram discutidos assuntos de interesse comum a todos os clubes.

<sup>56</sup> A primeira sede da AABB teria se localizado na Praia do Meireles, de onde ter-se-ia transferido para a Praia de Iracema. Com a destruição dessa sede pelas marés, o clube se mudaria para um outro local, porém ainda na Praia de Iracema, na Rua dos Tabajaras. Daí, se transferiria para a Av. Heráclito Graça, de onde se mudaria para a Volta da Jurema, para finalmente se fixar no terreno atual. (Essas informações encontram-se registradas na publicação comemorativa dos 50 anos da AABB).

vivenciaram a época, quer pelos jornais. Tais agremiações seriam de caráter eminentemente recreativo, valorizando sobretudo as atividades ligadas à dança. Seriam eles o Marajaig, o Santa Cruz (no Soares Moreno), o Jabaquara (na rua Marechal Deodoro), o Astea (na rua Rodrigues Júnior), o Suerdieck (no bairro Joaquim Távora), o Ícaro (na avenida Visconde do Rio Branco), o General Sampaio (na avenida da Universidade), o Tabajara (na rua João Cordeiro, esquina com Costa Barros), o Gentilândia (na rua Adolfo Herbster). Segundo o depoimento do Sr. Anselmo Frazão, assíduo freqüentador dos mais variados clubes da década de 50, essas entidades eram reduto da “classe média baixa”.

“Existia na época de 50, muitos clubes pequenos que a classe média freqüentava. Não podia freqüentar classe alta porque morava no subúrbio e não tinha condições financeiras para freqüentar Náutico, Ideal (...) Era tudo do mesmo nível; classe média baixa. Baixa assim... não baixa, baixa,... baixa de poder aquisitivo. Todo mundo chama classe média baixa e média alta, mas a baixa tem mais gente inteligente do que na alta. Não tem é o dinheiro. Por isso que eles chamam alta, por causa do dinheiro”.<sup>57</sup>

Pela maneira como emitiu o seu comentário, o Sr. Frazão quis deixar claro que a “baixa” a que se refere, não se relaciona ao aspecto da “baixaria” ou comportamento desprezível, fruto da má conduta e sim ao pequeno poder aquisitivo e a falta de um maior nível de prestígio social perante os setores mais abastados. Segundo ele, os ambientes desses clubes eram extremamente “sadios e familiares”.

O Marajaig localizava-se na rua Jaime Benévolo 540. Teria surgido de forma improvisada e espontânea através dos esforços de rapazes e moças que moravam na redondeza, como coloca “Seu” Frazão:

“Quando eu voltei do Rio eles dançavam lá. Era um... uma comodidade do quarteirão e tal,... as moças e rapazes fundaram esse clube, então eles mesmos se divertiam. Era um terreno baldio, então eles botaram um piso, fizeram um banheiro, tudo se cotizando eles ali mesmo.. Aí depois foi crescendo, foi crescendo, aí teve sócio”.

Em época posterior, um “dinâmico” diretor do Marajaig, Edson Carvalho Nunes, teria tido a idéia de conferir-lhe um *status* mais elitista - “para

<sup>57</sup> O Sr. Anselmo Frazão é presidente do Rotary Clube. Morou uma temporada no Rio de Janeiro, retornando ao Ceará em 1949. Era assíduo freqüentador dos mais diversos clubes sociais. Foi também da diretoria do Fortaleza Esporte Clube. (Entrevistado em jul. 2003)

*ver se entrava na classe média alta e tal..”* - transferindo-o para local mais nobre da cidade. Teria então adquirido um terreno no Serviluz, em área hoje próxima às Docas, rebatizando-o de “Marajaig Tênis Clube”. Como o terreno ficava em área de marinha, foi gerado tal litígio, que o clube foi demolido por volta de 1955, passando a agremiação a não mais existir.

O Ícaro e o General Sampaio eram respectivamente os clubes dos sargentos da aeronáutica e do exército. O Gentilândia, conforme o Sr. Frazão, teria surgido em função do time de futebol, incorporando posteriormente, atividades de cunho social. Agrupava pessoas de “nível mais elevado”: funcionários públicos, comerciantes, e profissionais liberais.

Chamou a atenção do entrevistado o fato de que, em Fortaleza, os clubes esportivos não investiram e nem tiveram força no setor das atividades sociais, principalmente junto à “elite” da cidade, conforme expressa no depoimento:

“Eu não sei porquê os clubes de futebol daqui não tem essa ascensão de elite. No Rio de Janeiro o Fluminense é “pó de arroz” é elite, o Vasco é elite, o América tem uma parte de elite, Palmeiras é elite. Tudo é elite. Os daqui não. É... freqüentado por uma massa mais pobre não é? e nunca conseguiu sobreviver”.

Mesmo assim, faz uma ressalva ao Fortaleza Esporte Clube, que seria o “pó-de-arroz”<sup>58</sup> do Pici. Segundo ele, o clube fazia umas matinais dançantes aos domingos, sob a sombra de uma frondosa mangueira que existia defronte à sua sede, situada à rua Belo Horizonte. O Fortaleza chegaria a eleger a Miss Ceará de 1963 a Srta. Vera Barros Maia.

Em seu depoimento, reportando-se à falta de afirmação dos clubes esportivos cearenses no campo social, Lúcio Holanda<sup>59</sup> esclarece o fato de que, em Fortaleza, ao contrário do que aconteceu em outras cidades

<sup>58</sup> No site do Fluminense Futebol Clube na Internet ([www.fluminense.com.br](http://www.fluminense.com.br)) encontra-se a explicação da origem do termo “pó-de-arroz”. A expressão surgiu quando o Fluminense, time extremamente elitista e preconceituoso, contratou o jogador Carlos Alberto, oriundo do América, para jogar no seu time. Por ter a cor escura acentuada pelo contraste com a camisa tricolor, o jogador teria passado pó-de-arroz com o intuito de atenuar a sua morenidade. Com o decorrer da partida, o suor, impregnado de pó, que escorria pelo corpo do jogador, denunciou a sua estratégia. Os torcedores então começaram a gritar da arquibancada: pó-de-arroz! pó-de-arroz! dando origem ao apelido que se incorporou ao clube. A tal partida de futebol onde se deu o episódio, teria ocorrido em 13 de maio de 1914.

<sup>59</sup> Lúcio Holanda é arquiteto e desenvolve atualmente pesquisa relacionada à história do futebol cearense, que se transformará em livro da Fundação Demócrito Rocha. (Entrevistado em ago. 2003)

brasileiras como Rio, São Paulo, Recife e Salvador, os times de futebol não nasceram de clubes sociais já estabelecidos. Segundo ele, “*aqui não existiram e nem existem clubes de futebol e sim times de futebol*”.

Nos outros centros do país, o futebol constituía mais uma das modalidades de esporte praticadas nos clubes, que já existiam com suas grandes sedes, funcionando com plena estrutura social. Aqui as sedes se estabeleceram em pequenas construções destinadas às reuniões de diretoria<sup>60</sup>. Os eventos sociais que aí aconteciam eram realizados de maneira “improvisada” envolvendo no mais das vezes situações descontraídas como churrascos e feijoadas, em nada lembrando o clima de *glamour* dos clubes elegantes. Veja-se o exemplo do próprio Sr. Frazão ao se referir às matinais que eram realizadas no Fortaleza à sombra de uma mangueira.

A gradativa associação do futebol com as camadas populares, que se verificou na trajetória do esporte no país, torna compreensível o porquê da não afirmação dessas entidades no campo social das elites. Essas se envolveriam no esporte, principalmente através do segmento masculino, ocupando cargos nas diretorias dos times ou na condição de torcedores e aficcionados, mas nunca em termos de conagração social.

Ainda no setor dos clubes esportivos, outra entidade conjugaria esforços no sentido de se afirmar no campo das atividades sociais: o América Futebol Clube. No início da década de 1960, a entidade se lançou na empreitada da construção de uma grande sede na Av. Dom Manuel, em terreno cujo



Figura 49 – Campanha da venda de ações veiculadas nos jornais. Correio do Ceará, 07 jan. 1963.

comprimento se estendia até a rua Rodrigues Júnior, local por onde se dava o acesso, quando o clube funcionava ainda com as obras em andamento. A

<sup>60</sup> Lúcio esclarece que dos times cearenses, o único que possuía sede um pouco melhor era o Ferroviário, ainda assim, por receber subsídios da RFFSA.

entrada principal pela Av. Dom Manuel seria feita somente no final da década de 1960, quando as obras já estavam paralisadas.

Para viabilizar a construção, foi feita uma grande campanha de venda de ações. Em entrevista que nos concedeu, o Sr. Alberto Damasceno considera que o América estaria localizado em um patamar intermediário entre os “clubes da Aldeota” e os clubes suburbanos. Sua sede possuía grandes dimensões e sua localização o credenciava a pretender um maior destaque no universo clubístico. Sobre o assunto emite o seguinte comentário:

“Com referência ao América, a sua história é muito parecida com a dos outros clubes das atividades esportivas. Mas o América teve também o seu auge social, na década de sessenta, quando ele praticamente liderou os clubes chamados intermediários, que eram, mais elevados do que os clubes suburbanos e abaixo dos grandes clubes sociais. O América tinha seu carnaval tradicional, suas festas todos os sábados e tinha uma freqüência também muito boa. Na verdade, a atividade social no final da década de 50 e década de 60, eu acho que atingiu o apogeu. Nós tínhamos muitos clubes, dezenas de clubes de grande porte, nós tínhamos muitos clubes suburbanos, praticamente todo bairro tinha o seu clube, e o América ficava numa região central, então ele não tinha o problema de ser um clube suburbano. Bastava tomar um ônibus em qualquer parte da cidade e teria o destino do América. E o América tinha uma freqüência muito boa”.<sup>61</sup>

A sede do América nunca chegou a ser concluída. Os recursos provenientes da venda de ações não foram suficientes para cobrir os gastos da construção. O entusiasmo pelos clubes, que ia arrefecendo paulatinamente, também teve suas conseqüências econômicas negativas para a entidade. Na tentativa de ampliar a receita, teriam sido utilizadas estratégias de atração de público, com a diminuição do preço de ingresso das festas. Na visão de “Seu” Alberto, isso teria contribuído ainda mais para a decadência do clube:

“Eu tenho a impressão de que, talvez porque houve uma fuga da freqüência das festas normais, na tentativa de recuperar esse público ausente, o América tenha cometido o erro de baixar o preço dos ingressos, de popularizar bem suas festas e nós passamos a ter um índice que era assustador. Eu ainda vivi esses momentos, em que nós tínhamos cem mulheres, presente à festa e não tínhamos dez

<sup>61</sup> O Sr. Alberto Damasceno é jornalista. Trabalhou durante vinte e dois anos no sistema de “Rádios e Emissoras Associados”. Foi também empresário de jogadores de futebol, atuando, durante curto período, como empresário de artistas, os quais contratava para realizarem *shows* nos clubes suburbanos. É estudioso e pesquisador de futebol e tem três livros publicados sobre o assunto. (Entrevistado em set. 2003)

por cento de homens. Porque criou-se aquela história de o homem paga, digamos, dois reais e mulher não paga nada. Aí só ia mulher, que não pagava. E muitas vezes o América teve dificuldade para pagar a orquestra, pagar o conjunto que estava se apresentando, porque só tinha a presença de mulheres e mulher não pagava. Quando as pessoas chegavam, de um melhor nível social, de uma classe mais intermediária, chegavam ao clube e só viam mulher, também, não entravam. E foi provocando essa fuga, mas isso não foi exclusividade só do América. Outros clubes que eram também considerados intermediários, começaram a sofrer o mesmo problema. Além disso a própria comida oferecida em termos de restaurante começou a decair, porque nós passamos a ter pratos cada vez mais populares, mais populares, fomos baixando o preço, e isso daí ao invés de trazer uma recuperação, trouxe foi um afastamento maior. O América fechou, eu me recordo, na parte social, num carnaval em que fez sete festas e o somatório das sete festas não deu para cobrir um quarto das despesas. (...) O América funcionou até mais ou menos 1985. Aliás não é funcionou, é sobreviveu”.

Retomando a entrevista de “Seu” Frazão, outro dado que achou digno de observar, era o fato de os clubes menores promoverem concursos de “dança de salão”, coisa que normalmente não acontecia nos clubes “elegantes”. “Seu” Frazão disse que ganhou muitos deles junto com sua mulher (que conheceu no Marajaig).

Desses clubes “menores” que marcaram os anos 50, muitos foram se extinguindo ainda durante a década. Persistiram o General Sampaio e o Santa Cruz. O período posterior, a partir de 1960, já seria marcado pelos clubes que ficariam rotulados como “suburbanos”. Destacaram-se entre eles o SECAI – Sociedade Esportiva Arco-Íris (no Pirambu), o Vila União, o Clube Recreativo Tiradentes (na Parquelândia), o Tiro e Linha (no Jardim América), o Terra e Mar (no Mucuripe), o Quintandinha, o Grêmio dos Ferroviários (Av. Francisco Sá), o Romeu Martins<sup>62</sup> (na Itaoca), o Luxou (na Praia do Futuro), o Cotonificio<sup>63</sup> (em Parangaba). Havia ainda uma profusão de entidades e agremiações de caráter mais pontual, como por exemplo Clube Recreativo Waldemar Falcão, o Vila Iracema (em Monte Castelo) o Clube Recreativo

<sup>62</sup> O Clube Romeu Martins era popularmente apelidado de “O gigantão da Itaoca”. A agremiação também era pejorativamente associada a um “clube de empregadinhas” numa referência maldosa ao tipo de diversão fácil e descompromissada.

<sup>63</sup> O “Cotonificio” era assim chamado por ser a entidade associativa dos empregados do “Cotonificio Leite Barbosa”, fábrica de fiação próxima a Parangaba.

Esportivo Aliança – CREAL, o Clube Recreativo Carlito Pamplona e até um certo Internacional Clube de Monte Castelo.

Algumas dessas agremiações tinham mais fortificado o caráter comunitário, constituindo-se em uma entidade de fortes laços com a população do bairro, como por exemplo o SECAI. Outros teriam um viés mais empresarial, caracterizando-se principalmente como um empreendimento ligado à diversão de maneira geral, como é o caso do Romeu Martins.

O reconhecimento e a importância dessas entidades no universo urbano era variável. Algumas, no entanto, sedimentaram fortemente os seus nomes. Além das festas animadas por conjuntos como “Brasas 6”, “Os Milionários” e “New Empalas”, nesses clubes aconteceriam também grandes *shows* com cantores populares nacionais, como Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Wanderléa, Jerry Adriani, Wanderley Cardoso, e muitos outros. O Sr. Alberto Damasceno, recordando sua época de empresário artístico (início da década de 1960), esclarece que esses nomes estavam principiando suas carreiras, quando passaram pelos clubes suburbanos, não tendo ainda alcançado o patamar da fama que os caracterizou:

“Nessa época eu convivi com muitos cantores. Alguns nomes se tornaram famosos posteriormente, outros na época estavam começando também, alguns praticamente pararam suas carreiras, mas eu trabalhei com Roberto Carlos, com Erasmo Carlos, Jerry Adriani, Wanderley Cardoso, Wanderléa, Martinha, Elza Soares, Noite Ilustrada, e outros mais populares, Waldik Soriano, Orlando Dias.(...) Pra poder se tornar lucrativa uma contratação dessa, numa mesma noite o mesmo cantor se apresentava em quatro clubes diferentes. Ele cantava uma hora no Romeu Martins, uma hora no Vila União, uma hora no Grêmio dos Ferroviários, principalmente esses clubes Waldemar Falcão, SECAI,.. Eram os clubes da época. A gente trazia muitos cantores. Inclusive no próprio América, alguns chegaram a se apresentar. Na época, eles eram aquilo que a gente chamaria depois de Jovem Guarda. A maioria desses cantores era cantores em princípio de carreira. Eu me recordo de um show do Roberto Carlos ali no SESC, na Praça São Sebastião, tinha parece que 27 pessoas. Ninguém sabia quem era ele. Aliás, a Wanderléa, eu me recordo também, era o início da carreira dela, alguns jornalistas foram entrevistá-la e escreveram o nome como se fossem, dois nomes: Wander e Léa”.

À medida que determinado artista firmava-se no cenário artístico nacional, e seu cachê naturalmente subia de valor, os clubes iam adotando alternativas visando a manutenção de seus eventos. Daí porque cantores tidos como “bregas”, como Carlos Alberto, Lindomar Castilho, Waldick Soriano,

Orlando Dias, Núbia Lafayette, etc. eram presenças assíduas nos *shows* da periferia.

É interessante observar a grande importância que tinham os clubes suburbanos na dinâmica das práticas de lazer das populações menos abastadas. Tão evidente o seu papel, que o jornal “Tribuna do Ceará” mantinha um espaço intitulado “Subúrbio”, depois “Vida Suburbana”, no qual eram veiculadas notícias relativas às suas programações.

Também parodiando os clubes elegantes, que escolhiam *glamour-girl* e Miss Ceará, essas agremiações escolhiam a Miss Suburbana, promoção valorizada e divulgada pela imprensa em geral, organizada pelo jornalista Francisco Félix.

Audifax Rios<sup>64</sup> fala de uma relação simbiótica que havia entre os clubes suburbanos e os radialistas. Esses eram recebidos com deferência e atenção especial. Geralmente tinham entrada franca, bebida de graça, além de ficarem na mesa da diretoria. Seria assim uma troca de favores, já que o pessoal do rádio propagandeava os eventos que aconteciam nos clubes de subúrbio. Salaria também a importância do cargo de presidente de clube suburbano na respectiva comunidade. Muitos vereadores utilizaram os clubes como trampolim para se eleger.

Nos anos de 1966, 1967, 1968, a União dos Clubes Sociais Suburbanos – UCSS, apresentou uma candidata ao concurso de Miss Ceará, numa evidência de que o elitismo do concurso, que tinha caracterizado os seus primeiros anos, começava a se adaptar, em função das transformações sociais que aconteciam na cidade. Permanecia, no entanto, certo nível de preconceito, como pode ilustrar o episódio relatado no livro “Momentos Inesquecíveis”, sobre a memória dos concursos de Miss Ceará. Ao comentar o certame de 1971, é ressaltada a candidata Edilma Serejo, Miss SECAI,

“Edilma Cristina Lima Serejo, cearense de nascimento, por sinal a mais alta das 7 concorrentes e de beleza deveras incomum, a comprovar o efeito positivo da mestiçagem, ao contrário do pretendido por alguns racistas; foi ela a sensação do Concurso de Miss Ceará 1972, talvez eleita se não se tratasse de uma suburbana; estudiosa, cursando o Normal e o Técnico de Contabilidade, e praticando esportes, preferencialmente o basquetebol, lhe faltaria, ao

<sup>64</sup> Audifax Rios é artista plástico, pesquisador, ex-funcionário dos Diários e Emissoras Associadas. (Entrevistado em set. 2003)

tempo, o refinamento proporcionado por uma vida social em clubes elegantes e em estabelecimentos de ensino de matrícula selecionada mediante os altos preços das mensalidades; (...)<sup>65</sup>

Um caso que merece especial atenção é o do Clube de Regatas Barra do Ceará. Iniciando suas atividades em princípios da década de 1960, o clube teria sido um empreendimento do capitalista Osvaldo Rizzato<sup>66</sup>, associado ao vereador Antoni Costa, que já possuía um clube (Clube de Regatas Antônio Bezerra) em Antônio Bezerra.

Antoni teria convidado Rizzato a associar-se ao seu clube. Ele no entanto, julgou mais interessante construir uma nova sede, mais moderna e equipada<sup>67</sup>. Encomendou então a elaboração do projeto arquitetônico ao arquiteto Ivan Brito.<sup>68</sup> As instalações previam salão nobre, estruturas de apoio (cozinha e serviços), vestiário, campo de tênis e até uma garagem para barcos. Feito com estrutura de concreto, a construção tinha uma linguagem arrojada.

Indagado sobre o porquê da construção do clube naquele local e não na orla leste, onde já se encontravam diversas agremiações, o arquiteto emite a opinião de que isso teria acontecido pelo fato de ser o vereador Antoni Costa, representante de Antônio Bezerra, já possuidor de um clube, fato que talvez o tenha levado a querer valorizar a área com um empreendimento imponente.

O acesso ao clube era muito dificultado, conforme recorda Ivan Brito:

"Era péssimo o acesso! A gente ia pra lá, era um areal lascado! Quando saía dali era um calçamento. Depois pegava direto em busca da barra... a rua era uma piçarra misturado com pedra tosca, tinha nada não minha filha! Só ia lá quem tinha negócio".

<sup>65</sup> AZEVEDO, S.; NOBRE G. *Momentos Inesquecíveis: os concursos de Miss Ceará 1955-1980 dos Diários Associados*, p. 156.

<sup>66</sup> Osvaldo Rizzato era ex-sargento da aeronáutica, formado em odontologia. Fazia investimentos imobiliários através de loteamentos em diversas áreas da cidade.

<sup>67</sup> Não seria impropriedade supor que o interesse de Rizzato em construir uma sede suntuosa em área de moradia de população pobre e desvalorizada do o ponto de vista imobiliário, escondesse na verdade intenções de cunho especulativo, já que o mesmo trabalhava com a implementação de loteamentos em vários pontos da cidade.

<sup>68</sup> O arquiteto Ivan Brito é aposentado da UFC, ex-professor da Escola de Arquitetura. Elaborou o projeto provavelmente em 1960 (ele não precisou bem a data), quatro anos após retornar a Fortaleza, vindo do Recife, onde se formou. Àquela época o quadro de arquitetos da cidade restringia-se a quatro ou cinco profissionais, sendo Ivan Brito, um dos pioneiros com formação acadêmica, a exercer a profissão. O arquiteto ainda mantém em seu arquivo pessoal, todo o projeto do Clube de Regatas.

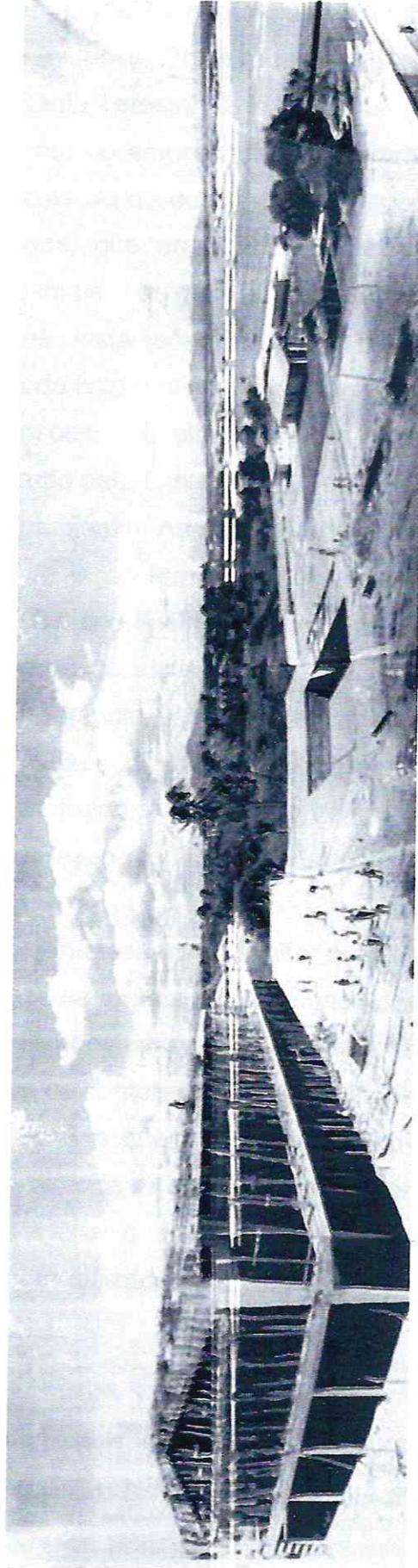


Figura 50: Clube de Regatas na Barra do Ceará (em construção), finais da década de 1960. Arquivo Arq. Ivan Brito

O arquiteto é da opinião de que o clube teria atuado como um elemento indutor da abertura da Av. Leste Oeste, que se deu aproveitando uma pequena rua já existente (Rua Santa Teresinha) no Pirambu.

Para o lançamento do empreendimento foram utilizadas estratégias de marketing como a veiculação do desenho da perspectiva do clube nos jornais para a venda de ações, que eram feitas também no interior, através de vendedores que viajavam para as mais diferentes cidades<sup>69</sup>.

Apesar de suas instalações modernas e do emprego de alguns elementos indicadores de luxo<sup>70</sup>, o Regatas não teve uma repercussão social a altura de suas pretensões, resultando numa vida curta. Possivelmente a distância tenha concorrido para o insucesso. Talvez a razão seja explicada pela “falta de raízes” da agremiação. Ao contrário dos outros clubes, a agremiação da Barra não surgiu de laços familiares, de amizade, de vizinhança ou de associação de classe. Nasceu ancorado em um projeto imobiliário, e como tal, não possuía um corpo associado envolvido “afetivamente” com a Instituição. Seria o moderno sem referência, sem raiz, sem compatibilização de interesses.

Além disso, o clube seria também um “empreendimento alienígena” no contexto em que foi construído. A população vizinha era rarefeita e pobre para utilizar o equipamento. Desse modo, não teria laços nem com as elites e nem com a pobreza.

Mesmo assim, é interessante ressaltar que, enquanto representou uma “novidade”, e como possuía o mais amplo espaço da cidade para a realização de *shows*, pessoas mais abastadas para lá se deslocavam principalmente para assistir aos espetáculos de cantores populares, vindos do sul, contratados para se apresentar no clube. É o que diz o depoimento de Lucile Nóbrega<sup>71</sup>: “A turma do Ideal se reunia toda lá em casa e a gente ia para o Regatas para assistir aos shows dos artistas que vinham pra lá”.

Outro mecanismo utilizado pelo clube para atrair freqüentadores era a

<sup>69</sup> Talvez isso explique o fato de que, mesmo morando no interior, minha família detivesse uma ação do Clube de Regatas, onde meus irmãos e eu tomávamos banho de piscina quando vínhamos a Fortaleza.

<sup>70</sup> O salão nobre do clube possuía um famoso “lustre de cristal”, de grandes proporções adquirido em São Paulo.

<sup>71</sup> A Sra. Lucile Nóbrega é neta do Sr. Mirtil Meyer, um dos fundadores do Ideal Clube. Foi assídua freqüentadora dos clubes elegantes, figura sempre presente nas colunas sociais, fazendo inclusive parte de várias listas “das dez mais”. (Entrevistada em out. 2002)

realização de animados bingos, cujos prêmios eram automóveis, fogões, passagens. Também é importante registrar que, em suas dependências, aconteceram muitas festas de confraternização de Instituições e bailes de formatura.

De forma geral, o império dos clubes entre 1950 e 1970, como centros de diversão, é indisfarçável. No jornal *O Povo* de 18 de janeiro de 1963, na matéria "Veja onde você vai brincar nos quatro dias de momo. Relação das festas em clubes e boates", verifica-se uma lista de nada menos que trinta clubes em atividade, abarcando os diversos segmentos sociais: Círculo Militar e Iracema (compostos nas festividades (carnavalescas), Maguari, Náutico, Country, Líbano, Diários, Comercial, AABB, Massapeense, Quixadaense, Fortaleza E. Clube, Ícaro, General Sampaio, Usina Ceará, Romeu Martins, Santa Cruz, Clube Recreativo da Aerolândia, SECAI, Onze da Vila, Clube Recreativo Carlito Pamplona, REAL, Vera Cruz, Idealzinho, Oficiais da Polícia, Associação Varjota, Clube do Trilho, Terra e Mar, Contonifício Leite Barbosa, 25 de Dezembro, FACIC, Iara Clube.

Em finais dos anos 60, começam-se já a detectar significativas modificações nos hábitos de sociabilidade da população. Os clubes começariam a competir com outras formas de lazer. A praia iria ocupar o lugar de preferência, sobretudo dos setores mais jovens. À noite, começariam a surgir, ainda que timidamente, os barzinhos, mais descontraídos e abertos.

A década seguinte ainda seria caracterizada pela força dos clubes ligados a categorias profissionais como o BNB, AABEC, Clube do Médico, Clube de Engenharia, Clube dos Magistrados, Clube da Polícia Militar, etc., mais abertos, no sentido de implementar eventos direcionados ao público em geral – shows de artistas, forrós - mediante a compra de ingressos. Mas aí já é outra história...

## **“GLAMOUR” E FANTASIA NOS CLUBES ELEGANTES**

A vida social dos clubes elegantes englobava uma série de aspectos relativos aos hábitos, costumes e valores dos seus freqüentadores. Cristalizaram-se no senso comum, várias noções que são recorrentes quando se fala no fenômeno do clubismo em Fortaleza. Tendo em vista uma questão metodológica, identifiquei algumas dessas noções, que penso, podem sintetizar o que acontecia nesse mundo de sociabilidade. Relacionam-se com aspectos ligados ao comportamento, dizem respeito a eventos concretos, que aconteciam nesses espaços, ou se referem a atividades que se desenvolviam e gravitavam em torno do universo dos clubes.

Todos esses aspectos poderiam constituir tema de estudos mais aprofundados, tal a complexidade e a riqueza de variáveis que incorporam. Nesse caso, no entanto, ancoram o esforço de compreensão de uma realidade social e alongar-se demais em cada tema representaria, além de uma tarefa hercúlea, um risco de desvio do foco principal desse trabalho. A combinação de todos esses fatores é o que conferia ao clube social uma aura de *glamour*, de mágica e fantasia.

### **• CONTROLE E PRECONCEITO**

De um modo geral, as sociedades ocidentais são constituídas a partir de diferentes matrizes étnicas e culturais. As desigualdades sociais construídas historicamente com base na exploração econômica, violência e escravidão geraram modos de pensar e agir desiguais.

É de amplo entendimento que o preconceito é uma decorrência da incapacidade de compreensão e de aceitação dessas diferenças, que caracterizam os indivíduos, componentes dos diversos grupos sociais. Baseia-se em julgamentos feito *a priori*, ancorados em estereótipos e estigmas, aos quais se associa a idéia de inferioridade.

A noção de preconceito evoca o sentimento de supremacia, de monopólio sobre certas vantagens e privilégios, de medo ou suspeita de que, grupos tidos como subalternos, partilhem as prerrogativas de grupos dominantes. Evidencia, também, o sentido de estranhamento, na medida em

que se introjeta o pensamento de que o subordinado é intrinsecamente diferente e alienígena.

Segundo Agnes Heller,

“a classe burguesa produz preconceitos em muito maior medida que todas as classes sociais conhecidas até hoje. Isso não é apenas consequência de suas possibilidades técnicas, mas também de seus esforços ideológicos hegemônicos: a classe burguesa aspira a universalizar a sua ideologia”.<sup>72</sup>

Em função disso, mecanismos de domínio são acionados no sentido de preservar a “pureza” dos grupos hegemônicos e a manutenção das normas e dos valores por eles estabelecidos para nortear a convivência coletiva.

Os clubes eram locais de um rígido controle social, o qual se exercia em dois níveis. Ao nível da segregação concreta, uma vez que só permitiam o acesso às suas dependências de pessoas que constassem de seu quadro de sócios, e ao nível do comportamento, pois, o comedimento nas atitudes e a manutenção do “decoro” eram exigências cristalizadas para os seus freqüentadores. Constituíam um tipo de lazer lícito, familiar e “de respeito”, dentro do que a “boa sociedade” julgava adequado e sadio para os seus membros.

O caráter discriminador era indisfarçado. Havia restrições de cor, nível social e condição civil conforme externa o depoimento abaixo:

“Os desquitados eram discriminados. Não entravam nos clubes. Só no Ideal que era mais evoluído ou involuído. Nos clubes havia muita discriminação. As comissões examinavam os candidatos a sócios. Os suboficiais não podiam frequentá-los. Havia discriminação de cor, apesar de que Fortaleza tem uma sorte muito grande. Somos uma sociedade de portugueses, de brancos. Aqui e acolá é que aparece um negro”.<sup>73</sup>

Pelo que foi dito acima, o depoente associa o adjetivo involuído não a uma idéia de atraso, em oposição a evoluído, adiantado, mas com uma certa ironia, à uma noção de decadência moral. É senso comum que o Ideal sempre foi o mais exclusivo dos “clubes elegantes”. Fundado por elementos pertencentes à elite econômica do Estado, na primeira metade do século, o clube sempre foi associado à idéia de “clube de famílias”, ou seja, de grupos

<sup>72</sup> HELLER. *O Cotidiano e a História*, p. 54.

<sup>73</sup> O entrevistado pediu para não ser identificado.

familiares. Isso explica talvez a tolerância para com os seus membros que não correspondessem exatamente aos padrões referendados pela sociedade em geral.

Quanto ao aspecto do preconceito racial, é indisfarçável no ponto de vista do entrevistado, ao dizer que Fortaleza tem sorte por não possuir um grande contingente de negros na formação de sua etnia. Ainda que não sejam recomendáveis extrapolações e generalizações a partir da opinião exposta, é possível afirmar que grande parte da sociedade da época expressava (ainda expressa?) esses valores.

Ainda com respeito ao preconceito racial, conta-se o caso em que certo comerciante negro, que desfrutava de confortável situação financeira, teve o título de sócio negado pelo Náutico Atlético Cearense. Leve-se em conta que o Náutico era mais “democrático”, tendo inclusive, feito grande campanha de venda de ações quando da construção de sua sede no Meireles, como comento no próximo capítulo.

Outro episódio diz respeito ao cantor Orlando Silva que contratado para cantar no Ideal Clube, *“foi todo lampeiro para o meio do salão querendo tirar as moças para dançar...os fundadores convocaram o artista para uma rápida reunião onde lhe foi dito que ele fora contratado para cantar e não para dançar com as senhorinhas”*.<sup>74</sup>

Versão existe dando conta de que a história não foi bem assim. Diz-se que o que realmente aconteceu foi um desentendimento entre o cantor e a diretoria do clube, a qual exigia do artista que ele cantasse além do tempo para o qual fora contratado, recusando-se a lhe pagar as horas extras. Diante da negativa do cantor, chegou a haver um princípio de tumulto, prontamente “contornado”, num jogo de aparências.

Seja qual for a verdade, o que de fato importa é perceber a visão eivada de preconceito e até um certo orgulho com que o fato é relatado. Não deixa de ser curioso e até irônico, observar a mudança de valores e comportamentos sociais ao longo do tempo. Nos dias de hoje os artistas desfrutam de prestígio inigualável. Cantores e atores são freqüentemente

---

<sup>74</sup> O caso foi relatado por D. Heloísa Facó em LOPES, M. op. cit., p. 56.

“convidados”<sup>75</sup> para animar festas ou dançar com debutantes em bailes de quinze anos, que ainda acontecem com certa freqüência em grandes cidades do interior ou nos setores ditos “emergentes”<sup>76</sup>.

Para os freqüentadores habituais, o clube era uma extensão da casa. Ali se poderiam encontrar sempre as mesmas pessoas. Senão amigas pelo menos conhecidas. Segundo as impressões do Dr. José Tavares Pereira<sup>77</sup> (Dr. Zezito): “*Aquilo era o lazer da família. Os pais deixavam os filhos lá porque os diretores eram como pais. Zelavam pelos filhos*”. Essa “intimidade” não deixava de ser também um mecanismo de controle social na medida em que tudo o que se fazia era visto e comentado.

Em seu depoimento, comenta Mônica Arruda: “*Naquele tempo os jovens só se encontravam nos clubes. Não tinha essa aproximação*”. Fala também da constante vigilância e do hábito de “segurar vela” entre as amigas. Sair para eventos, só acompanhadas de pessoas mais velhas.

Os salões de dança dos clubes eram fortemente iluminados, a fim de evitar “abusos” e maiores intimidades entre casais. Ainda segundo Mônica, “Seu” Romeu Aldigheri, da presidência do Náutico, postava-se numa sacada que há em plano acima do salão, para melhor poder observar o comportamento dos pares.

Conta-se um episódio<sup>78</sup> no qual um casal, que dançava muito aconchegado, foi interrompido por um diretor do clube alviverde, que os julgou em comportamento íntimo demais. Ao saber que os mesmos eram recém-casados, aconselhou-os a ir trocar carinhos em casa.

Outro incidente<sup>79</sup> teria acontecido no Ideal, envolvendo um colunista social. O jornalista teria sugerido que se apagassem as luzes do *dancing*, para

<sup>75</sup> Talvez fosse mais correto empregar “contratados”, uma vez que esses profissionais cobram cachês astronômicos para “abrilhantar” os eventos com suas presenças. Têm plena consciência do prestígio que detêm e tê-los como convidados atualmente é um fator que exterioriza poder econômico.

<sup>76</sup> Emergente no sentido empregado nas colunas sociais é um adjetivo relacionado à pessoa que não possui origem “aristocrática” mas que desfruta de poder econômico e financeiro de natureza recente. O termo foi empregado pioneiramente pela colunista social carioca Hildegard Angel.

<sup>77</sup> Dr. Zezito, como é popularmente conhecido, foi presidente do Clube dos Diários durante 25 anos e era freqüentador assíduo de todos os clubes da cidade. (Entrevistado em out. 2002)

<sup>78</sup> Esse episódio encontra-se relatado em ADERALDO. *Retalhos Nautiquinos*, p.40. E no depoimento de Lustosa da Costa registrado em *Edição Histórica comemorativa aos 70 anos do Náutico*, p. 55, dez. 1999.

<sup>79</sup> LOPES, J. A. *Colunistas e Colunáveis: entrevistas sobre o comportamento social*, p.55.

“melhorar os astral”. O presidente Gustavo Silva julgou a idéia um insulto, um atentado ao pudor da “tradicional família cearense”, passando a considerá-lo *persona non grata*.

#### • PAETÊS E SERPENTINAS

O significado da palavra “baile” remete a evento social no qual se baila, onde se pratica a dança. Relacionado aos clubes elegantes de Fortaleza, no entanto, esse sentido se amplia para abarcar um mundo de significados não expressos, mas certamente presentes, na medida em que bailes eram muito mais que meros exercícios rítmicos do corpo ao som de música. Eram eventos cercados de expectativas, fantasias e preparações especiais.

Em conversa informal, o arquiteto Liberal de Castro recordando sua mocidade na cidade do Rio de Janeiro, comenta a diferença entre o sentido de baile aqui e naquela cidade. Lembra-se dos “bailes pagos” que freqüentava, cujo objetivo principal era mesmo a dança. Pagava-se, entrava-se e dançava-se a noite toda. Igual impressão foi emitida pelo Sr. Anselmo Frazão, que também morou uma época da sua vida na “Cidade Maravilhosa”:

“Baile aqui no Ceará era só de longo, gravatinha de laço e tudo...*smoking*. No Rio de Janeiro baile é sinônimo de bailar. Qualquer festa dançante é baile. No Rio de Janeiro eles chamam baile. Quando eu morei no Rio, achava estranho (risos). Pô! Um baile numa casa daquela! Aqui é mais suntuoso. Baile é de vestido longo, de *smoking* e tudo. Baile no Rio é bailar, dançar, sambar, tudo é baile.”

Realmente, baile em “clube elegante” era sinônimo de pompa. Era festa com orquestra, com todo mundo vestido a rigor, geralmente associada a algum evento. Havia os de natureza cívica, como o “Baile da Independência” do Ideal Clube ou a “Festa da Constituição” do Comercial, para a qual eram convidados personalidades do mundo jurídico como juízes, advogados e desembargadores, conforme informou em seu depoimento o Sr. José Cláudio de Oliveira, ex-presidente do Comercial Clube.

Os aniversários dos clubes também constituíam pretextos para a realização de bailes assim como a passagem de ano, ou a realização de concursos de beleza. Com efeito, motivos para esses acontecimentos não

faltavam: a vinda de um artista ou orquestra famosa, a conclusão de cursos, as homenagens a setores da sociedade, as homenagens a outros clubes, as posses de diretorias, etc.

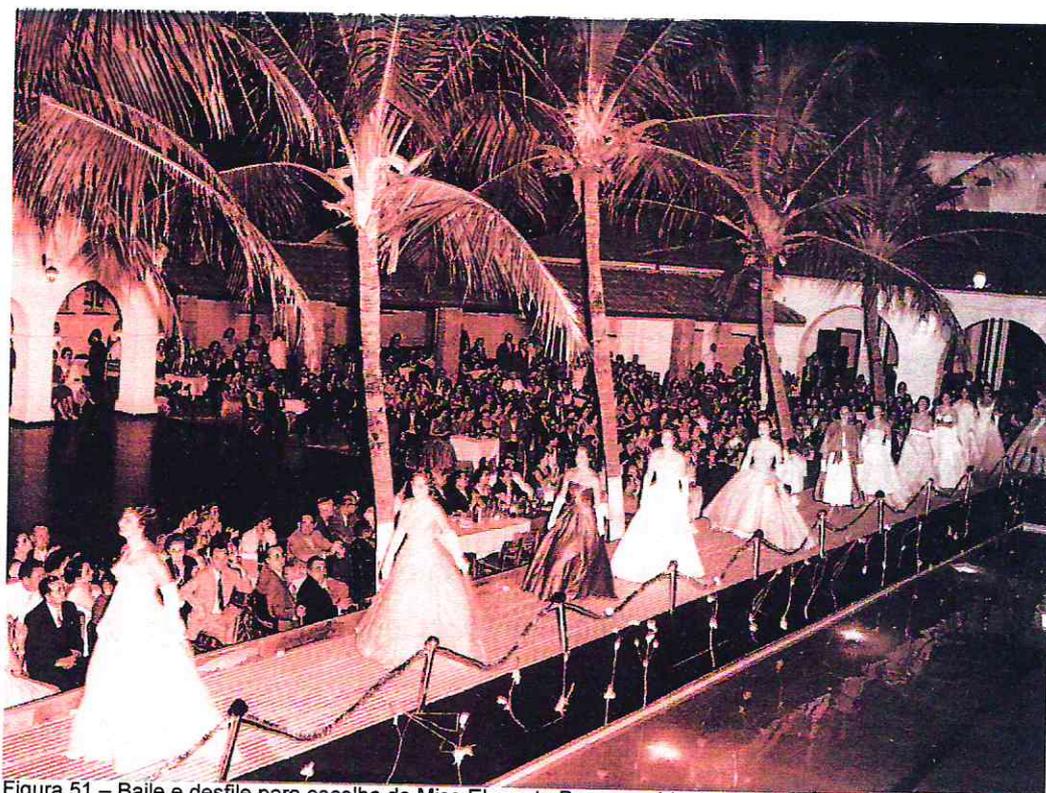


Figura 51 – Baile e desfile para escolha de Miss Elegante Bangu no Ideal em 1958. Album Lucile Nóbrega.

Alguns bailes já constavam do calendário dos eventos anuais, tornando-se “tradicionais”, como a festa das debutantes e da escolha da *glamour-girl*.

Nos períodos de férias, e de acordo com o dia da semana, as festas de realizavam nos diferentes clubes: segunda no Líbano, quarta no Náutico, quinta no Ideal, sexta no Iracema, sábado no Ideal.

Juarez Leitão registrou a esse respeito:

“Nos bailes, os rapazes embrilhantizados, de paletó e gravata, ficavam de um lado do salão e as meninas, com seus exuberantes penteados fixados a laquê e seus vestidos rodados cheios de anáguas, do outro. (...) Os casais dançavam à voz macia da Nat King Cole, Libertad Lamartiniq, Harry Belafonte, Consuelo Velásquez, Bievenido Granda (Gracias, Perfume de Gardênia), Ray Connif e sua orquestra. Depois veio o mambo e a rumba, importados do Caribe e aí brilharam as músicas do compositor Ernesto Lecuona (Malagueña, Siboney), interpretadas pelo frenético Severino Araújo e sua Orquestra Tabajara. Ivanildo e seu “sax de ouro” era figura indispensável no Ideal, nos Diários, no Náutico e no Maguari”.<sup>80</sup>

Os bailes, associados a eventos mais representativos, eram acontecimentos *glamourizados*, frutos de uma visão romântica, de um anseio de *finesse* compartilhados por uma camada que valorizava sobremaneira a aparência.

Recordando como eram feitos os preparativos para esses eventos especiais, Mônica Arruda fala dos tecidos comprados na loja "A Cearense". Os modelos, muito trabalhados, geralmente longos, consumiam tempo demasiado na sua confecção. "*Às vezes eram trazidos para bordar em casa e todo mundo ajudava*".

A roupa longa, ainda hoje usada em ocasiões especiais, incorpora todo um conteúdo simbólico. Segundo Mary Del Priori "(...) *Ela representa, ainda, a idéia simbólica de calma e majestade, reproduzindo o sentimento de gravidade e decoro que estiveram na sua base na longínqua Idade Média*".<sup>81</sup>

Com efeito, a indumentária parece ter sido sempre extremamente valorizada nos setores privilegiados de Fortaleza. Lojas de marcas conhecidas e de alto padrão instalam-se freqüentemente na cidade, com produtos encontrados em qualquer parte do mundo. Se hoje, isso acontece como um estímulo da globalização, naqueles anos já se evidenciava a grande preocupação com a aquisição de roupas, sapatos e acessórios.

Tais cuidados, às vezes beiravam o exagero. Afinal elegância, no conceito dos entendidos, nada tem a ver com excessos. Esse aspecto não passaria despercebido nem mesmo do principal admirador das mulheres do *soçaité*. Em uma de suas colunas, escreveu Lúcio Brasileiro:

"Na feijoada de Domingo no Ideal, muitas senhoras se apresentavam indevidamente trajadas, com muito pêso. A ocasião era cem por cento esportiva. (...)".<sup>82</sup>

Para confeccionar os belos vestidos de baile, as costureiras mais famosas e procuradas eram Antonieta e Dulcinéa Damasceno, ainda na década de 1950. Raimundinha Arruda, Carmelita Guedes e Edméa Mendes, um pouco depois. Carmelita recebia figurinos franceses. Raimundinha tinha coleção de *Burdas* e *L'Officiel*, também vindas de Paris.

<sup>80</sup> LEITÃO. *Sábado. Estação de Viver: histórias da boêmia cearense*, p. 274.

<sup>81</sup> PRIORI. *Um olhar sobre a história do corpo e da moda no Brasil*, p.192.

<sup>82</sup> *Jornal O Jornal*, Fortaleza, 03 set. 1958.

Recordando seus tempos de costureira, Raimundinha diz como, desde pequena, percebeu que tinha o dom para o ofício. Costurava não porque precisasse do dinheiro, já que sua família tinha uma condição confortável e o marido podia sustentá-la, mas porque gostava de costurar.

Vivia cheia de trabalho e ganhou muito dinheiro. Tinha três auxiliares para serviços de mão, “*mas quem cortava mesmo era eu. Não tinha confiança de entregar tecidos caros para as meninas*”. Suas clientes faziam parte da “alta sociedade”. Enumerou uma grande lista de nomes conhecidos como integrantes do *hight society* de Fortaleza. Apesar de também freqüentar os clubes, gostava mesmo era de arrumar as mulheres para que brilhassem nas festas. “*No dia seguinte elas vinham me contar tudo e me agradecer*”. Não vestia misses. “*Quem fazia era a Edméa. Eu gostava mesmo era de noivas*”. As cabeças quem fazia era a Zenilde. Disse, referindo-se aos arranjos colocados nos cabelos das noivas, compostos com os véus.

Os tecidos utilizados nos vestidos eram geralmente gaze, seda pura, renda, zibeline. Quando não comprados na “A Cearense” ou na “Copacabana” eram trazidos do Rio ou até mesmo do exterior.

“Cansei de viajar para o Rio de Janeiro para comprar coisas. Muitas vezes mandei comprar tecidos no exterior por Dona Iracema Gentil. Também acompanhei muitas vezes as clientes para comprar sapatos. Era tudo combinando. Os sapatos eram comprados na Casa Pio, mas às vezes se mandava também cobri-los com os tecidos dos vestidos”.<sup>83</sup>

É interessante perceber um aspecto. A lista de clientes de determinada costureira conferia-lhe *status*, mas no outro sentido, essa também emprestava distinção a quem com ela se vestia. A profissional tinha uma cliente *chic*. Por outro lado, uma mulher era *chic* porque se vestia com determinada profissional. Pessoas simples, que não freqüentassem o universo social em questão, não poderiam ter acesso aos serviços das costureiras aqui citadas. Além do mais, os preços eram altos, compatíveis com o nível do trabalho e da clientela.

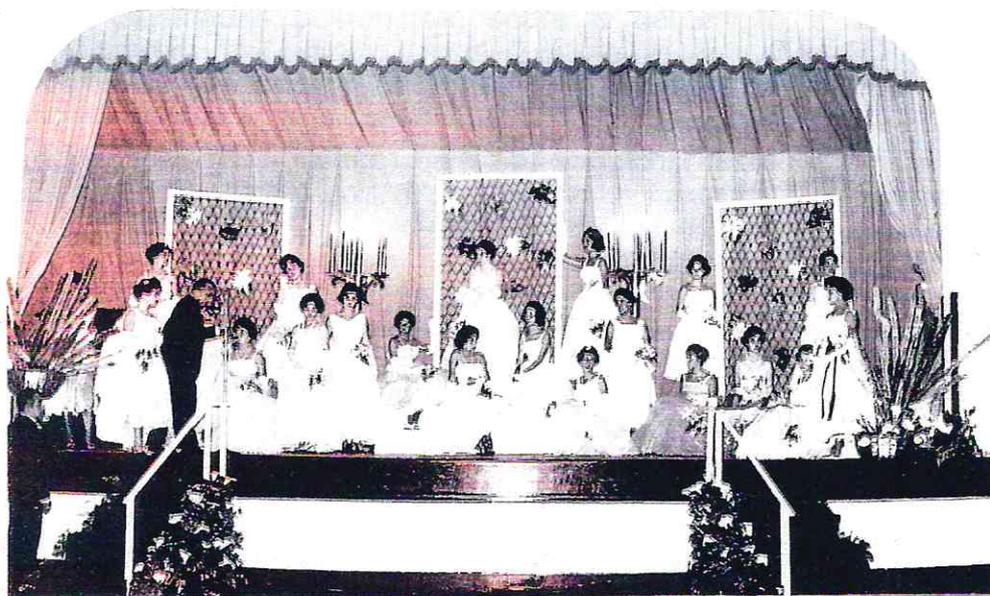
<sup>83</sup> Raimundinha Arruda trabalhou como costureira nas décadas de 1950 e 1960. Deixou o ofício em função de complicações na vista. Guarda ainda hoje em seus armários vestidos por ela confeccionados. Peças do mais fino acabamento. Tanto ela como o marido provém de famílias da cidade de Granja. Morou muito tempo na Av. Santos Dumont com Nogueira Acioli, numa casa de arquitetura identificada com as primeiras construídas nessa rua. Tem também o gosto por antiguidades.

Comentando sobre o alto valor de uma das peças antigas, que coleciona, Raimundinha comentou: “*Custou-me muito dinheiro. Tive que fazer quatro vestidos para pagar*”.

Apesar da publicidade de seus trabalhos ser feita através dos próprios eventos sociais, com a exposição de seus modelos, encontrei alguns anúncios referentes aos serviços de costureira<sup>84</sup>. A título de ilustração, reproduzo abaixo um dos anúncios dos serviços de costura de Dulcinéa Damasceno:

“ARTE DE VESTIR”  
 DULCINÉA DAMASCENO  
 Se encarrega de preparar noivas, misses, debutantes. A única modista especializada, “raffiné” que ensina etiquêta, desfiles, modas.  
 Av. João Pessoa, 3414  
 Fone: 151- 31<sup>85</sup>

Ainda com relação aos sapatos, Mônica lembra que quando não eram encomendados ao “Seu” Pio, compravam-se no Rio de Janeiro, nas viagens de férias. Os acessórios, bolsas, bijuterias, lenços, óculos, eram adquiridos na *Sloper*, famosa casa carioca, que vendia artigos importados.



IDEAL CLUBE  
 Reveillon - Debutantes de 1950

ABA FILM

Figura 52 – Reveillon e Festa de Debutantes no Ideal em 1950. Arquivo Marciano Lopes.

<sup>84</sup> Na verdade, as costureiras finas dessa época, cujas clientes eram mulheres de famílias abastadas, guardam mais semelhança com os atuais estilistas do que propriamente com as profissionais que precisam costurar para ganhar a vida.

<sup>85</sup> Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 02 mai.1960.

No dia das festas, a cabeleireira Júlia Rocha trabalhava arduamente. Era lá que as mulheres do *grand monde* iam fazer penteados e maquiagem. Mônica diz que “*Tinha gente que chegava lá às 5 horas da manhã. A gente passava o dia com aqueles penteados enormes, com mechas. Para fazer eriçava o cabelo todo*”. Refere-se ainda ao hábito da troca de roupas entre amigas. Segundo ela era muito comum que uma emprestasse o vestido para a outra, a fim de variar o guarda-roupa.

Izaura Felício foi citada por Raimundinha Arruda como outra cabeleireira, embora, como disse, ela própria tenha arrumado muitas noivas e moças em sua casa.

Como se pode verificar, havia todo um esquema de preparativos antecedendo um evento. Começava-se a vivê-lo antes mesmo da ocasião. Da mesma forma deveriam render muitos comentários posteriores, aumentando assim, com o antes e o depois, o seu tempo de duração.

A imprensa, por seu turno, acompanhava atenta, a realização das festas dos clubes elegantes, fazendo especulações prévias ou fornecendo descrições detalhadas posteriores, sobre a decoração e as roupas das personalidades presentes, como exemplificam as matérias abaixo:

“Realizou o Ideal Clube o seu tradicional “Baile da Independência” comemorativo do 29o. aniversário de fundação com o brilhantismo costumeiro. O grêmio dos palmeirais reuniu mais uma vez o “grand monde” fortalezense numa noite de rara elegância e distinção. O Vice-presidente Hugo Rocha tudo fez ao seu alcance para proporcionar uma reunião magnífica. Viu os seus esforços coroados de pleno êxito. Foi, sem dúvida, um acontecimento social de relevo, sendo abrilhantado também pelos congressistas participantes da “IX Reunião da Federação Brasileira de Otorrinolaringologia e Bronco esofagologia”...O casal Dr. Walter Benevides (carioca) enaltecia a elegância da mulher cearense. As danças foram animadas pelo famoso conjunto musical de Ivanildo. Houve um “show” artístico no qual a cantora Ayla Maria foi a mais aplaudida. (...)”<sup>86</sup>

“Acontecimento de marcante relevo na sociedade fortalezense foi, sem dúvida, o suntuoso baile de “reveillon” do dia 31 último, realizado no Ideal Clube. A tradicional agremiação viveu uma noite de raro esplendor para o alto mundo social desta cidade. Foi realmente uma parada de elegância e de muita distinção. A animação dominava o seletto ambiente. Voltou a constituir-se o ponto

<sup>86</sup> Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 08 set. 1960.

alto da magnífica festa, o desfile das encantadoras debutantes, exibindo riquíssimas “toilettes”. Foram apresentadas oficialmente 14 lindos “brotos” do “grand monde” fortalezense. A ornamentação interna do clube estava com muita originalidade. A mesa principal, ladeavam o Presidente a Sra. Jaime Machado, o Governador a Sra. Parsifal Barroso, o General e Sra. Nicolau Fico, o Comandante e Sra. Newton Faria, o Comandante e a Sra.. Fernando Cavalcanti, Major e Sra. Samuel de Tarso Texeira Pinto, o Vice-Presidente e Sra. Edmundo Rodrigues, o Dr. e Sra. Marcelo Linhares. Em mesas próximas, estavam os casais Tabelião Carloto Maia, Dr. Osvaldo Soares, Dr. Walder Sá, (...) Dr. Laerte Fernandes e Sr. Edson Ventura. A meia-noite, ouviu-se o Hino Nacional. Seguiram-se instantes de confraternização. Muito regozijo pela passagem de 1962 e entrada de Novo Ano. O Ex-Governador Paulo Sarasate e Sra. Albanisa Sarasate foram bastante cumprimentados. (...) O famoso conjunto do Ivanildo brilhou a grande noite, executando aplaudido programa musical”.<sup>87</sup>

“O Náutico assinalou mais um triunfo com o monumental baile de reveillon deste ano, reunião social que teve a característica de todas as promoções do maior clube de Estado; a ordem e a animação. A família alviverde e centenas de figuras do maior realce social fortalezense, inclusive marcantes personalidades públicas, participaram da grande festa, destacando-se o Governador Plácido Castelo, o Prefeito José Valter Cavalcante, o General comandante da 10a reigião militar, Dilermano Monteiro, que se adentrou pela madrugada sempre em ambiente de máximo respeito e alegria. A orquestra carioca de Pinduca e o renomado conjunto de Alberto Mota animaram as danças. A meia-noite, houve a tradicional Confraternização de Ano Novo, com milhares de pessoas virando 1968 e trocando brindes de esperanças no futuro. Um belo encontro social, uma vitória esplendida da diretoria do Náutico, dirigida pelo dinamismo e capacidade do Dr. Ary Araripe.”<sup>88</sup>

Dentre as orquestras que animavam esses eventos, a de Ivanildo, sem dúvida, merece um destaque especial, dada a freqüência com que seu nome e o do seu conjunto musical se associavam a eles. Era cearense radicado no Rio Grande do Norte. Seu repertório era bastante variado incluindo músicas internacionais (de procedência americana ou latina), sambas-canção e boleros. Além de maestro, era também o saxofonista. Ficaria por isso conhecido como o “Sax de Ouro”. Ivanildo e seu conjunto guardariam alguma semelhança, guardadas as proporções, com as *big bands*<sup>89</sup> americanas, que caracterizaram

<sup>87</sup> Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 03 jan.1963.

<sup>88</sup> Jornal *Unitário*, Fortaleza, 04 jan.1968.

<sup>89</sup> O termo *big band* designa um grupo de dez ou mais músicos, comumente três trompetes, dois ou mais trombones, quatro ou mais saxofones e uma combinação de piano, guitarra,

o período, e que tanto influenciaram no gosto musical dos freqüentadores das festas dançantes desses anos.

No que se refere aos períodos de carnaval, durante muito tempo, os bailes carnavalescos que se realizavam nos clubes foram uma tradição das festividades mominas em Fortaleza.

Raimundo Girão ressalta a importância que essas festas adquiriam para as agremiações, ainda em finais do século XIX, ao relatar os bailes do antigo Clube Cearense e do Clube Iracema que rivalizavam em pompa e organização, principalmente através de seus blocos “Os Dragões do Averno” e “Os Conspiradores Infernais”.

Nos anos 1930, ao lado do Corso e das manifestações de rua, eram os bailes dos clubes que caracterizavam a época carnavalesca, conforme constatou Catherina de Sabóia Oliveira:

“Nos anos 30, o Carnaval que predominantemente se noticia é o dos clubes: desde os nomes dos componentes dos blocos a estes ligados aos assaltos e descrições minuciosas de bailes, anunciados nos jornais como “Avisos aos Sócios”. Esses assaltos a clubes (...) seguiam um padrão: soavam clarins; o bloco fazia sua entrada entoando seu hino; era recebido com confetes e serpentinas (a batalha); evoluçionava nos salões e culminava sua apresentação com a entrega de ramalhetes de flores à Diretoria do Clube. (...) As evoluções eram previamente ensaiadas: ‘cirandas, cobrinhas, passes e cantos de guerra’. Cantavam-se sextilhas e quadrinhas durante a apresentação”.<sup>90</sup>

O carnaval dos clubes também caracterizou o período 1950-1970. Nos dias antecedentes ao tríduo momino, a imprensa da época veiculava o programa das diversas agremiações, informando sobre as orquestras, as ornamentações e outras informações específicas de cada entidade.

Baile de carnaval em clube, tinha blocos, fantasias, confetes e serpentinas. Cada agremiação esmera-se na decoração de sua sede,

---

baixo e bateria. Suas origens se localizam ainda no séc. XIX, ligadas à fusão dos ritmos criados pelos negros americanos, da qual resultaria o jazz. As primeiras orquestras surgiram em Nova Orleans, Memphis e Saint Louis, de onde se disseminariam para outras grandes cidades, nas quais tocavam em salões e bailes de hotéis. Na década de 1930, essas orquestras se popularizariam, para serem consagradas na época da segunda guerra, uma vez que acalentariam as esperanças e proporcionariam alguma alegria aos soldados do front. O cinema potencializou o gênero através da aparição de orquestras em inúmeros filmes. Das grandes bandas que pontificaram nos anos 1950-1970 citam-se Tommy Dorsey, Artie Shaw, Harry James, Benny Goodman, Glenn Miller (o maior expoente) e Ray Connif. A influência das *big bands* no Brasil se deu de forma acentuada, sendo sua maior expressão a “Orquestra Tabajara” do maestro Severino Araújo, ainda hoje em atividade.

<sup>90</sup> OLIVEIRA. *Fortaleza: Velhos Carnavais*. p. 119.

empreendendo esforços no sentido de torná-la a mais bonita e criativa. Em geral, os motivos utilizados faziam referências temáticas variadas, às vezes sintonizadas com as tendências da cultura de massa, que se expressavam ao nível nacional, como no carnaval de 1969, em que o Líbano se transformou em “Uma noite na Tropicália”, o Country numa “Noite Psicodélica” e o Círculo Militar no “Carnaval Psicodélico na Lua”.

Ocorria às vezes, a composição de dois ou mais clubes para a realização dos eventos mominos. Havia também toda uma preocupação quanto à manutenção do clima de um clima “seguro e familiar”. Não raro apareciam nos jornais notas conjuntas ou individuais, em que os clubes deixavam claro o padrão de conduta exigido dentro dos seus domínios:



Figura 53 – Bloco oficial do Náutico Atlético Cearense, Carnaval de 1954. Arquivo Marciano Lopes.

“As Diretorias do Náutico Atlético Cearense” e do “Clube dos Diários”, no intuito de realizar as festas carnavalescas do corrente ano, dentro do ambiente de ordem e respeito que vem mantendo em todas as suas reuniões, comunicam aos seus associados e demais pessoas habilitadas a comparecer as mesmas festas, que estarão dispostas e aparelhadas para coibir enérgica e prontamente, qualquer ato que importe em quebra da linha de conduta que deve ser observada no meio social, aproveitando a oportunidade para esclarecer que:

a) mantém, de acôrdo com o Exmo. Sr. Secretário de Polícia e segurança Pública, policiais encarregados da vigilância interna dos respectivos clubes; b) não permitirão excessos de qualquer natureza, lembrando que as pessoas que por ventura encontradas em estado de embriaguez alcoólica ou aspirando cloretil serão retiradas do recinto, sem prejuízo das penalidades que, posteriormente, lhes possam ser aplicadas; c) nos termos da portaria nº 6 de 30 de janeiro do corrente ano expedida pelo Exmo. Sr. Dr. Juiz de Menores da capital – a qual será rigorosamente observada – o ingresso de menores entre 14 e 18 anos somente será permitido se os mesmos estiverem acompanhados de seus pais ou responsáveis; d) não será permitida a entrada de menores de 14 anos, mesmo acompanhados

de seus pais ou responsáveis às festas que terminarem depois da 20 horas; e) aos menores de 18 anos não serão vendidas bebidas alcoólicas. Neste ensejo, as Diretorias do Náutico e dos Diários encarecem dos seus associados o procedimento que até agora tem sido adotado, a fim de que se mantenha inalterável o ambiente sadio e distinto já tradicionalmente observado em seus clubes. E, chamam a atenção para que, à entrada das festas, será exigida a apresentação das carteiras sociais de identidade pelos sócios do Náutico e dos recibos do mês de fevereiro pelos sócios dos Diários”.<sup>91</sup>

Conforme se pode constatar pela nota acima, o próprio poder público colocava à disposição dos clubes o seu efetivo policial, com o intuito de reprimir quaisquer abusos. Na verdade, algo semelhante ao que ocorre hoje, quando o aparato de segurança oficial é deslocado para cobrir eventos organizados pela iniciativa privada como o “Fortal” e o “Ceará Music”.



Figura 54 – Bloco formado por membros da diretoria do Ideal Clube. Década de 1960. Arquivo Marciano Lopes.

O Conselho Interclubes, entidade que congregava os clubes sociais, também se posicionava a respeito da organização e controle dos festejos de carnaval:

“Conselho Superior Interclubes, constituído dos presidentes dos clubes diversionais de Fortaleza, reunido para traçar normas a respeito da conduta dos seus associados por ocasião das festas carnavalescas, resolveu que não será tolerado: a) aspirar lança-perfume; b) provocar incidentes; c) fazer uso imoderado de bebidas alcoólicas; d) trajar fantasia que ofenda à moral ou seja de qualquer modo considerada inconveniente”. Os infratores dos itens acima serão punidos com expulsão de uma das festas de qualquer dos clubes. Terão automaticamente seu ingresso vedado nos demais filiados durante os festejos carnavalescos”.<sup>92</sup>

Um hábito que se foi construindo, consistiu na associação de alguns dias do carnaval a determinados clubes. Na sexta-feira anterior ao sábado

<sup>91</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 13 fev. 1953.

<sup>92</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 17 fev. 1960

gordo, por exemplo, impunha-se nos setores elegantes, a festa do Havai no late Clube. Nas segundas-feiras, o baile mais freqüentado era o promovido pelo Country:

“As vistas do ‘high-life’ de Fortaleza estão voltadas para a tradicional festa que o Country Club de Fortaleza realiza sempre às segundas-feiras de carnaval. Atualmente, o distinto grêmio da Aldeota só promoverá uma festa momina e esta terá lugar no segundo dia de carnaval. Uma afinada orquestra animará a reunião do Country”.<sup>93</sup>

“O late Clube dará sua presença no carnaval através do seu famoso e único baile momino ‘Uma noite no Havai’, uma espécie de “overture” oficial do carnaval grã-fino de Fortaleza, pois o late faz sua festa na noite de Sexta-feira, concluindo-a pela madrugada de Sábado gordo. Como sempre, a sede do late estará decorada com motivos havaianos, sendo estes aliás, os motivos das fantasias, notadamente das femininas. (...)”.<sup>94</sup>

Os blocos eram uma presença constante. Grupos de jovens ou mesmo de senhores e senhoras vestiam-se com roupas temáticas, fantasias concebidas com detalhes e fino acabamento. Desejava-se sobressair pela indumentária e pela animação. Freqüentemente havia desfiles de fantasias. Confetes e serpentinas também compunham aquele universo carnavalesco.

Também os clubes “menores” organizavam os seus carnavais. A programação, veiculada pela imprensa, dava conta do que iria acontecer pelos bairros. Algumas promoções eram realizadas no sentido de atrair os foliões, como a eleição da “Rainha do Carnaval Cearense dos Pequenos Clubes”, organizada em 1953.

#### • BELEZA EM PASSARELA

Dentre os eventos que monopolizavam os esforços e atenções dos clubes sociais, os concursos de miss, sem dúvida, representavam um ponto alto na programação anual das entidades.

À uma primeira vista, tem-se a impressão de que a exposição da mulher em concursos de beleza é coisa recente. No entanto, segundo Barbosa Júnior<sup>95</sup> tem-se notícia de concursos de beleza ainda no séc. XIX<sup>96</sup>. Muitos

<sup>93</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 14 fev. 1953.

<sup>94</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 12 fev. 1969.

<sup>95</sup> Raimundo Barbosa Júnior é colecionador e pesquisador dos concursos de beleza. Possui um grande acervo de fotos, reportagens, entrevistas e memórias dos concursos de miss em

deles aconteceram nas primeiras décadas do séc. XX: na Semana de Arte Moderna de 1922, foi escolhida uma Miss – Zezé Leone e em 1929, houve a eleição de uma “Miss Brasil”, a senhorita Iolanda Pereira. Em 1930 o Jornal do Brasil promoveu um concurso chamado “Miss Universo do Brasil”, no qual concorreram inclusive candidatas de outros países. No Ceará, Alba Ferreira foi eleita “Senhorita Ceará” em 1929.

Apesar da existência desses concursos precursores, da forma como ficou consolidado, o certame de Miss Brasil iniciou-se mesmo, a partir de 1954, quando foi encampado pelos Diários Associados. Afora este, considerado o maior concurso de beleza do país, a beleza feminina sempre foi objeto de escolhas nos mais variados setores: Rainha do Café, Rainha do Algodão, Rainha dos Estudantes, Rainha dos Jornalistas, etc. O alcance desses certames no entanto, se dava mais ao nível das localidades em que aconteciam.

O concurso de Miss Brasil era um evento de abrangência nacional, patrocinado pelos maiôs Catalina e pela linha de cosméticos Helena Rubinstein, que envolvia e monopolizava a atenção dos Estados da Federação. Em 1955, o Ceará entra na disputa e sagra-se vencedor com a candidata Emília Correia Lima. O fato provocou uma onda de orgulho e vaidade na comunidade cearense que a associaria até hoje, num arroubo de bairrismo, ao tipo ideal de beleza feminina.

No anseio de afirmação de um *status* de civilidade e progresso aparecer aos olhos do País, como ganhador de um certame de beleza, era sem dúvida uma grande conquista, principalmente em se considerando o aspecto pouco atraente associado ao tipo físico do cearense normalmente de pequena estatura e de “cabeça chata”, como se folcloriza. Se, em nível nacional, a

---

geral desde os seus primórdios. As informações constantes desse tópico foram obtidas em entrevista que nos foi concedida em sua residência, quando pôs à nossa disposição o seu vasto material. (Entrevistado em maio 2003)

<sup>96</sup> O primeiro concurso de beleza de que se tem notícia teria ocorrido em 1884 em Paris. O julgamento das concorrentes se deu através de fotografias, sem a presença física das mesmas. Em 1888 realizou-se um concurso em Spa na Bélgica, ponto turístico famoso pelas fontes e pelas instalações para banhos. 25 candidatas desfilaram para os juízes, na presença de uma grande assistência e de um considerável número de repórteres. O desfile, no entanto, acabou num tumulto, tendo ocorrido inclusive, agressão entre as participantes. Tal fato não impediu que o concurso se repetisse nos anos seguintes. Sobre o assunto ver AZEVEDO, Stênio e NOBRE Geraldo. *Momentos Inesquecíveis: os concursos de miss Ceará 1955-1980 dos diários associados*. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1999.

escolha de Miss Brasil já era considerado um grande acontecimento, no seio da sociedade local assumia estatuto de prioridade para os clubes, que se empenhavam e se envolviam no sentido de escolher a sua representante.

É interessante observar que havia uma “natural” associação entre concurso de miss e clubes sociais. As participantes eram principalmente representantes das agremiações, sobretudo das tidas como “elegantes”. As concorrentes poderiam ter saído dos colégios, ou de outras entidades quaisquer, mas a força dos clubes impunha-se como instituição. Além do mais, havia o aspecto do *glamour*, do mundo fantasioso, evocado por esses certames, os quais encontrariam correspondência no mundo clubístico. Não raro, no entanto, se faziam presentes também misses das principais cidades do interior (Crato, Juazeiro, Sobral, Quixadá), cujas colônias se mobilizavam no apoio e na torcida.

Era uma acirrada concorrência na qual todos reivindicavam para si o título da mais bela. A imprensa da capital acompanhava com atenção processo de escolha das candidatas, exibindo, assiduamente, nas páginas dos jornais a foto das representantes de cada clube, fotografadas pela Aba Film. As legendas eram sempre acompanhadas de generosos comentários nos quais se ressaltavam, além da beleza, as demais qualidades das aspirantes ao título de Miss Ceará. No período que antecedia o desfile, havia uma intensa cobertura sobre as atividades de cada miss: as visitas que realizavam, os eventos aos quais compareciam. Eram alvo de homenagens e recebiam presentes de lojas representativas do comércio



Figura 55



Figura 56



Figura 57

Fotos de Emília Correia Lima, Miss Ceará/ Miss Brasil 1955. Arquivo Raimundo Barbosa Júnior.

local, numa demonstração de apreço e consideração, como ainda numa estratégia mercadológica de colar o produto à imagem da beleza.

A festa era anunciada incansavelmente, e a venda das mesas feita com muita antecedência, tal a procura de ingressos para assistir ao evento. A noite do desfile revestia-se de grande elegância, reunindo a “fina flor” da sociedade nos salões do Náutico Atlético Cearense. Os vestidos de noite de produção de renomadas modistas<sup>97</sup> locais constituíam item de competição entre as candidatas. A ida para o Rio, para concorrer ao título de Miss Brasil, na companhia do jornalista Stênio Azevedo, desde sempre responsável pelos concursos locais, era cercada de providências e cuidados.

A revista *O Cruzeiro*, principal veículo de circulação nacional, fazia a cobertura completa do acontecimento dedicando várias de suas páginas às fotografias das concorrentes, fornecendo amplo material sobre o concurso e estampando na capa o rosto da vencedora. Durante muito tempo os desfiles de Miss Brasil monopolizaram a atenção das pessoas em geral que a partir de 1960, com a chegada da televisão ao Ceará acompanhavam, com grande expectativa, a transmissão do *videotape* do concurso, mesmo já sabendo previamente o resultado.

Havia um determinado nível de exigência “implícito” quanto às participantes. Só podiam concorrer “moças de família”, de reputação e moral ilibadas. Moças que faziam parte dos quadros sociais das Instituições, ou que fossem por elas apresentadas, que tivessem “procedência” e fossem “bem nascidas”. Aí também o caráter discriminatório do certame.

“O concurso dava muito nome às candidatas; as tornava conhecidas em toda a cidade. O rigor tornou-se tão grande ao ponto de chegar-se a dizer que a candidata precisava ser filha de oficial do Exército, o que não era verdade. Por princípio a direção do concurso não interferia na indicação das candidatas, pois isso implicaria em preferência. O Clube é que escolhia, entre suas freqüentadoras, uma candidata, ficando uma comissão de diretoria responsável pelas providências”.<sup>98</sup>

<sup>97</sup> O termo “modista” equivaleria hoje ao termo “estilista”. Apesar de ser uma figura de muito prestígio e distinção no meio social, não era comemorada e valorizada como ocorre com os criadores de moda. Naquele universo uma das profissionais que mais se destacou, foi a Sra. Edméa Mendes, por muito tempo a preferida das misses.

<sup>98</sup> AZEVEDO, S.; NOBRE, G. op. cit. p. 36.

Referindo-se também a esse aspecto do concurso, Barbosa Júnior comenta sobre o caso de uma moça eleita Miss Brasília em 1967, sobre a qual todos concordavam ser muito bonita, mas que, comentava-se, não chegou a ser eleita devido a sua origem humilde. Sua mãe morava em uma “favela” em Taguatinga e complementa, em tom de brincadeira, que a moça tinha que ter nome, sobrenome, pós-nome e antinome.

“A miss tinha que ter reputação, tinha que ser de uma família boa! Inclusive tem em 67 uma moça muito pobre de Brasília, a Gaspareda, muito bonita: mas a mãe era favelada mesmo, de Taguatinga. Ela foi eleita Miss Brasília e todo mundo acha que ela não ganhou por causa disso: que ela não sabia como pegar em um talher, ela não tinha um toque de pessoa que tenha uma educação mais , digamos assim, refinada... A moça tinha que ser bem nascida.”<sup>99</sup>

Do que foi dito, depreende-se que, além da beleza, o concurso exaltava também as virtudes e o comportamento das “moças de bem”<sup>100</sup>. Exigia-se delas uma postura impecável, condizente com a responsabilidade da qual o título se revestia. A miss era na verdade a representante maior de todas as moças que freqüentavam os clubes e como tal, deveria reunir formosura, educação e “procedência”. Os pais eram figuras vigilantes e zelosos no acompanhamento da “rainha”, o que deu ensejo ao aparecimento da expressão “mãe de miss” numa clara referência às genitoras sempre atentas e controladoras do comportamento das filhas eleitas.

As reportagens veiculadas na imprensa sobre as misses exaltavam, além de sua evidente beleza, as suas qualidades de “moça ideal”, como exemplifica a matéria sobre Ieda Vargas, miss Brasil 1963, publicada na revista *O Cruzeiro*:

“Menina Ieda não foi choradeira. Suas traquinadas eram educadas. Sempre foi dócil, obediente. Estudiosa também. Não deu trabalho aos pais, nem em sua meninice provocou queixas dos vizinhos.... Ieda vem lá dos Vargas e de outros troncos colonizadores do Rio Grande – dos Brutto, Cunha, Almeida, Rêgo e Borges – (...) Se nasceu para miss, com aquela sua paciência monástica, também veio ao mundo para cozinhar bem”.<sup>101</sup>

<sup>99</sup> Depoimento oral de Barbosa Júnior.

<sup>100</sup> Expressão oriunda de uma gíria argentina “niños bien”, usada para designar boa índole e procedência.

<sup>101</sup> Revista *O Cruzeiro*, Nº 41, 20 set. 1963.

Apesar do modelo estabelecido e estimulado pela sociedade e do enquadramento geral das candidatas ao perfil para elas traçado, em 1958, Adalgisa Colombo, miss Distrito Federal (Rio de Janeiro), causou escândalo pela ousadia de adotar certos “truques” que a fariam vencedora do certame. Tais truques, vistos como recursos inocentes com os olhos de hoje, na época causaram indignação e revolta nas outras concorrentes.

Modelo da Casa Canadá no Rio de Janeiro, tida como a casa de modas mais elegante do país, Adalgisa tinha um comportamento mais espontâneo e menos “enquadrado”. No dia do desfile retirou o *pancake*, que o maquiador oficial colocava nas pernas da miss para esconder imperfeições, e colocou óleo Johnson para dar brilho e sensualidade. Além disso, cavou o seu recatado maiô nas coxas, para evidenciá-las e prendeu os cabelos em coque para valorizar o pescoço e os ombros. Utilizou também um certo tom de sedução na voz ao ser entrevistada e ignorou as orientações de Maria Augusta<sup>102</sup>, adotando um jeito de desfilar mais sofisticado, exercitado na sua atividade de modelo na Canadá.

Na opinião de Santos<sup>103</sup>, Adalgisa teria sido uma precursora de Leila Diniz, atriz cuja figura ficou famosa pelo espírito livre, pela recusa às convenções e pela adoção de comportamentos ousados para a época, que mais tarde, influenciaria muitas jovens. No universo das misses, seria no entanto, uma exceção, pois o “normal” era o comportamento submisso e recatado.

A miss tinha *status* de artista, “celebridade”. Sua presença era valorizada nos eventos sociais, principalmente aqueles que aconteciam nos clubes. As visitas de misses de outros Estados ao Ceará eram alardeadas pela imprensa. Da mesma forma, a miss Ceará brilhava em eventos em outros estados e nas cidades do interior. Nessas cidades, assim como na capital, sua presença conferia importância e dignidade aos acontecimentos, sendo noticiada como um atrativo.

---

<sup>102</sup> Maria Augusta era dona da casa de cursos de etiqueta *Socila*, inaugurada em 1958. Foi, durante toda a fase áurea dos concursos, a orientadora das misses no que concerne aos aspectos de postura e comportamento.

<sup>103</sup> SANTOS, J. F. *Feliz 1958: o ano que não devia terminar*, p.64.

A vida particular da miss também fornecia subsídios para comentários e especulações da imprensa, tal como hoje ocorre com os artistas da TV. Falava-se das viagens, dos aniversários, dos noivados e dos casamentos, inclusive de misses do exterior, mesmo após o período de “reinado”.

Certo “folclore” disseminou-se em relação às misses, no que diz respeito ao seu nível intelectual. Comentava-se, com certo desdém, que seu livro preferido era sempre “O pequeno Príncipe” e que os comentários emitidos por elas eram, via de regra, pueris. Tais comentários guardariam certo parentesco com o modelo “loura burra” dos dias atuais. O viés preconceituoso dessas opiniões vincula-se à noção de que beleza e inteligência, ou melhor, intelectualidade, raramente andam juntas, talvez porque ambas sejam ideais que constituam prioridade para setores diferenciados nas sociedades capitalistas.

Contudo, vale ressaltar que as moças candidatas a miss eram de escolaridade compatível com a mulher da época. Tinham em geral curso normal, concluído em colégios para moças. Eram na sua maioria “professoras”.

#### • A SOCIEDADE SOB FLASHS

A fotografia significa a busca da eternização do momento. É uma linguagem que incorpora, juntos ou separadamente, os aspectos documental, simbólico e artístico. É documento na medida em que registra uma realidade vivida e pode revelar através de sua leitura, elementos peculiares a uma determinada época. É impregnada de simbologia porque evoca sentimentos, significados e traços de uma cultura específica. É arte, porque na sua concepção existe toda uma preocupação com cânones estéticos e com a composição gráfica.

Em seu livro “Retratos de Família” Miriam Leite afirma que

“A fotografia permitiu que quase toda gente – não só os mais abastados – pudesse se transformar num objeto imagem, ou numa série sucessiva de imagens que mantêm presentes momentos sucessivos de vida ou ter presente a memória”.<sup>104</sup>

<sup>104</sup> LEITE.. *Retratos de Família*. p. 75.

Além das fotos individuais e de família, que priorizam o elemento “memória”, o registro de solenidades, principalmente inaugurações e eventos sociais, constituiu-se uma prática implementada por fotógrafos e *stúdios*, para atender às demandas dos poderes públicos ou privados com relação à publicidade de suas realizações.

Nesse sentido, muitas das imagens do que acontecia nos clubes elegantes foi registrado pelas lentes da Aba Film. Empresa fotográfica, fundada em 1934 por Adhemar Bezerra Albuquerque, de cujas letras iniciais se formou o nome, a Aba Film, historicamente, desempenha um papel de relevância no panorama da fotografia cearense.

Outras empresas fotográficas, inclusive de origem mais antiga como o Foto Brasil (1925) ou o Foto Sales (1922) existiam na cidade, mas nenhuma delas se comparava a Aba Film, no que diz respeito ao esmero técnico e ao profissionalismo com que era tratada a fotografia, em grande parte devidos ao caráter empreendedor e a paixão por essa atividade da família Albuquerque.

“Seu” Adhemar era funcionário do Loyds Bank, no qual desempenhava a função de caixa. A fotografia, no entanto, sempre foi a sua paixão. Tinha por hábito adquirir todo tipo de equipamentos e novidades relativas a essa atividade, a ponto de ser melhor equipado que a maioria dos fotos profissionais existentes na sua época. Por volta de 1932, o IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas) lhe propôs que filmasse os açudes cearenses. Como não conseguiu que o Banco o liberasse para levar a cabo tal tarefa, incumbiu o seu filho Chico de fazê-la. Foi dessa maneira, que Francisco Albuquerque, que antes nunca tinha fotografado nem filmado nada, ingressou na profissão.

Com o dinheiro ganho com o trabalho do IFOCS, “Seu” Adhemar comprou uma casa encravada num grande terreno, na atual Av. Heráclito Graça, onde hoje se situa o laboratório da empresa. Montou também um grande *stúdio* no centro da cidade e contratou um “retratista” (de apelido TX) para ensinar e treinar o seu filho no ofício de fotografar. Nascia assim, em 1934, a Aba Film, que logo no princípio tinha o nome de “F. Albuquerque e Irmãos”. Logo em seguida, “Seu” Antônio, outro filho de Adhemar entrou no negócio, assumindo a parte comercial.

Em 1936, a Aba Film, faz a famosa parceria com Benjamim Abrahão, cedendo-lhe o equipamento com o qual capturaria as imagens de Lampião. O

que sobrou desse material, na maior parte extraviado, foi amplamente divulgado em filmes e documentários. Em 1945, “Seu” Chico vai para São Paulo, vendendo a sua parte na empresa para o irmão Antônio. Lá começaria dedicando-se a fazer retratos, para em 1949 ingressar no ramo da foto publicitária, sendo considerado o pioneiro desse setor.<sup>105</sup>

Na temporalidade de que trata esse trabalho, portanto, a Aba Film era propriedade única de Antônio Albuquerque. Numa época em que a fotografia ainda era atividade exclusiva de profissionais, pois a popularização das máquinas, tão banais nos dias de hoje, ainda não tinha acontecido, e as filmagens em fitas de vídeo ainda eram uma conquista tecnológica distante, os “fotos” desempenhavam um papel de extrema importância na captação de imagens que, posteriormente se transformariam em testemunhas da história recente. Referindo-se a “Seu” Antônio, a Sra. Maria Ondina, funcionária daquela empresa durante muitos anos, emite o seguinte comentário:

“Seu Antônio era um apaixonado por fotografia. Viajava muito e quando viajava trazia fotografia de tudo quanto é lugar. Trazia aquele monte de fotos e pedia para eu organizar”.<sup>106</sup>

O nível de prestígio e alcance da Aba Film extrapolava os limites da capital. Era muito comum que pessoas das classes mais abastadas do interior viessem a Fortaleza com o intuito de serem fotografadas, para registro de ocasiões especiais: aniversários, casamentos, formaturas, como esclareceu Ondina. Tais fotos, com frequência eram emolduradas pomposamente e enfeitavam as salas de estar das residências das “melhores famílias”. O nome da empresa gravado em dourado no rodapé da foto, era uma espécie de atestado de bom gosto e qualidade.

---

<sup>105</sup> Segundo o depoimento do Sr. Ricardo Albuquerque, filho de Chico, na época a foto publicitária não existia. Os anúncios utilizavam gravuras ou ilustrações. “Seu” Chico teria iniciado nesse ramo, utilizando amigos e pessoas da família como modelos, uma vez que a profissão ainda nem engatinhava. Com a continuação, para não repetir as “mesmas caras”, “Seu”Chico passou a procurar pessoas na rua que pudessem lhe servir de modelos. Para isso se fazia acompanhar da esposa, para conferir credibilidade ao convite que fazia aos desconhecidos. (Entrevistado em ago. 2003)

<sup>106</sup> Maria Ondina, assim como sua irmã Carmélia, foi funcionária da Aba Film no período compreendido entre 1965 e 1999. Era nome bastante conhecido e respeitado por todos os que se tornavam clientes do foto. Desfrutava de prestígio, tendo desempenhado o cargo de gerente da loja da Barão do Rio Branco por vários anos. Sua relação com a Aba Film começou, segundo ela, ainda quando morava em Russas e vinha a Fortaleza eventualmente, ocasião em que sempre admirava as vitrines da Aba Film ao passar pelo centro da cidade. (Entrevistada em mai. 2003)

Àquela época, a fotografia era também valorizada como “presente”. Era muito comum que fotos contendo dedicatórias carinhosas fossem ofertadas a parentes e amigos, ou trocadas em sinal de deferência e consideração. Daí também, a importância de ser perpetuado através de uma imagem bem cuidada.

Nos primeiros anos da década de 1950 o jornal “O Povo” manteve um espaço intitulado “Galeria Aba Film”, no qual eram visualizados os “retratos” de personagens da sociedade local, preferencialmente senhoras, senhoritas ou crianças em poses estudadas, fotografadas em seus estúdios. Tais fotos serviriam para “festejar a beleza” e evidenciar os personagens dentro do contexto social.

Além dos “retratos” individuais, a Aba Film registrou também imagens da cidade ao longo do tempo, testemunhas do seu constante processo de transformação. No campo dos acontecimentos sociais, nenhuma outra empresa de fotografia teve um papel tão atuante. A empresa fotografava os jantares festivos, os aniversários, os bailes de debutantes, os de formatura e os de carnaval. Em geral, nos dias seguintes a esses eventos, as fotos eram expostas na vitrine da loja da rua Barão do Rio Branco para a curiosidade dos transeuntes que sempre se detinham a admirar as imagens. Segundo Dona Ondina, todos os eventos que aconteciam no Náutico eram registrados pela Aba Film. A empresa teria com o clube uma espécie de contrato para fazer o registro fotográfico dos seus acontecimentos.

De todas as coberturas, no entanto, a que mais merecia a atenção da direção do Foto era o concurso anual de misses.

“Seu Antônio ia para o concurso , ia assistir o concurso... Tirava até retrato no meio das misses. Não teve umas misses gêmeas? Pois é com aquelas misses ele tirou e todas as misses quando vinham aqui no Ceará iam lá na Aba Film tirar retrato.”<sup>107</sup>

Uma galeria de fotos de misses enfeitava a parte superior das paredes da loja da Barão do Rio Branco. No dias que precediam o concurso, as fotos das candidatas eram expostas na vitrine, e nos dias subseqüentes ao certame, a foto da vencedora ocupava lugar de destaque.

---

<sup>107</sup> Ainda segundo depoimento de Dona Ondina.

Assim também se dava com as fotos elaboradas de noivas, e aniversariantes, geralmente em posturas ingênuas e juvenis, em nada lembrando a exposição de poses insinuantes e *sexy* de adolescentes que hoje fazem *book*<sup>108</sup>, inspiradas em manequins do mundo da moda ou em posturas de artistas em revistas masculinas.

O acervo da Aba Film constituiria uma fonte de grande valor para a pesquisa sócio-histórica. Infelizmente, um acidente, ocorrido na loja do centro, danificou a maioria dos negativos que ficaram imprestáveis ou se perderam. O que restou, encontra-se em posse do pesquisador e colecionador Nirez.

- EM SOCIEDADE TUDO SE SABE...

Atribui-se à imprensa (assim como aos demais meios de comunicação de massa) um grande poder de interferência nos processos e relações sociais, no que diz respeito às possibilidades de induzir a mudanças de caráter estrutural ou o contrário, à manutenção de determinada ordem ou padrão.

Sociólogos e estudiosos de comunicação identificam dentre alguns papéis desempenhados pela mídia, a atribuição de status, e o reforço das normas sociais. Tais fatores vinculam-se ao poder simbólico exercido pelos veículos de comunicação, o qual se assenta não sobre a força física ou econômica, mas sobre a força do discurso e da "credibilidade" que lhe é atribuída.

Visto sob essa perspectiva, o Colunismo Social, mais que qualquer outro gênero jornalístico, trabalha de forma direta com o imaginário social, com as questões da atribuição de *status* e estilo de vida, com a representação de papéis, com um modelo projetado.

Essa tendência jornalística surge no começo da década de 1950<sup>109</sup>, nos jornais do sul do país, no clima de prosperidade e euforia que marcaram o

---

<sup>108</sup> Nome usado para designar o álbum contendo um conjunto de fotos trabalhadas artisticamente, cujo objetivo é valorizar a beleza e a sensualidade do retratado (a). Originalmente é uma ferramenta utilizada pelas aspirantes a modelo que o distribuem pelas agências publicitárias visando a uma possível contratação. Tal hábito também foi introjetado pelas adolescentes dos setores médios da população, em substituição ao antigo pôster de 15 anos e ao álbum de fotografias convencional.

<sup>109</sup> Embora o colunismo social, tal como hoje se afigura, seja uma prática recente, ainda nos tempos de Brasil Império, a imprensa, através dos jornais, já veiculava notícias enaltecedoras, festejando os acontecimentos dos salões elegantes, como comenta

período. Duas figuras tornaram-se referenciais nessa área, Jacinto de Thormes e Ibrahim Sued, que viriam a inspirar e a influenciar outros colunistas em todo o Brasil.

As Colunas eram constituídas por comentários sobre acontecimentos e pessoas que compunham o que se chama de “alta sociedade”. Nessas matérias eram veiculadas notícias sobre aniversários, casamentos, viagens, bailes, festas e de toda a gama de eventos sociais e políticos que envolviam personagens do *grand-monde* ou *high society*, como se convencionou designar o universo por onde transita a elite social. Além disso, disseminavam “fofocas” e forneciam combustível para conversas e especulações em torno de figuras conhecidas, freqüentadoras dos ambientes elegantes e movimentados da moda, dos quais se compunha a realidade desse grupo.

É na coluna que a elite social se vê refletida, se reconhece e pode ser reconhecida e identificada pelos outros segmentos sociais. Os leitores das colunas seriam assim tanto os próprios objetos da notícia quanto os que vivem alheios ao mundo de *glamour* veiculado por elas, os quais exercem um grande poder de sedução. Sobre esse aspecto, destaca Melo:

“O colunismo atende a uma necessidade de satisfação substitutiva existente no público leitor. Já que a maioria das pessoas está excluída do reduzido círculo dos colunáveis (poder/estrelato), dá-se-lhe a sensação de participar desse mundo, através dos colunistas. Trata-se de uma forma de participação artificial, abstrata. Participam sem fazer parte. Acompanham à distância.”<sup>110</sup>

É consenso considerar Ibrahim Sued o pai do colunismo social brasileiro. Ao longo de sua carreira (45 anos) produziu cerca de 15 mil colunas veiculadas nos principais jornais do Rio de Janeiro. Segundo a pesquisadora Isabel Travancas,

“Ibrahim ganhou fama e notoriedade dentro e fora da profissão, escrevendo suas colunas com muita personalidade, criando modismos, elogiando e criticando à vontade.... Desde o começo Ibrahim se destaca por seu estilo pessoal, franco e agressivo. E seu texto apresenta notas curtas e diretas, mesclando informações sobre a vida mundana com notícias sobre política e economia ou eventos internacionais.... Nunca foi unanimidade. Suas notas muitas vezes provocaram polêmica, assim como sua postura política de amplo apoio aos regimes militares. Nada disso impediu que, ao longo de

Wanderley Pinho: “O Cassino suplantou o Club. Seus bailes e concertos ganhavam direitos especiais de menção e louvor nas páginas da crônica elegante”. PINHO. op. cit. p. 279.

<sup>110</sup> MELO, J. M. apud TRAVANCAS. A Coluna de Ibrahim Sued: um gênero jornalístico, p. 06.

todos esses anos de colunismo, Ibrahim fosse imitado, copiado, servisse de exemplo e de modelo para muitos colunistas no Brasil.”<sup>111</sup>

Em Fortaleza, como em outras capitais do país, a moda do colunismo ganhou espaço e os principais jornais da cidade elegeram os seus colunistas que seriam considerados os pioneiros do gênero. Até o surgimento dessas colunas, por assim dizer mais especializadas, as notas sobre personagens da vida social não mereciam maiores cuidados, como explicita Blanchard Girão:

“Antes disso, os cuidados dos jornais para com a sociedade local se limitavam a uma coluna modesta – geralmente encimada pelo título de “Aniversários”- sem um redator qualificado como responsável, onde se registravam os natalícios, as primeiras-comunhões, as formaturas e os falecimentos. Geralmente, os secretários de redação entregava a tarefa a algum “foca”. E a coisa perdia substância, tornava-se enfadonha, repetitiva, tola demais, dominada por uma adjetivação generosa, às vezes muito mal utilizada, como no caso de uma notinha de aniversário de certa dama destacada da alta sociedade, à qual o “foquinha”, sem nenhuma maldade, qualificou de “esforçada”, esposa do cidadão Fulano de Tal... Toda criancinha merecia o tratamento de “robusto petiz”; estudante, invariavelmente, tinha de ser estudioso e inteligente; e mesa de primeira-comunhão, sem exceção, era rica e coberta de doces.”<sup>112</sup>

Eutímio Moreira, Robert Singerie (pseudônimo de Geraldo Silveira), Geraldina Amaral, Judith Sendy, Walter Batista (Walbamo), Maura Barbosa, Bayard e Lúcio Brasileiro, são os nomes associados aos primeiros tempos do colunismo de Fortaleza.

Pessoas de influência no meio social, os colunistas mereciam atenções e deferências nos clubes. Emitiam opiniões, davam “dicas” de comportamento, organizavam listas das “dez mais”, promoviam desfiles e eventos. Suas colunas nos jornais eram alvo de curiosidade e ratificavam ou conferiam prestígio aos que eram brindados com seus elogios. Seriam além de noticiadores, também objeto de notícia, na medida em que os eventos que promoviam eram divulgados associados aos seus nomes. Mesmo nos dias atuais essa vertente do jornalismo é muito valorizada por aqueles que

<sup>111</sup> Ibidem, p.01.

<sup>112</sup> GIRÃO, B. op. cit. p. 59.

desfrutam dos “intensos prazeres da vida mundana”. A esse respeito uma bem-humorada ironia ficou registrada no samba “Café Soçaite” de 1955:

“Doutor em anedota  
E em champanhota  
Estou acontecendo  
No café soçaite  
Enquanto oh plebe rude!  
Na cidade dormes  
Eu ando com Jacinto  
Que é também de Thormes  
Terasas e Dolores  
Falam bem de mim  
Eu sou até citado  
Na coluna do Ibrahim”.<sup>113</sup>

Apesar de atuarem no mesmo nicho, veiculando notícias ligadas ao mesmo tipo de matéria, cada colunista procurava desenvolver um estilo pessoal.

Eutímio Moreira reivindica para si, o título de pioneiro do colunismo social no Ceará. “*Todos os demais surgiram, com diferença de dias em 55, mas em 1944 eu já fazia a coluna “Mundanismo” no jornal “O Povo” diariamente*”.<sup>114</sup>

A coluna de Geraldo Silveira fazia enorme sucesso nos jornais “Associados”. Assinava com o pseudônimo de Robert Singerie, segundo ele “*para citar somente quem devia e quem podia*”. Sobre esses tempos de Fortaleza, argumenta que não se fabricava e nem se comprava posição social. “*As pessoas eram porque eram de fato*”.

Judith Sendy foi a primeira mulher a assinar uma coluna diária na imprensa. Escrevia no jornal “Unitário”, dos Diários Associados. Era matogrossense, filha de húngaros. Falava várias línguas e morou vários anos nos Estados Unidos e Europa. Seu nome freqüentemente se associava à promoção de eventos destinados às mulheres, principalmente desfiles de moda, maiôs, penteados e até de crianças em trajes *toilet*. Suas notas abarcavam uma grande variedade de temas: aniversários, viagens, casamentos, mortes, cursos, exposições, posses de diretorias, jantares,

<sup>113</sup> O samba, de autoria de Miguel Gustavo, foi gravado em 1955 pelo cantor Jorge Veiga. As Teresas e Dolores de que fala a música são uma referência a duas festejadas damas da sociedade carioca da época: Teresa Sousa Campos e Dolores Guinle.

<sup>114</sup> LOPES, J. A. op. cit., p.31.

eventos comemorativos, etc. Mesmo empregando sempre termos elogiosos, sua coluna era composta por notas pequenas e concisas.

Sobre os anos 1950, tece o seguinte comentário:

“Claro que a valorização ao dinheiro e ao poder sempre existiu, mas não de uma forma acintosa e pragmática como agora. A tradição e os valores essenciais, são o mais das vezes, postergados em função dos cifrões de gente sem nenhum mérito como ser humano”.<sup>115</sup>

Geraldina Amaral, outra mulher a gravitar no universo do colonismo, era professora de línguas estrangeiras. Declarou-se extremamente influenciada por Judith Sendy, com quem se consorciava na promoção de vários acontecimentos sociais e com quem divide os méritos da introdução das recepções *only for women*. A respeito da importância dos “clubes elegantes” na Fortaleza dos “anos dourados”, diz:

“Eram tempos bem diferentes, em que promover jantar de adesão seria considerado manifestação de pobreza e presidente de clube social tinha mais privilégio do que político famoso (...) Os clubes eram verdadeiros núcleos ditadores de comportamento. Hoje a vida social se diversificou e quem circula é a classe média, as famílias tradicionais se enclausuraram”.<sup>116</sup>

Já o colunista Bayard tinha um estilo muito próprio, de fácil identificação. Era o colunista do jornal “Correio do Ceará”. Sua coluna era constituída principalmente pelos eventos e atividades relacionadas aos clubes sociais. Além das descrições sempre generosas e enaltecidas, detinha-se em descrições detalhadas e na enumeração interminável de todos os nomes que julgava dignos de serem mencionados na coluna.

Dos nomes de colunistas cearenses associados ao período pioneiro, é senso comum considerar Lúcio Brasileiro (em atividade até hoje) o exemplo maior dessa tendência jornalística. Iniciando sua coluna social em 1955 no Jornal “Gazeta de Notícias”, ainda adolescente, (tinha 15 anos de idade) Lúcio se afirmou nesse campo, tornando-se referência. Seu estilo era mais leve, com alguma pitada de humor, diferente do tom pomposo utilizado por outros colunistas. Utilizava palavras e expressões em outras línguas<sup>117</sup>. As influências dos colunistas do sul se faziam sentir claramente, como ele mesmo admite.

<sup>115</sup> Ibidem, p.23.

<sup>116</sup> Ibidem, p.39.

<sup>117</sup> Palavras como “nat”, “niver”, “from”, “erva”, “business”, “week-end”, “en petit comité”, “coq”, “baby”, eram freqüentemente encontradas em suas colunas.

Declarou em entrevista recente que foi muito influenciado por Jacinto de Thormes, através das crônicas que este escrevia em "O Cruzeiro", e cujo estilo classifica de "moderno e elegante". Sobre o universo da sociedade que gera a notícia do colunista social, define:

A diferença que foi clássica entre o *society* e o *café society*. O *society* são as famílias tradicionais e o *café society* são as pessoas que geram notícia. Para a coluna, o *café society* interessa mais. É o pessoal que está circulando... Então, nós colunistas temos a obrigação de respeitar a sociedade e de noticiar o *café society*. O *café society* é o agito, e uma festa, são os que prestigiam a noite".<sup>118</sup>

Em 1958, o colunista já expunha o seu pensamento acerca do que julgava ser a alta sociedade:

"Não é tão simples, como talvez possa parecer, o mecanismo de uma sociedade. Quando eu falo em sociedade, quero me referir às reuniões particulares e não a vida nos clubes. Não é fácil qualquer pessoa freqüentar a sociedade. O mais que o forasteiro pode conseguir é comprar ação de dois ou três clubes de categoria. Mas para que ele consiga ser convidado é necessário muito tempo e uma série de outros fatores. (...)"<sup>119</sup>

Dentre os tais fatores citados por Lúcio, estaria principalmente, manter relações de amizade com pessoas a quem ele classificava como sendo o melhor da sociedade. Esse grupo, extremamente fechado, recebia em suas casas seletos convidados para jantares, recepções ou carreado.

O colunista dedicava-se principalmente a acompanhar a vida desses personagens. Sua coluna fazia comentários variados, sobre as futilidades do cotidiano desse pequeno segmento. Falava das roupas, do cabelo, o tipo de bebida que alguém consumia, das viagens, dos aniversários. Não raro emitia alguma impressão maldosa, sem no entanto, se referir claramente ao nome do objeto de sua crítica.

Quanto à vida nos clubes, apesar das notas relativas a algumas agremiações elegantes, concentrava-se prioritariamente no Ideal, clube a que se referia como sendo o mais fechado da cidade, ambiente por onde transitavam os atores foco de sua atenção:

<sup>118</sup> Lúcio Brasileiro em entrevista concedida a Luís Sérgio Santos, veiculada na revista *Arre Égua*, a. 1, N° 3, mai. 2003.

<sup>119</sup> *Jornal O Jornal*, Fortaleza, 15 ago. 1958.

“Como vive o clube mais fechado da cidade? Inicialmente eu devo falar que o Ideal é um clube diferente. É a continuação do lar de quinhentas famílias. Poucas festas (três por ano no máximo), mas uma vida diária. (...) Uma vez disseram que o Ideal era o jardim da residência deste colunista. Concordo, mas não só da nossa, como de muita gente também”.

É curiosa a observação acima. Ao mesmo tempo que considera o Ideal reduto da “melhor sociedade”, principalmente por ligar-se aos elementos dos chamados setores tradicionais, o colunista se insere nesse universo, assumindo uma familiaridade que o coloca como par daqueles freqüentadores.

Nos anos 1960, surgem outros nomes do colunismo, como Klinger Mota, Marciano Lopes, Marcondes Viana e José Rangel. Klinger, cuja coluna pontificou no auge da Ditadura, gozava de livre trânsito e simpatia junto aos militares. Assegura no entanto, que nunca foi “dedo duro” e que socorreu amigos de ideologia contrária ao regime e em situação difícil, justamente por causa de suas conexões com o poder. Segundo ele,

“Três pessoas eram fundamentais na época, para que uma festa fosse considerada um sucesso e até pudesse ter início: um comandante militar, um gerente de banco (os juros eram baixos) e Eduardo Campos (Manuelito), diretor da única estação de TV existente na cidade”.<sup>120</sup>

Marciano Lopes iniciou em 1964, com um estilo bem humorado e irônico. Marcondes Viana começou a atuar em 1967, introduzindo uma linguagem jovem e descontraída na reportagem social. Era menos convencional, e freqüentava inclusive os clubes suburbanos. O colunista era irreverente e pouco convencional, o que lhe valeu a antipatia de algumas figuras da elite. José Rangel sobressaía-se pela sobriedade e pelo comedimento.

Se o *higt society* tinha seus colunistas, na década de 1960, em virtude da proliferação e das atividades dos clubes “suburbanos”, a crônica social passa a contemplar também esse setor. Em sua coluna “Dialogando” no jornal “Unitário”, o jornalista Francisco Félix veicula notícias ligadas aos clubes de subúrbio e o jornal “Tribuna do Ceará” mantém a coluna “Subúrbio”, dando conta da programação que acontecia nesse setor. Também da “Tribuna” era a coluna “Vida Suburbana” de César de Castro.

<sup>120</sup> LOPES, J. A. op. cit., p.44-45.

Mais uma vez aí se evidencia a tendência imitativa e a busca da incorporação dos hábitos da elite pelas camadas “inferiores”. É relevante observar que a separação de mundos sociais se verifica também no zoneamento dos jornais: colunas para ricos, colunas para pobres. Em sendo o jornal um meio de comunicação relativamente democrático, consumido por variados segmentos da população, as classes pobres também o utilizam como um artifício de reconhecimento perante o seu meio, ou seja: pessoas que têm mais dinheiro e poder no subúrbio se afirmam diante daquelas que não os têm. A coluna suburbana é feita para o subúrbio.

Esse mecanismo é utilizado em diversos níveis. A revista “Caras” por exemplo, símbolo máximo de exposição da vida encantada do *grand mond*, disponibiliza espaços que podem ser comprados por “emergentes” e mesmo por figuras desconhecidas do badalado *jet set* nacional, mediante o pagamento de um espaço na publicação.

De todo modo, fica explícita a valorização do colunismo como apêndice das atividades mundanas em quaisquer universos.

- **“DIVINO, MARAVILHOSO!”**

Folheando-se os jornais de Fortaleza, do período de 1950 a 1970, um aspecto chama a atenção, no que se refere às notas sobre os clubes sociais. São incrivelmente comuns os adjetivos que exprimem grandeza e exagero quando se trata de emitir impressões sobre festas, eventos, reuniões, ou quaisquer outros tipos de atividades que se desenvolviam nessas instituições.

Qualificativos como: esplendoroso (a), magnífico (a), suntuoso (a), luxuoso (a), extraordinário (a), grandioso (a), monumental, glorioso (a) elegante, etc. acompanhavam comentários sobre acontecimentos gerais e mesmo corriqueiros. Não raro, encontra-se a expressão “um dos melhores do Brasil”, numa indisfarçada demonstração de deslumbramento e megalomania.

É bom que se esclareça que tais adjetivos não eram empregados somente para as notícias referentes aos clubes, sendo utilizados de forma geral para descrever obras ligadas à municipalidade, eventos políticos ou mesmo jogos de campeonatos de futebol. No entanto, o discurso institucionalizado e alimentado pelas notícias escritas ajudaram a criar e a

disseminar um certa atmosfera de *glamour*, que, no senso geral, era associada ao lazer praticado nos clubes elegantes

Freqüentemente, as palavras “aristocrático” (a) e “tradicional” são empregadas, quando se quer referir aos quadros sociais das agremiações detentoras de maior prestígio social como o Iracema, o Ideal, o Country ou o Náutico, como exemplificam as notas abaixo:

“Ressurge, gloriosamente, o *tradicional* Clube Iracema. Início da nova fase elegante do Grêmio”.<sup>121</sup>

“(...) devemos nos demorar em algumas considerações sobre o impulso extraordinário que está tomando o veterano e *aristocrático* grêmio da Aldeota”.<sup>122</sup>

“O Ideal Clube, a *aristocrática* agremiação social de nossa terra, abrirá na noite de hoje a sua temporada carnavalesca, levando a efeito uma animadíssima festa dedicada ao Clube dos Diários”.<sup>123</sup>

Paralelamente, o adjetivo “moderno” era utilizado para descrever principalmente as instalações físicas das entidades:

“Até o momento foram gastos nas obras da sede mais de dois milhões de cruzeiros, estando quase terminada a primeira fase da construção, e por isso mesmo mais difícil, que é a parte de cimento armado. A vultosa quantia dá-nos a idéia da grandiosidade da obra, que irá dotar a capital do Ceará de um edifício de linhas sóbrias e *modernas* e de estilo imponente.”<sup>124</sup>

“Mas o “Country”, com Tiburcinho à frente, prepara-se para ter a mesma intensa atividade dos *modernos* clubes de Fortaleza. E para tanto, dentro em breve, vai inaugurar a sua grande piscina, uma das maiores e mais bonitas do Estado. Com sua piscina e outros melhoramentos, o “Ceará Country Club”, recanto aristocrático, não ficará apenas na tradição. Será efetivamente, um dos maiores núcleos da sociedade elegante de nossa terra”.<sup>125</sup>

Na visão da imprensa, uma sociedade “aristocrática” e “tradicional” se reuniria em ambientes “elegantes” e “modernos”. Nesse sentido, modernidade e tradição não conteriam um sentido de oposição, seriam sim, noções complementares. A tradição reforçaria a idéia de elegância, sofisticação e exclusividade, enquanto a modernidade significaria que essa mesma

<sup>121</sup> Jornal *Unitário*, Fortaleza, 20 jul. 1950.

<sup>122</sup> Jornal *Correio do Ceará*, 09 set. 1960.

<sup>123</sup> Jornal *Unitário*, Fortaleza, 21 jan. 1950.

<sup>124</sup> Jornal *Unitário*, Fortaleza, 20 jul. 1950.

<sup>125</sup> Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 09 set. 1960.

sociedade teria acesso aos confortos e facilidades proporcionadas pelos bens materiais.

### ***Moral da História***

Numa época de rígido controle social e de comportamentos norteados por princípios conservadores, os clubes se apresentaram como espaços privilegiados para desenvolvimento das práticas do lazer familiar, constituindo territórios demarcados para usufruto de atores socialmente identificados.

Nesses ambientes, as elites cultivavam hábitos que remetiam a uma realidade ficcional, de *glamour*, encantamento e fantasia. Aí se processava todo um elenco de atividades que se notabilizaram pelo “luxo” e pelo anseio de diferenciação, como bailes, desfiles, jantares, eventos de confraternização, reuniões, além de outros, de natureza esportiva.

Através dessas práticas, buscava-se, também, empanar o aspecto de miséria e pobreza, historicamente associadas aos estados nordestinos.

Ironicamente, algo parecido - em escala muito inferior, é claro, com as estratégias de marketing turístico, adotadas atualmente, para fixar, aos olhos do país, a imagem do Ceará como “Ilha da fantasia” .

As classes subalternas, em parte inspiradas pelo modelo dos “segmentos superiores”, também criaram seus universos de diversão, representados pelos clubes ditos suburbanos, direcionados, principalmente, para os divertimentos ligados à dança.

Em torno desses mundos proliferaram atividades suporte, que deles se alimentavam, como os concursos de beleza e o colunismo social.

A cidade, antes “uma” pelo convívio da praça, passa cada vez mais a fragmentar-se nos múltiplos pequenos espaços dos clubes sociais.



# **Capítulo 3**

***Esplendor e  
Modernidade  
no Meireles:***

***O clube Náutico Atlético  
Cearense***

## **ESPLENDOR E MODERNIDADE NO MEIRELES: O Clube Náutico Atlético Cearense**

*“A monumentalidade surge  
da eterna necessidade do homem  
criar símbolos: nos quais se reflitam  
suas ações e seu destino,  
ou nos quais se verifiquem  
suas convicções religiosas e sociais.”*

Siegfried Giedon

### **DA GUARITA AO “PALÁCIO”**

De todos os clubes sociais que marcaram a história da cidade de Fortaleza, parece que nenhum trouxe maior repercussão, do ponto de vista do fenômeno urbano, quanto o Náutico Atlético Cearense (NAC), quer seja no aspecto do comportamento social dos segmentos abastados, quer seja como elemento integrante da paisagem material da cidade.

Apesar de fundado nas primeiras décadas do séc. XX (1929), o NAC despontou no cenário fortalezense, somente a partir da construção de sua sede no Meireles, em começos dos anos 1950.

Esse capítulo, considerando as várias nuances do tema, procura concentrar esforços, na busca de

compreender a presença do clube na cidade, tanto em sua dimensão no campo das práticas sociais, assim como elemento concreto, feito de tijolo e cimento, com forte apelo simbólico, portador de significados e mensagens.

Ocupando um lugar de destaque no cenário desenhado pelas elites, o Náutico veio a suprir as demandas de uma sociedade que ansiava por um símbolo de arrojo e modernidade, no qual fossem exteriorizados os valores preponderantes na urbanidade fortalezense. Tão grande a importância que lhe foi atribuída, que a qualidade de ícone passou também a ele associar-se, uma vez que, durante certo tempo, constituiu um dos mais divulgados cartões-postais da cidade.

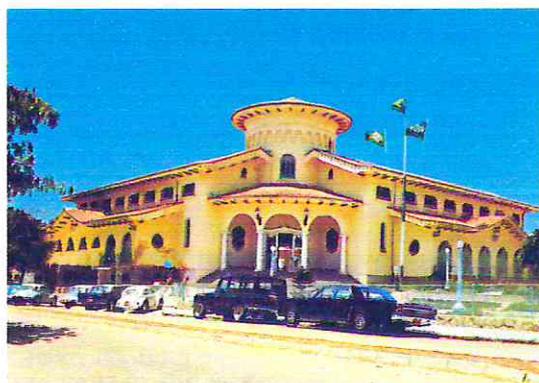


Figura 58 - Cartão Postal retratando o Náutico Atlético Cearense, da década de 1960. Arquivo José Armando Farias.

Equipamento urbano de múltiplos usos, o clube exerceu funções de restaurante, centro de convenções, cinema, pólo esportivo, galeria de exposições, palco de espetáculos. Em seus salões aconteciam desde importantes eventos políticos, até acontecimentos prosaicos como o lançamento da “boneca Amiguinha” da marca Estrela<sup>1</sup>.

As instalações físicas originais, assim como as ampliações pelas quais passou o clube, foram sendo realizadas ao longo das gestões dos seus vários presidentes<sup>2</sup>, na busca de um ideal de modernidade e afirmação.

A história do Náutico pode ser vista como um dos marcadores sociais da história urbana de Fortaleza, desempenhando um papel revelador dos conflitos e contradições que permearam esse processo.

### • UM SONHO QUE DEU CERTO

No final da segunda década do século XX, época em que foi criado o Náutico Atlético Cearense, atuavam em Fortaleza dois clubes sociais – Iracema e Diários. Ambos se localizavam no centro da cidade e suas atividades, restringiam-se aos jogos de salão e às festas dançantes.

<sup>1</sup> DE 90cm. É A MAIOR JÁ FABRICADA NO BRASIL: BONECA AMIGUINHA (DA “ESTRELA”) LANÇAMENTO EM FORTALEZA (HOJE)

Será lançada oficialmente hoje à noite, por ocasião de uma recepção no Náutico Atlético Cearense, a boneca Amiguinha, recente fabricação da Manufatura de Brinquedos Estrêla S/A. Trata-se de uma boneca de 90cm de altura, dispondo de todos os requisitos técnicos que a tornam quase “humana”, constituindo-se, desta forma, num excepcional divertimento para as crianças.

DIRIGENTES DA ESTRÊLA EM FORTALEZA

Para tomar parte na recepção de lançamento da boneca amiguinha, estão em Fortaleza os senhores Alfredo Goldberg e Hans Becker, o primeiro Diretor Comercial e o segundo, Assistente da Diretoria da manufatura de Brinquedos Estrêla S/A.

EXPOSIÇÃO NO NÁUTICO

A partir de hoje a boneca Amiguinha, da Estrêla, está em exposição no Náutico Atlético Cearense. A mostra foi inaugurada às primeiras horas da tarde de hoje e já foi visitada por centenas de crianças, num atestado do interesse que esse sugestivo brinquedo despertou entre a gurizada. (Fortaleza, *Correio do Ceará*, 08 set. 1960)

<sup>2</sup> Compõem a galeria de presidentes do Náutico, com seus respectivos períodos de gestão: Pedro Coelho de Araújo (1929-1933 / 1935-1936); Carlos Brito (1934); Pedro Ivo Galvão (1937-1938); Alberto Pinto Leite (1939); Cecílio Vieira Arcoverde (1939-1940); Lourival Correia Pinho (1941-1942); Secundiano Ferreira Guimarães (1943-1945); Pio Rodrigues (1946-1947); Francisco Moreira de Sousa (1948-1949); Romeu Algdigheri (1950-1953); Antônio Gomes Guimarães (1954-1963), Ary Gadelha Araripe (1964-1976 / 1978-1982); Meton César de Vasconcelos (1976-1978 / 1982-1984); José Rêgo Filho (1984-1988).

Tais eventos eram compatíveis com os espaços em que se instalavam essas agremiações, nos altos de antigos sobrados da área central.

Ao contrário das entidades pioneiras, que se originaram em função dos eventos sociais, o surgimento da nova agremiação se deu com o intuito de proporcionar aos seus associados, principalmente, o desenvolvimento de práticas esportivas.

A data de fundação do clube é julho de 1929. Por esse tempo, emergia na sociedade, de forma geral, a valorização do mar como elemento associado à manutenção da saúde do corpo e da mente, conforme já comentado anteriormente. Sob essa perspectiva, as práticas desportivas também teriam mérito como componente adicional na obtenção de uma vida saudável. Esse foi o motivo que, inicialmente, levou alguns rapazes, que atuavam no setor de comércio, freqüentadores assíduos da Praia Formosa, a se associarem em forma de agremiação.

A idéia inicial da fundação do clube teria partido de Raul Faria de Carvalho e Ademísio Barreto V. de Castro, banhistas costumeiros da referida praia, conhecida também como "Praia do Magarefe", ou "de Vênus". Para viabilizar o projeto, buscaram a adesão de outras pessoas.

Ligam-se à gênese do NAC, compondo o conjunto de sócios fundadores, além dos citados, os seguintes nomes: Pedro Coelho de Araújo<sup>3</sup>, José Pompeu de Arruda, Wandemberg Gondim Colares, Fernando Fernandes de Melo, Júlio Coelho de Araújo, José Bezerra de Menezes, Tomé Coelho de Araújo, Renato Serra, José Brasil e Wilson Secundino do Amaral.

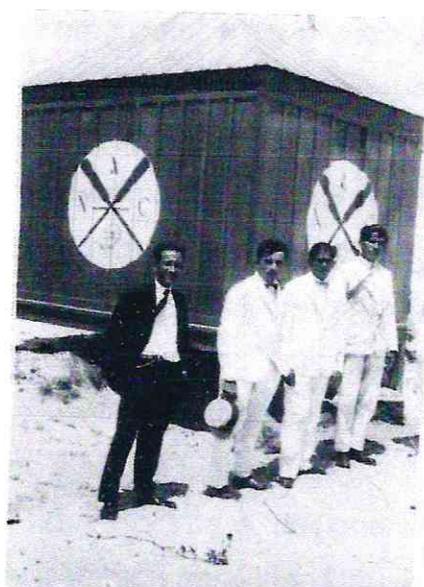


Figura 59 – Primeira sede do NAC na Praia Formosa. Arquivo Náutico.

<sup>3</sup> Pedro Coelho de Araújo teria um papel de suma importância na consolidação do clube. Trabalhava como balconista na Loja de seu irmão Aprígio, dono da "A Cearense", uma das casas comerciais mais representativas do comércio local, situada na confluência das ruas Pedro Borges e Floriano Peixoto. Seu outro irmão, Júlio, também enveredaria pelo ramo do comércio, sendo posteriormente o proprietário do armazém "A Gávea".

A esse grupo fundador, juntar-se-iam outros jovens, recrutados principalmente entre os que exerciam atividades comerciais<sup>4</sup> e os alunos do Liceu. Dentre esses citam-se: Waldir Liebmann, José Fontenele, Vicente Lopes Gondim, Rubens Carvalho, Solon Frota, Mozart de Lagos Pontes Vieira, Carlos Brito, Aprígio Coelho de Araújo, Isaías Façanha de Andrade, Milton Frota Queirós, Secundiano Ferreira Guimarães, Cecílio Vieira Arcoverde, Silvério Abreu, Álvaro Costa, Pedro Ivo Galvão, Lourival Borges, Aluísio Riquet e Carlos Jereissati, entre outros. Os doze primeiros nomes da lista foram, posteriormente, considerados sócios fundadores mesmo não tendo participado da assembléia inicial e portanto não terem assinado a ata de fundação.

A escolha do nome "Náutico Atlético Cearense" para designar a agremiação que se criava, provavelmente tenha-se inspirado no "Clube Náutico Capibaribe", existente na cidade de Recife, cuja fundação data de 07 de abril de 1901.<sup>5</sup> Para a marca do grêmio, adotou-se um par de remos cruzados, numa clara evidência da intenção de associá-lo ao mar, tal como o seu congênere pernambucano. O branco e o verde, foram escolhidas como cores oficiais.

A primeira sede do clube foi implantada em um terreno alugado a Manuel Borges Teles. Ficava na Praia Formosa, em área confrontante com o mar, mais ou menos correspondente à Cadeia Pública e à Estação Ferroviária. Aí foram instaladas duas guaritas de madeira, uma para as mulheres e outra maior para os homens. A função de tais equipamentos era, sobretudo, proporcionar condições para a troca de roupa, já que naquele tempo, seria impensável que as pessoas andassem pelas ruas em trajes de banho. Em volta, foi erguido um muro de alvenaria, mediante a colaboração dos sócios.

Além da sede da praia havia também uma pequena estrutura de apoio na Barra do Ceará, destinada à prática de esportes náuticos como o remo.

<sup>4</sup> Embora não se possa afirmar que, àquela época, os jovens do comércio já fossem grandes negociantes, eles não possuem similaridade com os funcionários simples, empregados nas lojas de hoje, ditos comerciários. Pedro e Júlio Coelho por exemplo, trabalhavam na loja do irmão. Carlos Jereissati viria ser um dos principais comerciantes da capital.

<sup>5</sup> O Clube Náutico Capibaribe é considerado, por alguns estudiosos, o mais antigo clube esportivo do Brasil. As entidades criadas, nos anos iniciais do século XX, que não desapareceram, desviaram o seu foco de atuação. A princípio, o grêmio foi fundado visando ao desenvolvimento de práticas e diversões náuticas. A partir de 1909, passou a incorporar também, as práticas de esportes "terrestres". Apesar de sua importância no panorama social recifense, a ênfase do Náutico sempre se deu no campo desportivo. (Dados sobre o clube podem ser obtidos na Internet, no site [www.nauticonews.com.br](http://www.nauticonews.com.br))

Para isso foram adquiridas 2 ioles e 2 canoas, que lá ficavam guardados. O mar se encarregaria de por fim à aventura da Barra, invadindo com suas ondas o terreno onde ficava o abrigo. Sobre essa época dos primórdios do clube, escreveu Mozart Aderaldo:

“Aos domingos, como não havia transporte coletivo para a Barra, nem mesmo havia sido aberta a Avenida Francisco Sá até o histórico local em que Pero Coelho fundou a povoação de Nova Lusitânia, alguns atletas corriam pela praia até lá”.<sup>6</sup>

Em função do atraso no pagamento do aluguel, teria ocorrido um desentendimento entre o proprietário do terreno da Praia Formosa e Pedro Araújo, fato que gerou a necessidade de transferência das guaritas para outro local. As mesmas foram então literalmente carregadas pelos sócios para um outro terreno mais a leste, correspondendo ao início



Figura 60 – Segunda sede do NAC. Arquivo Náutico.

da rua Barão do Rio Branco, no alinhamento do muro do Gasômetro. O novo terreno foi comprado, pelo clube, a José Carneiro. Nele, construiu-se uma sede modesta em alvenaria.

Com essa estrutura acanhada e com limitação de recursos, o clube continuaria até 1944, entre banhos de mar e competições esportivas amadoras, promovidas por restrito quadro associado.

Desde princípios dos anos 1940, como é sabido, afigurava-se a ameaça do avanço do mar, sobre a cidade, devido às obras do Porto do Mucuripe, que afetaram o sentido das correntes marinhas. Diante desse quadro, a necessidade de um outro local para a sede se tornou premente.

Em setembro de 1943, com a manchete “Vamos reerguer o Náutico”, o jornal “O Povo” veiculava matéria referente à campanha que seria encetada tendo em vista a solução do problema de localização do clube:

“O Povo abriu campanha. Agora, cabe às autoridades e ao povo cearense ajudarem o Náutico Atlético Cearense, cuja sede, na Praia

<sup>6</sup> ADERALDO. *Retalhos Nautiquinos*. p.18.

Formosa, está parcialmente demolida pela fúria das ondas. Uma comissão dirigida pelo comandante Henrique César Moreira e constituída pelos Srs. Júlio Coelho de Araújo, Genipo Fernandes e Pio Rodrigues, visitará hoje o alto comércio e a indústria desta capital. Amanhã as autoridades receberão a comissão do Náutico".<sup>7</sup>

Como se pode observar através da nota, houve desde o começo, uma certa identificação e envolvimento do poder público com a agremiação. Embora sendo uma iniciativa privada, visando a atender às expectativas de um grupo social limitado, as autoridades constituídas valorizaram ainda cedo o empreendimento, por classificá-lo de "utilidade pública", por quererem a ele associar-se no sentido de vincular seus nomes ou por necessitarem de espaços onde pudessem reafirmar seu poder.

Ainda no final do mesmo ano de 1943, a campanha pró-sede já havia avançado significativamente, com a venda progressiva de ações que objetivava a ampliação do quadro social, conforme demonstra a notícia abaixo:

"Entraram mais de cem sócios para o Náutico em novembro. Em palestra que entretivemos com o Sr. Pio Rodrigues, um dos diretores do Náutico atlético cearense", fomos informados de que vai em franco progresso o movimento pró-aquisição de novos sócios, elevando-se a mais de cem (100) o número dos admitidos durante o mês de novembro último. Os Srs. Dr. Moreira de Sousa e Acácio Vidal enviaram mais de dez propostas, cada um, na última reunião alvi-verde. No próximo dia 8 do corrente, se realizará um pic-nic no novo terreno do clube, quando será homenageado o Comandante Henrique César, ilustre Capitão dos Portos do estado e Presidente de Honra do 'Náutico'. Nesse dia também haverá a inauguração do primeiro campo de vôlei construído no mencionado terreno".

O novo terreno, a que se refere a matéria acima, era um sítio no Meireles, área considerada distante da cidade e, por isso mesmo, com terrenos em disponibilidade por um preço mais barato.

A tragédia anunciada, do avanço do mar, sobre a Praia Formosa, teria um dos seus picos na ressaca de 1945. Nessa ocasião, a fúria das ondas destruiu largos trechos daquele logradouro, levando consigo também, a já avariada sede do grêmio alvi-verde. Na época, presidia a entidade Secundiano Ferreira Guimarães, funcionário público federal, a quem couberam as diligências no sentido de efetivar a transação de compra do novo imóvel.

---

<sup>7</sup> Jornal O Povo, Fortaleza, 23 set. 1943.

## • RUMO AO MEIRELES

O Meireles é um bairro da cidade de Fortaleza, cuja área, a Prefeitura delimita entre as ruas João Cordeiro, Pereira Figueiras / Av. Dom Luís, Frei Mansueto e o mar. Em termos espaciais, é um prolongamento da Aldeota e da Praia de Iracema, configurando o trecho intermediário entre esses bairros e o Mucuripe. De forma, geral, essa segmentação, referente aos limites dos bairros, é relevada. Incorpora-se a idéia de uma área única, tendo em vista as similaridades das características de uso e ocupação do solo, e dos sujeitos sociais que dele usufruem.

Até a década de 1950, o local era praticamente despovoado, sendo considerado um arrabalde urbano. Existiam aí, implantadas de forma esparsa, algumas casas de veraneio, das classes abastadas, assim como pequenas e rústicas moradias de alguns pescadores pobres.

No livro *Imagens do Ceará*, Herman Lima relembra de quando lá chegou em 1904, para se estabelecer com a família em sítio, cuja casa havia sido construída pelo avô, ainda em 1877. O aspecto mais marcante da paisagem para o escritor, naquela época, era a imensa quantidade de cajueiros que havia no local:

“Quando chegamos lá, em 1904, por morte de minha avó, que deixara o sítio para minha mãe, havia, dentro das nossas cercas, duzentos cajueiros de todas as espécies. Mamãe esperou a primeira safra, para escolher os de fruto mais doce, mandando derrubar todos os demais. Ficaram somente sessenta e quatro, mas valiam a pena, porque todos os anos eram celebrados na cidade os nossos cajus, mandados de presente, em grandes travessas ou cestas, escolhidos a dedo, dum gosto e duma beleza que em pouco os tornavam famosos entre parentes e amigos”.<sup>8</sup>

O panorama continuaria com essa feição, por muito tempo ainda. Recuando suas lembranças até os anos 1940, Mozart Aderaldo comenta:

“(…)até os anos 40 a Praia do Meireles era deserta, realizando-se nela alguns dos exercícios do 23º BC, então abrigado no atual prédio da 10ª região Militar. Eu mesmo, como Aspirante estagiário recém-formado pelo CPOR de Fortaleza, ali rastejei da colina onde se situa o Clube Militar à orla marítima, entre cajueiros e guabirabeiras, para expulsar um suposto inimigo que tentava se firmar no território cearense. Estávamos ainda sofrendo os horrores da 2ª Guerra

<sup>8</sup> LIMA. *Imagens do Ceará*. p.35.

Mundial e nos preparávamos para enviar novos contingentes à Itália".<sup>9</sup>

O Meireles dos cajueiros e das choupanas, também faz parte das lembranças de Nilce Meireles, que no ano de 1957, passou a morar na atual avenida Beira-Mar, lá permanecendo até 2002.

"Quando chegamos para morar na Beira-mar, já havia o Náutico, mas fora isso, era tudo um deserto. Tinha as casas de taipa, cobertas com palha, dos pescadores na beira da praia, que foram destruídas pelas ressacas. Eu mesma cheguei a tomar muito banho de mar praticamente no jardim de casa. As ondas quebravam fortes e vinham já mais brandas. Uma das ressacas foi tão forte que destruiu tudo. Foi uma calamidade. Virou uma areia só! Os postes que existiam eram de madeira e muito longe um do outro. Tinha também umas casas de praia, de veraneio, casas boas... a gente fazia piquenique. A Abolição tinha calçamento e a ladeira da desembargador Moreira. O prolongamento da desembargador Moreira era uma ruazinha de calçamento que dava acesso à praia. A Desembargador Moreira era lotada de cajueiros!".<sup>10</sup>

Afastada do perímetro urbano, de acesso dificultado, com densa vegetação. Eram essas as características da área que abrigaria a sede do Náutico, no final dos anos 1940.

O terreno foi comprado de Antônio de Matos Porto, por Cr\$ 120.000,00, pagos da seguinte forma: entrada de Cr\$ 32.500,00 e o restante, Cr\$ 87.500,00, a ser quitado em 35 prestações de Cr\$ 2.500,00. A compra foi levada a efeito em 29 de maio de 1944, no Cartório Martins.

Com o fim de angariar fundos para cobrir a transação, o clube passou a emitir títulos de sócio proprietário, vendidos pela quantia de Cr\$ 3.000,00, paga em dez parcelas iguais.

A dívida foi saldada antes do prazo previsto. Em 7 de fevereiro de 1945, somente nove meses depois, foi lavrada a escritura definitiva do terreno, no mesmo cartório. Isso teria sido possível, em função do sucesso que alcançou a campanha da venda de ações.

Coube a Pio Rodrigues<sup>11</sup>, empresário que ocupou a presidência depois

<sup>9</sup> ADERALDO. op. cit. p. 25.

<sup>10</sup> Nilce Meireles é funcionária do IAB-CE. Morou durante muitos anos na avenida Beira-Mar. Sua casa foi a última residência unifamiliar a ser vendida, e desocupada em 2002 para fins de construção de um hotel. Ficava entre as ruas Osvaldo Cruz e Joaquim Nabuco.

<sup>11</sup> Pio Rodrigues já era na época, figura de expressividade no empresariado local. Dono da rede de lojas de calçados "Casa Pio" seria o sogro de outro forte empresário, Clóvis Rolim.

de Secundiano Guimarães, a tarefa de dotar o novo terreno com a infraestrutura mínima, para que as atividades da entidade não fossem interrompidas. Com esse fim, perfurou-se um poço para o fornecimento de água doce, assim como foram demarcados os campos de voleibol e basquetebol e construídas guaritas para a troca de roupa dos associados.

Foi também na diretoria de Pio Rodrigues (1946-1947) que encomendou-se o projeto da nova sede a Emílio Hinko, assunto a ser abordado, em especial, posteriormente. Na ocasião, foi emitida nova leva de ações de sócios proprietários, dessa vez, com o valor majorado, passando dos Cr\$ 3.000,00 anteriores para Cr\$ 5.000,00.

A construção da nova sede foi iniciada em 1948<sup>12</sup>, quando geria a entidade o médico Francisco Moreira de Sousa. Todavia, as instalações que compõem o complexo do clube foram inauguradas por etapas.

À medida em que se desenrolava o processo de construção, e se aproximava a data da inauguração da primeira fase, as ações do clube se valorizavam, conforme demonstra a seguinte notícia:

“O Náutico Atlético Cearense, em vista de sua breve inauguração, está admitindo sócios contribuintes, mediante jóias de Cr\$ 500,00. De 1 de fevereiro de 1950 em diante serão as mesmas jóias cobradas em dobro”.<sup>13</sup>

Praticamente um ano depois, o preço do mesmo tipo de ação (sócio-contribuinte) se elevaria para Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros), quatro vezes mais, segundo o aviso publicado em jornal:

“NÁUTICO ATLÉTICO CEARENSE – Aumento de Jóia. A Diretoria do Náutico Atlético Cearense torna público que, a partir de janeiro de 1952, a jóia de admissão de sócios contribuintes ao seu quadro social será elevada para DOIS MIL CRUZEIROS (Cr\$ 2.000,00)”.<sup>14</sup>

Na verdade, o que aconteceu com as ações do Náutico, em termos de valorização, é uma lógica dos empreendimentos capitalistas, que necessitam de aporte de recursos para se viabilizar. Ao se lançar um projeto, os primeiros que nele acreditam e investem, têm facilidades e descontos financeiros. O risco

<sup>12</sup> Em 11 de janeiro de 1948 realizou-se a cerimônia de lançamento da pedra fundamental.

<sup>13</sup> Jornal *Unitário*, Fortaleza, 12 jan.1950.

<sup>14</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 12 dez.1951.

do investimento do capital é remunerado sob a forma do menor preço pelo qual pode-se adquirir um bem ou serviço. Com a concretização do negócio, sua cotação no mercado é valorizada, e o mesmo item, que seria adquirido por uma determinada quantia, passa a exigir uma maior aplicação de recursos.

A grande procura por ações fez com que, em 1953, o clube suspendesse a aceitação de novos sócios, conforme expressam as notas divulgadas na imprensa. A forma de pagamento, antes facilitada, agora dar-se-ia somente à vista, numa demonstração do valor que o empreendimento tinha adquirido junto à sociedade local.

“NÁUTICO ATLÉTICO CEARENSE – Encerramento de Quadro Social. O Náutico Atlético Cearense avisa a sociedade em geral e, particularmente aos que ainda não são associados, que o seu QUADRO SOCIAL será encerrado em julho, ou quando forem preenchidas as poucas vagas que ainda nele existem. Aqueles que reunirem as condições estatutárias e desejarem associar-se ao clube, deverão procurar propostas na Secretaria, por intermédio de um sócio em pleno gozo de seus direitos sociais. Para preenchimento das poucas vagas existentes o pagamento da jóia será feito exclusivamente à vista. Por oportuno, lembra a Diretoria que, em nenhuma festa do Náutico haverá convites, sob qualquer pretexto”.<sup>15</sup>

Com relação ao cronograma das obras, em 5 de dezembro do mesmo ano (1948) em que foi lançada a pedra fundamental, realizou-se a “Festa da Cumeeira”, grande acontecimento prestigiado pela elite local. É farta a documentação fotográfica do evento, o que pode ser constatado junto aos arquivos do clube.

Em 1952, deu-se a inauguração de parte da sede social. Também nesse ano, julgando o terreno exíguo demais para as pretensões da Instituição, o então presidente, comerciante Romeu Aldigheri empreendeu esforços no sentido de ampliá-lo. Um problema então se apresentou: o terreno comprado em 1944, tinha como limite leste a rua Barbosa de Freitas. Do outro lado da rua, também a leste, limitando com a dita rua, existia um terreno de propriedade de Aduino Miranda. A solução que se vislumbrou foi a aquisição do referido terreno, a qual se efetuou mediante a intermediação da prefeitura, que o desapropriou, sendo depois ressarcida pelo clube, no mesmo valor.

---

<sup>15</sup> Jornal O Povo, Fortaleza, 11 jun. 1953.

Persistia porém, um fato complicador: as terras eram fragmentadas pela futura rua Barbosa de Freitas, impedindo a unificação das instalações do grêmio. Novamente a “providencial intervenção” do poder público solucionou a impasse, através de uma peculiar permuta: Ficou o prolongamento da referida via<sup>16</sup> incorporado às terras do Náutico, em troca de uma porção do terreno original que ficava ao sul, constituindo hoje, a praça de formato triangular, denominada “Matias Beck”.

Não se pode deixar de observar, ontem como hoje, a presteza dos agentes públicos, quando se trata de contemplar certos interesses de natureza privada. Adotando o discurso da “satisfação do bem coletivo”, dispõem do solo urbano de maneira a conciliar as expectativas dos grupos dominantes na estrutura social, como se os mesmos englobassem a sociedade como um todo.

A prática de privatização dos espaços públicos ou de modificação de usos espaciais para fins privados parece ser natural. Exemplos historicamente constatados, dão conta da ocupação de praças, ruas e outros espaços de uso coletivo de Fortaleza, por edificações das mais variadas naturezas<sup>17</sup>.

A “benevolência” do poder público novamente se manifestaria por ocasião da aprovação de uma lei na Câmara Municipal, concedendo a isenção de impostos durante cinco anos, além de extinguir qualquer dívida do clube com a municipalidade.<sup>18</sup>

Retomando os aspectos envolvidos na construção da nova sede, adquirido o terreno, tratou-se de encomendar o projeto da edificação ao arquiteto<sup>19</sup> Emílio Hinko.

É pertinente assinalar que, nos arquivos do clube, encontram-se duas fotos que retratam desenhos de duas possíveis propostas de sedes. Não

<sup>16</sup> Quando se fala em “prolongamento da rua Barbosa de Freitas”, entenda-se o traçado previsto para a existência da referida via, uma vez que a mesma ainda não se configurava em termos espaciais.

<sup>17</sup> Como exemplo desse aspecto, poder-se-iam citar vários casos em que os espaços públicos foram ocupados por outros usos: a antiga Praça da Carolina, hoje Valdemar Falcão, é fragmentada em virtude da implantação dos prédios do Palácio do Comércio, Correios e Banco do Brasil. A área defronte ao Colégio Militar foi ocupada pelo Estádio Eudoro Correia, onde se desenvolvem atividades da Instituição. Os Armazéns da RVC, o Liceu do Ceará, a Faculdade de Direito, a Faculdade de Medicina, também constituem alguns exemplos de edificações que se implantaram sobre praças.

<sup>18</sup> JUCÁ. *Verso e Reverso do Perfil Urbano de Fortaleza*. p.137.

<sup>19</sup> Emílio Hinko não era arquiteto no sentido acadêmico da palavra. Sua formação na Europa deu-se ao nível técnico. Contudo, dados os rigores dos cursos europeus, sua preparação o deixou apto a exercer a profissão, aliada ao seu talento natural para o desenho.

existem, contudo, informações mais precisas quanto à origem desses estudos. No verso de uma das fotos, está escrito a lápis "Projeto da sede do NAC em 1936". Na outra, podem ser vistos, compondo um tipo de carimbo, os dizeres: "Náutico Atlético Cearense. Sede da Volta da Jurema. Projeto de J. Mascarenhas - Rio. Fortaleza - Brasil".

Pela data, 1936, assinalada em uma das fotos, é lícito inferir que, o plano da construção de uma nova sede existiria antes mesmo do episódio da destruição parcial da Praia Formosa.

O fato é que, a escolha do nome de Emílio Hinko para a elaboração do projeto arquitetônico da nova sede do NAC, deve-se provavelmente à projeção que o mesmo alcançou no cenário da construção civil da capital, entre os 1930 e 1950.

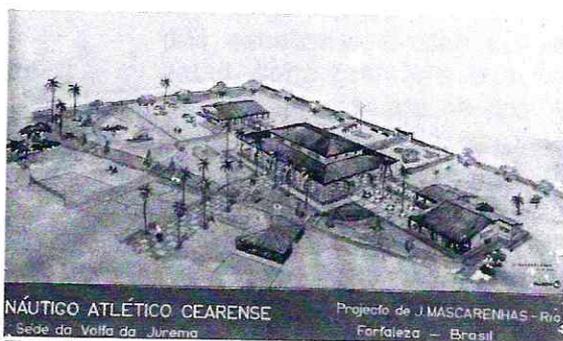


Figura 61

Estudo de outras propostas arquitetônicas para a nova sede do Náutico. Arquivo Náutico.

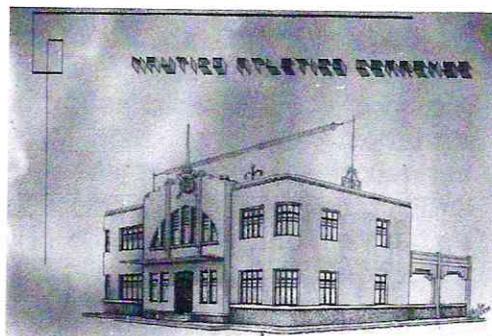


Figura 62

Nesse ponto, é importante que se façam alguns comentários sobre o autor do projeto.

### • O IMIGRANTE E O EMPREENDIMENTO

Até meados dos anos 1950, não havia em Fortaleza arquitetos de formação acadêmica. Por essa época, chegaram à cidade, alguns arquitetos profissionais diplomados em Recife e no Rio de Janeiro. Dentre eles citam-se Luís Carvalho de Aragão, José Villar Ribeiro, Enéas Botelho, Marcos Studart, Ivan Brito, José Liberal de Castro, José Armando Farias e Neudson Braga. Os quatro últimos se envolveram na implantação do curso de Arquitetura, no começo do ano de 1965, quando era Reitor, Antônio Martins Filho.

Os projetistas de edificações, que se notabilizaram, durante a primeira metade do século XX, em número reduzido, se restringiam a poucos nomes: Sílvio Jaguaribe Eckman, José Barros Maia, o Mainha, e Emílio Hinko. Registra-se também a atuação de alguns engenheiros na concepção de projetos, como Luciano Pamplona e de uma grande massa de desenhistas, que em geral, atuavam vinculados aos escritórios de engenharia.

Todos esses, tinham como prática corrente, quando da concepção de seus trabalhos, buscar "inspiração" em modelos divulgados em revistas especializadas, principalmente européias, razão pela qual verificam-se em Fortaleza, vários exemplos de arquitetura que remetem a linguagens e projetos consagrados em outras paragens. Sobre esse aspecto, comenta Liberal de Castro:

"Numa época em que as viagens eram realizadas em navios, raras e com longa duração, as novidades chegavam à cidade por intermédio das escassas revistas profissionais publicadas na época. dentre estas, tinha grande aceitação *A Casa*, editada no Rio de Janeiro. Embora interessada na propagação da estética *Art Déco*, a revista também reproduzia projetos das mais variadas correntes arquitetônicas. Assim, ora divulgava obras com reminiscências neogóticas ou com resíduos neocoloniais, ora difundia *Villini* italianizadas (tão ao gosto de Emílio Hinko), casas 'normandas' ou residências em 'estilo Missões'. Enfim, um leque de opções oferecidas e consumidas pelos projetistas consoante seus próprios critérios ou dos proprietários".<sup>20</sup>

A procedência e a formação intelectual desses profissionais eram diversas. Sílvio Jaguaribe, paulista, homem possuidor de educação refinada, estudou em Nice e Lausane na França, diplomando-se engenheiro-arquiteto pela Escola de Engenharia Mackenzie, onde estudou no curso de arquitetura. Sua atuação<sup>21</sup> no Ceará decorre de seu parentesco e amizade pessoal com Fernando Pinto, um dos fundadores do Ideal Clube, que o encarregou de conceber a nova sede, no Meireles.

Mainha, cearense, figura agradável e cordial, segundo seus contemporâneos, tinha conhecimentos adquiridos principalmente, através do

<sup>20</sup> CASTRO. *Fortaleza, Tempos de Guerra*. Mimeo

<sup>21</sup> Constituem exemplos de projetos de Sílvio Jaguaribe Eckman, além do Ideal Clube, a sede do Country Club, o Edifício Jangada, no centro, o Edifício Parente, na esquina das ruas Barão do Rio Branco e Guilherme Rocha, a Livraria Comercial, na Praça do Ferreira e o Jangada Clube (hoje extinto).

exercício prático do desenvolvimento de projetos<sup>22</sup>, ligados à área de instalações prediais. Fez vários projetos residenciais.

Luciano Pamplona era engenheiro, formado na Bahia. Conhecido "homem de sete instrumentos", calculava, construía e fazia as instalações prediais, possuindo total domínio das obras<sup>23</sup> que concebia. Teve também uma atividade acadêmica, atuando como professor de concreto armado da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Ceará.

Ocupemo-nos de Emílio Hinko, sem dúvida, figura de grande destaque na sociedade fortalezense de meados do séc. XX, responsável pela concepção arquitetônica de várias obras de natureza privada ou pública, que ainda hoje compõem a paisagem urbana de Fortaleza. Poderia ser definido como uma pessoa de espírito inquieto e empreendedor, como demonstram os fatos de sua biografia.

Nasceu em 9 de abril de 1901 em Budapeste, onde faria também a sua formação profissional em arquitetura e modelagem de maquetes. Filho de construtor, teria herdado do pai o gosto pelo ofício. Ao concluir os estudos, transferiu-se para a Itália a fim de trabalhar em grandes escritórios, procurando, paralelamente, conhecer e estudar as obras dos grandes mestres.

Nesse país, engajou-se no escritório do arquiteto Guido Stachini, responsável por importantes obras italianas do período pós-primeira guerra. Desempenhando várias atividades, obteve a confiança e o reconhecimento, para que algumas construções ficassem sob sua responsabilidade.<sup>24</sup>

Por essa época, anos iniciais do séc. XX, emergiram na Europa as preocupações quanto à natureza e a salubridade das edificações dos centros urbanos, em função da ocorrência de tuberculose e epidemias de gripe, que acometiam as populações. Tendo em vista a função terapêutica, vários conjuntos residenciais começaram a ser edificados em zonas do litoral, onde o

<sup>22</sup> Nada se tem, hoje em dia, que registre a produção arquitetônica de Mainha. Não se sabe paradeiro de seus desenhos originais e tampouco se guardam muitas referências acerca do que produziu.

<sup>23</sup> O edifício sede do antigo INAMPS na praça José de Alencar, a Associação Cearense de Imprensa, o Tribunal de Contas e a Igreja de Fátima são exemplos de projetos arquitetônicos de Luciano Pamplona.

<sup>24</sup> Os dados relativos à vida pessoal e profissional de Emílio Hinko, baseiam-se em matéria publicada em jornal (*O Povo*, 17 de fevereiro de 2002) e em depoimentos informais dos arquitetos José Liberal de Castro e Marcondes Lima. Ambos cultivaram relações de amizade com o projetista.

sol e a brisa concorrerem para a manutenção da saúde e a cura dos males físicos.

Stachini então o enviou para o sul da Itália a fim de construir várias edificações, as "vilas".<sup>25</sup> Participou ainda de alguns projetos e construções como uma fábrica de curtumes, casas pré-fabricadas, estação ferroviária de Milão, estação marítima de Gênova e inúmeras residências. Permaneceu na Itália durante cinco anos, quando então tomou a decisão de vir para o Brasil.

Hinko chegou ao país aos 28 anos de idade, com a intenção de "fazer fortuna" com o comércio de peles silvestres. Sua intenção inicial era fixar-se no Pará. No entanto, as características do clima da região, muito quente e úmido, fizeram com que ele não se adaptasse, decidindo mudar-se para Fortaleza. Hinko já conhecia a cidade de passagem, o que se deu por ocasião de sua viagem de ida ao Pará.<sup>26</sup>

Sem muito dinheiro, e falando mal a língua portuguesa, se instalou em uma pensão na Rua Barão do Rio Branco, passando a frequentar os cafés vizinhos, no centro da cidade, onde apresentava rascunhos de desenhos e perspectivas, numa demonstração de suas habilidades.

É razoável inferir que, numa cidade provinciana, carente de novidades, a presença do estrangeiro desenhista nas proximidades da praça, demonstrando habilidades artísticas, tenha causado curiosidade e admiração. A tão decantada receptividade do povo cearense, principalmente para com aqueles oriundos de outras paragens julgadas "mais adiantadas", logo se manifestou, através do surgimento de encomendas de trabalhos.

---

<sup>25</sup> "Vila" é o termo que designa as casas de campo ou recreio nos arredores das cidades italianas. Seriam as nossas "casas de campo".

<sup>26</sup> Essa versão, que nos foi repassada pelo arquiteto Liberal de Castro, amigo pessoal de Hinko, diverge da matéria veiculada pelo jornal (ver nota 24), elaborada com base nas informações do Dr. Paulo Mota, médico do húngaro, que credita a sua vinda para Fortaleza a uma obra do acaso. Na reportagem, diz-se que Hinko teria perdido dinheiro com o comércio de peles no Pará, optando, então, por voltar à Itália. Na viagem de volta, sentindo-se meio adoentado, teria resolvido desembarcar no Porto de Fortaleza, uma das paradas do navio, para realizar uma consulta médica. "Apaixonando-se" pela cidade, resolveu ficar. A minha opção por adotar a versão do arquiteto, prende-se ao fato do mesmo ter desenvolvido uma relação de amizade com Hinko ao longo de anos, e ao respeito de que desfruta como intelectual. Nada impede, no entanto, que tenha ocorrido uma associação dos dois motivos.

A paisagem de Fortaleza dos anos 1930 a 1950 é pontuada pelas obras de Hinko. A partir do seu casamento com Pierina Rossi<sup>27</sup>, tornar-se-ia um homem rico, montando também uma construtora de grande porte<sup>28</sup>, responsável por obras de vulto na capital, inclusive a construção do Porto do Mucuripe.

No plano dos relacionamentos, pessoas que o conheceram concordam em retratá-lo como um homem fino, discreto, generoso, avesso a luxos e "badalações". Festejava a todo instante a tropicalidade de Fortaleza. Era também um apaixonado por arquitetura. Lia e pesquisava constantemente.

Hinko tinha também ampla percepção com respeito ao crescimento da cidade. Adquiriu grandes levas dos terrenos de beira-mar, comprados a preços baixos dos moradores nativos e revendidos posteriormente, já valorizados.

Sua arquitetura incorpora elementos formais de procedência variada compondo um todo eclético, de fortes referências germânica e italiana. Seu maior mérito, no entanto, estava na preocupação com a qualidade das construções, postura decorrente de sua experiência em canteiros de obras.

Nota-se na obra de Emílio Hinko, a preocupação com os aspectos da salubridade e da higiene. Na verdade, seguiria as recomendações do Código de Posturas de 1932<sup>29</sup>. A implantação de suas residências ocorria no centro dos lotes, mantendo os afastamentos dos limites, como uma maneira de otimizar a ventilação e a iluminação naturais. Incorporou os banheiros – até então do lado de fora - ao espaço interno das residências. Propôs muros baixos e tratamento paisagístico de jardins.

---

<sup>27</sup> Pierina Rossi era italiana, viúva do comerciante Plácido de Carvalho, capitalista e empreendedor, proprietário do Cine Majestic e do Excelsior Hotel, primeiro "arranha-céu" de Fortaleza. Era também dono do famoso "Palácio do Plácido", edifício ao qual a população em geral associou o caráter "príncipesco" que ficava na quadra compreendida entre as ruas Costa Barros, Santos Dumont, Carlos Vasconcelos e Monsenhor Bruno, local onde se ergue o Centro de artesanato Dona Luíza Távora. Pierina faleceria em 11 de dezembro de 1958.

<sup>28</sup> Ao lado da construtora de Hinko, atuavam na cidade, nessa época, mais outras três construtoras de relevância: a de Sílvio Jaguaribe Eckman, a de José Gentil e a de Waldir Diogo, direcionada também para o ramo de loteamentos.

<sup>29</sup> Segundo Liberal de Castro o Código de Obras de 1932 (que exigia recuos laterais), em substituição às velhas posturas municipais do século XIX, foi um dos fatores que contribuíram para as mudanças no aspecto da paisagem material da cidade, ao lado do emprego das técnicas de construção em concreto armado e das tentativas de implantação de um modernismo via *Art Déco*. A implantação de residências no centro dos lotes já havia sido utilizada nos *bangalows* construídos na Praia do Peixe a partir da década de 1930. Sobre o assunto ver CASTRO. Cartografia Urbana Fortalezaense na Colônia e no Império e Outros Comentários. In *A Administração Lúcio Alcântara*. Fortaleza, Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982. p.72.

Sua inspiração nos modelos importados, traduziu-se e predominou em suas obras, caracterizando, durante muito tempo, a paisagem da cidade, principalmente através do emprego de vários elementos na arquitetura residencial, como colunas retorcidas e arcos plenos, que por sua vez serviram como matriz de reproduções e releituras diversas.

Enumeram-se entre as suas obras: o Sanatório de Messejana (1933), o Palacete Iracema (1937), sede do clube Iracema na Praça dos Voluntários, o Palácio da Polícia Central (1942) também na Praça dos Voluntários, a Reconstrução da Igreja do Coração de Jesus (1961), a Base Aérea de Fortaleza, a Capela das Missionárias, a Casa do Estudante Pobre, a Sede do Clube Iracema na Aldeota, e diversas residências nos bairros de Benfica, Jacarecanga e Aldeota.

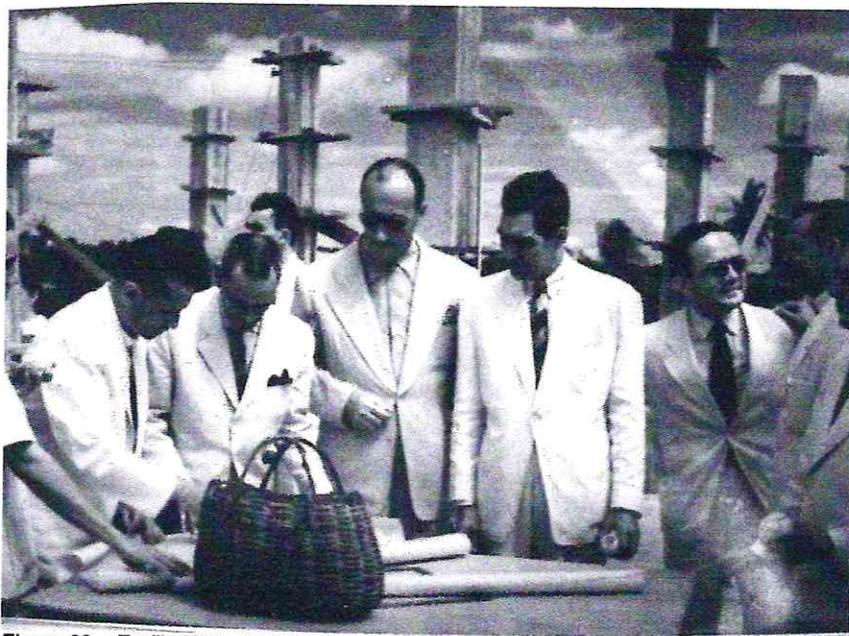


Figura 63 – Emílio Hinko, autoridades e membros da diretoria do Náutico no canteiro de obras do prédio do Meireles, foto de 1948. Arquivo Náutico.

Sua obra de maior expressividade, no entanto, é sem dúvida, a sede do Náutico, tanto pelo seu aspecto monumental, quanto pela importância do edifício no contexto urbano, à época de sua implantação, como comentaremos a seguir.

Em 1975, Hinko se mudou com a família para o Excelsior Hotel, no centro, lá executando uma grande reforma. Em 1987 sofreu o primeiro acidente cardiovascular, do qual restariam muitas seqüelas. Em 1996, sua segunda

esposa Macarrillas, com quem se casara após ficar viúvo de Pierina, é assassinada em circunstâncias suspeitas e até hoje não esclarecidas.

O seu amor por Fortaleza é atestado pelos que o conheceram. Prova disso, é o fato de ter mandado buscar toda a família em Budapeste. Seus pais estão enterrados no cemitério São João Batista. Em reconhecimento pela sua atuação no cenário fortalezense, foi-lhe concedida a cidadania cearense, ocasião em que grande festa realizou-se em casa de seus parentes.

A Escola de Arquitetura da UFC, também demonstraria seu apreço pela figura do projetista e construtor, realizando uma exposição com fotos dos seus trabalhos, à qual compareceu, já em cadeira de rodas, demonstrando, na ocasião, intensa felicidade.

Hinko faleceu em 4 de janeiro de 2002, com quase cento e um anos de idade.

#### • A ARQUITETURA DA SEDE DO NÁUTICO

Na época em que surgiu, a sede do NAC causou grande impacto no panorama urbano fortalezense. Tornou-se referência, ponto turístico, cartão postal. Mal comparando, o Náutico estava para Fortaleza como o Empire State Building para Nova Iorque. Foi o primeiro edifício de representatividade da Beira-Mar, zona que viria a se constituir na mais “nobre” e valorizada da cidade, sob o ponto de vista da especulação imobiliária.

A importância do prédio no cenário arquitetônico da capital teria sido pressentida durante a fase mesma de construção. Prova disso é o cuidado que foi dispensado ao registro fotográfico da obra.

As características formais da edificação, assim como as soluções adotadas para os seus espaços internos, revelam as preferências e a formação intelectual do projetista, Emílio Hinko.

Como já comentado, Hinko tinha procedência europeia e foi fortemente influenciado por exemplos da arquitetura italiana. O estilo empregado no edifício do Náutico não é exatamente definido, nele identificando-se elementos que remetem a tendências diversas. Tal característica lhe confere um

ecletismo<sup>30</sup>, que diferencia-se do caráter adotado amplamente no começo do século XX, no qual se detectava o apuro decorativo e a abundância de ornamentos, geralmente abastecidos em fontes greco-romanas.

No caso do Náutico, foram utilizadas colunas inspiradas na ordem toscana<sup>31</sup>, torreão circular, arcos plenos e elementos de decoração aplicada, numa composição que agradou em cheio o gosto da população, como um todo, que o associava a algo “magnífico”.

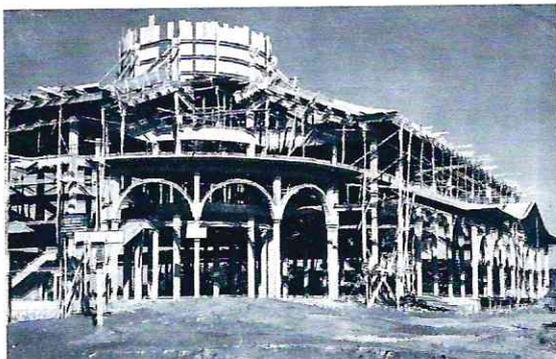


Figura 64



Figura 65



Figura 66

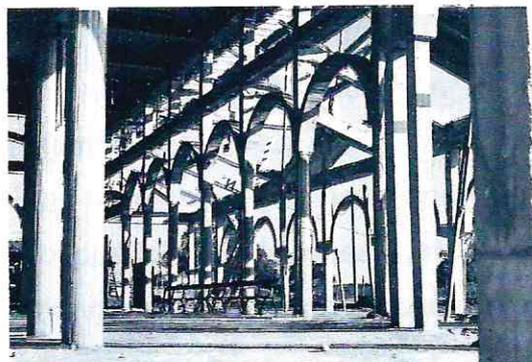


Figura 67

Aspectos da construção da sede do Náutico Atlético Cearense. Fotos de 1948. Arquivo Náutico.

O rigor acadêmico, que define o valor da obra arquitetônica em função dos seus aspectos eruditos e das preocupações artísticas e culturais, faz com que grande parcela dos arquitetos contemporâneos, veja o prédio com restrições. Apesar do aspecto da adequação ao clima local, formalmente, o edifício não contempla quaisquer proposições inovadoras, limitando-se à transposição e conjugação de elementos de outras arquiteturas, provavelmente

<sup>30</sup> O termo “ecletismo”, aí empregado para definir a arquitetura do Náutico, ocorre mais no sentido de “mistura” de vários elementos.

<sup>31</sup> A Coluna Toscana possui base, corpo liso e capitel. É uma variante simples da coluna dórica, componente de uma das três ordens predominantes na arquitetura grega. (as outras são Jônica e Coríntia). No caso do Náutico, a linguagem adotada é puramente decorativa já que funciona como envoltório das colunas de concreto, que desempenham a função estrutural.

inspiradas em modelos divulgados em revistas ou publicações pertinentes, como já assinalado. É flagrante, no entanto, o reconhecimento da força da linguagem empregada no clube.

A almejada modernidade, tão associada ao empreendimento não encontraria nas formas da sede, o seu correspondente. Nesse sentido, haveria um equívoco quanto ao emprego do adjetivo "moderno". No caso do Náutico, essa referência ocorreria evocando a idéia de fausto, luxo e imponência.

No plano arquitetônico, em finais da década de 1940, quando foi contratado o projeto do NAC, as bases de uma arquitetura realmente tida como inovadora, oriunda principalmente das postulações de Le Corbusier<sup>32</sup>, já havia sido lançada no plano internacional. Esse movimento, se difundiria no Brasil, marcadamente através de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer e inspiraria certos aspectos de soluções arquitetônicas adotadas principalmente no Rio de Janeiro, culminado com a exemplar sede do Ministério da Educação e Saúde<sup>33</sup>, inaugurada em 1945.

Em Fortaleza, no entanto, segundo avalia Liberal de Castro, as soluções que se pretendiam modernas não passavam de tentativas ingênuas de elaboração de um modernismo arquitetônico local; *"os projetistas talvez tentassem fazer o moderno como uma variante do ecletismo, pois perambulavam concomitantemente pelo Neocolonial, pelo Missões e por outras estilizações do antigo e do moderno"*<sup>34</sup>. Inspiravam-se sobretudo na estética *Art Déco*<sup>35</sup>.

<sup>32</sup> Charles-Edouard Jeanneret (1887-1965), arquiteto suíço, naturalizado francês é considerado "pai da arquitetura moderna", da qual também são expoentes os arquitetos Mies van der Rohe e Frank Lloyd Wright. Corbusier introduziu conceitos, depois amplamente incorporados pelos arquitetos em diversas partes do mundo, no que se denominaria de "estilo internacional". Neste predominam a leveza, a forma geométrica simples, a estrutura independente, a flexibilidade das divisórias internas, a ausência de elementos decorativos. Corbusier influenciou fortemente a geração de arquitetos brasileiros encabeçada por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Extensa bibliografia existe a seu respeito. É presença recorrente em todas as obras referentes à arquitetura moderna.

<sup>33</sup> A sede do Ministério da Educação ou "Palácio da Cultura" foi construído entre 1935 e 1945, no período Vargas. Foi o primeiro prédio a incorporar os princípios da arquitetura modernista concebida pelo arquiteto Le Corbusier. O prédio contempla um forte conteúdo simbólico ao representar a busca por uma nova identidade nacional, antenada com os princípios de modernidade. Sobre o assunto ver SILVA NETO, Napoleão Ferreira da. O Palácio da Cultura. Poder e Arquitetura. Expressão Gráfica Digital. Fortaleza, 1999.

<sup>34</sup> CASTRO, Liberal de. Ceará, sua Arquitetura e seus Arquitetos. p. 12.

<sup>35</sup> O *Art Déco*, de maneira simplificada, se caracterizaria pela adoção do revestimento exterior em pó de pedra, estreitos balcões de concreto armado em balanço, esquadrias de ferro e vidro tipo basculantes. O prédio que melhor exemplifica a presença dessa tendência em

Existiriam no entanto, alguns outros exemplos de edifícios<sup>36</sup> de linhas retas e despojadas, com incorporação de elementos tipo quebra sol (*brise soleil*), remetendo ao repertório modernista. O próprio Hinko já tinha empregado em outras obras uma linguagem formal mais simples, de inspiração no citado *Art Déco*. Essas soluções, no entanto, não incorporavam maiores reflexões no que diz respeito a uma formulação teórica da obra arquitetônica.

É lícito supor que Hinko, profissional mais afeito à prática cotidiana da profissão, não tivesse maior preocupação quanto aos movimentos vanguardistas ou a busca de novas linguagens de arquitetura. Escolheu utilizar uma fórmula, por assim dizer, já consagrada no gosto popular. Intencionalmente ou não, preferiu fazer o seu "palácio" empregando na arquitetura, um vocabulário que remete justamente a essa idéia: escadaria, colunata<sup>37</sup> clássica, torre.

O ecletismo empregado na sede do Náutico, dessa forma, serviu para ratificar uma noção de poder e superioridade. Fórmulas utilizadas pelas classes dominantes do passado, de forma recorrente constituem atração sobre a burguesia, que intimamente insegura, as utiliza para afirmar o seu poder econômico, conforme esclarece Giedon<sup>38</sup>.

Além disso, a tendência modernista não foi de pronto aceita pela opinião pública e mesmo por alguns setores acadêmicos, que a taxariam de "extravagâncias de juventude". Sob a ótica da arquitetura moderna, as atenções são atraídas para o conjunto. Os detalhes não têm muita importância. Provavelmente, a sede do NAC não agradasse tanto ao público em geral se não correspondesse às expectativas quanto à veiculação das mensagens a que se propunha.

---

Fortaleza é a sede dos Correios e Telégrafos, inaugurada na praça Valdemar Falcão em 1934.

<sup>36</sup> O prédio do INAMPS na Praça José de Alencar, projeto de Luciano Pamplona, e algumas das edificações projetadas por Sílvio Jaguaribe, já possuíam uma linguagem formal mais simples e despojada e geométrica, em alguns casos, de inspiração Art-Déco. O próprio Hinko já teria empregado uma linguagem mais despojada no Palácio Iracema e na Sede do Departamento de Polícia, ambos na praça dos Voluntários.

<sup>37</sup> Série de colunas dispostas simetricamente, com espaçamento regular

<sup>38</sup> GIEDON. apud HOMEM. *O Prédio Martinelli. A Ascensão do imigrante e a verticalização de São Paulo*. p. 104.

A aparente magnificência do prédio seria ressaltada pelo seu *entorno*<sup>39</sup>. Erguendo-se solitário, em meio a um vazio espacial, tendo como pano de fundo o mar, os coqueiros e os cajueiros, sem nenhuma outra construção que viesse com ele rivalizar, impunha-se como símbolo “colonizador” de uma área ainda não ocupada pela expansão da cidade. Apesar de ser uma edificação horizontal, a repetição das colunas, a altura do embasamento sobre o qual foi assentado e o pé-direito elevado, conferem-lhe uma escala grandiosa.

Outro fator, talvez, também tenha concorrido, para a associação da sede a algo luxuoso e imponente: em Fortaleza ainda não era comum o emprego dos sofisticados materiais de acabamento, que hoje tão comumente se vêem nos mais variados espaços públicos, como os *shopping centers*, por exemplo, tão ao alcance de grande parte da população. Mesmo o Cine São Luís, outro edifício tido como luxuoso, somente foi inaugurado em 1958. Para a época, portanto, o Náutico representaria aquilo que havia de mais imponente.

No que se refere ao espaço interno, a solução do projetista contemplava um aspecto fundamental para as edificações cearenses, que é a convivência com as especificidades do clima. Hinko propôs áreas totalmente abertas, como uma maneira de aproveitar ao máximo a brisa proveniente do mar.

No entanto, como foi construído por partes, com a aquisição do terreno feita aos pedaços, e com o direcionamento das diversas administrações que quiseram imprimir a sua marca empreendedora nas várias ampliações do clube, faltou-lhe um planejamento único, global, que visualizasse o empreendimento como um todo.

Esse foi, no entender do arquiteto Neudson Braga<sup>40</sup>, o aspecto mais comprometedor da qualidade dos espaços do NAC.

Por diversas vezes o referido arquiteto foi chamado a interferir na edificação, quer fosse para acrescentar-lhe novos usos, quer para fazer pequenas intervenções. Em todas essas ocasiões expressou a opinião de que

---

<sup>39</sup> “Entorno”, palavra espanhola que não possui uma correspondente em português. Significa tudo o que está em volta do edifício, constituindo meio ambiente, o contexto físico – paisagem, vizinhança - no qual está inserido

<sup>40</sup> Neudson Braga é arquiteto de reconhecida atuação no cenário urbano. É professor da Faculdade de Arquitetura da UFC, da qual foi um dos fundadores. Formou-se no Rio de Janeiro, regressando à Fortaleza em 1960. Em uma longa conversa em seu escritório, falou-nos de suas relações com o Náutico como usuário e como profissional.

*"Mexer no Náutico é mexer na cidade. Isso envolve grande responsabilidade",* tão forte sua ciência da significação do prédio no contexto urbano.

A primeira solicitação que lhe fez o clube foi em 1961, quando regressara do Rio, para exercer sua profissão em Fortaleza. Nessa ocasião, realizou análises que subsidiaram seu diagnóstico a respeito do espaço interno do clube.

Elaborou então um relatório, no qual expunha vários aspectos que julgava prejudiciais a um melhor aproveitamento do espaço. Na sua visão, alguns elementos comprometiam a expansão do prédio, como a localização das quadras de tênis, que ocupam uma grande área, e as arquibancadas que, colocadas do lado do sol, funcionavam como uma barreira ao crescimento. (Faça uma nota acerca do documento referido)

*Todavia, o aspecto que mais lhe chamava a atenção era o fato de o clube ter voltado as costas para o mar, não desenvolvendo com este, uma relação de complementaridade.*

Na época, seu parecer foi ignorado pelo clube. Contudo, ao longo da gestão das diversas diretorias, o arquiteto continuou sendo chamado a interferir no espaço interno da edificação. Elaborou o projeto do ginásio coberto e da piscina "normal" para banhos, uma reivindicação dos sócios que achavam a piscina olímpica grande demais.

Em 1986, solicitado a elaborar o projeto de uma ampliação significativa, apresentou vários estudos nos quais predominava a preocupação de integrar o clube e a praia. Todos foram rechaçados pelas diretorias.

Neudson Braga esclarece que a não aceitação das propostas se deveu ao fato de que as mesmas adotavam uma linguagem totalmente diferente da sede original.

Finalmente, em 1986 elaborou um projeto que foi amplamente aceito e aplaudido pela entidade. Nele, o arquiteto ampliava a edificação, simplesmente reproduzindo a disposição e os elementos utilizados pelo projetista original.

Neudson afirma que o projeto foi feito "segundo o risco de Hinko". Assume que se trata simplesmente de uma cópia, com o intuito de preservar as características originais do prédio. Em todas as pranchas de desenho do projeto, encontra-se a seguinte observação: "As medidas estão indicadas de acordo com o levantamento realizado, devendo, porém, serem ajustadas

rigorosamente, aos elementos existentes para manter as características da obra”.

No processo de elaboração da “cópia” sugerida, o arquiteto chegou ao rigor de levantar todos os desenhos da edificação nos mínimos detalhes, apoiando-se inclusive nos originais de Hinko ainda existentes nos arquivos do clube.

O sucesso da nova solução veio a corroborar a idéia de que, a linguagem original da sede do clube a ele estava indelevelmente associada, não se admitindo quaisquer outras variações.

A construção da obra, porém, não transcorreu conforme a proposta do arquiteto Neudson Braga. Além de incompleta, modificações foram feitas à sua revelia, com desrespeito aos detalhes e aos acabamentos previstos, que seguiam, na proposta, rigorosamente, o mesmo padrão adotado na sede primitiva.



Figura 68 – Perspectiva da proposta arquitetônica elaborada pelo arquiteto Neudson Braga para ampliação da sede do Náutico. Arquivo Neudson Braga.

O processo foi desgastante e o arquiteto pensou em retirar a sua autoria do projeto, tais foram os constrangimentos decorrentes das alterações. Ao final de contas, para o observador desavisado, ainda permanece o aspecto uno da edificação.

A sede do Náutico teve um sabor de novidade na Fortaleza dos anos 1950, como um novo produto ou serviço que se incorporou ao cotidiano da cidade. Transcendeu a função para a qual foi concebido – a de ser um centro de lazer – para associar-se a ela, de tal forma, que se constituiu numa de suas

referências visuais. A sua fama pode ser lida como uma manifestação do espírito provinciano da cidade, apesar da idéia de progresso que desejava expressar.

A sua construção, feita por etapas, exigindo esforços e energia por parte de sucessivas diretorias, assim como também dos associados da agremiação, é referenciada como um ato de empreendedorismo e obstinação, bem ao gosto da imagem autoreferente das elites locais, cuja simbologia é extrapolada para fora dos limites do clube indo incorporar-se ao “povo cearense” como um todo.

### • POMPA E CIRCUNSTÂNCIA

Conforme dito anteriormente, as instalações do Náutico foram entregues ao seu quadro de associados em etapas. A primeira fase a ser concluída foi o parque esportivo da agremiação, inaugurado em janeiro de 1950. Em 1952, foi a vez de várias dependências da Sede, inclusive o Restaurante. O “Salão Nobre” viria a ser concluído e entregue aos sócios em 24 de janeiro 1954 e finalmente, o parque aquático em 1959.



Figura 69

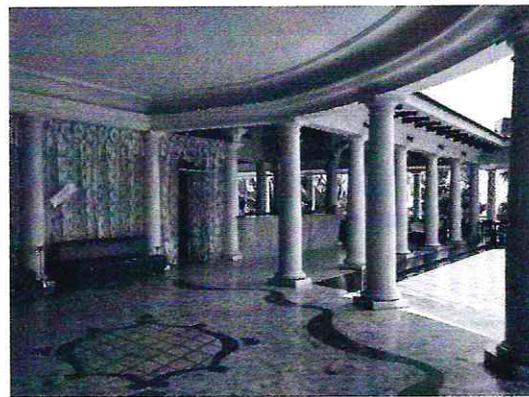


Figura 70

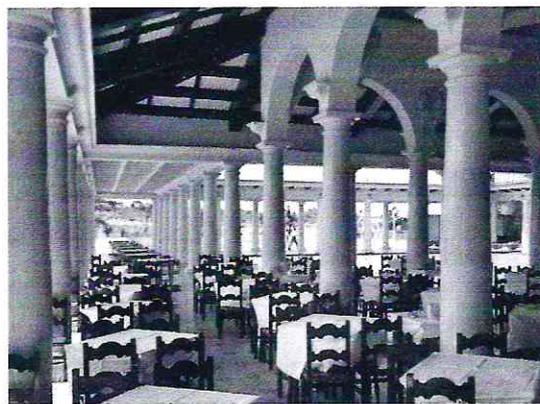


Figura 71  
Aspectos do interior da sede do Náutico. Arquivo Náutico.



Figura 72

Grandes festejos marcaram todas essas ocasiões, que contaram com a presença maciça dos setores abastados, de personalidades e de autoridades locais. Pode-se supor que, de maneira geral, até mesmo outros segmentos fossem afetados pelos eventos, devido às demandas geradas com os preparativos.

A imprensa acompanhou e cobriu, de forma ampla, todas as festas de inauguração, sempre empregando um tom enaltecendor, eivado de indisfarçada megalomania. Nos dias que precediam "o grande acontecimento", as notícias eram veiculadas constantemente, como numa contagem regressiva, como pode exemplificar a matéria alusiva à inauguração da primeira etapa, o parque esportivo. Ainda que seja longa, faço a transcrição para que o leitor possa apreciar as nuances enaltecedoras do empreendimento:

"Estará em festas domingo, a família esportiva cearense. É que, depois de uma luta heróica, na qual teve de enfrentar as mais duras adversidades, o Náutico Atlético Cearense conseguiu concretizar o seu mais antigo sonho. A querida agremiação praiana já possui a sua praça de esportes, uma das melhores do gênero, em todo o país. Com esforços inauditos; o clube dos irmãos Coelho de Araújo marcou um feito verdadeiramente espetacular. Adquiriu um terreno na praia do Meireles e empreendeu uma campanha interna, solicitando a colaboração de todos os desportistas cearenses. Quando conseguiu o numerário necessário para iniciar a obra, entregou os serviços à competência do Dr. Emílio Hinko e prosseguiu na luta pela conclusão da sua sede. Obra majestosa que exigirá grandes despesas, a sede do Náutico não poderia ser concluída da noite para o dia. A diretoria alvi-verde enxergou isso cedo. Então, teve uma idéia bastante inteligente. Passou a dedicar toda a sua atenção à praça de esportes. Os sócios do Náutico são, antes de mais nada, desportistas. Assim, o clube não deveria cair em falta com os seus sócios. E o trabalho foi concentrado quase que totalmente na construção do parque de esportes na praia do Meireles. Agora, vêem os desportistas cearenses a esplêndida realidade que é a praça esportiva do clube, construída dentro do prazo previsto e estabelecido pelo engenheiro Emílio Hinko. Enquanto isso, cresce aos olhos de todos, a magnificência da sede social, autêntico monumento arquitetônico que embelezará a nossa capital, justamente em um dos seus locais mais pitorescos e dignos de ser visitados por quantos pisam as terras de Iracema. Possuindo já uma das melhores praças esportivas do país, o NAC, terá, em futuro breve, uma das mais lindas majestosas sedes sociais de todo o Brasil. Parabéns, senhores dirigentes do Náutico; Parabéns, desportistas cearenses! E parabéns ainda para Fortaleza, que ficará, a partir de domingo, dotada de uma praça de esporte modelo, na expectativa de possuir, brevemente, uma lindíssima obra arquitetônica, que será a sede social do NAC orgulho do nosso esporte, orgulho da nossa sociedade, orgulho de todos os cearenses.

### O QUE É A PRAÇA ESPORTIVA DO NÁUTICO

Localizada na praia do Meireles, recanto magnífico para os banhistas e desportistas em geral, a praça esportiva do NAC, é dotada dos mais modernos requisitos técnicos, atendendo às normas estabelecidas para a prática da educação física. A beira do mar, é plenamente dispensável por exemplo, a piscina; tão necessária noutros locais. Obrigatórias, porém eram as quadras para basquete, vôlei e tênis: esportes que todos podem praticar aprimorando a cultura do físico de modo fácil e eficiente. Para aqueles que apreciam a natação, uma praia magnífica, para um banho de mar formidável. E, após os sócios do Náutico terão o indispensável banho de água doce, pois a praça esportiva do clube possui nada menos que 54 banheiros, para cavalheiros e senhoras, apropriados para duchas necessárias aos músculos depois da prática de qualquer exercício físico. Assim, como já dissemos é a praça esportiva do NAC uma das mais completas do país, atendendo completamente aos anseios da numerosa família alvi-verde de Fortaleza. Constituem a presença de esportes do Náutico três quadras para a prática de voleibol, duas para o tênis, uma para o basquete, um parque infantil, e 54 banheiros para senhoras e cavalheiros. Além disso, funcionará um excelente bar, vendendo refrigerantes a todos os desportistas”.<sup>41</sup>

Não é raro encontrar na imprensa, como na nota acima, a “personificação” do clube. Ele deixa de ser uma estrutura organizacional para incorporar a qualidade de ente, de ser dotado de sentimentos e virtudes. O Náutico foi protagonista de “lutas heróicas”, enfrentou “duras adversidades”, empreendeu “esforços inauditos” e marcou um “feito espetacular”, tal como fazem os heróis das histórias de aventura. O tom de exaltação permeia toda a primeira parte da matéria, como uma introdução justificativa da importância do evento. Como nos filmes, em que o mocinho enfrenta as mais duras provações e vence no final, empresta-se à história do Náutico o mesmo tom de heroísmo e de luta contra forças adversas.

Na segunda parte, os comentários da notícia são no mínimo, curiosos. Ao ressaltar a importância das quadras de tênis, “um esporte que todos podem praticar” o jornal não analisa a real necessidade e possibilidade de uso de tal equipamento. O tênis, esporte elitista praticado por dois jogadores de cada vez, ou por quatro, em caso de duplas, não se constitui uma prática corriqueira, sendo um jogo característico de alguns desportistas dos setores mais abonados.

<sup>41</sup> Jornal *Unitário*, Fortaleza, 18 jan. 1950.

Possivelmente, o que interessasse no caso, não fosse exatamente o uso das referidas quadras, mas o fato de o clube possuí-las, como componentes do seu parque esportivo. Seriam assim um símbolo de ostentação muito mais que um equipamento utilitário.

Há que se observar também que não se faz referência a campo de futebol. Não é despropósito deduzir que tal espaço, talvez não conferisse ao clube a sofisticação que os outros tipos de esporte, provavelmente tido na conta de mais elegantes.

Como justificativa para a inexistência das piscinas, argumenta a matéria que são “dispensáveis à beira-mar” pois para aqueles que “apreciam a natação existe uma praia magnífica”, como se nadar fosse um esporte adequado à fúria do mar cearense.

Se as notícias, que antecederiam os eventos, os descreviam com exagero e excesso de adjetivos, as que narravam o fato, posteriormente, eram ainda mais transbordantes.

O entusiasmo e a parcialidade cristalizados nas notícias demonstram a falta de referencial comparativo e até o desconhecimento de certos tipos de materiais de acabamentos, que eram descritos como algo novo e exclusivo da sede do clube, como pode ser verificado através da nota relativa à inauguração do restaurante:

“O restaurante do alvi-verde é algo digno de ser visto e admirado. Todo o material empregado no mesmo é da mais rara espécie. Não há, no norte do Brasil e talvez também no sul, coisa que se assemelhe em luxo e beleza. O piso é todo feito em pastilhas de porcelana e o fundo do salão principal é todo em mármore, tendo ao centro um espelho de cristal artisticamente trabalhado. E, para dar um aspecto mais bonito ao conjunto, 18 mesas foram revestidas, todas, de “fórmica”, uma material que não queima e nem risca. Tudo, pois, no restaurante do Náutico, expressa um requinte do luxo, bom gosto e comodidade (...).”<sup>42</sup>

A “fórmica”, citada como um revestimento novo e de alta resistência, é na verdade uma marca de laminado fenólico melamínico, que, a exemplo de “gilette”, incorporou, metonimicamente a marca pelo produto. Muito vulgarizado nas décadas seguintes, passou a recobrir os tampos das mesas e dos *buffets* que compunham os conjuntos de sala de jantar e armários de cozinha, devido,

<sup>42</sup> Jornal O Povo, Fortaleza, 18 jul. 1952.

principalmente, a sua facilidade de limpeza. É antes um revestimento de caráter utilitário, muito mais que nobre. A propósito, queima e risca sim.

No entanto, como o material citado é tido na conta de moderno, trata-se de associá-lo ao restaurante, com o intuito de evocar a idéia de apropriação pelo espaço, de uma característica que lhe seria intrínseca.

A inauguração da sede social em 1952, acontecimento que abalaria a rotina da cidade, repercutiu amplamente, envolvendo os diversos setores privilegiados. O próprio comércio tirou proveito, adquirindo produtos e artigos, visando ao incremento das vendas, como se pode constatar através do anúncio da Loja "A Cruzeiro".<sup>43</sup>

É provável também que muitas outras atividades fossem geradas, de forma mais efetiva, em virtude do tão propagandeado evento. Um crescimento da demanda, nessas ocasiões, aumentaria o volume de trabalho de profissionais como costureiras, alfaiates, sapateiros, engraxates, barbeiros, cabeleireiras, garçons, etc. envolvendo, ainda que de maneira indireta, outros segmentos sociais com as inaugurações do clube.

Em 1954, as descrições superlativas se fariam presentes novamente, quando da inauguração do "Salão Nobre".

"Preparado com requintes de arte e de bom gosto, o amplo e elegante recinto, que o Náutico vai inaugurar, impressiona, logo à primeira vista, pelo luxo e pela imponência de sua apresentação. Trata-se de um amplo salão, cujo piso e tecto primam pelo mais refinado acabamento arquitetônico e artístico. Três custosíssimos lustres dão-lhe especial graça e beleza e o mármore, que lhe reveste as paredes, completa o conjunto magnífico. Além disso, espelhos, um palco, a iluminação indireta, de que dispõe, e outros detalhes, que só será possível admirar por ocasião do baile que se anuncia, darão um aspecto incomum".<sup>44</sup>

**Nautico Atletico Cearense**  
— AVISO —

Para a grande parada de elegancia da festa de inauguração da parte social e restaurante do Náutico, o traje para cavalheiro será Smoking ou Summer Jacket

**VEJA OS PREÇOS DA "A CRUZEIRO"**

PARA TRAJES A RIGOR

Summer Jacket de tropical .....	Cr\$ 850,00
Summer Jacket de linho .....	Cr\$ 850,00
Summer Jacket de tropical com calça de Smoking .....	Cr\$ 1.450,00
Summer Jacket de linho com calça de Smoking .....	Cr\$ 1.450,00
Smocking completo .....	Cr\$ 2.700,00

Fique tranqüilo quanto a seu traje para a festa do Náutico, pois "A CRUZEIRO" tomou as providências, tendo mesmo alguns Summer Jackets para pronta entrega em sua Secção de roupas feitas.

**A CRUZEIRO**  
NO QUARTEIRÃO SUCESSO DA CIDADE  
RUA BARÃO DO RIO BRANCO N. 1030 — FONE: 27-63

Figura 73 – Anúncio da loja "A Cruzeiro". O Povo, 05 jul. 1952.

<sup>43</sup> Jornal O Povo, Fortaleza, 05 jul. 1952.

<sup>44</sup> Jornal O Povo, Fortaleza, 22 jan. 1954.

Em 1959, foi a vez de se inaugurar o Parque Aquático, projeto do arquiteto Roberto Villar Ribeiro<sup>45</sup>, com rituais olímpicos:

“(...) As festividades terão início com a ascensão de uma pira pelo primeiro sócio do Náutico Sr. Raul Carneiro. Um grupo de atletas de vários clubes partirá do primitivo local onde nasceu o clube alviverde, na Praia Formosa, conduzindo numa corrida de revezamento, o fogo simbólico, com o qual será acesa a mencionada pira (...)”<sup>46</sup>

A data da inauguração, escolhida de forma a coincidir com o 30<sup>o</sup> aniversário do clube, constitui mais uma estratégia de valorização do evento. Novamente a história do clube é lembrada em tom enaltecedor:

“O Náutico, clube que é um legítimo orgulho do povo cearense, festeja hoje o seu 30<sup>o</sup> aniversário de fundação. São raros os exemplos de crescimento tão extraordinário quanto o que experimentou o Náutico em três decênios. Tendo surgido num modestíssimo prédio da praia formosa, o qual teve o destino de ser tragado pelo mar, transformou-se, através dos anos, no maior clube do Ceará e um dos maiores do Brasil. Sua sede social tornou-se um dos pontos de atração turística de Fortaleza e seus dirigentes não têm poupado esforços e recursos para ampliar e embelezar o pequeno paraíso da Praia do Meireles. Como testemunho desse empenho, temos o fato culminante das atuais festas natalícias, que é a inauguração do fabuloso parque aquático um dos mais notáveis do país e da América (...)”<sup>47</sup>

Os procedimentos cívicos - hasteamento de bandeiras, canto do Hino Nacional, descerramento de faixa pelo governador, discursos de várias personalidades, aposição de placas inaugurais - conferiam um ar solene, ritualizando o acontecimento.

No caso do parque aquático, as comemorações estenderam-se por seis dias, de 03 a 09 de junho, encerrando-se com grande banquete.

As sucessivas inaugurações, que aconteceram em intervalos relativamente curtos, contribuíram para sedimentar a imagem do clube como

<sup>45</sup> É pertinente observar que já por essa época, 1959, começavam a penetrar no mercado arquitetos de formação universitária, ocupando o lugar dos antigos profissionais de formação prática. Essa afirmação no entanto, não se deu de maneira fácil e imediata. Havia mesmo desconhecimento acerca do que seria a profissão. As dificuldades no campo do exercício profissional levariam muitos arquitetos a trabalharem nos quadros técnicos do serviço público. Posteriormente, a criação da Universidade e da Escola de Engenharia leva esses profissionais a desempenharem atividades pedagógicas, atuando como profissionais do ensino, principalmente em disciplinas ligadas ao desenho. Sobre o assunto consultar CASTRO. *Ceará, sua Arquitetura e seus Arquitetos*. p. 13.

<sup>46</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 02 jun. 1959

<sup>47</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 09 jun. 1959.

algo em constante crescimento, sempre a perseguir um ideal de progresso, nunca suficiente.

Outras obras continuariam a ser implementadas, como a construção do ginásio coberto, e a construção de mais duas piscinas, em época mais recentes.

## **O LUGAR DO NÁUTICO NA VIVÊNCIA DAS ELITES URBANAS**

Numa época em que Fortaleza não dispunha de muitas alternativas em termos de equipamentos urbanos, o Náutico adquiriu várias funções como espaço de sociabilidade, no qual ocorreriam os mais diversos tipos de práticas de lazer, começando até a conformar um certo marcador social de eventos, espécie de calendário do divertimento na cidade (carnaval, concursos de miss, etc.)

Com efeito, a nova sede do clube veio suprir as demandas dos setores médios em processo de afirmação, em uma cidade que “inchava” desordenadamente. Os hábitos advindos de um anseio de modernidade, encontrariam no Náutico, o ambiente propício para se desenvolver.

Além dos fatos esportivos, dos bailes, festas dançantes e eventos comemorativos que integravam o calendário habitual – reveillon, carnaval, dia das mães, festejos juninos, celebrações patrióticas, Natal - uma incontável variedade de acontecimentos compunham o cotidiano do prédio do Meireles, consolidando aquele espaço como *locus* de convívio e deleite dos grupos privilegiados<sup>48</sup>.

Para que se tenha idéia, do alcance da instituição no panorama das práticas sociais fortalezenses, reproduzo algumas das notícias veiculadas no jornal *O Povo*, em curto espaço de tempo, 1953-1954, justamente no período

---

<sup>48</sup> O Náutico desempenhou nas décadas de 1950 e 1960, em escala muito maior, o mesmo papel que o clube Iracema em começos do século XX. Em Fortaleza os clubes monopolizaram os eventos sociais dos setores abastados ou emergentes. No Rio de Janeiro, matriz inspiradora de muitos comportamentos locais, essa função seria desempenhada pelos hotéis. Nesse aspecto notabilizou-se o “Copacaban Palace”, ponto de convergência do *society* carioca, palco de célebres festas, por onde desfilaram famosos, inclusive do cenário internacional. Consultar sobre o assunto, BOECHAT, Ricardo. Copacabana Palace. Um hotel e sua história. Rio de Janeiro: Editora DBA, 2002.

imediatamente posterior à inauguração do “Salão Nobre”.

Havia os eventos de natureza artística, envolvendo cantores, pintores e outras manifestações culturais. Nessas ocasiões, ao cultivo dos “bens do espírito” associava-se o efeito demonstração do “Salão Nobre”, cuja pompa requeria a circunstância do traje e da etiqueta.

As notas e convites para tais acontecimentos, veiculados nos jornais, evidenciavam sobretudo a configuração espacial do clube, em detrimento mesmo da relevância das qualidades do artista.

“ROBERTO GALENO NO NÁUTICO CEARENSE – o náutico atlético cearense está convidando os seus associados para mais um recital a realizar-se hoje no seu eminente Salão Nobre”.<sup>49</sup>

“EXPOSIÇÃO DE PINTURA NOS SALÕES DO NÁUTICO. Uma dúzia de quadros serão expostos no clube da Praia do Meireles – Amanhã, a inauguração. Encontra-se em Fortaleza há alguns dias, a consagrada pintora patricia Sinhá D’Amora, nome laureado nos circuitos artísticos nacionais, que veio aqui com o objetivo de expor alguns quadros (...)”.<sup>50</sup>

“NÁUTICO ATLÉTICO CEARENSE. Concêrto de Izabel Mourão. CONVITE. A diretoria do Náutico Atlético Cearense tem o prazer de convidar os seus associados e exmas. Famílias, bem como os admiradores da boa música, para abrilhantarem com suas presenças o grande recital da consagrada pianista brasileira Izabel Mourão, a realizar-se hoje, dia 7, a partir das 20 horas no Salão Nobre do clube. Traje passeio completo”.<sup>51</sup>

Outros, associavam-se aos assuntos que, em geral, constituíam objeto supostamente de interesse do segmento feminino, considerado mais atento às novidades e modismos. Aliavam-se também a uma estratégia de propaganda subliminar de marcas e produtos de possível consumo pelas elites ou da última tendência na decoração e na moda. Nesse sentido, o espaço do NAC funcionou igualmente como referenda de determinados bens e serviços modernos.

“Exposição de Decoração no Náutico, a ser inaugurada dia 14, às 16 horas. O Instituto Social de Fortaleza, instituição educacional de nível superior, vai promover uma oportuna exposição de decoração ainda este mês. Dela participarão as mais destacadas figuras da arte de decorar. A iniciativa é inédita em Fortaleza e recebe o valioso

<sup>49</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 16 fev. 1954.

<sup>50</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 31 mar. 1954.

<sup>51</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 07 nov. 1955.

patrocínio de quase duas dezenas de casas comerciais desta capital (...).<sup>52</sup>

Acontecimentos de natureza filantrópica ou intelectual também aconteciam nas dependências do Náutico, reafirmando o seu aspecto de múltiplos usos e / ou complementares..

“NAÚTICO ATLÉTICO CEARENSE. Conferência do poeta Faustino Nascimento. CONVITE. A Diretoria do Náutico Atlético Cearense tem o prazer de convidar os seus associados e exmas. Famílias e, de um modo geral os intelectuais da terra, sejam ou não sócios do clube, a se fazerem presentes à conferência que o ilustre poeta brasileiro Faustino Nascimento pronunciará no seu salão nobre, no próximo dia 3 de junho, Sexta-feira, a partir das 20 horas e 30 minutos, sobre o tema “Grécia de ontem e de hoje – continuidade do espírito grego”. Traje passeio completo”.<sup>53</sup>

“Bazar das Bandeirantes no Náutico – No próximo dia 11, às 20 horas, a Federação das Bandeirantes do Brasil, distrito de Fortaleza, vai inaugurar um bazar, no Náutico Atlético Cearense. A reunião prosseguirá ainda pelos dias 12 e 13, prometendo muita animação”.<sup>54</sup>

Afora todos esses eventos, de natureza variada, que aconteciam de forma regular, compondo a movimentada agenda do clube, outros havia, que se realizavam sistematicamente – cinemas, tertúlias, jantares – passando a constituir programa corriqueiro da sociedade local:

“Sessão Cinematográfica. CONVITE – A Diretoria do Náutico Atlético Cearense tem o prazer de convidar os seus sócios e Exmas. Famílias para assistirem, hoje, no Salão Nobre, a costumeira sessão cinematográfica, durante a qual será encenado o filme “Os comandos atacam de madrugada”, estrelado por Paul Muni. Traje passeio ou esporte distinto”.<sup>55</sup>

As sessões de cinema eram costumeiras. Havia as exhibições para as crianças, nos finais das tardes de domingo, e os filmes para adultos, no início das noites de quarta-feira, após o que se realizavam as famosas tertúlias, incrementadas, principalmente, nos períodos de férias. A programação cinematográfica era periodicamente divulgada pelos jornais.

Da mesma forma, o “jantar dançante” semanal era programa comum dos exclusivos freqüentadores do clube. Esses, que se iniciavam às 20 horas

<sup>52</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 05 mai. 1954.

<sup>53</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 03 jun. 1955.

<sup>54</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 04 nov. 1955.

<sup>55</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 24 mar. 1954.

prolongando-se até às 24, aconteciam sempre ao som de música ao vivo de orquestras, conjuntos ou músicos solo. Vários foram os artistas, da terra, do sul, ou até mesmo internacionais, que abrilhantaram as noites “nautiquinas”<sup>56</sup>, como o Trio Nagô, Os Milionários do Ritmo, a Orquestra Tabajara e a cantora portuguesa Maria Clara.

Os bailes se revestiam de importância à parte. Sempre noticiados exaustivamente pela imprensa, eram cercados de uma aura de requinte e *glamour*. As festas comemorativas do aniversário do clube, os *reveillons* e os bailes de formatura canalizavam as atenções dos setores abastados de Fortaleza. As festas de escolha de Miss Ceará ficaram indelevelmente associadas ao Náutico, que anualmente recebia o “grand monde” fortalezense por ocasião do certame. Nessas ocasiões, como de costume, as notícias da imprensa primavam pelo exagero:

“3 MIL PESSOAS NA ESCOLHA DE MISS CEARÁ 63 – O monumental acontecimento que a sociedade cearense, em peso, - mais de 3 mil pessoas – assistirá a noite de hoje no Náutico, se constitui incontestavelmente, na maior festa que se realiza no Brasil, em clubes, pois somente é superada pelo desfile para eleição de “Miss Brasil” no “Maracanãzinho”, no Rio. Na verdade, a noitada destinada à escolha de “Miss Ceará” é um acontecimento extraordinário, em beleza, organização e animação. (...)”<sup>57</sup>

Nos carnavais, também se sobressaía o Náutico, com suas festas animadas, em que imperavam os cuidados com a decoração e com a manutenção de um “ambiente sadio” e de respeito, compatível com a presença da “família alencarina”.

O nome do clube associa-se ainda ao do “Lions” e do “Rotary”, duas entidades de cunho assistencial e filantrópico, que o reverenciavam, ao utilizar as suas instalações para reuniões ordinárias ou para a realização de eventos diversos. Vários acontecimentos e promoções de natureza caritativa tiveram lugar nos salões do Náutico, segundo demonstram as notícias:

“NÁUTICO ATLÉTICO CEARENSE – Festa em benefício das vítimas da seca. \_ A Diretoria do Náutico Atlético cearense, em apoio à patriótica campanha que a “Rádio Iracema de Fortaleza” promove em benefício das vítimas da seca, tem o prazer de convidar o seu numeroso quadro social para a grande festa que, no próximo dia 30 do corrente (véspera do feriado), fará realizar em seus salões. (...)”<sup>58</sup>

<sup>56</sup> O adjetivo foi uma criação do cronista Mozart Soriano Aderaldo.

<sup>57</sup> *Jornal Correio do Ceará*, Fortaleza, 01 jun. 1963.

<sup>58</sup> *Jornal O Povo*, Fortaleza, 28 abr. 1953.

FESTIVAL PRÓ-CARMELO NO NÁUTICO – No próximo Sábado, às 20 horas, no náutico Atlético cearense, haverá o II Festival Pró-Carmelo, com a finalidade de conseguir donativos para auxiliar a construção da enfermaria do convento das carmelitas nesta capital. (...).<sup>59</sup>

NOITE DE CHARME NO NÁUTICO – Realiza-se, esta noite, nos amplos salões do Náutico Atlético cearense, uma festa dançante, cuja renda reverterá em benefício da construção da Casa da Mãe Solteira. É uma promoção que conta com o patrocínio do Rotary Club de Fortaleza”.<sup>60</sup>

a  
 “DESFILE DE MODA INFANTIL NO NÁUTICO PRÓ SANTA CASA – Grande promoção destinada a alcançar melhor sucesso, terá lugar no próximo dia 19, nos salões do Náutico Atlético cearense. Trata-se de um grande desfile de modas infantis – iniciativa das mais louváveis de Odete Acioli Fernandes, digníssima esposa do General André Fernandes, comandante da 10ª RM. Toda a renda reverterá em benefício da Santa casa de Misericórdia que, como se sabe, passa por grandes dificuldades. (...).<sup>61</sup>

O uso do espaço do clube para a filantropia, ratifica o caráter de superioridade da agremiação, na medida em que, a caridade é uma estratégia comumente utilizada pelos poderosos, para legitimar a sua situação de classe. No ato de benemerência, define-se por parte de quem dá, a posição de vencedor e da parte de quem recebe o papel de subalterno.

A requisitada agenda do Náutico era preenchida também, com grande variedade de eventos, de caráter institucional, tanto por parte da iniciativa privada, como pelo setor público, que sempre preferiu o prédio do Meireles para a realização de almoços ou recepções de natureza política.

Com efeito, a “parceria” do clube com o poder constituído fica claramente evidenciada, pela constante presença de governadores, prefeitos, deputados e diversas outras autoridades, nos acontecimentos promovidos pela entidade. Não raro, realizavam-se homenagens a personalidades do meio político, como exemplificam as manchetes abaixo:

“FESTA NO NÁUTICO EM HOMENAGEM AOS CHEFES DO EXECUTIVO ESTADUAL E MUNICIPAL”.<sup>62</sup>

“FESTA DE RECEPÇÃO AO GENERAL HUMBERTO CASTELO BRANCO”.<sup>63</sup>

<sup>59</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 03 abr. 1957.

<sup>60</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 23 e 24 abr. 1966.

<sup>61</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 03 set. 1964.

<sup>62</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 30 jan. 1953.

A “boa aparência” era condição indispensável aos freqüentadores do clube. Para a grande maioria dos eventos exigia-se o traje “passeio completo”. Essa recomendação vinha explícita, inclusive, nos convites que os jornais reproduziam. Para os eventos de maior significação, exigia-se o “traje a rigor”, ficando patente a não aceitação do desrespeito a essa regra:

“NAÚTICO ATLÉTICO CEARENSE – Festas de Inauguração. A Diretoria do Náutico Atlético cearense comunica ao seu quadro social que a festa inaugural do restaurante, do Dancing, da Entrada Principal do Clube e outras dependências, será com traje A RIGOR, ou seja: Casaca, Smoking ou Summer para homens e traje de baile para senhoras e senhoritas. Por oportuno, lembra a Diretoria que simples paletó ou jaquetão branco não será considerado Summer”.<sup>64</sup>

As exigências, com relação à indumentária, aconteciam, inclusive, nas festas de carnaval, nas quais só se aceitariam “traje passeio completo” ou “fantasia distinta”. Disfarces simples e improvisados também eram julgadas inadequadas ao carnaval do clube:

“(…) Com relação a fantasias, sobretudo para o Baile de Sábado, a Diretoria avisa que não serão havidas como tais, camisas de meia, camisas comuns, embora com disfarce, simples calças curta e outras semelhantes, reservando-se o direito de não permitir o ingresso a quem não se apresente convenientemente trajado ou ostente fantasia grosseira ou ofensiva ao decoro (...)”.<sup>65</sup>

Existia portanto, da parte da Diretoria, a preocupação no sentido de manter a ordem e o controle sobre o quadro de sócios, de maneira a conservar, inclusive, um certo grau de homogeneidade com relação à aparência.

Igual rigor havia, no que diz respeito ao pagamento das mensalidades. Nos convites, divulgados com extrema freqüência nos jornais, ao lado das recomendações no tocante às vestimentas, fazia-se o lembrete da apresentação da carteira de sócio e do comprovante de quitação da mensalidade.

---

<sup>63</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 04 dez. 1952.

<sup>64</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 11 jun. 1953.

<sup>65</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 26 fev. 1954.

### • LAGOSTA À THERMIDOR

Ao lado de prestar serviços relacionados à venda de alimentação pronta, o restaurante<sup>66</sup> adquiriu historicamente o estatuto de lugar de sociabilidade. É um espaço de exposição, de convívio social, que às vezes suplanta mesmo a sua função precípua. Ponto de interseção entre o público e o privado, constitui o cenário de uma atividade social prazerosa.

Na década de 1950, quando não se imaginaria, nem de longe, a profusão de restaurantes que viriam a existir em Fortaleza, o restaurante do Náutico constituiu uma opção que se impôs, sobremaneira, na preferência dos setores abastados da população, incrementando o hábito de “comer fora”.

Nesse tempo, as raras “casas de pasto” existentes na capital localizavam-se preferencialmente no centro, direcionadas que eram ao fornecimento de refeições às gentes que desempenhavam atividades naquele setor. Além dessas, algumas outras se localizavam nos poucos hotéis, como o Excelsior, Palace, Astória e Brasil. Fora desse circuito, havia o restaurante do Ideal, de melhor nível, porém seletivo e distante.

Embora já existissem o “Ramon”<sup>67</sup> e o “Estoril”<sup>68</sup>, O restaurante Lido, inaugurado na década de 1950 defronte ao Hotel Iracema Plaza, foi o primeiro localizado para os lados da praia, a ser freqüentado pela elite, como comenta Marciano Lopes:

“O francês Charles Delleva abriu, na Praia de Iracema, adaptando a antiga casa praiana da família Markan, o revolucionário Restaurante Lido, algo realmente novo e diferente no ramo em Fortaleza. Nem é

<sup>66</sup> O surgimento do restaurante, tal como o percebemos modernamente, se deu Paris na segunda metade do século XVIII, em época próxima a da revolução francesa. Sua origem deriva-se das primitivas casas que vendiam um certo tipo de caldo restaurador das forças de quem o consumisse. O *restauranter* seria o dono do estabelecimento. Após a queda do Antigo Regime o ramo seria incrementado devido a dois fatores: a liberação da mão-de-obra dos *chefs* que trabalhavam para a nobreza e a aristocracia derrotadas e a abolição das *Guildas* que controlavam as corporações de operários, negociantes, artesãos e artistas, restringindo o seu raio de ação. Esses dois aspectos contribuiriam para o florescimento dos negócios individuais. Sobre o assunto consultar ARIIVALDO, Franco. *De Caçador a Gourmet. Uma História da Gastronomia*. São Paulo: Editora SENAC. SPANG, Rebeca. *A Invenção do Restaurante*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

<sup>67</sup> O restaurante do Ramon, na verdade “Restaurante Beira Mar” foi inaugurado em abril de 1926 na Rua Pacajus, 71. Era de propriedade da firma Ramon & Barbosa. Sua freqüência era mais masculina. Lá se realizavam também jantares de homenagem feitos mediante adesão dos participantes.

<sup>68</sup> O restaurante Estoril se instalou no antigo palacete de José M. Porto, que serviu de clube para os oficiais americanos durante a segunda guerra. Em 1948 foi arrendado pelos portugueses José Freire de Almeida e Antônio Portugal, passando a se constituir em um ponto de encontro de alguns boêmios, seresteiros e intelectuais.

preciso dizer o que significou essa moderníssima “casa de pasto” para a sociedade fortalezense. Todos acorreram ao novo “point”, que além de amplo e altamente simpático, oferecia um cardápio de fazer água na boca, principalmente no que concerne aos peixes e demais frutos do mar. E vale a pena salientar que foi a cozinha do Lido o laboratório experimental da lagosta. Foi ali que nasceu o nobre crustáceo para os cardápios locais”.<sup>69</sup>

Mônica Arruda, também se refere ao Lido, em seu depoimento, como sendo o primeiro “restaurante fino” da cidade. Além dos mariscos, ela lembra dos excelentes vinhos e champanhe e do “filé ao molho de ervas”, uma especialidade da casa, sofisticada para os padrões locais.

Nessa realidade, surgiu o restaurante do Náutico, em área ampla, dito de excelente cozinha, primando pela qualidade da comida e do serviço. Segundo as informações da entrevistada<sup>70</sup>, eram famosas as feijoadas que aconteciam aos sábados no clube, “*de onde saíamos ao cair da tarde*”. Lá se encontrariam também homens de negócios formando grandes mesas, onde eram discutidos assuntos relativos às atividades empresariais. Seriam esses, os almoços de negócios tão comuns nos dias atuais, o que faz com que os restaurantes atuem também como um prolongamento dos escritórios.

Tornou-se costume, ao se receberem visitas ou hóspedes, levá-los a conhecer e a saborear os pratos da “cozinha nautiquina”.

Por lá passariam vários *chefs* e *mâitres*, que se tornariam nomes conhecidos. Um desses, que permaneceu por muito tempo, foi o Rivoni, a quem se credita a introdução do “peixe à delícia” e a sofisticação na maneira de servir. Teria também instituído o *couvert*, prática ainda não usual na cidade.

Dos pratos que compunham o cardápio do restaurante do NAC, o que alcançou maior notoriedade foi, sem dúvida, a célebre “lagosta à thermidor”<sup>71</sup>.

Sobre esse prato, manifesta-se Lopes:

“Relembro, e por que não dizer, com infinita saudade, minhas primeiras incursões gastronômicas naqueles idos tão maravilhosos. Solitário, que sempre fui de circular só, costumava ir ao Náutico, deliciar-me com a sua incomparável lagosta à thermidor. E confesso que jamais comi outra igual”.

<sup>69</sup> LOPES, Marciano. 1993, p.160

<sup>70</sup> Mônica Arruda é sócia do Ideal Clube, presença assídua nos eventos sociais da Fortaleza das décadas de 1950 e 1960. Gentilmente nos concedeu entrevista, na qual evocou as suas recordações sobre essa época.

<sup>71</sup> Lagosta com molho à base de iogurte e mostarda.

A imprensa também acompanhava as mudanças e inovações que aconteciam na cozinha do Náutico, como demonstra a seguinte matéria:

“Chegou para o restaurante do Náutico Atlético Cearense o “mâitre” hotel que vinha sendo esperado desde algum tempo. Trata-se do Sr. Lucílio Gonçalves, com especialização também na cozinha internacional. Serviu no Copacabana Palace Hotel e no Brasília Palace hotel, além de outros hotéis de primeira categoria do Rio e São Paulo. Já orientou serviços da cozinha do Itamarati, por ocasião de grandes recepções a embaixadores estrangeiros e outros visitantes ilustres. Terá agora o moderno restaurante alvi-verde nova orientação, bem como completa reforma. Os seus freqüentadores estão de parabéns. Funcionará uma cozinha de alta classe”.<sup>72</sup>

Apesar da boa qualidade da comida e do serviço e do ambiente agradável, Mônica Arruda não deixa de mencionar o desconforto que causava a ventania, uma vez que os espaços abertos deixavam entrar, sem cerimônia, a brisa marinha: “A gente ficava o tempo todo, puxando o cabelo”. Recorda-se também do fato de que, “quando Waldemar Alcântara assumiu o governo, mandava todas as refeições virem da cozinha do Náutico, pois “era a melhor cozinha da época”.

A boa comida do clube chegou, por um certo período e por vias não tão *glamourosas*, a representar um prazer inclusive para alguns mendigos da cidade, que saciavam a sua fome com os “restos” dos pratos que o restaurante iria destinar ao lixo. Audifax Rios, um atento registrador do cotidiano da cidade e de suas gentes anônimas, contador de histórias e “causos”, refere-se, em um dos seus livros, a uma certa fila que se formava próximo à porta de serviço do clube, à espera do tão festejado alimento.

Pelo tom pitoresco e singular da narrativa, transcrevo-a, com o fim de ilustrar o alcance do nome da entidade no contexto urbano, chegando até mesmo ao conhecimento das populações menos favorecidas:

“Naquele tempo o Náutico não olhava para o mar. Sua entrada principal ficava sob uma torre circular na confluência das avenidas Abolição e Desembargador Moreira, em cujas escadarias a fina flor tinha acesso ao suntuoso casarão. Enquanto a alta sociedade degustava, no almoço, as mais sofisticadas iguarias, na calçada do lado, formava-se uma longa fila de mendigos que, com uma lata de goiabada à mão, esperavam as migalhas para matar a fome. O contraste era tão gritante, que alguns dos sócios, indignados, solicitaram da Diretoria o fim daquela capa do outro lado social. Era

<sup>72</sup> Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 28 out. 1960

bonito sim, mas a fila de maltrapilhos enfeiava muito mais o bom nome do clube.

Pois enquanto a enfeira de esmolambados existiu, Chaparral comeu do bom e do melhor. Era tarde, certo, lá pras três horas, mas valia a pena esperar. Vinha comida que seu estômago até refugava espantado. E tão habituado estava Chaparral com almoço atrasado, que até seu relógio biológico se adaptara àquela circunstância.

Num meio dia desses, cruzando com ele no Mercado dos Pinhões, em cuja calçada dormia, perguntou-me as horas. Olhei para o relógio só para dizer e chutei: "Três e meia".

E ele entre espantado e desolado:  
- Xil, perdi o almoço do Náutico".<sup>73</sup>

Aliando criatividade e algum tempero ficcional, o autor afirma que o episódio envolvendo o mendigo "Chaparral" realmente aconteceu. A veracidade do fato, contudo, não invalida, ao contrário, corrobora, a consideração de que o restaurante do clube era de fato um referencial no universo urbano.

#### • VIVENDO DE FESTAS

No final da década de 1960, quando já se faziam sentir os sinais do esvaziamento lento e gradual que viria a caracterizar a freqüência aos clubes sociais nas décadas seguintes, o Náutico implementou dois eventos que passaram a fazer parte do seu calendário anual, durante certo período: O Carnaval da Saudade e a Feira das Nações.

Possivelmente, esses eventos constituíssem tentativas de fortalecer e injetar ânimo numa realidade que já se apresentava diferente dos anos anteriores em termos de primazia.

O primeiro "Carnaval da Saudade" aconteceu em 1968. Tratava-se de uma festa carnavalesca, realizada no "sábado magro" que precedia o período momino, cuja pretensão era reviver o clima dos antigos carnavais por meio de rigorosa seleção musical, na qual figuravam sucessos populares imortalizados principalmente nas vozes dos cantores da época de ouro do rádio. Todo o repertório era divulgado em pequenos folhetos, impressos pela Tipoprogresso, os quais continham, além das letras das músicas com respectivos autores e intérpretes, informações e curiosidades adicionais a respeito das mesmas.

<sup>73</sup> RIOS. *Rega-Bofe no Náutico*. p. 25.

Assim foi noticiado pelo jornal "O Povo", o primeiro ano da promoção:

"CARNAVAL DA SAUDADE. Originalidade de 68. – Em pleno esforço geral para recolocar, senão o carnaval brasileiro, pelo menos o cearense na sua posição ímpar de três décadas passadas, quando nos foram legadas as mais lindas criações musicais, promoverá o Náutico Atlético Cearense o "Carnaval da Saudade", máximo acontecimento momesco em Fortaleza, este ano. Com a colaboração do discófilo Cristiano Câmara, foram coligidas em brochura 53 letras de músicas carnavalescas lançadas desde 1899 ("O Abre Alas"), até o ano passado ("Máscara Negra").

Um dos mais autênticos representantes da velha guarda estará presente ao "Carnaval da Saudade". Carlos Galhardo, criador de "Catarina", "Alalaô", "Cadê Zazá", etc. Na reunião de ontem da diretoria do clube alvi-verde foram acertados os detalhes finais da festa, quando também foi lançado durante coquetel, folheto cujas músicas serão cantadas na grandiosa festa de Sábado Magro do Náutico, e que será distribuído gratuitamente entre os participantes da festa".

As capas dos folhetos, dos primeiros quatro anos da festa, foram elaboradas por Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez), segundo ele, inteiramente de graça.



Figura 74



Figura 75



Figura 76



Figura 77



Figura 78

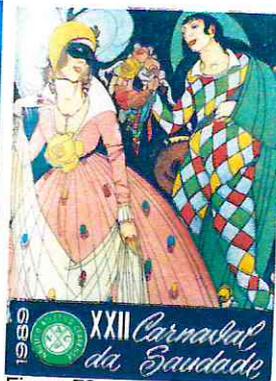


Figura 79



Figura 80

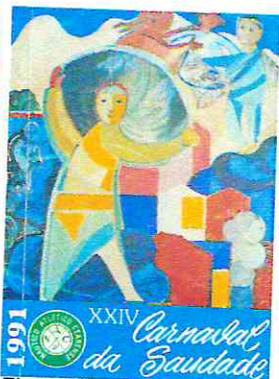


Figura 81

Folhetos do Carnaval da Saudade contendo as músicas a serem tocadas na festa. Arquivo Audifax Rios.

Também gratuita era a preparação do repertório feita pelo musicólogo Cristiano Câmara, que se encarregava de acompanhar pessoalmente os ensaios da orquestra<sup>74</sup>. Os arranjos procuravam, na medida do possível, manterem-se fiéis aos originais. Eram insistentemente colocados para tocar os discos das primeiras gravações para que os músicos percebessem e reproduzissem todos os detalhes sonoros. A orquestra Paulo de Tarso, inquestionavelmente, ligou também o seu nome a esses carnavais.

Ao longo do tempo, observa-se a recorrência da maioria das músicas, sucessos inquestionáveis dos carnavais de outrora.<sup>75</sup> A festa alcançou grande repercussão, constituindo-se num sucesso que perduraria por muitos anos.

Cristiano Câmara deixou de coordenar a parte musical do “Carnaval da Saudade” em 1990, motivado pela ocorrência de algum desentendimento entre ele e a diretoria do NAC. Disse também que ficou desgostoso quando o clube resolveu colocar “*moças seminuas*” dançando ao som das inocentes marchinhas carnavalescas. Sinal dos tempos!

Curiosa é essa busca por reviver um tempo passado. No “Carnaval da Saudade”, como o próprio nome sugere, estariam presentes a fantasia e o anseio de resgatar uma outra realidade desaparecida, mas que, aos olhos daquela época, se apresentava mais risonha e feliz.

A Festa das Nações, instituída em 1969, seria o outro evento, prestigiado anualmente pelo público em geral.

A inspiração de montar um tipo de feira direcionada a exposição dos “aspectos culturais” de vários países, em Fortaleza, teria ocorrido ainda em 1930, quando no dia 10 de maio foi iniciada uma “Feira das Nações” no Passeio Público, uma espécie de quermesse, que congregava diversos pavilhões.

Segundo está registrado na edição da revista comemorativa do 70º aniversário do Náutico, os objetivos de tal evento seriam:

<sup>74</sup> O ensaio da orquestra, que tocava no Carnaval da Saudade, acontecia na própria casa de “Seu” Cristiano. Eu mesma cheguei a assistir a alguns desses ensaios. Pelos serviços prestados, ganhava o pesquisador, o direito a uma mesa, para participar da festa com a família.

<sup>75</sup> Aparecem freqüentemente nos folhetos as músicas: A Jardineira, Ô Abre alas, Alá-lá-ô, Aurora, Bandeira branca, Cachaça, Mamãe eu quero, Lata d’água, Máscara negra, Zé Pereira, Pierrot apaixonado, etc.

a) possibilitar a criação de um espaço onde as colônias ou grupos de interesses locais oportunizem negócios; b) potencializar a divulgação da cultura internacional; c) divulgar os programas de bolsas de estudo no exterior, assim como cursos especiais e de intercâmbio; e) procurar, dentro do mundo globalizado, difundir os valores humanos de cada país, representado através da música, pintura, literatura, tecnologia, turismo, gastronomia, etc.”<sup>76</sup>

Para isso, eram destinados espaços onde os diversos países montavam exposição de produtos e comidas típicas, além da venda de pacotes turísticos e cursos no exterior. Havia a realização de *shows* onde se apresentavam grupos folclóricos de dança e canto, assim como outras manifestações artístico-culturais.

Segundo “Seu” Avelino, antigo funcionário do clube, a Feira era promovida principalmente pelas famílias dos cônsules, dos vários países, em Fortaleza, que compunham a “Organização das Nações Amigas”.

A exemplo da “Feira dos Municípios”, de caráter mais popular por concentrar principalmente as atenções das comunidades interioranas, a “Feira das Nações” teve o seu período de importância no calendário anual de eventos do grêmio alvi-verde.

#### • MENTE SÃ EM CORPO SÃO

As atividades físicas sempre estiveram presentes na vida dos homens, desde tempos imemoriais<sup>77</sup>, assumindo características compatíveis com a realidade histórica no qual viviam.

Nas comunidades primitivas possuíam o caráter utilitário, manifestado nas atitudes de ataque e defesa que garantiam a sobrevivência. Na Antigüidade, evidenciavam-se nas diversas formas de lutas, jogos, ou preparativos para a guerra. Na Grécia, onde se cultivava o ideal de beleza

<sup>76</sup> É relevante observar que essa definição do que seria a Festa das Nações foi elaborada em período bem posterior àqueles primeiros eventos. Basta que se observem termos característicos do vocabulário atual como “oportunizem” e “globalizado”. Na verdade a festa tinha mais o caráter de conagraçamento, entre as incipientes colônias estrangeiras. Havia também uma certa ligação entre os consulados a as Casas de Cultura da Universidade, que também se envolviam no evento. Revista “NÁUTICO”, Ano 1, N°1 – Jan/Dez/99.

<sup>77</sup> Sobre a História dos esportes e das atividades físicas, consultar: SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. *O Universo da Ginástica: evolução e abrangência*. Coletânea do V Encontro de História do esporte, Lazer e educação Física. Maceió, 1977. MARINHO, Inezil Penna. *Contribuição para a história da Educação Física no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943. SOARES, Carmem Lúcia. *O Pensamento médico higienista e a educação*

humana, a educação corporal era valorizada em Atenas, assim como a formação física com finalidades bélicas em Esparta. Em Roma, os exercícios físicos relacionavam-se ao treinamento dos exércitos para as conquistas militares, ao mesmo tempo em que práticas desportivas eram oferecidas como espetáculo nas corridas de carros e combates de gladiadores.

Os soldados dos exércitos que compunham as Cruzadas, durante a Idade Média, praticavam exercícios físicos. A esgrima e a equitação eram práticas dos nobres, exibidas na justas e torneios.

A partir do início da "Era Moderna", os exercícios físicos se vão paulatinamente valorizando, como agente de educação. Vários estudiosos elaboraram obras ligadas ao campo da pedagogia, fisiologia e técnica, iniciando um grande movimento de sistematização da ginástica.

Até o início do século XIX, as formas comuns de exercícios físicos manifestavam-se nos jogos populares, danças folclóricas e regionais e atletismo. A partir daí, surgiram quatro tendências ou escolas na Europa, voltadas para as práticas das atividades corporais: As escolas Alemã, Sueca, Francesa e a escola Inglesa. As três primeiras enfocaram prioritariamente a ginástica, elaborando métodos e sistematizando exercícios. A última, priorizou os jogos, as atividades atléticas e o esporte em geral.

É razoável concluir que a influência inglesa tenha prevalecido no Brasil, principalmente pela introdução do futebol. Quanto às práticas de exercícios corporais, passaram a ser objeto de constante preocupação nas sociedades industriais, visando à correção de vícios e posturas oriundas das atividades laborais. Tal aspecto, conferiu-lhe uma vinculação com a medicina, impregnando-a de *status*.

Não seria descabido, inferir que, ainda sob os influxos do discurso higiênico e modernizador, os esportes e as atividades físicas tenham desempenhado forte apelo junto aos setores jovens, dos anos iniciais do século XX. A sua vulgarização, no entanto, ocorreria de forma paulatina, só aos poucos passando a integrar, de forma ampla, o cotidiano das populações citadinas.

Com referência ao Náutico, é histórica a associação do clube com as atividades esportivas, uma vez que sua gênese vincula-se justamente, aos jovens que as praticavam na Praia Formosa, como se sabe. Apesar disso, o “fazer esportes” na Fortaleza daqueles anos, era visto, de forma geral, como excentricidade de juventude. Moreira Campos, lembrando os seus tempos de “atleta”, diz:

“Não havia a prática de esporte, a não ser o futebol que sempre houve. Iniciava-se o vôlei, o basquete... era início de tudo. A gente descia para o Náutico, acabava o banho de mar, vinha para a guarita, onde guardávamos os calções e havia uma barrica cimentada, com água fresca, água doce, pra gente se lavar do sal do banho de mar. E umas quadrazinhas de esporte, mas muitas ocupadas pelos pescadores, que nos viam fazendo ginástica e pensava que a gente era doido”.<sup>78</sup>

Enfocando a atuação do NAC, é justo concluir que nenhuma outra agremiação de Fortaleza teve um envolvimento tão efetivo com o setor. O clube é responsável, inclusive, pela introdução, no Ceará, de algumas modalidades de jogos como o basquete e o vôlei masculino e feminino para jovens e adultos. Em 1943, organizou a Federação Cearense de Basquetebol.

Curiosamente, apesar de ser o seu símbolo, um par de remos cruzados na diagonal, o esporte marítimo não foi, exatamente, uma modalidade de destaque no universo esportivo do clube.

Em conversa informal, Liberal de Castro comenta sobre a incompatibilidade das águas oceânicas cearenses com a prática de certos esportes náuticos. O mar é bravio e a conformação da



Figura 82



Figura 83  
Aspectos das quadras esportivas do Náutico na década de 1950. Arquivo Náutico.

<sup>78</sup> SOUZA, S.; PONTE, S.R. (org). *Roteiro Sentimental de Fortaleza*. p.41.

costa parece querer expulsar aqueles, mais afoitos, que se aventuram em enfrentá-la. Mesmo assim, registraram-se algumas poucas competições de remo, que se teriam iniciado em 1933. A mesma contradição quanto ao nome, verificar-se-ia com o Clube de Regatas Barra do Ceará: Náutico sem remos. Regatas, sem regatas.

Ainda no ambiente marinho, em 1935, o clube patrocinou a primeira "Prova Heróica de Natação", com percurso do Mucuripe a então Praia Formosa. Nessa ocasião destacaram-se Vandemberg Colares, Lobinho e Wilson Secundino, nomes ligados aos primeiros tempos da guarita. Pelas datas dos eventos, constata-se que a incursão dos atletas em aventuras no mar acontecem ainda de período anterior à sede do Meireles, talvez guardando identificação apenas com aqueles atletas, uma vez que, nos anos mais recentes, a idéia de esporte náutico não encontra uma forte correspondência com o clube.

Se as águas do mar se apresentavam hostis, as águas das piscinas eram bem mais dóceis. Após a instalação do seu parque aquático (1959), o clube realmente passou a valorizar esse terreno de competições.

Na época em que se construíram as piscinas, o Náutico contava com um conjunto composto por: uma piscina olímpica de 50 por 25 metros, uma de saltos de 20 por 11 metros e outra para crianças de 22 por 12 metros. Circundando as piscinas existem arquibancadas em condições de acomodar até cinco mil pessoas. Segundo uma publicação comemorativa dos 70º anos do clube, à época de sua inauguração, o parque aquático do clube seria o "maior do Brasil". A essas três piscinas, somar-se-iam mais duas, menores, uma para adultos e outra para crianças, construídas em época mais recente.

Do quadro de atletas de natação do Náutico, sairia Hedla Lopes, nadadora que conseguiu projeção nacional, sagrando-se campeã em vários torneios, tendo sido, inclusive, a primeira representante do Norte e Nordeste a participar de jogos Pan-Americanos.

O Vôlei e o Basquete foram modalidades em que o Náutico sempre se destacou. O Voleibol passou a ter destaque a partir de 1952, quando foi fundada a Federação Cearense de Voleibol. O técnico contratado na época, João Santos, conquistou vários títulos. Em 1962 a equipe masculina sagrou-se tricampeã estadual.

O Basquete, desde 1942, já constituía uma atividade de investimento do clube. Nesse ano, chegou a criar uma Liga interna a fim de melhor coordenar e desenvolver as atividades do esporte. No âmbito estadual, conquistou vários títulos envolvendo a categoria juvenil até a adulta. Em 1957, o clube alcança destaque nessa área, fora do estado, quando alcançou o vice-campeonato do 2º Torneio de Clubes Campeões do Nordeste, realizado em Natal-RN. Em 1959, venceu o primeiro título nacional de uma equipe local, sagrando-se vice-campeão brasileiro juvenil de basquete masculino.

Quanto ao Tênis, em 1950 foram inauguradas as duas quadras do clube. O sucesso alcançado por seus atletas fez com que em 1959, a agremiação possuísse quase todos os títulos do Estado.

Nas quadras do Náutico realizaram-se alguns campeonatos brasileiros. A tenista Maureen Schwartz, atleta ganhadora de muitos títulos, em nível nacional, que lhe credenciaram a participar, inclusive, de famosos torneios no exterior, foi "cria" do Náutico. O seu sucesso, influenciou na escolha do clube para sediar o 40º Campeonato Brasileiro Aberto de Tênis em 1964.

Nas décadas que se seguiram ao período recorte do nosso estudo – 1950-1970 - o Náutico consolidou, cada vez mais, suas atividades no campo esportivo, tendo conquistado vários títulos ao nível local e regional. Vários atletas de suas equipes foram convocados para integrar as seleções cearenses, nas disputas dos campeonatos brasileiros das diversas modalidades.

Seria a atuação do clube no campo esportivo mais um motivo de "orgulho para os cearenses". Encontram-se expostos nas estantes de sua sede, vários troféus e medalhas, testemunhas da atuação do clube no universo esportivo. De certa forma, seria esse também o motivo pelo qual setores jovens se sentiriam atraídos pela agremiação.

Mônica Arruda comenta que, com a valorização do esporte pelo Náutico, os sócios do Ideal passaram a também adquirir ações daquele clube, com a intenção de satisfazer, mais aos jovens de suas famílias.

Visto sob a perspectiva social, ser atleta ou fazer esporte no NAC era signo de *status*. Os calções e camisas com o nome e o par de remos estampados constituíam uma grife.

## O MAIOR DO BRASIL!

Manifestações de exagero e enaltecimento sempre caracterizaram os discursos proferidos a respeito do Náutico, viessem eles do lado da imprensa ou de grande parte da população urbana da época, como já analisamos. Isso é

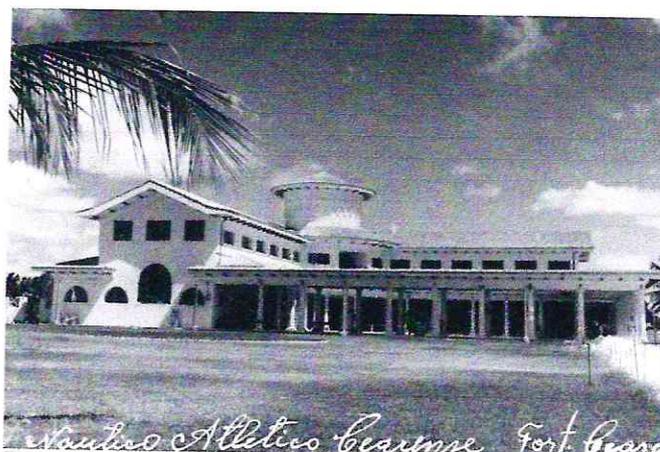


Figura 84 – Náutico Atlético Cearense na década de 1950. Foto Sales. Arquivo Náutico.

evidenciado através das inúmeras notícias que povoaram os jornais, ou mesmo através de depoimentos, como o de “Seu” Alberto Damasceno:

“Na década de 50 e 60 o Náutico era considerado o orgulho de Fortaleza. Na realidade se costumava dizer que o Náutico era o maior clube da América Latina. A gente exagerava, mas não tinha como comprovar não é? (risos), então ficava valendo. Mas era um dos pontos turísticos da cidade. Uma pessoa que viesse a Fortaleza tinha que conhecer o Náutico. O Náutico teve um apogeu que foi uma coisa incrível. Você quando queria fazer um almoço, um jantar ou alguma coisa que pudesse mostrar o Náutico, que mostrasse a vaidade de quem estava contratando o Náutico... e era difícil se conseguir uma vaga. O Náutico tinha um calendário, uma agenda completamente lotada de eventos. Então, todo mundo queria conhecer o Náutico. Mesmo as pessoas que vinham de fora já vinham com informações. Ah! Eu quero conhecer esse clube! Por quê? Porque a gente dizia, nós espalhamos isso, nós cearenses, com muito orgulho, que era o maior clube da América Latina. Então todo mundo queria conhecer”.<sup>79</sup>

“Palácio do Meireles”, “Palácio da Volta da Jurema”, “Palacete da Praia do Meireles”, “Colosso do Meireles”, “Palácio Encantado do Meireles”, “Sala de Visitas do Ceará”, são algumas das várias denominações utilizadas pela imprensa para se referir ao Náutico. Ao lado dos títulos, as palavras: elegante, majestosa, luxuosa, aristocrática, e outras da mesma natureza, são constantemente evocadas para adjetivar a sua sede.

<sup>79</sup> Alberto Damasceno, em entrevista concedida em julho de 2003.

O clube mantinha em sua secretaria um "livro de impressões", no qual os visitantes da terra e os turistas escreviam palavras de elogio e admiração. Um desses registros, que ficou famoso, sendo apresentado como um atestado do orgulho alviverde, aliado aos "tantos outros", foi o depoimento do escritor Érico Veríssimo, que provavelmente, por delicadeza escreveu:

"Sem intenção de lisonja posso afirmar que este é o mais belo clube do gênero que conheço. Para mim ele só tem um defeito: é o de não estar em Porto Alegre, onde vivo e onde poderia gozá-lo. Parabéns. (Novembro de 1951)".

Outros depoimentos também se registraram no dito livro de impressões, dentre eles o do escritor José Lins do Rêgo e do compositor Ary Barroso, todos no mesmo tom elogioso.

Os motivos das expressões de orgulho, talvez encontrem explicação nas variadas dimensões que envolvem o anseio de afirmação e a busca de reconhecimento de uma classe que buscava um veículo de exteriorização de poder, ou seja de uma "classe média", que começara a demarcar o seu espaço de domínio, possivelmente, em oposição ao espaço "aristocrático" e "fechado" do Ideal.

Em depoimento registrado em publicação comemorativa do 70 anos do clube, diz Lustosa da Costa:

"O alviverde era o clube da classe média mais conservadora. Sua diretoria não abrigava ricos e sim, pequenos empresários, bancários, funcionários públicos e militares".

Mônica Arruda também se refere as características do quadro social do Náutico:

"O Náutico era de classe média. O pessoal que tinha dinheiro e não ia para o Ideal, ia para o Náutico. Romeu Aldigheri chegou aqui, ficou rico, achava o Ideal esnobe e foi para o Náutico, onde ele dominava e era o rei da cocada preta".<sup>80</sup>

A vaidade, despertada pelo clube, no entanto, extrapolaria os limites do seu quadro de associados, sendo apropriada por grande parte da população, pelo menos aquela que tomava conhecimento da existência do "lado bom da cidade".

Esses sentimentos de orgulho e vanglória, encontrariam expressividade através da arquitetura do prédio, que veicula uma mensagem

<sup>80</sup> Mônica Arruda, em entrevista concedida em junho de 2003

de conteúdo majestático. Intencionalmente ou não, alguns elementos componentes do edifício reportam à imagem de palácio ou castelo sedimentada no imaginário popular.

A história do clube é sempre contada em tom épico, e o arrojo empresarial de seus fundadores e presidentes, encarado como uma prova de obstinação e nobreza de espírito, qualidades peculiares ao povo cearense. Não raro são comparados a heróis. Exemplo bastante ilustrativo é a matéria veiculada por ocasião da passagem do 25º aniversário do Jornal "O Povo":

"Jóia encravada à beira-mar – Como nasceu e como prosperou o clube alvi-verde – "Vamos construir uma sociedade!" – Da modesta guarita da Praia Formosa ao imponente palacete do Meireles – Sonho dourado que se transformou em risonha realidade.

Nada de novo pretendemos contar nesta reportagem sobre o Náutico atlético cearense. Tudo o que nela se disser, nada mais é do que a repetição daquilo que já foi dito, aqui como alhures, sobre essa coisa magnífica plantada na orla do mar, com raízes profundas no coração do povo de nossa terra. Não poderíamos, porém, nesta edição comemorativa das bodas de prata do O POVO, deixar de incluir a nossa homenagem ao querido e tradicional clube da Praia do Meireles, exprimindo assim toda a admiração que por ele temos.

Entre as poucas coisas grandes do ceará, o Náutico é uma delas. Na suntuosidade de sua sede, no conforto arquitetônico das linhas daquele prédio imenso, ali estão representados a alma, o coração, como prova do esforço, da tenacidade, da fibra e do heroísmo do nosso povo. O Náutico traduz, em palavras cintilantes, tudo aquilo que seja a capacidade de trabalho desta terra sofredora e castigada pela canícula. (...)."81

A trajetória da agremiação seria tema constante dos jornais, principalmente, quando todos os anos, na festa do seu aniversário, se rememoravam os fatos passados desde a sua gênese.

Nessas datas eram produzidas reportagens especiais, onde a "heroicidade" dos rapazes da primitiva guarita era glorificada. Os depoimentos sempre eivados de enaltecimento e admiração recebiam a conotação de uma história fantástica, da luta do bem contra o mal, do homem contra as forças da natureza, conforme fica explícito nas matérias:

"(...) Partindo do porquê, talvez possamos descobrir a essência do Náutico. Que não seja o que outros já cansaram de afirmar: a vitória da fibra cearense, a bravura do nosso homem, a indomável capacidade de luta que foi capaz até mesmo de derrotar o mar. Por que o Náutico fez Náutico tal como é, patrimônio e símbolo de uma cidade? Por que o Náutico se tornou mais que um simples clube, repositório de troféus e de feitos emoldurados em amarelecidos

<sup>81</sup> Jornal, *O Povo*, Fortaleza, 08 jan. 1953.

retratos de seus atletas de ontem? Por que o Náutico entrou para o contexto do Ceará como uma espécie de ornamento representativo de tudo o quanto é essencialmente nosso, como a jangada, o vaqueiro, as redes de labirinto? Por que? Deve haver uma resposta para isso. E nessa resposta está o capítulo inédito desta história em 50 capítulos, plena de muitas batalhas, de vitórias e também derrotas, de heróis e, graças a Deus, sem vilões, pelo menos os conforme do que a crônica histórica guardou”.<sup>82</sup>

Como se observa, as noções de história, memória e identidade permeiam o discurso proferido sobre o clube, num esforço de situá-lo ao lado dos símbolos que caracterizariam a representação de um suposto “ser cearense” como a jangada, o vaqueiro e a rede, estereótipos amplamente incorporados no senso geral.

‘Nas histórias de fada é que de repente um passarinho se transforma num príncipe. Não sei qual foi a fada que tocou com sua varinha mágica aquele barracão verde do Náutico lá da Praia Formosa e o transformou neste conjunto magnífico que é o Náutico de hoje. (...) Qual teria sido a fada que transformou o Náutico? Não foi fada coisa nenhuma. Foi pensamento e ação. Espírito de iniciativa e resolução firme de levar a cabo um plano inteligente. O sucesso do Náutico para nós cearenses é um desafio e uma prova. Desafio a melhorarmos este Ceará cheio de mendigos, vagabundos, marreteiros, calçadas esburacadas, calçamento pré-histórico, apropriado para o passeio de dinossauros coxos. Prova de que podemos ter um Ceará cintilante de progresso assim tenhamos planos sociais inteligentes e líderes capazes de realizá-los.”<sup>83</sup>

Do que foi dito acima, fica bastante evidente o que o Náutico representava. A negação da pobreza, do atraso, da feiúra. Seria a “sala de visitas” porque nesse espaço é que se recebem os convidados, deixando para a cozinha e a área de serviço, as tarefas “sujas” e “menos nobres”. Como “sala de visitas” limpa, adornada e digna de ser mostrada aos “de fora”, mesmo que “lá dentro” impere a desordem e a sujeira: os vagabundos, os marreteiros, os problemas urbanos....

Nesse ponto uma indagação se impõe: por que algo tão banal como um clube suscitou um sentimento de orgulho tão exacerbado? A resposta talvez demande análises sociológicas mais profundas. Contudo não seria despropósito inferir que a supervalorização do empreendimento e o engrandecimento dos seus fundadores, talvez tivessem o propósito de camuflar

<sup>82</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 08 jan. 1979. (Matéria veiculada por ocasião dos festejos dos 50 anos do clube)

<sup>83</sup> Jornal *O Povo*, Fortaleza, 30. jul. 1952

um certo sentimento de inferioridade aliado a uma ânsia de reconhecimento. Na ausência de algo de real valor para glorificar, salientam-se em demasia, coisas que em outras realidades não teriam tanto peso. Na provinciana Fortaleza, sem outros referenciais, o Náutico representava o que havia de melhor.

### **Resumo da Ópera**

Na Fortaleza dos anos cinqüenta, acanhada em termos de equipamentos urbanos e com uma pequena massa de atores sociais emergentes, no sentido econômico, a nova sede do NAC surge como um símbolo de progresso e modernidade.

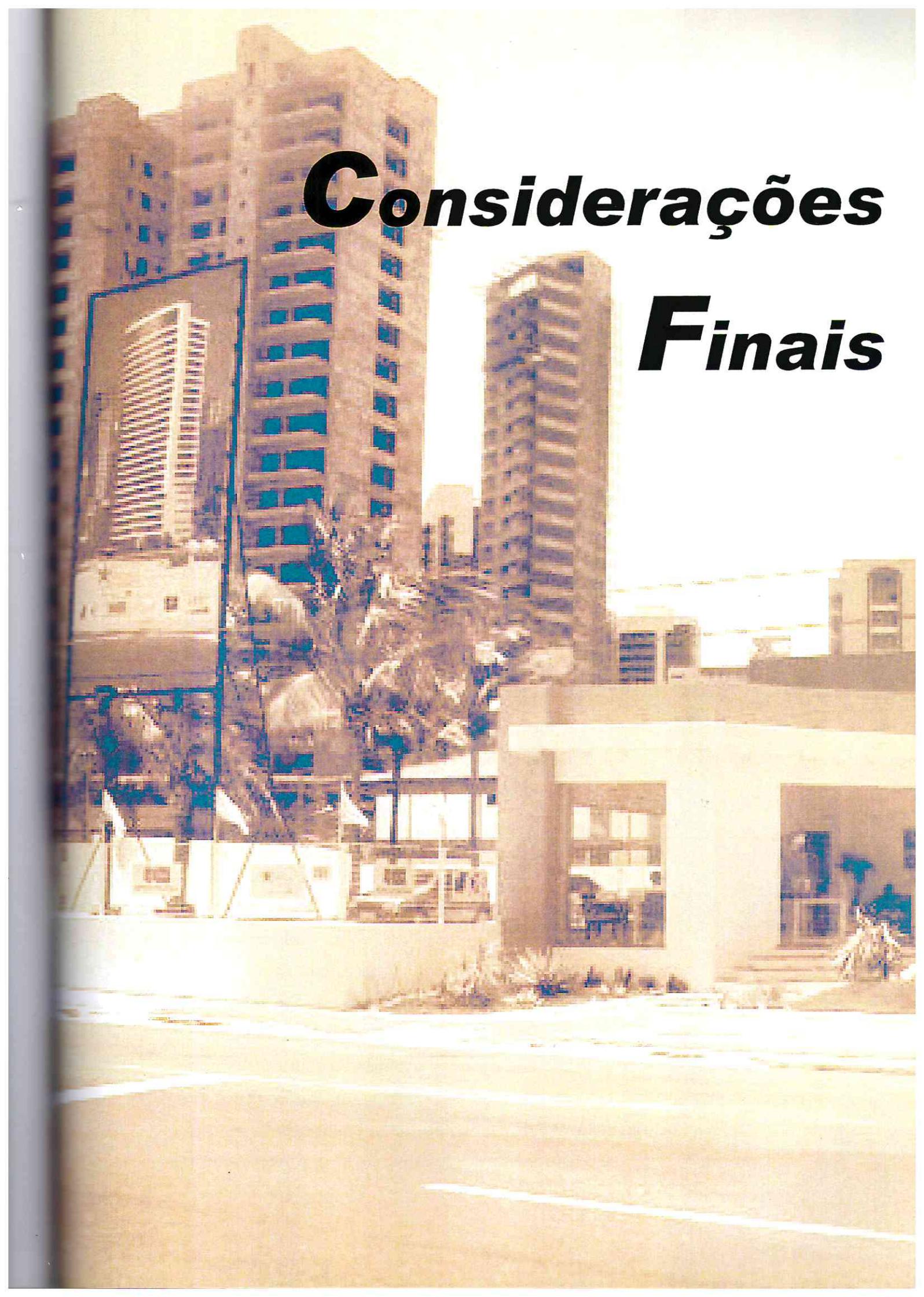
Supervalorizado quanto ao aspecto de sua arquitetura, o clube passou a incorporar o valor de ícone, associando-se à própria identificação da cidade, que o adotou durante certo tempo, como um dos principais cartões-postais, o que veiculava sua imagem inclusive fora do Ceará.

Com relação às práticas sociais, durante pelo menos duas décadas, vai ser o principal cenário utilizado pelas elites para suas manifestações sócio-culturais.

As práticas de sociabilidade que aí aconteceram revelam os hábitos, os modismos, os valores dos personagens socialmente privilegiados, integrantes de uma Fortaleza em período de transição, de cidade pequena para futura metrópole. Trazem à tona também as contradições que permearam esse processo. Uma pretensa modernidade convivendo com valores arcaicos e preconceituosos, num cenário em que predomina a aparência.

Um discurso elaborado pela imprensa, compartilhado e disseminado pelas elites, glorificava o clube associando-o a algo extraordinário, motivo de orgulho para Fortaleza. Esse sentimento seria incorporado, de maneira geral, até mesmo por outros segmentos sociais.

A trajetória do clube é a própria trajetória dos setores privilegiados, sempre tão seduzidos pelo novo e constantemente em busca de símbolos exteriores de *status* e poder.



***Considerações***

***Finais***

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica das relações sociais que se desenvolve segundo o advento de tecnologias e incorporação de novos valores e maneiras de viver, próprias do processo capitalista, determina obsolescências e cria outras necessidades, condenando ao ostracismo e desuso certas estruturas e equipamentos urbanos, que cedem seus espaços para outras funções, que não as originais, ou desenvolvem mecanismos de adaptação que garantam a sua sobrevivência. Esse processo age como elemento determinante do aspecto material da cidade, transfigurando e modificando a paisagem no mesmo ritmo frenético em que surgem as novidades.

Da mesma forma, comportamentos adotados em determinados contextos, são

substituídos por novas práticas, conforme o abandono de antigos paradigmas e incorporação de novas ideologias. Os clubes sociais, nos dias de hoje, pouco lembram o período de fausto e bonança das décadas de 1950 e 1960.

Em virtude da proliferação de inúmeras opções de lazer – as praias próximas da cidade, as casas de campo, as barracas que se instalaram na orla - a frequência dos usuários diminuiu sensivelmente. Como consequência, as

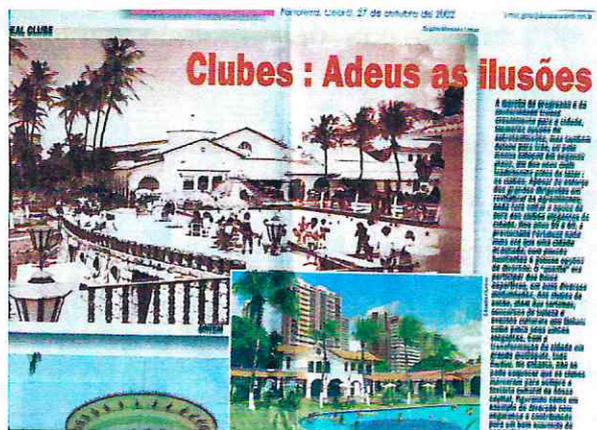


Figura 85



Figura 86

Reportagem sobre a decadência dos Clubes Sociais. *Diário do Nordeste*, 27 out. 2002.



Figura 87 – Matéria sobre os antigos carnavais dos Clubes Sociais. *Diário do Nordeste*, 10 fev. 2002.

suas instalações físicas tornam-se demasiado grandes e subutilizadas.

A falta de priorização do espaço como território de lazer, induz também ao atraso do pagamento de mensalidades, que, já apresentando valor defasado, acarreta um déficit orçamentário com relação aos custos com a manutenção das instalações e equipamentos.

Todos enfrentam sérios problemas quanto à gestão de suas “mega-estruturas”. Como mecanismo de sobrevivência e de captação de recursos, alguns deles implementaram atividades alternativas como as escolinhas de esporte abertas ao público ou os bailes semanais pagos direcionados principalmente, ao público da “melhor idade” como é o caso dos Diários e do Círculo Militar de Fortaleza. Em outras palavras tiveram, forçosamente, de se “popularizar” e usando um jargão do mercado, “procurar atrair outros nichos de clientes”.

O Ideal, por ter sido sempre associado a uma pequena camada mais abastada, e por isso mesmo de mais fácil administração financeira, ainda tenta cultivar “algumas tradições”, como por exemplo a escolha da “Garota Ideal”. Deita-se sobre os louros de uma imagem construída ao longo dos anos, cujos sócios fazem questão de manter. Apesar disso, não é mais o “ambiente fechado” de outros tempos. Com frequência lá acontecem lançamentos de livros ou exposições, numa estratégia de manter socialmente ativa a instituição.



Figura 88 – Placa com propaganda do restaurante do Ideal e faixa com anúncio da colônia de férias do clube (jul. de 2003).



Figura 89 – Placa com propaganda do restaurante do NAC (jul. de 2003).

O Náutico perdeu o seu lugar de palco dos acontecimentos sociais, em virtude da proliferação de inúmeros outros espaços na cidade como salões de hotéis, *buffets*, galerias de arte, centro de convenções, etc. O seu restaurante, antes ponto turístico e de frequência obrigatória de determinados setores,

compete em desigualdade de condições com as inúmeras opções que se encontram atualmente em Fortaleza.

Com relação às dependências físicas, muitas das sedes de clubes que “brilharam” no passado, e que tinham a sua imagem material associada à paisagem da cidade, hoje inexistem. Foram demolidas para que, em seu lugar surgissem outros tipos de edificações, mais compatíveis com a lógica da especulação imobiliária que rege a ocupação do solo urbano, principalmente nas áreas valorizadas, onde se situavam os edifícios dessas Instituições.

Nos terreno do Comercial Clube na Av. Historiador Raimundo Girão, erguem-se imensos espigões. A sede do Clube Massapeense também foi demolida e as obras de infra-estrutura de prédio vertical, que ocupará o seu lugar já se iniciaram, como ocorre no terreno onde antes se erguia o Clube Líbano Brasileiro.

Transação milionária envolveu a venda da sede do Clube dos Diários<sup>1</sup>, que após a negociação foi transferido para um novo prédio erguido na região das Dunas.

Resistem como as únicas massas horizontais na região da beira-mar, correspondente ao final da Praia de Iracema e Meireles, o Ideal Clube e o Náutico, sendo alvo constante da pressão do mercado imobiliário. A sede da AABB também se encontra sob processo de negociação.

Casos há também, em que as grandes e confortáveis instalações físicas de outrora se encontram em completo abandono, como exemplificam o Clube de Regatas na Barra do Ceará<sup>2</sup> e do América<sup>3</sup> na avenida Dom Manuel.

O aspecto patrimonial<sup>4</sup> que se vinculava aos clubes hoje nada ou muito

---

<sup>1</sup> O Clube dos Diários foi demolido durante o andamento deste trabalho. Em seu lugar se erguerá um grande complexo imobiliário com torres verticais.

<sup>2</sup> O Clube de Regatas, que integrou por período não muito longo, o universo do clubismo social fortalezense, encerrou suas atividades em meados dos anos 1990, após lenta decadência. Foi a leilão em finais dessa década, quando foi arrematado pela imobiliária Luciano Cavalcante, que o arrendou a Carlos Aragão em meados de 2002 para que aí se instalasse um “forró”. O novo empreendimento não vingou e hoje as instalações estão desativadas. Entre o período em que esteve fechado e o arremate da imobiliária, o clube foi invadido por 142 famílias que depredaram várias dependências e destruíram a pedradas e pauladas o famoso lustre de cristal que enfeitava o salão principal.

<sup>3</sup> Afogado em dívidas, o clube do América perdeu sua sede como parte do pagamento das mesmas. Hoje o prédio está abandonado.

<sup>4</sup> Indagado de maneira informal sobre quanto custaria atualmente uma ação do NAC, ‘Seu’ Avelino, antigo funcionário da secretaria do clube disse que apesar do seu valor real ser estimado em cerca de vinte e cinco a trinta mil reais, até por mil e quinhentos se vende. Mesmo assim não há procura. José Armando Farias, filho do arquiteto que projetou a sede

pouco representa. Uma ação do Náutico por exemplo, tem um valor irrisório quando comparado aos “tempos áureos”.

No que se refere às práticas de lazer, bailes que hoje acontecem toda semana, principalmente no Círculo Militar e no Clube dos Diários, não guardam nenhum parentesco com as festas de antigamente no que diz respeito ao aspecto do elitismo e do *glamour*. São eventos aos quais comparecem, na imensa maioria, pessoas de idade mais madura, que os freqüentam principalmente para dançar. A presença feminina supera a dos homens. São em grande parte mulheres solteiras, viúvas ou divorciadas, que procuram esse ambiente por sabê-los “sadios e seguros”.

Uma prática impensada nos anos 50 / 60 é hoje muito comum nesses ambientes. Aí, encontram-se dançarinos (as) profissionais que são pagos para passar a noite dançando com seus contratantes. Os clubes já possuem o cadastro dos prestadores de tais serviços e tudo se desenrola dentro do mais pura normalidade e respeito.

Conforme o depoimento do Capitão Tenente Edilson do Círculo Militar, existem senhoras de idade avançada (na faixa dos 80 anos) que passam a noite inteira dançando com tais “parceiros”. A remuneração varia em torno de R\$ 50,00 e R\$ 70,00 conforme as qualidades técnicas e a beleza do profissional. Essa nova modalidade de comportamento evidencia as mudanças substanciais porque passaram tanto o segmento feminino como o grupo das pessoas que compõem o que se chamava de terceira idade<sup>5</sup>.

Não deixa de ser curioso, observar que por trás de uma atitude possivelmente “ousada, moderna e independente” (o ato de contratar um parceiro) se esconde o desejo de recuperar uma prática vivida em outro tempo, só que agora de forma mais espontânea.

---

dos Diários na praia, disse que, por ocasião da recente transação que envolveu o clube e poderosa construtora, o clube procurou sua família para fazer uma atualização das mensalidades atrasadas, visando a um possível ganho com a efetivação do novo negócio. Armando disse que seus familiares julgaram não valer a pena.

<sup>5</sup> Hoje se adota o nome mais politicamente correto: melhor idade



Figura 90 – Quadra antigamente ocupada pelo comercial clube na Av. Historiador Raimundo Girão, onde hoje se ergue um grande hotel (foto jul. 2003)



Figura 91 – Terreno do antigo Clube Massapeense, na Av. Historiador Raimundo Girão local onde está sendo construído um empreendimento imobiliário (foto jul. 2003)



Figura 92 – Terreno onde antes se erguia o Clube Líbano Brasileiro, na rua Tibúrcio Cavalcante atualmente com prédios em construção (foto set. 2003).



Figura 93 – Clube dos Diários, na Av. Beira-Mar, quando estava prestes a ser demolido para dar lugar a um grande empreendimento imobiliário (foto jul. 2003).



Figura 94 – Antiga sede do América Futebol Clube na Av. Dom Manuel totalmente abandonada (foto set. 2003).



Figura 95 – Antiga sede do Clube de Regatas, na Barra do Ceará, em estado de deterioração e abandono (foto set. 2003).

Além dos clubes, que nos dias atuais têm uma representatividade muito pequena, a dança hoje é praticada principalmente, nos inúmeros forrós que se espalham por todos os lados da cidade. Alguns adquirem notoriedade por se constituírem foco de atração de turistas. Se no passado significava quase um ritual, tendo ao fundo músicas românticas, hoje os ritmos acelerados se afirmaram, dispensando inclusive, o parceiro.

Expressões ou movimentos culturais que marcaram aquelas décadas como a jovem-guarda e a bossa nova servem hoje de mote para a realização de eventos temáticos, numa busca por reviver ou resgatar de alguma forma, o “tempo mítico”. Não são poucos os artistas que sobrevivem graças ao público fiel que permanece cultivando os mesmos gostos, como maneira de preservar num lampejo, a juventude perdida. São freqüentes as “Festas dos anos 60” às quais comparecem um público mais maduro que dança e se diverte ao som das versões dos rocks que fizeram sucesso à época.

Os concursos de miss, que no passado alçavam uma garota à condição de semi-deusa, hoje constituem um mecanismo de penetração na mídia utilizado por moças de camadas emergentes ou interioranas ou ainda aspirantes às carreiras de “modelo” ou “atriz”. Para “aparecer”, as misses modernas lançam mão dos mais variados recursos desde aparecer nuas em revistas masculinas a participar de *reality shows* em cadeia nacional de televisão. A organização do concurso já passou por diversas empresas realizadoras, nada tendo a ver com a pompa com que eram conduzidos pelos Diários Associados. Ainda assim são valorizados em diversos países, principalmente os da América Latina.

Apesar de todas as transformações que ocorreram nos comportamentos das populações urbanas, os setores dominantes permanecem cultivando as tentativas de demarcação de espaços exclusivos dentro dos domínios da cidade. Para isso mobilizam a máquina administrativa do Estado para a manutenção e respeito dos privilégios “conquistados”, como exemplificam os eventos como o “Fortal” e o “Ceará Music”.

As influências das culturas alienígenas (preponderantemente a norte-americana) que se foram sedimentando a partir daquelas décadas, hoje são norma de comportamento, levadas à exacerbação por conta do efeito da globalização, também no campo da cultura de massa. Os relacionamentos, que

pela escala da cidade e pelo ritmo de vida eram cultivados de forma duradoura, hoje são efêmeros e voláteis.

A cidade mudou, mudaram os hábitos, os comportamentos, as prioridades. Os clubes, que constituíram peça fundamental da dinâmica urbana de uma determinada época, não mais se compatibilizam com as demandas geradas pela nova realidade, cujas nuances em pouco se assemelham às características de quando incorporavam a principal forma de lazer.

A análise da sua atuação traz à luz, aspectos reveladores e contraditórios presentes num determinado fragmento da história de Fortaleza. Por abranger um grande leque de variáveis, possibilita inúmeras abordagens que, com certeza, não caberiam em um único trabalho. Os clubes suburbanos, aqui citados de maneira rápida, por não se constituírem objeto principal do estudo, contemplam um rico universo a ser explorado. Temas mais específicos e particulares, como por exemplo, os bailes de formatura e o carnaval podem constituir indícios preciosos para a percepção e análise das transformações comportamentais.

Longe de pretender esgotar o assunto, esse trabalho se propôs a dar um primeiro e pequeno passo nessa direção.



Figura 96 – Vista do Náutico Atlético Cearense, sentido oeste-leste (ângulo aproximado da figura 37, página 76, da década de 1950). Nota-se a profunda modificação da paisagem urbana. As instalações do clube permanecem como a única massa horizontal da área (foto set. 2003).

## **BIBLIOGRAFIA E FONTES**

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- **OBRAS SOBRE FORTALEZA E O CEARÁ**  
(Crônicas, Memórias, Romances, Descrições Históricas, Estudos, Trabalhos Acadêmicos)

ADERALDO, Mozart Soriano. *Retalhos Nautiquinos*. Fortaleza: Edição Tipoprogresso, 1988.

ALENCAR, Edigar. *Fortaleza de Ontem e Anteontem*. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980.

AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). *Cronologia Ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2001

\_\_\_\_\_. *Fortaleza de Ontem e de Hoje*. Fortaleza: Fundação de Cultura e Turismo, 1991.

AZEVEDO, Otacílio de. *Fortaleza Descalça*. 2ª ed. Fortaleza: UFC / Casa José de Alencar, 1992.

AZEVEDO, Stênio e NOBRE Geraldo. *Momentos Inesquecíveis: os concursos de miss Ceará 1955-1980 dos diários associados*. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1999

CAMPOS, Eduardo. *Capítulos de História da Fortaleza do Século XIX*. Fortaleza: Edições UFC, 1985

CARDOSO, Luciana. *O Clubismo em Fortaleza: sociabilidade e lazer no Ideal Clube*. 2002. 75 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Ceará – UECE, 2002.

CARVALHO, Jáder de. *Sua Majestade o Juiz*. 2ª ed. Fortaleza: Forgel, 2001.

\_\_\_\_\_. *Aldeota*. São Paulo: Oficinas Gráficas de J. Bignardi e Cia. Ltda., 1963.

CASTRO, José Liberal de. *Fatores de Localização e Expansão da Cidade de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1977.

\_\_\_\_\_. Cartografia Urbana Fortalezense na Colônia e no Império e Outros Comentários. In *A Administração Lúcio Alcântara*. Fortaleza, Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982. p.23 - 81

- \_\_\_\_\_. Ceará, sua Arquitetura e seus Arquitetos. *Cadernos Brasileiros de Arquitetura. Panorama da Arquitetura Cearense*, São Paulo: Projeto Editores Associados v. 1, p. 01 – 15. 1982.
- \_\_\_\_\_. Arquitetura Eclética no Ceará. In FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel/Editora da Universidade de São Paulo, 1987. p. 209-255.
- \_\_\_\_\_. Alberto Nepomuceno no Ceará. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, Fortaleza, 109, p. 319 – 336, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Fortaleza, Tempos de Guerra*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Ceará, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O Cinema Diogo e a Cidade*. Fortaleza: 1997. Mimeo.
- \_\_\_\_\_. *Sylvio Jaguaribe Eckman e a Arquitetura da sede do Ideal Clube*. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 112, p. 27-72, 1998.
- CORDEIRO, Celeste. O Ceará na Segunda metade do século XIX. In SOUZA, Simone (org.). *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
- DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. *Mar à Vista: estudo da maritimidade em Fortaleza*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.
- GALENO, Alberto S. *A Praça e O Povo: homens e acontecimentos que fizeram a história da Praça do Ferreira*. Fortaleza: Stylus comunicações, 1991
- GIRÃO, Blanchard. *Sessão das Quatro: cenas e atores de um tempo mais feliz*. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1998.
- GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza*. Fortaleza: Banco do Nordeste 1979.
- \_\_\_\_\_. *A Princesa Vestida de Baile*. Fortaleza: Ed. Instituto Histórico do Ceará, 1950
- GONDIM, Linda M. P. *Desenho Urbano e Imaginário Sócio-Espacial da Cidade: a produção de imagens da "moderna" Fortaleza do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura*. 2000. 40 f. Relatório (Projeto de Pesquisa) - Universidade Federal do Ceará / FUNCAP, 2000.
- HOLANDA, Firmino. *Benjamim Abrahão*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
- \_\_\_\_\_. Firmino. *Orson Wells no Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

JUCÁ, Gizafran Nazareno Mota. *Fortaleza. Lazer e Sociabilidade. Anos 40 a 60*. Fortaleza: UFC / NUDOC, 1996.

\_\_\_\_\_. *Verso e Reverso do Perfil Urbano de Fortaleza*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

\_\_\_\_\_. *Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana*. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 2003.

JOB, Daniel Carneiro. *Praça do Ferreira. O inédito, o sério e o pitoresco*. 2ª ed. Fortaleza: Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1992.

LEITÃO, Juarez. *A Praça do Ferreira: república do Ceará moleque*. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2002

\_\_\_\_\_. *Sábado. Estação de Viver. histórias da boêmia cearense*. Fortaleza: Editora Premium, 2000

LIMA, Herman. *Imagens do Ceará*. 2ª ed. Fortaleza: Edições UFC, 1997

LINHARES, Paulo. *Cidade de Água e Sal: por uma antropologia do litoral Nordeste sem cana e sem açúcar*. Fortaleza: Editora Fundação Demócrito Rocha, 1992.

LOPES, José Augusto. *Colunistas e Colunáveis: entrevistas sobre o comportamento social*. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1997.

LOPES, Marciano. *Royal Briar: a Fortaleza dos anos 40*. Fortaleza: Tipoprogresso, 1988.

\_\_\_\_\_. *É o Ideal!*. Fortaleza: Gráfica Editora Tipoprogresso, 1998

\_\_\_\_\_. *Os Dourados Anos*. Fortaleza: Gráfica VT, 1993

LOPES, José Stênio. *Aspectos Sociais da Vida de Fortaleza. Clã Revista de Cultura*, Fortaleza: UFC, Nº 16, 1957.

MAIA, Luciano. *Estoril*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda., 1995

MARTINS FILHO. *UFC & BNB: educação para o desenvolvimento*. Fortaleza: UFC / Casa José de Alencar, 1990.

MENEZES, Raimundo de. *Coisas que o tempo levou... crônicas históricas da Fortaleza antiga*. Fortaleza: Edésio Editor, 1938.

NASCIMENTO, Marta Maria do. *Fortaleza: No verão é assim. E no inverno também. Não falta sacrifício*. 2001, 145 f. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Ceará – UFC, 2001.

- NOBRE, F. Silva. *O Ceará e o Cinema*. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1989.
- OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. *Fortaleza: velhos carnavais*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará – UFC, 1997.
- PONTE, Sebastião Rogério da. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.
- RIEDEL, Beatriz Helena N. Diógenes. *Aldeota, um bairro em mutação*. 1984. 2 v. Monografia (Curso de Aperfeiçoamento em Arquitetura e Instrumentação Crítica) – Universidade Federal do Ceará - UFC, 1984.
- RIOS. Audifax. Rega-Bofe no Náutico. In *O Riso a Fé e a Dor*. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2003.
- ROCHA JÚNIOR, Antônio Martins da. *O mar e a expansão urbana de Fortaleza*. 1984. 69 f. Monografia (Curso de Aperfeiçoamento em Arquitetura e Instrumentação Crítica) – Universidade Federal do Ceará - UFC, 1984.
- \_\_\_\_\_. *O Turismo Globalizado e as Transformações Urbanas do Litoral de Fortaleza: arquitetura e estetização na Praia de Iracema*. 2000. 172 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio-Ambiente) – Universidade Federal do Ceará - UFC, 2000.
- SCHRAMM, Solange Maria de Oliveira. *Terrotório Livre de Iracema: Só o nome ficou? memórias coletivas e a produção do espaço na Praia de Iracema*. 2001. 176 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará – UFC, 2001.
- SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. *Na Senda do Moderno: Fortaleza, paisagem e técnica nos anos 40*. 2000. 225 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Paisagens do Consumo Fortaleza no tempo da Segunda Grande Guerra*. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.
- SILVA, José Borzacchiello da. *Os Incomodados não se Retiram. Fortaleza em questão*. Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Nas trilhas da Cidade*. Fortaleza. Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.
- SILVA NETO, Napoleão Ferreira da. *O Palácio da Cultura: poder e arquitetura*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda., 2000.
- SILVEIRA, Geraldo. Recordando a Sessão das Quatro. In GIRÃO, Blanchard. *Sessão das Quatro. Cenas e Atores de um Tempo mais Feliz*. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1998.

SOUZA, Simone (org.). *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

SOUZA, Simone; PONTE, Sebastião Rogério (org.). *Roteiro Sentimental de Fortaleza*. Fortaleza: UFC-NUDOC / SECULT-CE, 1996.

THEÓPHILO, Rodolfo. *O Caixeiro: reminiscências* (edição fac-similar). Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura, 2002.

#### • REFERÊNCIAS TEMÁTICAS E TEÓRICAS

ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de; CARDOSO, José Leandro Rocha. Aconteceu, virou Manchete. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH / Humanitas Publicações, v. 21, N<sup>o</sup> 41, p. 243-264, 2001.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In PRIORE, Mary Del (org.), *História das Mulheres no Brasil*. 6<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 607-639.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Companhia da Letras, 1986.

BERNADET, Jean-Claude. *O que é Cinema*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (org.). *Passados Recompuestos: campos e canteiros da história*. Tradução de Marcela Mortara e Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Editora FGV, 1998.

CARMO, Paulo Sérgio do. *Culturas da Rebeldia: a juventude em questão*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003

CASALECCHI, José Ênio. *O Brasil de 1945 ao Golpe Militar: da república liberal ao golpe de 64* Getúlio, Juscelino, Jânio e Jango em busca de uma cultura popular. São Paulo: Contexto, 2002

CHOAY, Françoise. *O Urbanismo: utopias e realidades. uma antologia*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1979

COELHO NETO, J. Teixeira. *A Construção do Sentido na Arquitetura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002

COSTA, Bolivar. *O Drama da Classe Média*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1974.

DUMAZEDIER, Jofre. *Sociologia Empírica do Lazer*. Tradução de Sílvia Mazza e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva / SESC, 1999.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. v. 1. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FALCON, Francisco. *História Cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Editora Campos, 2002.

FAOUR, Rodrigo. *Revista do Rádio: cultura fuxicos e moral nos anos dourados*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FERRARA, Lucrécia D' Alessio. *Olhar Periférico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. *Os Significados Urbanos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

FONTELES, Ana Rita. *Carmen da Silva: entre história e memória, uma feminista na imprensa brasileira*. 2002. 211 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará – UFC, 2002.

FURTADO, Celso. *A Fantasia Desfeita*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1989.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOMES, Ângela de Castro (org.). *O Brasil de JK*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Tradução de Carlos Néson Coutinho e Leandro Konder. 6ª ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.

HOLANDA, Heloísa Buarque de; GONÇALVES, M. A. *Cultura e Participação nos Anos 60*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1985.

KOSTER, Henri. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução de Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1942.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

MELLO, João Manuel Cardoso de e NOVAIS, Fernando A. *Capitalismo tardio e Sociabilidade Moderna*. In SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. v. 4 São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 559-658.

MARIA, Antônio. *O Diário de Antônio Maria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2002.

MOTA, Nelson. *Noites Tropicais*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 2000.

NACIF, Maria Cristina Volpi. A moda no Brasil e os modelos estrangeiros: a influência do cinema de Hollywood na moda do vestuário feminino nos anos 30-40. In CASTILHO Kátia e GALVÃO Diana (org.) *A Moda do Corpo O Corpo da Moda*. São Paulo: Editora Esfera, 2002. p. 35-47.

OLIVEIRA, Francisco de. *O Elo Perdido: classe e identidade de classe*. Rio de Janeiro-RJ, Editora Brasiliense, 1987

OLIVEN, Ruben George. *Metabolismo Social da Cidade e outros ensaios*. Porto Alegre: Editora da URGs, 1974.

\_\_\_\_\_. *Urbanização e Mudança Social no Brasil*. 2ª ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. *A Antropologia de Grupos Urbanos*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1985.

ORTIZ, Renato. Ordem e Progresso. In Seminário Internacional Novo Mundo nos Trópicos. Recife, 21 a 24 mar. 2000. Disponível em <[prossiga.bvvgf.org.br/sinmt/artigos/ordem\\_progresso\\_ro.htm](http://prossiga.bvvgf.org.br/sinmt/artigos/ordem_progresso_ro.htm)>.

PIGNATARI, Décio. *Semiótica da Arte e da Arquitetura*. 10ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Classes Médias Urbanas: formação, natureza, intervenção na vida política. In. FAUSTO, Boris (org). *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano. Sociedade e Instituições*. São Paulo: DIFEL, 1981.

PINHO, Wanderley. *Salões e Damas do Segundo Reinado*. 2ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Lazer e Estilo de Vida: reflexão e debate na perspectiva de "virada da contemporaneidade. In: BURGOS, Maria Suzana e PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães (org.). *Lazer e Estilo de Vida*. Santa Cruz do Sul-RS : EDUNISC, 2002. p. 9-26.

PRIORI, Mary Del. Um olhar sobre a história do corpo e da moda no Brasil. In CASTILHO Kátia e GALVÃO Diana (org.) *A Moda do Corpo O Corpo da Moda*. São Paulo: Editora esfera, 2002. p. 190-201.

RAMALHO, Bráulio Eduardo Pessoa. *Foi Assim! O Movimento Estudantil no Ceará (1928-1968)*. Rio; São Paulo; Fortaleza: ABC Editora, 2002.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos. Lazer e Esporte. A Espetacularização do Futebol. In BRUHNS, Heloísa Turini. *Temas sobre o Lazer*. Campinas: Editora Autores Associados, 2000, p.131-143.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Evolução Urbana do Brasil*. São Paulo: São Paulo Editora S.A., 1968

RIDENTI, Marcelo. *Em Busca do Povo Brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. *A Teoria Geral dos Signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo. Editora Pioneira, 2000.

SANTINI, Rita de Cássia Giraldi. *Dimensões do Lazer e da Recreação: questões espaciais, sociais e psicológicas*. São Paulo: Editora Angelotti Ltda., 1993.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958. O ano que não devia terminar*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

SANTOS, Milton. Por um modelo brasileiro de modernidade. *Correio Brasiliense*, 2000. Disponível em <[www2.correioweb.com.br/cw/2000-10-15/mat\\_12941.htm](http://www2.correioweb.com.br/cw/2000-10-15/mat_12941.htm)>

SCHIMIDT, Benito Bisso. O Deus do Progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho de I República. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH / Humanitas Publicações, v. 21, N° 41, p. 113-126, 2001.

SINGER, Paul. *Economia Política da Urbanização*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de História Cultural Brasileira*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

SUED, Ibrahim. *Em sociedade tudo se sabe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

THOMPSON, Edward P. *Folclore, Antropologia e História Social*. In *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*. NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sérgio. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001. p. 227 – 267.

TRAVANCAS, Isabel. A Coluna de Ibrahim Sued: um gênero jornalístico. In XXIII Congresso da Intercom. Manaus: setembro de 2000. Disponível em <[www.Antropologia.com.br/arti/colab/a7-itravancas.pdf](http://www.Antropologia.com.br/arti/colab/a7-itravancas.pdf)>

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

VERÍSSIMO, Salvador Francisco e BITTAR William Seba Mallmann. *500 Anos da Casa no Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Brasília: Editora UNB, 1998.

WERNECK, Christiane. *Lazer, Trabalho e Educação: relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG / CELAR-DEF / UFMG, 2000.

## **PERIÓDICOS**

### **• JORNAIS**

Jornal "O Povo" – 1950 -1970

Jornal "Unitário" – 1950, 1968

Jornal "O Correio do Ceará" -1963

Jornal "Tribuna do Ceará" -1969

### **• REVISTAS**

Revista "O Cruzeiro"

- 21 de março de 1942
- 28 de agosto de 1954
- 01 de janeiro de 1955
- 13 de agosto de 1956
- 12 de junho de 1958
- 13 de fevereiro de 1960
- 09 de abril de 1960
- 30 de abril de 1960
- 16 de julho de 1960
- 16 de setembro de 1961
- 16 de novembro de 1961
- 27 de janeiro de 1962
- 09 de junho de 1962
- 29 de janeiro de 1963
- 20 de julho de 1963
- 27 de julho de 1963
- 10 de agosto de 1963
- 16 de novembro de 1963
- 29 de janeiro de 1966
- 24 de junho de 1967
- 18 de maio de 1968
- 16 de outubro de 1969

## DEPOIMENTOS ORAIS

- **Alberto Damasceno** – Jornalista, presidente do América Futebol Clube. Estudioso do futebol cearense e ex-empresário artístico (julho/2003)
- **Anselmo Frazão** – Presidente do Rotary Club, freqüentador do NAC (julho/2003)
- **Ayla Vieira** – Sócia do Ideal e freqüentadora dos vários “clubes elegantes” (junho/2003)
- **Audifax Rios** – Artista Plástico, pesquisador, ex-funcionário dos Diários Associados. (setembro/2003)
- **Cristiano Câmara** – Memorialista, colecionador e estudioso da MPB (agosto/2001)
- **Edilson Almeida Pires** – Capitão Tenente, Diretor Secretário do CMF (agosto/2003)
- **Heloísa Facó** – Funcionária aposentada da UFC, sócia do Ideal (março/2002)
- **Ivan Brito** – Autor do Projeto Arquitetônico do Clube de Regtas Barra do Ceará (agosto/2003)
- **José Cláudio de Oliveira** – Ex-Presidente do Conselho Interclubes (janeiro/2002)
- **Lúcio Flávio Chaves Holanda** – pesquisador da História do Futebol Cearense (agosto/2003)
- **Lucile Nóbrega** – Sócia do Ideal, frequentadora dos vários “clubes elegantes” (outubro/2002)
- **Marciano Lopes** – Memorialista, colunista e colecionador (agosto/2001)
- **Maria Ondina** – Funcionária aposentada da Aba-Film (maio/2003)
- **Mônica Arruda** – Sócia frequentadora do Ideal Clube e de demais “clubes elegantes” (junho/2003)
- **Neudson Braga** – Arquiteto, autor de algumas reformas da sede do NAC (outubro de 2003)

- **Raimundo Barbosa Júnior** – Colecionador, estudioso dos concursos de miss Brasil (maio/2003)
- **Raimundinha Arruda** – Famosa costureira das décadas de 1950-1970 (agosto / 2003)
- **Ricardo Albuquerque** – Filho do Sr. Chico Albuquerque, fotógrafo e um dos proprietários da Aba-Film (agosto/2003)
- **Zezeito (José Tavares Pereira)** – Ex-presidente do Clube dos Diários (outubro/2002)

## **OUTRAS FONTES**

### **Arquivos Particulares:**

- Arquivo Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez) - Memorialista e Colecionador
- Arquivo Marciano Lopes - Memorialista e Colecionador
- Arquivo Cristiano Câmara - Musicólogo e Pesquisador de MPB
- Arquivo Raimundo Barbosa Júnior – Colecionador, Estudioso de concursos de Miss
- Arquivo do Náutico Atlético Cearense
- Arquivo Clube dos Diários
- Arquivo do Círculo Militar de Fortaleza
- Arquivo Country Club
- Arquivo AABB – Associação Atlética Banco do Brasil

### **Arquivos Oficiais:**

- Arquivo do MIS – Museu da Imagem e do Som

**Bibliotecas Públicas:**

- Biblioteca Pública Menezes Pimentel – Fortaleza-Ce
- Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da UFC
- Biblioteca do NUDOC – Departamento de História da UFC
- Biblioteca do Centro de Humanidades da UFC

## **LISTA DE FOTOS**

- Figura 01: Propaganda do espetáculo "É Xique-xique no Pixoxó. p. 24.
- Figura 02: Propaganda do show de Dick Farney. p. 26.
- Figuras 03 a 07: Estrelas do Cinema hollywoodiano. p. 33.
- Figura 08: Propaganda do "sabonete lever". p. 34.
- Figuras 09 a 16: Propagandas veiculadas em revistas nacionais. p. 35.
- Figura 17: Propogandas de Eletrodomésticos. p. 36.
- Figura 18: Praça do Ferreira em 1955. p. 49
- Figura 19: Praça do Ferreira na década de 1960. p.50
- Figura 20: Mapa-Forma de ocupação de Fortaleza no início do séc. XX. p. 62.
- Figura 21: Av. Santos Dumont, início da década de 1930. p. 63.
- Figura 22: Av. Antônio Sales em 1960. p. 64
- Figura 23 e 24: Exemplos das primeiras residências construídas na Avenida Santos Dumont. p. 65.
- Figura 25: Casas projetadas por emílio Hinko. p. 66.
- Figura 26 a 33: Exemplos de residências da Aldeota. p. 67
- Figuras 34 e 35: Localização dos clubes sociais em Fortaleza. p. 69.
- Figuras 36 e 37: Vistas da implantação do NAC na década de 1950. p. 76
- Figuras 38: Cartão Postal da Beira-Mar, década de 1960. p. 78.
- Figura 39: Cartão Postal da Praia do Náutico, década de 1970. p. 78.
- Figura 40: Palacete Ceará. p. 107.
- Figura 41: Palácio Iracema. p. 108.
- Figura 42: Palácio Guarani, década de 1940. p. 110.
- Figura 43: Clube Maguari, década de 1940. p. 110.
- Figura 44: Sede do Ideal no bairro das Damas. p. 111.
- Figura 45: Sede do Ideal na Av. Monsenhor Tabosa, 1950. p. 113.
- Figura 46: Clube Líbano Brasileiro, 1959. p. 114.
- Figura 47: Centro Massapeense. p. 116.
- Figura 48: Sede da AABB. p. 116.
- Figura 49: Campanha da venda de ações do América Futebol Clube. p. 119.
- Figura 50: Clube de Regatas em construção. p. 125.
- Figura 51: Desfile de Miss Elegante bangu no Ideal. p. 133.

- Figura 52: *Reveillon* e Festa de Debutantes no Ideal, 1950. p. 136.
- Figura 53: Bloco oficial do NAC, 1954. p. 140.
- Figura 54: Bloco da diretoria do Ideal, década de 1960. p. 141.
- Figuras 55 a 57: Emília Correia Lima. Miss Ceará 1955. p. 144.
- Figura 58: Cartão Postal do Náutico, década de 1960. p. 162.
- Figura 59: Primeira sede do NAC, na Praia Formosa. p. 164.
- Figura 60: Segunda sede do NAC. p. 166.
- Figuras 61 e 62: Outras propostas arquitetônicas para a sede do NAC. p. 173.
- Figura 63: Emílio Hinko e outras personalidades no canteiro de obras da sede do NAC. p. 178.
- Figuras 64 a 67: Aspectos da construção da sede do Náutico, 1948. p. 180.
- Figura 68: Perspectiva da proposta do arquiteto Neudson Braga. p. 185
- Figuras 69 a 72: Aspectos do interior da sede do NAC. p. 186.
- Figura 73: Anúncio da Loja "A Cruzeiro" . p. 190.
- Figuras 74 a 81: Folhetos do Carnaval da Saudade. p. 202.
- Figuras 82 e 83: Aspectos das quadras esportivas do Náutico. p. 206.
- Figura 84: Náutico Atlético cearense, década de 1950. p. 209.
- Figuras 85 a 87: Reportagens de Jornal sobre a decadência dos clubes. p. 214.
- Figura 88: Propagandas do Ideal. p. 215.
- Figura 89: Placa de propaganda do restaurante do NAC. p. 215.
- Figura 90: Terreno do antigo Comercial Clube. p. 218.
- Figura 91: Terreno do antigo Clube Massapeense. p. 218.
- Figura 92: Terreno do antigo Clube Líbano Brasileiro. p. 218.
- Figura 93: Clube dos Diários (pouco antes da demolição). p. 218.
- Figura 94: Antiga sede do América Futebol Clube. p. 218.
- Figura 95: Antiga sede do Clube de Regatas. p. 218.
- Figura 96: Vista do Náutico, nos dias atuais (2003). p. 220.